

# Arquivos de Zoologia

ARQ. ZOOL., S. PAULO, VOL. 16 (6): 1343-1508

1.VI.1971

## MONOGRAFIA DA TRIBO IBIDIONINI (COLEOPTERA, CERAMBYCINAE)

UBIRAJARA R. MARTINS

### PARTE VI

#### 8. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

- 8.1 Ponderações iniciais.
- 2.2 Aspectos da distribuição na América do Sul.
  - 8.2.1 A fauna de Jataí, Goiás, Brasil.
  - 8.2.2 As formações florestais.
    - 8.2.2.1 Mata amazônica.
    - 8.2.2.2 Mata atlântica.
    - 8.2.2.3 Observações sôbre as serras do nordeste.
  - 8.2.3 Padrões de distribuição na América do Sul.
- 8.3 Gêneros e grupos centro e norte-americanos.
  - 8.3.1 Gênero *Xalitla*.
  - 8.3.2 Gênero *Neocompsa*.
  - 8.3.3 Outros grupos centro e norte-americanos.
    - 8.3.3.1 *Hexoplon*, grupo *albipenne*.
    - 8.3.3.2 *Heterachthes quadrimaculatus* e *H. designatus*.
    - 8.3.3.3 *Heterachthes*, grupo *polingi*; fauna sonorensense.  
*tus*; disjunção texana.

---

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo. Com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

## 8.1 PONDERAÇÕES INICIAIS

As dificuldades experimentadas pelos entomologistas que estudam os Cerambycidae neotropicais são consideráveis quando tentam abordar aspectos relativos à sua distribuição geográfica.

Uma delas reside na grande quantidade de espécies. Frequentemente é mais simples desenvolver e discutir tal assunto em grupos pouco numerosos, quando estudos mais refinados de morfologia, biologia, etologia e mesmo sistemática, tornam-se mais viáveis.

Resulta, face à grande quantidade de espécies e a pequena intensidade de coleta, grande número de formas registradas para uma só localidade, ou conhecidas de um só exemplar. Se considerarmos que foi examinada para a execução do presente trabalho, parcela muito significativa das grandes coleções mundiais (vide p. 2), ter-se-á, pelo quadro n.º 1, idéia dessa situação.

Quadro 1

	I Div.	II Div.	III Div.	IV Div.	V Div.	Total
Espécies	99	2	104	84	160	449
Registradas para uma só localidade	27	—	28	22	49	126
Conhecidas de um só indivíduo	15	—	18	13	37	83

Observa-se pelo quadro acima que 28% das espécies estudadas neste a interpretação de alguns aspectos abordados mais além e permiti-conhecidas de um indivíduo apenas. Para essas formas ficam comprometidas tôdas as observações de variação geográfica e amplitude de distribuição. Convém salientar ainda que para grande número de espécies conhecem-se poucos indivíduos, assinalados para duas ou três localidades no máximo.

Outra grande limitação ao estudo da distribuição refere-se à coleta de material e apresenta dois aspectos. O primeiro, e mais importante, diz respeito à falta de informações sobre particularidades do biótopo onde os exemplares foram colecionados. Os rótulos resumem-se, tradicionalmente, ao nome de uma localidade, à data da captura e ao nome do colecionador. Dados extremamente úteis são omitidos: o tipo de formação vegetal (floresta, cerrado, caatinga, etc.), a altitude (para ter-se idéia da zonação vertical das formações), o local específico da captura (sobre ou sob casca, sobre flôres, etc.), o nome do vegetal. Esses dados, uma vez conhecidos, facilitariam enormemente a monografia estão registradas para uma só localidade e que 18% são riam conclusões melhor fundamentadas.

O segundo aspecto envolve a ausência quase total de coleta em áreas enormes, importantes para o esclarecimento da distribuição, ou em regiões de transição entre biótopos (situadas entre duas grandes formações vegetais, entre dois tipos de clima, etc.). A primeira divisão da tribo trata de cem espécies; sete apenas estão registradas para todo Meio-norte, Nordeste e metade setentrional dos Estados da Bahia e de Goiás (fig. 684), área correspondente a cerca de um sexto do território brasileiro.

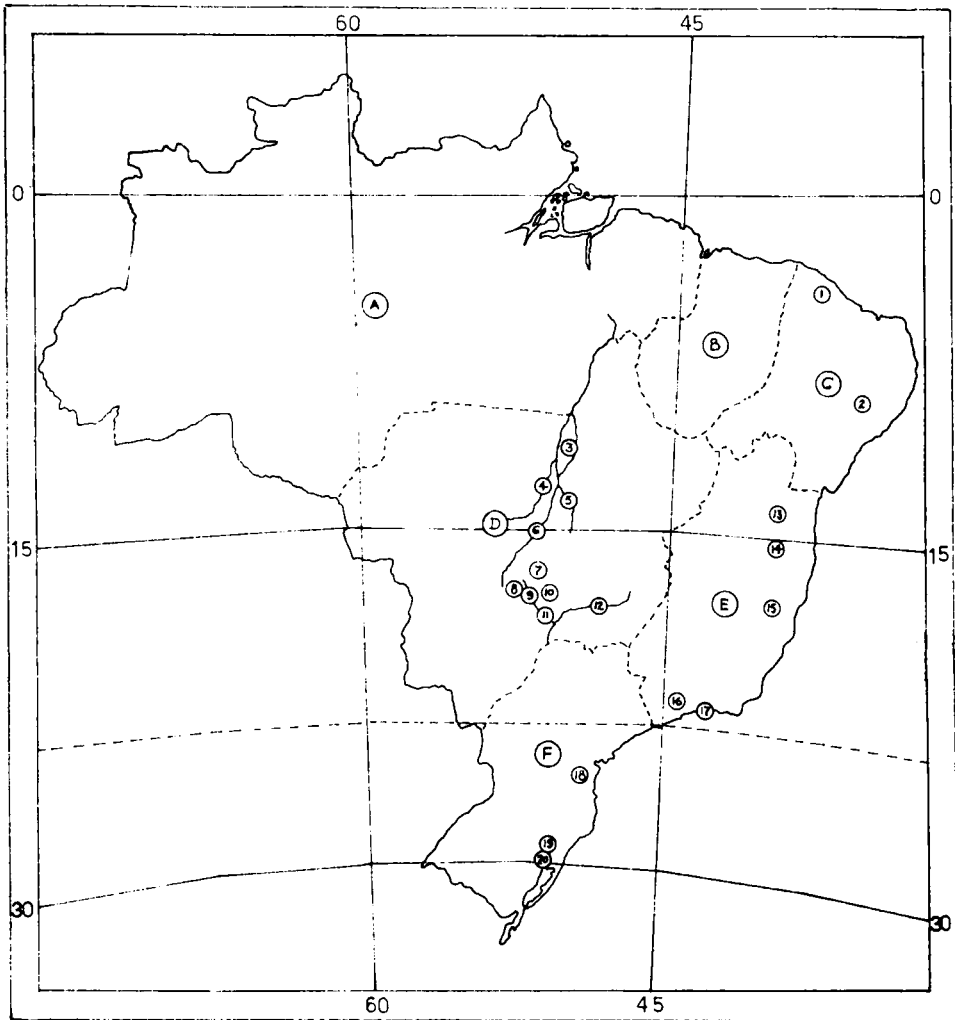


Fig. 684. Divisão regional do Brasil: A, Norte; B, Meio-norte; C, Nordeste; D, Centro-ocidente; E, Leste; F, Sul. Localidades citadas neste capítulo: 1, Serra de Baturité; 2, Serra de Comonati; 3, Ilha do Bananal; 4, Rio das Mortes; 5, Rio Crixás-Açu; 6, Rio Araguaia; 7, Iporá; 8, Mineiros; 9, Jataí; 10, Rio Verde; 11, Rio Claro; 12, Rio Paranaíba; 13, Rio de Contas; 14, Campinarana; 15, Córrego do Itá; 16, Itatiaia; 17, Rio de Janeiro; 18, Corupá; 19, Caxias do Sul; 20, Pôrto Alegre.

O material integrante desta monografia portanto, na maioria dos casos, dá uma idéia muito pálida das áreas reais de distribuição. Os quadros 2 a 5, além de mostrarem o número de espécies registrado para cada país, ilustram o pequeno número de formas até agora conhecidas em algumas regiões.

Outro fator a ser levado em conta no estudo da distribuição deste grupo, é o estágio em que se encontra sua sistemática. Alguns gêneros não estão ainda convenientemente definidos e abrigam miscelânea de formas. Estes gêneros não serão abordados como um todo e as discussões, quando possíveis, ficarão restritas a grupos homogêneos de espécies.

Uma outra limitação à análise da distribuição geográfica fundamenta-se no número insignificante de espécies que têm registradas suas plantas hospedeiro (vide p. 13, 14). Conhecem-se alguns hospedeiros de dezoito espécies da V divisão, de três da I divisão, de três espécies da III divisão e de duas da IV divisão. Estão arroladas portanto, plantas hospedeiro de apenas vinte e seis espécies, o que representa somente cerca de 5% das formas estudadas.

Apesar do número insignificante de plantas hospedeiro conhecidas, com base na distribuição das formas melhor representadas (vide mapas das partes que precederam), pode-se chegar a algumas conclusões: (1) os *Ibidionini* estão muito mais intimamente correlacionados com as formações vegetais tropicais do que com as formações vegetais temperadas; (2) as plantas hospedeiro conhecidas, quase todas angiospermas, são árvores de pequeno ou grande porte, ou cipós, componentes das formações florestais, raramente presentes nas formações abertas; (3) verifica-se uma coincidência de distribuição entre formações vegetais e os *Ibidionini*, quando se demarcam num mapa dessas formações, as localidades onde foram coletados espécimes do grupo.

Parece-me portanto válido discutir aspectos da distribuição geográfica deste grupo relacionando-o com as formações vegetais, sua evolução e distribuição presente. É evidente que as formações vegetais são entidades dinâmicas, que se expandem ou se retraem, governadas principalmente pelos fatores climáticos e edáficos. Os habitantes dessas formações, no caso os *Ibidionini*, são impelidos a acompanhar êsses deslocamentos, retrações e expansões.

## 8.2 ASPECTOS DA DISTRIBUIÇÃO NA AMÉRICA DO SUL

Pretendo abordar a distribuição na América do Sul ao nível de espécie e analisar algumas faunas regionais. Por ter maior quantidade de material da região de Jataí, Goiás, Brasil e da mata atlântica, a distribuição nessas duas áreas será tratada com mais profundidade. Não consegui determinar padrões de distribuição ao nível de gênero, devido talvez à sistemática ainda precária em muitos agrupamentos.

Afirmei acima que a distribuição deste grupo será discutida principalmente com relação às formações vegetais. As flutuações paleoclimáticas determinaram expansões e regressões de floras higrófilas e

Quadro 2. I Divisão

	México	Guatemala	Br. Honduras	Honduras	Salvador	Nicarágua	Costa Rica	Panamá	Colômbia	Venezuela	Guianas	Ecuador	Peru	Bolívia	Norte	Melo-norte	Nordeste	Centro-oeste	Leste	Sul	Paraguai	Argentina	Uruguai
<i>Ophtalmoplön</i>										1	1							1	3				
<i>Neognomidolon</i>																			1	1			
<i>Notosphaeridion</i>														1		1	1	1	2	1	1	2	
<i>Ppacroplön</i>																			1	1	1	1	
<i>Ctenoplön</i>																			1	1	1	1	
<i>Trichoplön</i>																			1	1	1	1	
<i>Glyptoceridion</i>													1		1								
<i>Glyptoscapus</i>									1				2		2				1	2	1	1	
<i>Heroplön</i>	1	2				1	1	2	4	1	2	1	5	4	4		2	6	10	7	4	4	
<i>Gnomidolon (I)</i>	1	1	1				2	3	3	4	6	3	11	10	13		1	10	10	7	8	7	1
<i>Gnomidolon (II)</i>								2	2	1	1								1			1	
<i>Hexocycnidolon</i>													1		1								
<i>Tetroplön</i>													1		1			1		1	1	1	
<i>Tetrabidion</i>																	1	1	2	2	1	1	
<i>Pronoplön</i>														1		1		1		1	1	1	
<b>TOTAL</b>	2	3	1	1	3	7	10	7	10	4	21	16	22	2	6	23	34	23	34	23	18	19	1

Quadro 3. II e III Divisões

	Brasil																							
	México	Guatemala	Br. Honduras	Honduras	Salvador	Nicarágua	Costa Rica	Panamá	Colômbia	Venezuela	Guianas	Equador	Peru	Bolívia	Norte	Melo-norte	Nordeste	Centro-oeste	Leste	Sul	Paraguai	Argentina	Uruguai	
<i>Xenoibidion</i>									1	1				1	1		1	1	1	1	1	1		
<i>Aethiibidion</i>										1				1									1	1
<i>Minibidion</i>										1					1		3	3	3	2	1	1	1	1
<i>Tropidion</i>				1			2	3	3	3	3	1	12	3	3		2	17	27	17	8	12		
<i>Opacibidion</i>													1		1		1	2		2	1	1	1	1
<i>Homaloïdion</i>																			1					
<i>Psilobidion</i>										1			1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>Diasporidion</i>	1			1			1	1	1	1					1		2			1			1	1
<i>Thoracibidion</i>	2	1	1	1	2	2	2	3	4	4	3	1	3	3	4		2	2	4	4	4	3	3	3
<i>Perissomerus</i>												1	1	1			1	1	4	1				
<i>Megapedion</i>															1		1	1	1	1				
<i>Gromibidion</i>							1	2		4	4	2	2	3	3		2	3	3	2	2	2	2	1
<i>Smaragdion</i>												1		1										
<i>Neotropidion</i>										1	1	1	1	1	1		1	1	1	1				
<i>Aleyopsis</i>	1		1	1	1														3	2			1	1
<i>Phocibidion</i>	1						1							1	2			1						
TOTAL	4	1	1	1	2	3	2	7	10	11	11	2	8	23	19	2	9	35	49	35	18	24	2	2

Quadro 4. IV Divisão

	México	Guatemala	Br. Honduras	Honduras	Salvador	Nicarágua	Costa Rica	Panamá	Colômbia	Venezuela	Guianas	Ecuador	Peru	Bolivia	Norte	Melo-norte	Nordeste	Centro-oeste	Leste	Sul	Paraguai	Argentina	Uruguai
<i>Ibidion</i>									1									1					
<i>Brechmoidion</i>								1	1		1	1											
<i>Prothoracibidion</i>								1	1	1													
<i>Rhyzium</i>								2	1														
<i>Ophtalmibidion</i>															1			1	2	1		1	
<i>Bomaribidion</i>																		1	2	1	1		
<i>Megaceron</i>																			1	1	1		
<i>Compsibidion</i>	1	1			1		1	3	1	4	4	2	8	7	13	1	1	14	21	14	3	6	1
<i>Neoctoplon</i>																			1	1			
<i>Colerooidion</i>									1	1								1				1	
<i>Tetraopidion</i>									1	1				1			1		1	1	1	2	
<i>Cyrenidolon</i>						1				3	2		2	2	6			2	4	1	1	3	
<b>TOTAL</b>	1	1	-	-	1	1	1	3	5	9	6	4	12	12	20	1	2	19	33	20	6	13	1

Quadro 5. V Divisão

	Antilhas	Estados Unidos	México	Guatemala	Dr. Honduras	Honduras	Salvador	Nicarágua	Costa Rica	Panamá	Colômbia	Venezuela	Guianas	Ecuador	Peru	Bolívia	Norte	Melo-norte	Nordeste	Centro-oeste	Leste	Snl	Paraguai	Argentina	Uruguai
<i>Corimbion</i>				1		1					1	2				1	1				2	1			
<i>Heterocompsa</i>												1				1					1	3	2	3	
<i>Opsibidion</i>																1					1	1	1	1	
<i>Engyum</i>				1		1					1	4	1		2		1		3	2	4	1	1	1	
<i>Xalitia</i>																									
<i>Cicatrion</i>		3																			1	1			
<i>Microibidion</i>																					1	3	1	3	
<i>Aphatum</i>																	1								
<i>Hadroibidion</i>																				1					
<i>Dodecaibidion</i>																									
<i>Compsa</i>												3			1	3	1			1	2				
<i>Neocompsa</i>	2	2	20	4	2	2	2	2	10	6	4	3			2	3	1		1	4	6	6	5	4	1
<i>Asynapteron</i>								1	1		1				3					1	2	1		1	
<i>Pymodeon</i>			2	1				2	5	3	1	1	1	1	2	2	1								
<i>Heterachthes</i>	1	7	10	3	1			2	3	1	3	2	3	3	4	3	5		1	2	9	4	1	5	2
TOTAL	3	9	35	9	2	3	2	7	19	13	15	15	5	7	12	13	12	5	11	32	22	11	13	3	



xerófilas e as áreas de descontinuidade atual são relictos de áreas mais antigas, muito mais vastas (Schnell, 1967). As florestas sofreram contrações durante os períodos secos e expansões durante os períodos úmidos, o que resultou, respectivamente, numa expansão ou retração das formações abertas.

As formações brasileiras, como tôdas as demais, estiveram envolvidas em tôda essa sucessão de expansões e retrações. Bigarella & Andrade (1965) concluíram que condições semi-áridas prevaleceram de norte a sul do Brasil, durante as épocas de glaciação do Pleistoceno, fenômeno que não parece ter sido local, mas generalizado. Durante essas glaciações as condições tropicais úmidas devem ter-se restringido a áreas menores, que constituíram refúgios para a flora e a fauna adaptada a essas condições<sup>1</sup>. Na transição de um clima úmido para um clima seco as florestas se retraíram sendo substituídas por uma vegetação menos densa, do tipo cerrado ou caatinga (Bigarella, Mousinho & Silva, 1965). Por isso, as áreas fitogeográficas e morfoclimáticas nucleares ("core") de Ab'Saber (1967 a) possuem filiação muito direta com a história paleoclimática quaternária das regiões onde se fixaram e se expandiram.

Embora a floresta, o cerrado e a caatinga tenham se originado do mesmo tronco evolutivo tropical (Veloço, 1966), são ainda escassas as referências sobre a origem e movimentações dessas formações. As caatingas são resultantes de uma longa evolução local, em condições pouco alteradas, pelo menos a partir da metade do Terciário (Cailleux & Tricart, 1959); do ponto de vista botânico, apresentam relações mais estreitas com a floresta atlântica e com o "chaco" e poucas afinidades com a mata amazônica (Rizzini, 1967). Os cerrados, importantes pela sua interposição, junto com a caatinga, entre as duas grandes florestas brasileiras (fig. 685), até o momento não têm informações paleobotânicas (Labouriau, 1963); sua vegetação, adaptada e desenvolvida em algum momento do Quaternário, ou mesmo fins do Terciário, é um dos quadros vegetais mais típicos do Brasil (Ab'Saber, 1963); esse tipo de vegetação é regulado pelo solo (Araujo & Alvim, 1953; Arens, 1958) e o clima atual parece não ter relação com a ocorrência do cerrado (Camargo, 1963).

A flora lenhosa do cerrado compreende 537 espécies, com 42% de espécies peculiares, comuns aos cerrados e 58% de espécies acessórias, provenientes de outras formações (Rizzini, 1963). Esses cerrados talvez sejam os parentes mais próximos do complexo botânico primitivo, do qual derivaram os componentes atuais (Ab'Saber & Costa Junior, 1950). Para composição florística e definição dos cerrados vide Rizzini (1963); sobre hipóteses de origem do cerrado vide Beard (1953).

---

1. Observo que para o noroeste da América do Sul e para a América Central e o México, prevaleceram condições inversas, com períodos úmidos coincidentes com as glaciações (vide mais além os grupos centro e norte-americanos).

Um dos fenômenos mais interessantes para os grupos de animais que dependem diretamente das florestas, no caso os Iridionini, é o deslocamento, tido como em curso por muitos autores (Smith, 1922; Ab'Saber & Costa Júnior, 1950; Hueck, 1957; Sick, 1965), dos cerrados pelas matas, tanto do lado amazônico, quanto do lado atlântico. O deslocamento dessas florestas envolve dois aspectos, discutidos ao tratar da fauna de Jataí: até que ponto a faixa de cerrado, atualmen-

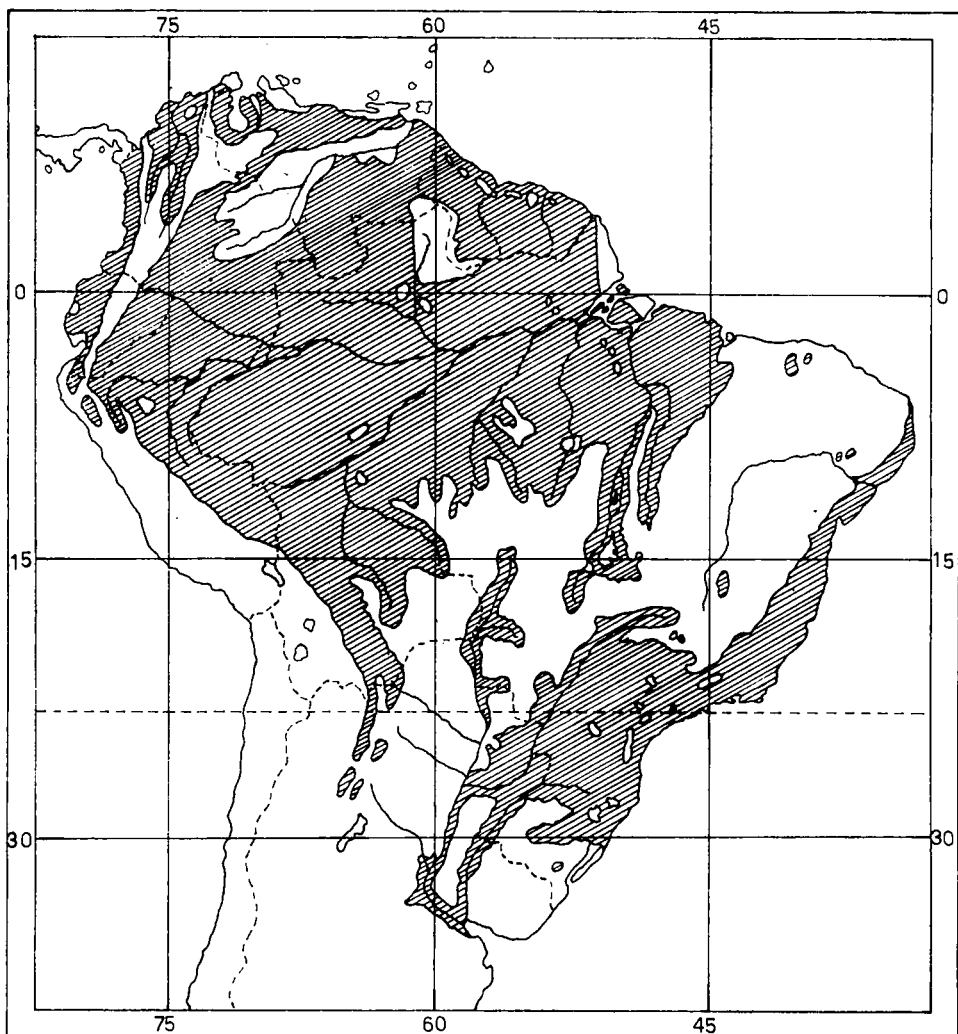


Fig. 685. Distribuição das formações florestais tropicais na América do Sul, adaptada de Azevedo (1959), Cárdenas (1945), Haffer (1967a, 1967b), Hueck (1966), Maak (1948), Parodi (1945), Pittier & Williams (1945), Rojas & Carabia (1945), Smith (1945), Smith & Johnston (1945), Svenson (1945), Veloso (1966) e Williams (1945), incluída a floresta de *Araucaria* no Brasil e desprezada a ação do homem.

te estreita em alguns pontos, entre as bacias do Amazonas e do Prata, à montante das cabeceiras de seus afluentes mais interiores, funciona como barreira a impedir a passagem dos elementos amazônicos para a mata atlântica e vice-versa e quais os elementos de cada uma dessas formações florestais que acompanharam sua interpenetração pelo interior dos cerrados.

No dizer de Ab'Saber (1963) os capões de mata no interior da área nuclear dos cerrados são de invasão muito recente, dentro dos quadros do Quaternário; a Serra do Mar foi um dos principais pontos de partida da mata atlântica planalto a dentro (Ab'Saber, 1950). Sabe-se hoje (Rizzini, 1963) que da mata atlântica parte número considerável de espécies acessórias do cerrado, graças à sua intromissão, como galerias e capões, no interior dessa formação. Por outro lado, os vales dos tributários do Amazonas também apresentam florestas-galeria, como flora tipicamente amazônica, que penetram pelos vales, até o domínio dos cerrados (Ab'Saber, 1967 b). A presença de "ilhas" de cerrado entre outras grandes formações parece também indicar que a área de distribuição do cerrado era recentemente muito mais ampla (Maak, 1948; Hueck, 1957; Rambo, 1961; Bigarella, Mousinho & Silva, 1965; Veloso, 1966; Haffer, 1967 b), muito embora, para alguns autores (Pauwels, 1941; Vanzolini, 1963), em passado próximo a floresta teria sido muito mais ampla, cobrindo parte das áreas atuais de cerrado.

#### 8.2.1 A FAUNA DE JATAÍ, GOIÁS, BRASIL.

Este tópico é uma primeira aproximação para verificar-se até que ponto os cerrados e as matas-galeria (constituídas pela floresta tropical, vide adiante), do Brasil Central, funcionam como barreira entre as formas da floresta amazônica e da floresta atlântica; até que grau a fauna da floresta tropical assemelha-se com a da mata amazônica e com a da mata atlântica e qual os elementos próprios à mata tropical.

Procurarei estabelecer essas relações com base nos Ibirdionini da região Mineiros-Jataí-Rio Verde, no sul do estado de Goiás (fig. 684). Dois motivos levaram-me a escolhê-la: é a região do Brasil Central que percorri em duas oportunidades (outubro de 1962 e janeiro de 1964) e a área de onde possuo melhor representação.

Grande parcela do material analisado foi colecionada por Pujol em 1895, 1896, dezembro de 1897 e janeiro de 1898, estudada por Gounelle (1909) e revista por mim nesta monografia. Esse material tem grande inconveniente para o tipo de análise a que me proponho: não trás outra indicação senão a da localidade onde foi coligido. Verifiquei, em Jataí, além dos cerrados que dominam as elevações, algumas formações vegetais bem diferentes. O trabalho desenvolvido na Fazenda Aceiro (1962), concentrou-se principalmente numa extensa mata-galeria, às margens do Claro, com grande abundância de perobas, mata que seria incluída por Kuhlman (1960) na "floresta tropical". Em 1964 voltei minha atenção para o mesmo tipo de formação na Fazenda Nova Orândia, também às margens do Rio Claro, e num outro tipo de formação

arbórea, mais rala, semi-decídua, em solo arenoso, do tipo "cerradão" ou "mata de segunda classe" no conceito de Waibel (1948).

A região em aprêço (fig. 684) encontra-se a sudeste do divisor das bacias do Araguaia (Amazonas) e do Paranaíba (Paraná). Nessa área, os planaltos divisôres entre essas bacias, têm clima sub-tropical úmido, com estiagem acentuada e estão recobertos por formações abertas do tipo cerrado. As paisagens dos chapadões situados entre Rio Verde e Jataí encontram-se descritas em Ab'Saber & Costa Júnior (1951); a geomorfologia de parte da área foi estudada por Almeida (1948) e Geiger (1960) e o clima por Galvão (1960).

Muito embora a mata amazônica densa e contínua termine no Estado de Goiás, aproximadamente no paralelo 7°, algumas de suas ramificações meridionais alcançam, pelo Araguaia, a ilha do Bananal. À medida entretanto, que avança para o sul, a mata modifica-se gradualmente, em função do clima, que, em gradiente, atinge uma definida estação seca. No seu contato com as formações típicas do centro-oeste, a floresta amazônica torna-se cada vez menos exuberante e assume caráter semi-decíduo ("mata seca"), devido aos rigôres da estiagem. As matas que acompanham o Rio das Mortes e seus afluentes, por exemplo, são desse tipo (Soares, 1953). As matas-galeria da região de Jataí e o tradicionalmente conhecido "Mato Grosso de Goiás", que alcançam as cabeceiras de alguns afluentes do Paranaíba e também as do Crixás-Açu, tributário do Araguaia, segundo o mapa fitogeográfico de Kuhlman (1960) enquadram-se na mesma categoria.

Os limites entre as formações florestais e as formações abertas, se mapeados com detalhe, estabelecem os mais variados desenhos; entretanto, as formações florestais se fazem presentes, quase sempre, ao longo dos cursos d'água na forma de mata-galeria (fig. 686).

Estão registradas 15 espécies de Iridionini para Mineiros, 6 para Rio Verde e 66 para Jataí (Apêndice 2). Duas apenas (*Tropidion balfourbrownei* e *Dodecaibidion modestum*) arrolam-se unicamente para Mineiros; as outras espécies dessa localidade estão alistadas também para Jataí. Todas as formas consignadas em Rio Verde encontram-se também em Jataí.

Cinco espécies somente registram-se exclusivamente para a área em outras áreas, possivelmente como subespécies (*Neotropidion nodicolle*, *Dodecaibidion modestum* e *Heterachthes inustus*). Duas formas aparecem na região sob forma de entidades locais, distintas das encontradas em outras áreas, possivelmente como subespécies (*Neotropidion nodicolle binoculare*, fig. 339 e *Gnomidolon cruciferum*, fig. 108).

Algumas espécies que ocorrem na área são de larga distribuição, aptas portanto a viverem sob as mais diversas condições: *Heterachthes ebenus* (fig. 659, dos Estados Unidos ao sul do Brasil), *Diasporidion duplicatum* (fig. 315, do México a São Paulo) e *Compsibidion vanum* (do México a Argentina). Cinco espécies presentes na região ocorrem desde a Colômbia-Venezuela até Jataí, ou mesmo mais para o sul (*Glyptoscapus vanettii*, *Tropidion subcruciatum*, *T. rubricatum*, *Psiloibidion leucogramma* e *Cynidolon obliquum*). Apenas *T. subcruciatum* se faz pre-

sente tanto na mata amazônica como na mata atlântica; *P. leucogramma* e *C. obliquum*, aparentemente relacionados com as formações abertas da diagonal sul-americana, mostram uma disjunção (falta de coleta?) na Hiléia, onde ainda não têm registro.

A maior parte das formas da região, 27 espécies, relaciona-se com as formações da diagonal sul-americana, que vai do noroeste argentino ao nordeste brasileiro (fig. 685), acompanhando áreas de formações

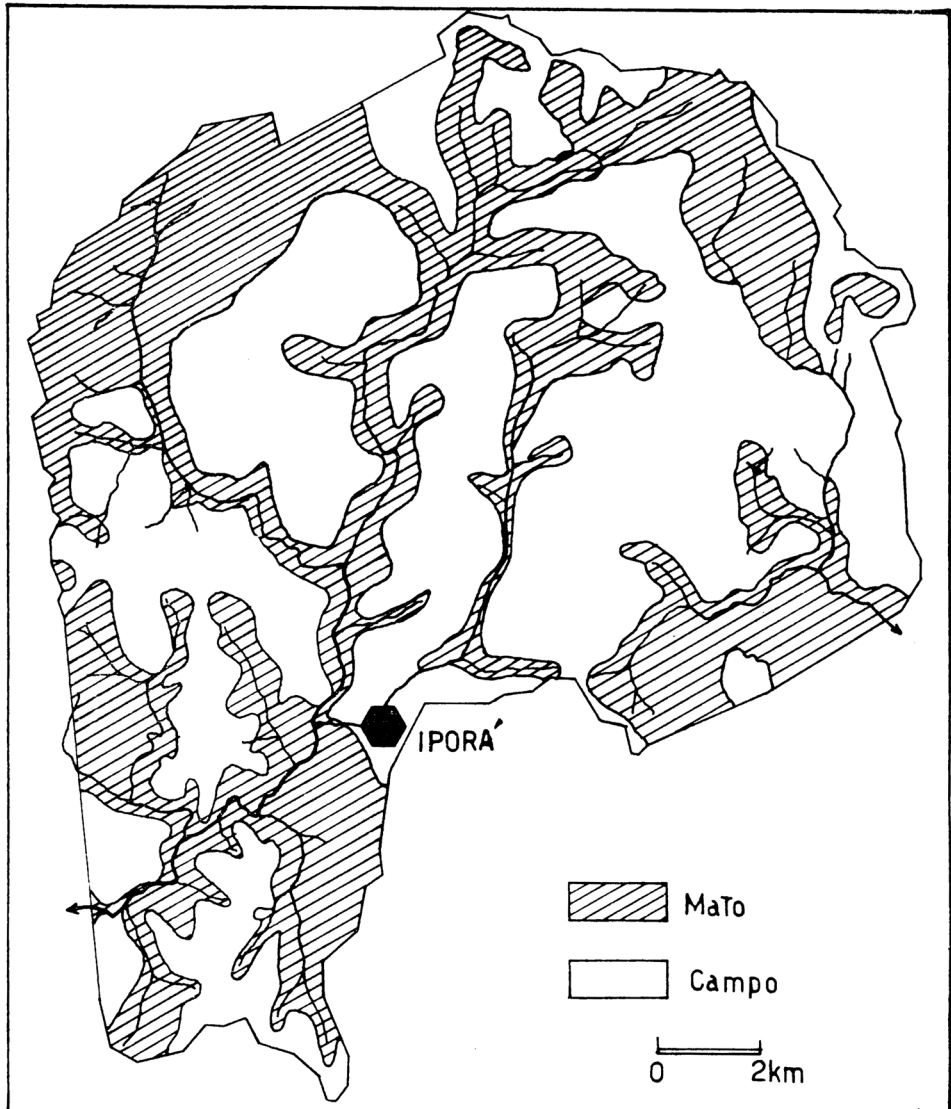


Fig. 686. Limites entre formações florestais e formações abertas na região de Iporá, Goiás, adaptado de Waibel (1948).

abertas, mas entrecortadas por matas-galeria, cerradões e capões. Essa diagonal envolve diversas formações: os complexos do Chaco e do Pantanal, os cerrados e as caatingas. Não disponho de dados suficientemente esclarecedores para estabelecer as possíveis diferenças dentro de cada uma dessas formações. Alguns exemplos de espécies que se enquadram nesse padrão são: *Notosphaeridion scabrosum* (fig. 25), *Protoplon rubriceps*, *Tropidion epaphum* (fig. 212), *Compsibidion campestre*, *Stenoidion corallinum chapadense* (fig. 617 A). Algumas formas, embora dentro da mesma diagonal, parecem estar restritas à sua porção meridional, talvez correlacionados com os complexos do Chaco e do Pantanal: *Gnomidolon brethesi*, *Tetroplon c. caudatum* (fig. 178), *Tropidion personatum* (fig. 268). Um outro tipo de padrão, ainda com elementos que ocorrem na diagonal, relaciona-se, surpreendentemente, com a região de Satipo, Peru: *Hexoplon uncinatum*, *Gnomidolon pallidicauda* (fig. 173), *Perissomerus h. hilairi* (fig. 321).

As relações entre o sul de Goiás e a mata amazônica são remotas; além das espécies mencionadas acima com registro para Satipo, somente quatro espécies que também vivem na mata amazônica conseguiram alcançar a região e atingir, portanto, a bacia platina: *Hexoplon carissimum*, *Gnomidolon maculicorne*, *Gnomibidion fulvipes* e *Compsibidion thoracicum*.

A outra grande parcela dos elementos que compõe a fauna da região de Jataí, 17 espécies, é proveniente da mata atlântica e vem evidenciar relações estreitas entre as duas áreas. Alguns exemplos desse padrão são: *Gnomidolon bipartitum*, *G. elegantulum* (fig. 134), *G. v. varians* (fig. 156), *Tetraibidion aurivillii* (fig. 180), *Tropidion flavipes*, *Alcyopsis nigrovittata*, *Compsibidion sommeri*, *Compsa albopicta*, etc.

## Conclusões

Pelos dados acima observa-se que (1), a fauna da região de Jataí está composta por uma maior porcentagem de elementos próprios à grande diagonal, vivendo, possivelmente nas matas-galeria e cerradões; alguns restritos à área meridional dessa diagonal e alguns relacionados com Satipo no Peru; (2), recebe, como sua flora arbórea, uma influência muito mais acentuada da mata atlântica do que da floresta amazônica, que praticamente não se faz sentir, muito embora as afinidades florísticas do cerradão, na opinião de alguns botânicos (Rizzini, 1963), sejam com a Hiléia. Será possível estabelecer, para a fauna de Ibdionini da área, os seguintes padrões de distribuição (fig. 687).

### 8.2.2 AS FORMAÇÕES FLORESTAIS (FIG. 685)

#### 8.2.2.1 Mata amazônica

Número apreciável de trabalhos (sumário em Mendes, 1967; Oliveira & Leonardos, 1943; Weeks, 1947; Camp, 1952; Beard, 1953; Barbosa, 1958; Guerra, 1959) têm sido dedicados à formação da bacia e da planície amazônicas.

A flora das regiões tropicais baixas da América do Sul, especialmente a do centro da bacia amazônica, é altamente heterogênea e ainda não é uma flora centrífuga; é uma flora centrípeta, obrigatoriamente derivada das terras altas ao redor; além disso, a que ocupa a porção central da bacia é recente; parece não ser mais velha do que o Plioceno superior ou mesmo Pleistoceno (Velo, 1966).

Já anotei anteriormente que durante as oscilações climáticas pleistocênicas prevaleceram na América do Sul condições generalizadas de aridez. A bacia amazônica foi diretamente influenciada por esses fenômenos e vários pesquisadores (Velo, 1946; Beard, 1953; Ab'Saber,

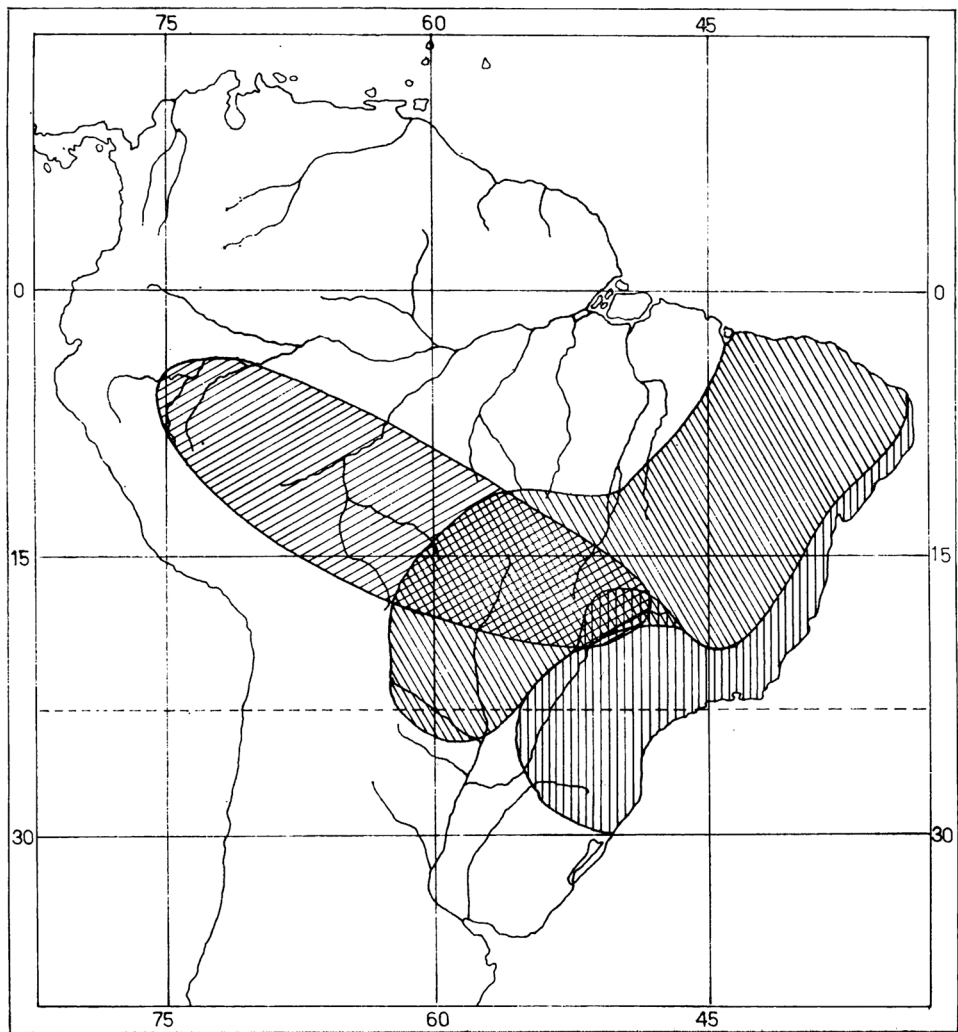


Fig. 687. Padrões de distribuição da fauna de Ibdionini da região de Jataí.

1957; Barbosa, 1958; Guerra, 1959; Haffer, 1967 b), sugerem a presença de climas muito mais secos antes da floresta atual. Alguns autores, entretanto (Chevalier, 1949), insistem na idade extremamente elevada da floresta higrófila tropical (Terciário inferior).

Algumas contribuições sugerem possíveis pontos de refúgio para a floresta, e seus habitantes, durante os períodos adversos: a região do alto Rio Branco e alto Orinoco, onde a floresta hileana atinge o climax no número de gêneros, espécies e endemismos (Ducke & Black, 1954); e vários outros pontos (Haffer, 1969; Vanzolini & Williams, 1970).

### Os elementos amazônicos

Se for admitida a existência de cerca de 4000 espécies arborescentes na Amazônia (Desfontaine *in* Soares, 1953), verifica-se, com surpresa, que o número de gêneros e espécies de Ibdionini exclusivos da região é extremamente pequeno.

Apenas quatro gêneros monotípicos parecem ser exclusivos da Amazônia (*Glyptoceridion*, *Hexocycnidolon*, *Smaragdion* e *Aphatum*). Dentre as espécies, pouco mais de 10% (54 espécies) têm sua distribuição restrita à região. Uma espécie com distribuição tipicamente amazônica, da qual examinei material em quantidade razoável, é *Compsibidion maronicum*. Os gêneros com maior representação são *Gnomidolon* (12 espécies) e *Compsibidion* (14 espécies). O número escasso de representantes de alguns gêneros numerosos, para os quais a Amazônia funciona como grande área de disjunção, é digno de nota: *Tropidion* (apenas três espécies), *Hexoplion* (duas espécies), *Compsa* (uma espécie), *Heterachthes* (quatro espécies).

As correlações existentes entre a floresta amazônica e a floresta atlântica serão examinadas mais além. Vimos anteriormente as pálidas conexões da fauna amazônica com a fauna das florestas tropicais e das formações abertas do Brasil Central.

As conexões da floresta amazônica com a floresta trans-andina (este da Colômbia e do Equador) e com as florestas da América Central tiveram lugar durante os períodos úmidos, através das encostas setentrionais das montanhas da Colômbia e da Venezuela (Haffer, 1967 a); por seu turno, durante os períodos secos, tais conexões deixaram de existir. *Gnomidolon subburneum* (fig. 173), espécie largamente distribuída pela bacia amazônica, pode confirmar a existência de tais conexões, pois também foi assinalada na floresta trans-andina. *Gnomidolon melanosomum* (que tem como um de seus hospedeiros *Jacaranda copaia*), com registros para a Amazônia e para a costa caribe da Guatemala e Costa Rica, parece demonstrar claramente a conexão da floresta amazônica com a América Central: tôdas as espécies que lhe são próximas vivem na Hiléia e é possível que daí tenha partido para colonizar a costa oriental da América Central, segundo as idéias de Haffer (1967 a).

Sobre as diferenças apresentadas pela fauna<sup>1</sup> de Ibdionini dentro da mata amazônica, analiso rapidamente a fauna de Tarapoto, Peru, com base em material coligido por Mathan em X-XII.1885 e V-VIII.1866.



Registro para essa localidade 8 espécies da I divisão, 2 espécies da III divisão e da IV e 3 espécies da V divisão.

“Tarapoto mostra uma flora muito diferente, composta por elementos andinos, extra-amazônicos meridionais e amazônicos e de forma alguma pode ser esta flora atribuída à hiléia” (Ducke & Black, 1954). As espécies de Ibídonini assinaladas para a área, mostram estreita afinidade com a mata amazônica e uma relação muito remota com os elementos extra-amazônicos meridionais. Das oito espécies da I divisão, seis ocorrem em outros pontos da Hiléia: uma ocorre também no cerrado (*Hexoplon reinhardti*) e está representada por um só exemplar. *Hexoplon reinhardti* em Tarapoto, difere dos exemplares do Brasil Central pelo colorido do protórax. Dentre as espécies da III divisão, uma (*Thoracibidion striatocole*) tem ampla distribuição na Hiléia e a outra (*Perissomerus h. hilairei*) relaciona-se, aparentemente, com as formações abertas (fig. 321). Na IV divisão *Compsibidion virgatum* só é conhecida de Tarapoto e *C. maronicum*, é tipicamente amazônica. As espécies da V divisão (*Compsa quadriguttata*, *Pygmodeon involutum* e *Stenoidion c. corallinum*), com exceção da primeira que é largamente distribuída, também são exclusivas da Amazônia.

Essa região, entomologicamente muito pouco conhecida, portanto, no que tange à sua fauna de Ibídonini (uma fauna florestal), concorda, até certo ponto, com as observações florísticas: muito embora desconheça os elementos andinos, o restante da fauna apresenta forte afinidade amazônica e alguma relação, mais remota, com o elemento extra-amazônico meridional.

#### 8.2.2.2 Mata atlântica

A faixa litorânea, desde o Rio Grande do Norte até o sul do Brasil é ocupada pela floresta higrófila, também denominada mata atlântica. Devido à sua orientação norte-sul, a formação assume diversos aspectos com o aparecimento de climas mais frios para o sul; são também variadas as zonas de transição com o interior.

A zona de transição na porção setentrional da mata litorânea é o “agreste”, savana arbórea com sub-bosque muito desenvolvido, que aparece devido a uma estação seca prolongada; apresenta “ilhas” florestais condicionadas por chuvas orográficas (Tricart, 1959). A zona transicional no sul da Bahia (especialmente no vale do Contas) é a “mata de cipó”, mais baixa do que a litorânea e caracterizada pela grande quantidade de lianas.

No sul da Bahia e norte do Espírito Santo a floresta litorânea tem caráter misto, ao contrário do que acontece com outras porções meridionais da própria mata atlântica e com a floresta amazônica (Rizzini, 1967). No sul de Minas e do Rio de Janeiro, os tipos de floresta

1. Diferenças florísticas na Hiléia levaram Sampaio (1942) a distinguir quatro zonas de floresta “amazônica”: a) zona hileana ou da vertente dos Andes; b) zona ou região amazono-orenocence; c) hiléia guianense e d) disjunção centro-americana ou panamense.

já são mais variados e pode-se distinguir uma floresta higrófila típica na vertente atlântica da Serra do Mar, densa e úmida, e uma floresta sub-higrófila, mais seca, para o interior (Tricart, 1959); já a oeste da Mantiqueira, prevalece um clima de tendência mais continental, com esboço de uma estação seca anual onde o relevo tem papel de anteparo (Martonne, 1944).

Mais ao sul, além do aparecimento da floresta de *Araucaria*, aparece a zona sujeita às geadas, devido à combinação da altitude mais elevada do planalto interior e da maior latitude; essa zona tem papel biológico incontestável, eliminando espécies vegetais e animais. Mesmo onde não gela, o planalto paulista já pertence a um meio morfoclimático um pouco diferente do do sul de Minas e das regiões de altitudes médias do Estado do Rio (Tricart, 1959).

Existem algumas referências sobre expansões e retrações da floresta atlântica (fig. 688). A floresta litorânea do nordeste, segundo Cailleux & Tricart (1959), parece ter experimentado a permanência de climas úmidos desde longa data, pelo menos durante o Quaternário médio e superior. Essa floresta permaneceu na orla do Atlântico mesmo por ocasião das expansões de clima seco, a deslocar, para leste, a

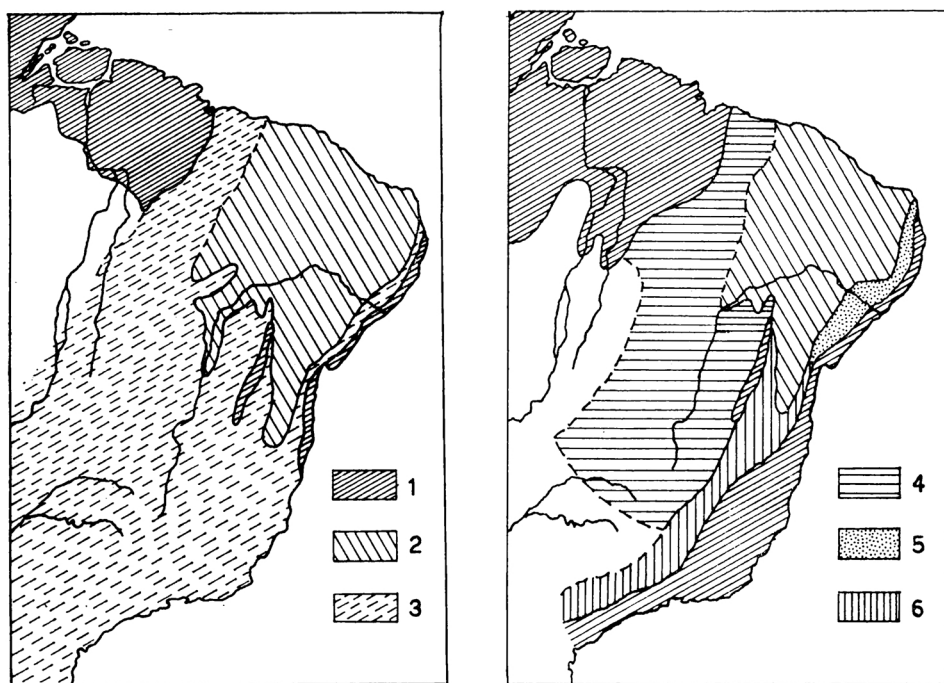


Fig. 688. Páleoclimas do último período seco (esquerda) e zonação morfoclimática atual (direita), adaptado de Tricart (1959). 1, Floresta higrófila; 2, Caatinga; 3, Regiões que conheceram climas secos, com aguaceiros violentos e irregulares; 4, Cerrado; 5, Agreste; 6, Floresta seca de transição.

caatinga e o agreste (Tricart, 1959). Em contrapartida, as regiões mais meridionais (Minas, Rio de Janeiro e São Paulo), apresentaram condições completamente diferentes das atuais, com períodos francamente secos e cobertura vegetal muito descontínua, mesmo nas depressões. Essas regiões foram submetidas a oscilações paleoclimáticas muito mais acentuadas do que as que se verificaram no litoral do nordeste. Reinaram, em diversas oportunidades do Quaternário, climas secos em contraste com fortes aguaceiros; em toda área, a floresta ocupa hoje regiões que foram zonas secas várias vezes (Tricart, 1959). O abaixamento de temperatura (demostrado pela presença de glaciações no Itatiaia, Ebert, 1959), de 6° ou 7° C no Quaternário, deve ter tido como consequência um recuo de 800 a 900 metros, em altitude, do limite da floresta densa, mas também uma extensão da vegetação para o interior; seria então plausível contar com fases em que a floresta ganhou em altitude e perdeu em extensão (Martone, 1944).

#### Os elementos atlânticos

O procedimento que me pareceu mais acertado para abordar aspectos da distribuição e da composição da fauna de Ibdionini dentro da mata atlântica, foi o de escolher seis localidades dentro dessa formação, de onde possuo material representativo e estabelecer comparações entre suas faunas. Os locais escolhidos foram: Campinarana, Bahia; Córrego do Itá, Espírito Santo-Minas Gerais; Rio de Janeiro, Guanabara; Itatiaia, Rio de Janeiro; Corupá, Santa Catarina e nordeste do Rio Grande de Sul (fig. 648).

#### Campinarana

Campinarana (ex-Cachimbo, topônimo que aparece nos rótulos do material), vila do município de Encruzilhada, foi trabalhada por Pujol em 1890. Registro para essa localidade 74 espécies de Ibdionini (Apêndice 3). Não encontrei referências específicas sobre a vegetação da região, enquadrada, segundo o mapa fitogeográfico de Magnanini (1965) na floresta latifoliada tropical, com menos exuberância e aspecto mais seco do que a floresta das encostas e baixadas litorâneas.

Apenas seis espécies de Campinarana possuem relações com a grande diagonal das formações abertas (*Hexoplon reinhardti*, *Tropidion flavipes*, *Compsibidion campestre*, *C. fairmairei*, *C. graphicum* e *Engyum luidibriosum*). Todas as outras formas são de afinidade atlântica, como veremos a seguir.

#### Córrego do Itá

Córrego do Itá, na zona litigiosa entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, foi explorado entomologicamente por W. Grossmann (XI.1954, XI.1955, XI.1956), W. Zikán (XI.1956) e A. Almeida (XI.1957). O material resultante dessas coletas foi abundante e registra para a localidade 49 espécies de Ibdionini (Apêndice 3).

A vegetação da área também corresponde à floresta latifoliada tropical (Magnanini, 1965). A fauna de Ibidionini revela, principalmente, uma afinidade muito estreita com a de Campinarana; dentre as 49 espécies, 35 são comuns às duas áreas.

Geograficamente próximas e enquadradas dentro da mesma formação vegetal, essas duas regiões apresentam alguns fatos dignos de menção. Os exemplares de *Hexoplon nigritarse* (fig. 94) provenientes de Campinarana têm, como os de Pernambuco, protórax vermelho; os de Corrego do Itá, como os das regiões mais meridionais, têm protórax preto. Duas espécies muito próximas, *Gnomidolon primarium* e *G. analogum*, vivem, respectivamente em Campinarana e Córrego do Itá.

A presença de uma espécie com afinidades amazônicas (*Thoracibidion io*) poderia sugerir a presença da floresta mista a que me referi anteriormente, contudo, a fauna global da região quase não mostra afinidades com a da mata amazônica.

### Rio de Janeiro

Pertence à floresta latifoliada úmida da encosta e foi intensamente explorado desde longa data. Registro para a localidade 69 espécies de Ibidionini (Apêndice 5).

Essa área está próxima do limite meridional de um clima marcado por temperaturas elevadas, com isotermas anuais entre 22°C e 24°C, que nos meses de verão oscilam de 24°C a mais do que 26°C e que no inverno não chegam a menos de 19°C. A precipitação é elevada e a região situa-se entre as isoietas anuais de 2500-1250 mm (Galvão & Nimer, 1965). O clima daí para o sul, exceto numa estreita faixa litorânea, modifica-se gradualmente e a riqueza da fauna de Ibidionini diminui consideravelmente.

Observo que as poucas espécies com afinidades amazônicas (*Thoracibidion io*, *Phocibidion erythrocephalum*), presentes também na mata atlântica, têm aí os seus registros mais meridionais e não chegam a ocorrer muito ao sul dessa região.

Uma parcela muito apreciável das espécies do Rio de Janeiro ocorre em Campinarana (42 espécies em comum) e em Córrego do Itá (29 espécies em comum), evidenciando uma acentuada afinidade entre as três áreas.

### Itatiaia

A vegetação do Itatiaia, condicionada por uma zonation climática (Segadas-Viana & Dau, 1968), pode ser dividida em seis zonas, caracterizadas segundo algumas espécies vegetais que apresentam (Segadas-Viana, 1968). O material de Ibidionini foi coligido a 700 metros (altitude que consta nos rótulos de Zikán); interessam-me portanto, neste caso, tão somente a zona da "planície" (entre 400 e 700 m) e a zona da "montanha inferior" (entre 700 e 1000 m); essas zonas estão descritas em Segadas-Viana (1968).

Os Cerambycidae da área foram enumerados por Zikán & Zikán (1944) e a lista atualizada dos Ibidionini dessa região está no apêndice 6.

Comparada com a fauna do Rio de Janeiro, essa fauna mostra um decréscimo no número de espécies, pois apesar da intensa coleta de Zikán (desde aproximadamente 1925) e de outros entomologistas, registro 41 espécies para o Itatiaia. Praticamente tôdas as espécies do Itatiaia encontram-se também no Rio de Janeiro. Aparentemente a fauna de Ibidionini da mata atlântica são sofre modificações, mas diminui com a aumento de altitude.

É necessário acentuar aqui que a região compreendida entre o sul de Minas Gerais e o norte do Paraná, ao contrário do que pude constatar da Guanabara para o norte, envolve uma mudança de muitos elementos da fauna, muito provavelmente condicionada por uma mudança de clima, já afetado pela presença de geadas nos invernos mais rigorosos. Não pude encontrar referências sôbre as possíveis mudanças na composição das florestas, muito embora, para o sul, tenha início a floresta sub-tropical com *Araucaria*.

A transição entre os climas sub-tropicais (fig. 689) quentes e úmidos (Aw) e os climas temperados (Cf) está representada por uma faixa de climas tropicais de altitude (Cw), que atravessa o extremo sul de Mato Grosso, norte do Paraná e centro de São Paulo (Bernardes, 1959).

Várias formas atlânticas têm nessa faixa o limite norte de sua distribuição: *Notosphaeridion brevithorax* (fig. 25), *Hexoplon s. speciosum* (fig. 90), *Gnomidolon pulchrum* (exemplares claros, fig. 109), *G. ornaticolle* (fig. 173), *Tropidion hermione* (fig. 281), *Opacibidion opacicolle* (fig. 285), *Megaceron australe*, *Compsibidion niveum*, *C. meridionale*, *Compsa monrosi* (fig. 536), *Heterachthes flavicornis sexsignatus* (fig. 654).

Por outro lado, número considerável de formas tem nessa faixa climática o seu limite mais meridional de distribuição, das quais cito para exemplificar as seguintes: *Trichoplon extremum*, *Hexoplon eximium*, *Tetraibidion sahlbergi*, *Tropidion calciope* (fig. 281), *T. bituberculatum*, *Homaloidion pinacopterum* (fig. 306), *Opacibidion sulcicorne* (fig. 285), *Diasporidion duplicatum* (fig. 315), *Compsibidion divinum*, *Heterachthes f. flavicornis* (fig. 654), *H. phoracanthoides*.

Embora grande parcela dos elementos atlânticos ocorra em ambos os lados dessa faixa climática (vide figuras 54, 117, 133, 134, 197, 212, 321, 334, etc.), posso afirmar que essa região é extremamente importante para a delimitação de alguns elementos da fauna atlântica.

Observo também que as formas com afinidades amazônicas (*Trichoplon extremum*, *Opacibidion sulcicorne*, *Thoracibidion io*, *Tropidion subcruciatum*, *Heterachthes phoracanthoides*, *Phocibidion erythrocephalum*) geralmente não ultrapassam essa faixa climática para o sul e que os elementos asinalados apenas para o sul da faixa, não têm afinidades amazônicas.

## Corupá

Corupá (ex-Hansa Humboldt, Colônia Hansa) é zona que vem sendo trabalhada por A. Maller desde cerca de 1929. Conhecem-se dessa área 32 espécies (Apêndice 7).

Além de revelar um decréscimo acentuado no número de espécies dentro da mata atlântica, nenhum dos elementos da área tem representação na Amazônia, com exceção de duas espécies largamente distribuídas (*Compsibidion vanum* e *Heterachthes ebenus*). Várias espécies da região são comuns a toda formação atlântica (*Gnomidolon elegantulum*, *Tetraibidion aurivillii*, etc.), enquanto que outras não ultrapassam, para o norte, a faixa climática mencionada acima.

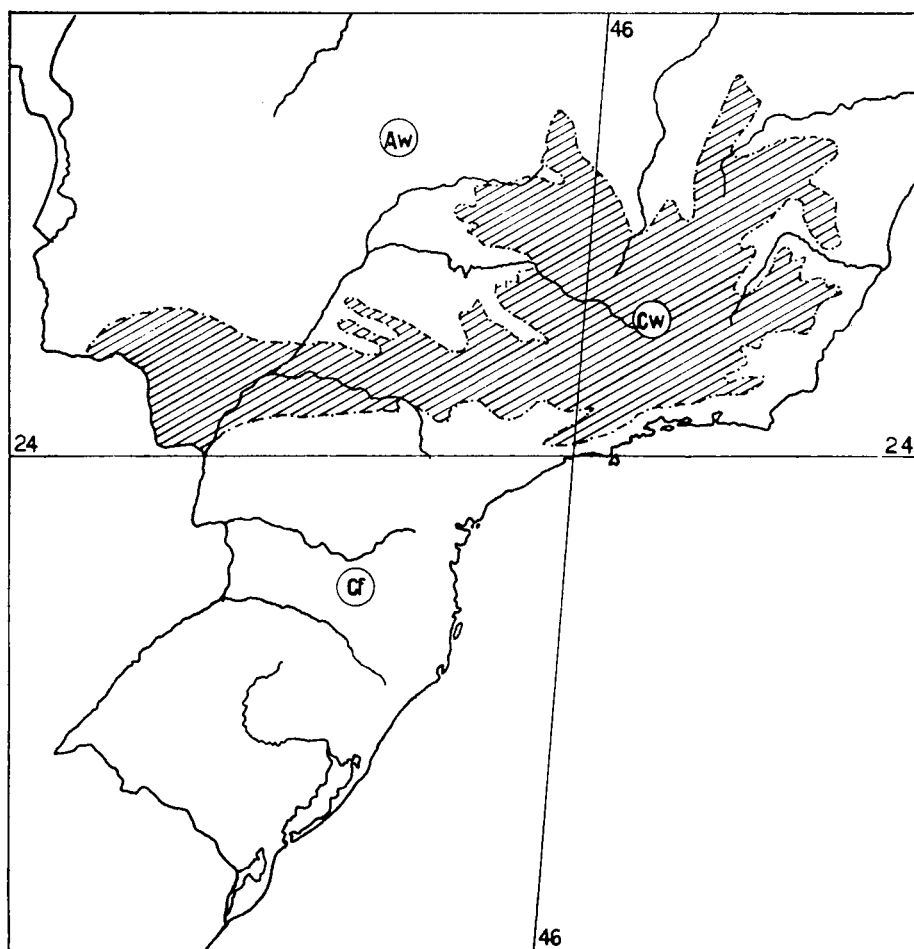


Fig. 689. Tipos de clima no Brasil meridional, adaptado de Bernardes (1959). Aw, Quente e úmido com chuvas de verão; Cw, Tropicais de altitude; Cf, Sub-tropicais.

## Nordeste do Rio Grande do Sul

A floresta sul-riograndense foi estudada por Rambo (1961). Especialmente a que reveste a encosta meridional da Serra Geral, segundo esse autor, compõe-se de três elementos: um procedente de oeste, um oriundo de leste e um elemento geral. Para citar suas próprias palavras (p. 39): "There are, in the southernmost Brazil, two main currents of imigration of the rain forest; and the western current is the most important and the oldest", e mais além (p. 41), "The eastern current has its main source in the tropical rain forest of the Central Brazil sea coast, and the western wave stems from formations coming down from Central Brazil and, ultimately, from Amazonia".

A fauna da região (Caxias do Sul, Salvador do Sul, Pareci Novo, Pôrto Alegre, Viamão, etc.), desde longa data coligida por Pio Buck, arrolada no apêndice 8, não revela qualquer afinidade amazônica ao nível de espécie. Suas afinidades com o Brasil Central são muito remotas e suas relações muito pronunciadas são com os elementos atlânticos. O número de espécies é quase o mesmo assinalado para Corupá e apenas uma forma (*Compsibidion graphicum rubricolle*) pode ser assinalada como própria à região.

## Conclusões

Com base nas observações sobre a fauna de Ibidionini das seis áreas estudadas, concluo: (1) A mata atlântica, que encerra o maior número de representantes da tribo, tem alguma afinidade com a grande diagonal das formações abertas e relações muito remotas, ao nível de espécie, com a mata amazônica; essa conclusão concorda com as observações florísticas. (2) Tal fato leva-me a supôr que as duas grandes formações florestais brasileiras, apesar das oscilações paleoclimáticas mais recentes, estão isoladas desde longa data; se em alguma oportunidade chegaram a intercomunicar-se, bem mais cedo em termos de tempo geológico, sempre o fizeram, muito provavelmente, por ligações estreitas, via Nordeste ou via Brasil Central. (3) A fauna da mata atlântica não sofre grandes modificações em sua composição na porção setentrional da formação (até aproximadamente o Trópico de Capricórnio). (4). O número de formas reduz-se com o aumento de longitude e de altitude (5) A faixa de climas tropicais de altitude (Cw) que se interpõe entre os climas quentes e úmidos (Aw) e os climas sub-tropicais (Cf), estabelece modificações na distribuição de muitos elementos atlânticos; nessa faixa climática, os elementos com afinidades amazônicas têm sua ocorrência mais meridional; a mesma faixa é o limite norte da distribuição de várias formas atlânticas meridionais. (6) A fauna atlântica, graças à presença dessa faixa climática, está composta por três elementos principais: um setentrional, que ocorre desde o norte da formação até a faixa de transição entre os climas Aw e Cf, um meridional, cujo limite norte de distribuição é a referida faixa e um elemento geral, que ocorre em toda a formação.

### 8.2.2.3 Observação sôbre as serras do nordeste do Brasil

A vegetação das serras nordestinas mostra afinidade atlântica, sobretudo nas partes mais elevadas, segundo Rizzini (1967). Essas zonas florestais de altitude (no máximo 1000 m) recebem a denominação regional de "brejos" e foram abordadas por Andrade & Lins (1964) e Lima (1966 a). Como os "brejos" assemelham-se à mata costeira acreditou-se anteriormente que fossem disjunções das florestas costeiras. São entretanto, disjunções de ambiente de vocação florestal, pois apresentam uma floresta diversa da litorânea, tanto na fisionomia como na composição (Lima, 1966 a). A dispersão das espécies vegetais típicas do "brejo" não seria possível nas condições ecológicas atuais da região e seria plausível admitir a existência de vagas de vegetação, ajustadas às pulsações paleoclimáticas (Lima, 1966 a; Lima, 1966 b). A relação das espécies botânicas mais características dos "brejos" e da mata litorânea, no Estado de Pernambuco, encontra-se em Lima (1960).

Conheço cinco espécies da Serra de Comunati, Pernambuco, coligidas por Gounelle (I-III.1893). Essa pequena amostra, em que pesem a fisionomia e a composição diversas da floresta local, revela correlação estreita com a mata úmida do litoral. *Gnomibidion cylindricum* (fig. 334) é a única espécie que tem forma peculiar na região; tôdas as demais (*Hexoplon nigrirtarse*, fig. 94; *Tetraibidion aurivillii*, fig. 180; *Opacibidion sulcicorne*, fig. 285 e *Tetraopidion mucoriferum* são espécies típicas da mata atlântica.

De Baturité, Ceará, até o momento conheço uma espécie, *Gnomibidion diagrammum*, e sua presença ali me parece curiosa a ponto de merecer esta observação. Embora a flora das serras nordestinas tenha, ainda que modificadas, afinidades com a mata atlântica, essa espécie é tipicamente amazônica. Tal fato sugere, pelo menos o vestígio, de uma afinidade amazônica com a Serra de Baturité e a possibilidade das florestas das duas áreas terem estado conectadas no passado. Essa afinidade só poderá ser bem determinada quando mais material dessa área puder ser estudado.

### 8.2.3 PADRÕES DE DISTRIBUIÇÃO NA AMÉRICA DO SUL (FIG. 690)

O estudo dos Ibidionini levou-me a estabelecer seis padrões gerais de distribuição para a América do Sul, com base na fauna de certas regiões de onde possuo bôa representação, na distribuição das espécies e na distribuição das formações vegetais sul-americanas.

O primeiro padrão (1) corresponde à área de distribuição da floresta trans-andina e revela afinidades com a América Central (*Hexoplon lucidum*, fig. 55; *Thoracibidion buquetii*, fig. 320; *Asynapteron glabriolum*, fig. 591). Sua fauna entomológica, muito pouco explorada, revela também a presença de muitas formas próprias (*Gnomidolon cingillum*, *G. nigratum*, *Brechmoidion*, *Compsibidion decemmaculatus*, *Asynapteron*, *Pygmodeon puniceum*). Apenas uma espécie dessa região (*Gnomidolon subburneum*) sugere correlações entre essa área e a Amazônia.



Um segundo padrão (2) relaciona-se com as formações vegetais dos vales do Magdalena e do Cauca e das Corralheiras (Occidental, Central e Oriental da Colômbia. Encerra muitas formas próprias (*Hexoplon venus*, com registro duvidoso também para a Guiana Francêsa; *H. leucostictum*, *Gnomidolon longipenne*, *Tropidion brunniceps*, *Thoracibidion tomentosum*, *Rhyzium guttiferum*, *Compsa albomaculata*) e face à sua escassa exploração entomológica, não evidencia relações com outras regiões.

Número apreciável de formas (*Gnomidolon guianense*, *Tropidion litigiosum*, *Thoracibidion franzae*, *Cycnidolon pedunculatum*, *Heterachthes signaticollis*, *Compsa macra*, etc.) está aparentemente restrito às formações costeiras do norte da Venezuela (padrão 3), delimitadas a oeste pela serrania de Perijá e ao sul pelos "llanos". Algumas formas da

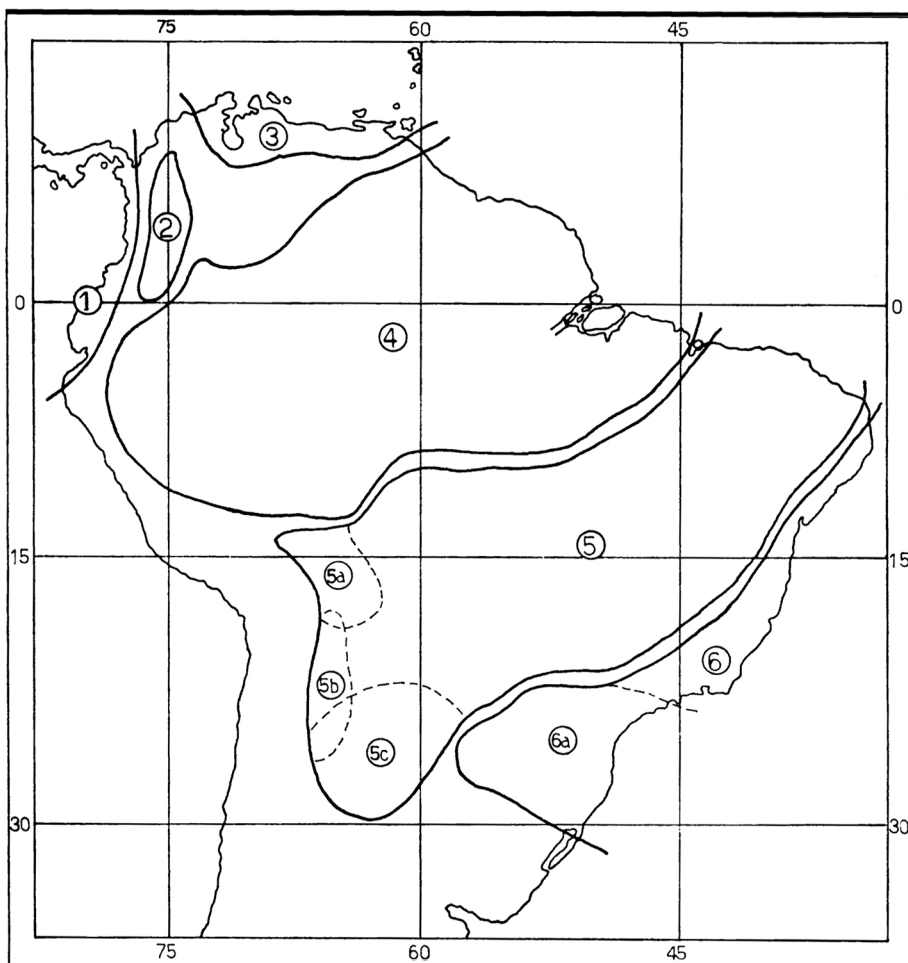


Fig. 690. Padrões de distribuição dos Ibidiionini na América do Sul. Explicações no texto.

América Central ocorrem na área com colorido diverso daquele apresentado pelos indivíduos centro-americanos (*Gnomidolon insulicola*, *Tropidion centrale*) o que revela uma afinidade dessa área com a América Central.

Outro padrão (4) corresponde à mata amazônica. Além de quatro gêneros (vide p. 1359), apresenta número considerável de espécies próprias. Essa área não está correlacionada, nem mesmo sob o ponto de vista florístico, com a diagonal das formações abertas e com a floresta atlântica, com a qual não tem, praticamente espécies de Ibídonini em comum. Os prolongamentos meridionais da floresta, via Bolívia, até Salta e Tucumán (fig. 685), também não apresentam correlações faunísticas com a Amazônia.

O padrão seguinte (5) acompanha as formações abertas da diagonal sul-americana; está entrecortada, no território brasileiro, pelas matas tropicais, geralmente de galeria, e relaciona-se, tanto faunística como floristicamente, muito mais com a mata atlântica do que com a mata amazônica. As porções oeste dessa diagonal têm composição faunística um pouco diferente do restante da área, provavelmente relacionadas com formações vegetais diversas; cada uma delas apresenta espécies próprias de Ibídonini, em número significativo: a) uma área boliviana (5a), com formas (*Hexoplon integrum*, *Gnomidolon nanum*, *G. bonsae*, *G. armatipes*, *Tropidion pusillum*, *Thoracibidion insigne*, etc.) talvez relacionadas com as florestas tropicais decíduas das encostas andinas; b) uma área tucumana (5b) com formas (*Gnomidolon pilosum*, *Tetroplon caudatum nigricornis*, *Tropidion intermedium*, *Tetraopidion tetraophthalmum*) provavelmente relacionadas com os últimos prolongamentos meridionais da floresta tropical e c) uma área chaqueña (5c) cujas formas (*Gnomidolon pulchrum*, *Tropidion fuscipenne*, *T. abditum*) relacionam-se, possivelmente, com os complexos vegetais do Chaco.

O sexto padrão (6) apresenta formas relacionadas com a distribuição da floresta atlântica, muito rica em espécies, mais correlacionadas com a grande diagonal, muito afastada da mata amazônica. Tem uma área meridional (6a) delimitada ao norte pela faixa climática Cw, onde aparece também a floresta de *Araucaria*.

### 8.3 GÊNEROS E GRUPOS CENTRO-AMERICANOS

A presença maciça de gêneros (quadros 2-5), alguns dos quais com caracteres talvez mais primitivos (vide capítulo 9), na América do Sul, levou-me a decidir ser essa a área de origem e dispersão da tribo. Dois gêneros (*Xalitla* e *Neocompsa*), contudo, tiveram centro de diferenciação na América Central e no México. Esses gêneros, além de outros grupos de espécies ainda mal definidos, parecem ter invadido a América Central e a América do Norte em passado mais remoto.

As conexões do passado entre os continentes do Novo Mundo (Simpson, 1950; Patterson, 1957; Darlington, 1963; Halffter, 1964; Kerr & Maule, 1964; Mayr, 1964; Myers, 1966; Savage, 1966; Stuart, 1966; Hershkovits, 1966), por cadeia de ilhas, permitindo a passagem de poucos

elementos, parece ser a hipótese de acesso mais plausível no caso de *Ibidionini*; estabelecida a ligação pliocênica, muitos elementos puderam cruzá-la, aparentemente nas duas direções. Além disso, as barreiras d'água são eficientes para sustar a dispersão dos *Ibidionini* <sup>1</sup>.

Os gêneros *Xalitla* e *Neocompsa* parecem ter tido história bem diversa e seus ancestrais devem ter alcançado a América Central e o México independentemente. Embora pertençam à mesma divisão, os dois gêneros não estão intimamente correlacionados.

### 8.3.1 GÊNERO *XALITLA*

Este gênero, com três espécies, apresenta um conjunto de caracteres próprios que o distinguem facilmente dos demais gêneros da tribo (p. 957). Alguns desses caracteres são a redução dos olhos aos lobos inferiores, o forte espessamento do artículo III das antenas dos machos e a pontuação manifesta em todo o corpo. As espécies habitam uma região distante da América do Sul (costa mexicana do Pacífico, de Sonora a Chiapas).

Com exceção da pontuação acentuadamente forte, muito rara nos grupos sul-americanos, a redução dos olhos e o espessamento dos artículos antenais dos machos, parecem ser uma tendência evolutiva em toda a tribo pois se fazem presentes em diferentes gêneros das diversas divisões. Os Cerambycinae mais primitivos não apresentam redução nos olhos ou espessamento de artículos antenais dos machos, razão pela qual acredito serem êsses caracteres mais evoluídos.

Tentei enquadrar *Xalitla* entre os Cerambycidae da fauna sonorensense, fauna caracterizada por elementos que se desenvolveram no altiplano mexicano e sudoeste dos Estados Unidos, adaptados a condições de aridez ou deserto, com origem sul-americana e associados à Flora Madro-Terciária (Linsley, 1958 b; Halffter, 1964) <sup>2</sup>. A fauna sonorensense também se caracteriza por muitos endemismos, o que sugere larga história geológica.

Ignora-se até o momento, as plantas-hospedeiro de *Xalitla* e suas formas não têm registro em áreas desérticas; encontram-se em regiões cobertas por florestas tropicais decíduas, se sua distribuição for superposta ao mapa fitogeográfico de Leopold (1959), esquematizado na figura 691. Embora possuidor de caracteres muito aberrantes e aparentemente restrito à costa oeste do México, *Xalitla* não parece estar adaptado às plantas desérticas e não foi encontrado, até o momento, no altiplano mexicano ou no sudoeste dos Estados Unidos, fatos que o descartarão da fauna sonorensense.

1. Conhecem-se apenas três espécies nas Antilhas e uma em Galápagos; por outro lado, não estão registradas espécies da tribo para algumas ilhas cujas faunas de longicórnios foram estudadas: Ilhas Cocos (Linsley & Chemsak, 1966b) e Revillagegedo (Linsley, 1935b; 1958a; Linsley & Chemsak, 1966c).

2. Com referência às florestas terciárias da América do Norte vide Chaney (1947); sobre a evolução da Geoflora Madro-Terciária vide Axelrod (1958).



Parece plausível admitir que um ancestral sul-americano de *Xalilla* tenha invadido, há longo tempo geológico, a América Central e o México, tendo aí uma evolução isolada dos demais grupos da tribo, com redução de olhos, desenvolvimento de pontuação forte, engrossamento do artículo III das antenas dos machos, etc. Acredito que essa invasão tenha se efetuado há longo tempo porque, de maneira geral, os gêneros modernos de insetos estão estabelecidos desde o início da era Cenozóica (Hatch, 1926)<sup>1</sup>.

### 3.3.2 GÊNERO *NEOCOMPSA*

O quadro 6 ilustra a distribuição das espécies do gênero. Para a confecção desse quadro o México foi subdividido em três áreas: Baja California, costa do Pacífico e costa do Golfo; consideram-se as formas de Oaxaca e Chiapas pertencentes à costa do Pacífico ou do Golfo, de acordo com a zona vegetal a que pertençam (fig. 691). Estão agrupadas sob a denominação de América do Sul as espécies com registros a leste da cordilheira andina. *Neocompsa dysthymia*, incluída entre as espécies da costa do Golfo, parece ser um caso especial (vide p. 1374).

O quadro, em que pese o escasso material conhecido de algumas espécies, revela alguns fatos dignos de menção. Um deles é a ocorrência de apenas seis espécies sul-americanas a leste das Cordilheiras de Mérida e Andina; destas seis, cinco têm o mesmo padrão de colorido elitral. O pequeno número de espécies, todas semelhantes, na América do Sul, em contraposição ao grande número de formas, bem diversificadas, na América Central e no México, levaram-me a deduzir que as espécies tiveram um, ou mais provavelmente alguns, centros de diferenciação fora da América do Sul.

O quadro mostra ainda um grande número de formas com distribuição geográfica restrita (devido talvez à falta de coleta) e apenas algumas espécies com larga distribuição (*textilis*, *squalida*, *lineolata*). Evidencia também acentuada concentração de formas em três áreas: costa mexicana do Pacífico (12 espécies), costa mexicana do Golfo (12 espécies) e Costa Rica-Panamá (10 espécies). Um outro fato conspícuo é a quase inexistência de formas com distribuição disjunta entre essas três áreas. Faz exceção *N. puncticollis* que ocorre na Baja California, na Costa do Pacífico e na Costa do Golfo, mas em cada uma dessas regiões está representada por uma subespécie (fig. 584).

Tentarei relacionar as espécies de *Neocompsa* com as formações vegetais das três regiões onde a concentração de espécies é maior: cos-

---

1. Ross (1956) ao discutir o Eoceno, afirma que praticamente todo gênero numeroso ou tribo de insetos desenvolveu-se no final desse período. Jeannel (1949) considera que no início do Terciário (Paleoceno) a maior parte dos gêneros de insetos já existia como são atualmente. Os Cerambycidae fósseis conhecidos na América do Norte (Wickham, 1920; Linsley, 1942 a; 1961), do Oligoceno, quase todos pertencentes a gêneros atuais, corroboram a suposição de que os gêneros já estariam estabelecidos desde o início do Terciário.

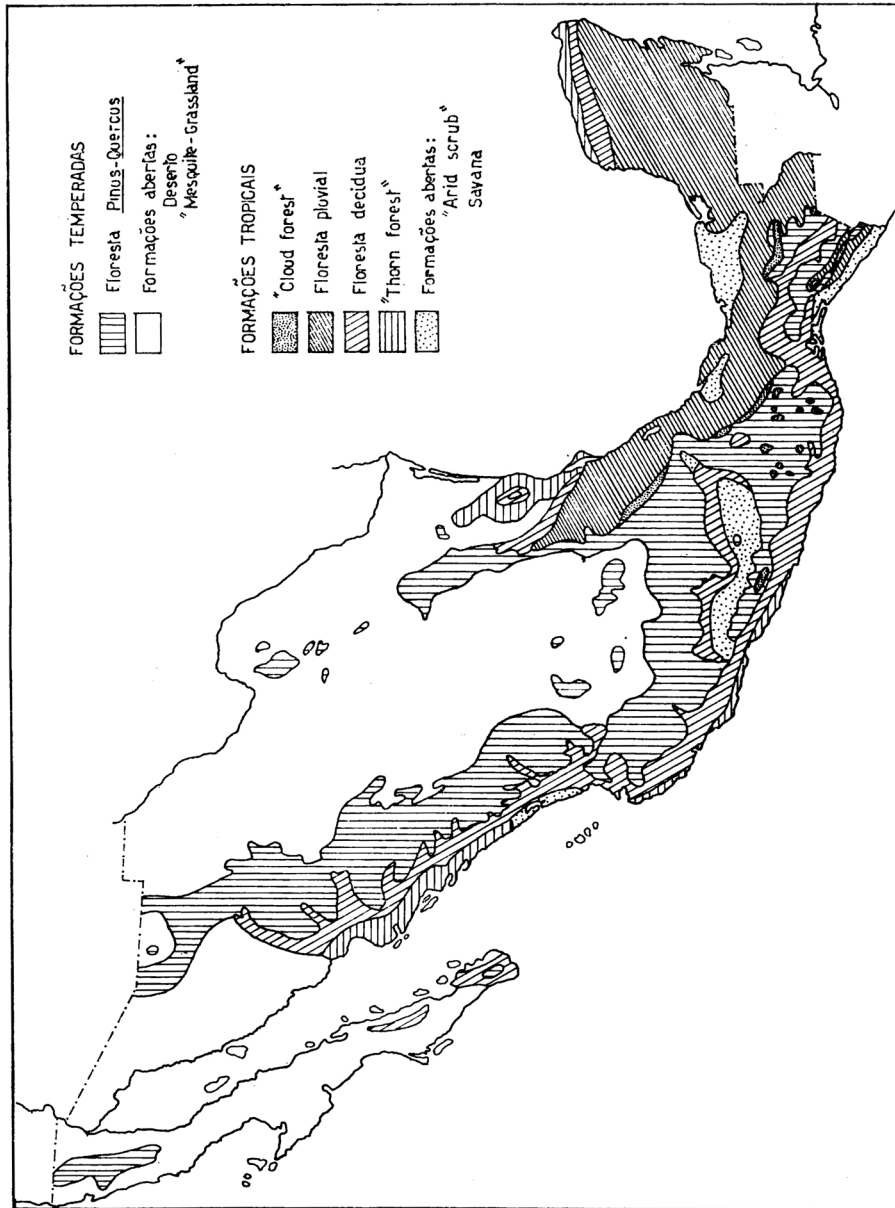


Fig. 691. Mapa fitogeográfico do México, adaptado de Leopold (1950).

ta do Golfo, costa do Pacífico e Costa Rica-Panamá; discuto também as formas sul-americanas do gênero.

#### Costa mexicana do Golfo

O México apresenta topografia complexa e variada, grande diversidade de climas e habitats e, conseqüentemente, quantidade apreciável de formações vegetais, com grande entrelaçamento (fig. 691).

As flutuações na zonação vertical dessas formações, durante as glaciações pleistocênicas (Griscom, 1950), determinaram o isolamento ou a reunião de populações sob as mais diversas condições, estabelecendo, no caso de *Neocompsa*, elevado número de formas.

Na costa mexicana do Golfo as formações florestais tropicais não ultrapassam para o norte a região de Gomes Farias, Tamaulipas (Martin, 1958). Essas formações florestais são principalmente a floresta pluvial, a "Cloud forest" e a "thorn forest". Algumas espécies de *Neocompsa* (*mexicana*, *exclamationis*), relacionadas com essas formações, associadas a *Acacia*, *Pithecellobium*, *Mimosa* e *Celtis*, ultrapassam para o norte o limite setentrional das formações atingindo o baixo Rio Grande.

As seguintes formas estão relacionadas com as florestas tropicais do Golfo e seus prolongamentos na América Central: *puncticollis orientalis* (fig. 584); *squalida*, largamente distribuída e hóspede de *Inga edulis* e talvez *Acacia farnesiana* e *Prosopis*; *intricata* (fig. 567), *mexicana* (fig. 541) e *exclamationis*.

As flutuações paleoclimáticas, já citadas anteriormente, criaram em alguns locais da costa do Golfo condições muito mais xerofíticas do que as atuais. As savanas do sul de Veracruz-Tabasco (fig. 691), testemunhos dessas condições, seriam relictos (Stuart, 1954). Nas épocas secas a intercomunicação entre faunas do norte da península de Yucatan com o sul de Tamaulipas, seria possível segundo o padrão "arco do Golfo" (Martin, 1958, fig. 692). Com o retôrno de condições mais úmidas houve nova expansão das florestas por essas regiões o que teria isolado elementos relacionados com formações de caráter xerofítico ("thorn forest", fig. 691), no norte de Yucatan e no norte da costa mexicana do Golfo. Entretanto, as faunas conhecidas dessas duas regiões não são semelhantes e Paynter (1955) acredita que as aves das regiões secas do norte de Yucatan, associadas à "thorn forest", tivessem alcançado essa área por intermédio de um corredor mais árido, ao longo da costa este da América Central, durante o último período interglacial.

Estão assinaladas para o norte da península de Yucatan, talvez relacionadas com a "thorn forest", *Neocompsa gaumeri* e *N. pysma*. Esta última espécie aproxima-se morfológicamente a *N. puncticollis orientalis* que habita a costa do Golfo; provávelmente ambas são mais um

---

1. "Cloud forest" é uma floresta alta, de 20 a 30 metros, densa, semi-decídua, com grande quantidade de epífitas, situada geralmente entre 1000 e 1500 metros de altitude.

exemplo do padrão tipo “arco do Golfo” (fig. 692). *N. gaumeri* é bem distante, sob ponto de vista morfológico, das outras espécies que habitam as florestas da costa do Golfo. As outras espécies registradas para Yucatan são *N. textilis* (fig. 541), largamente distribuída e *N. alacris* (fig. 567), intimamente relacionada com a floresta decídua da costa do Pacífico (vide a disjunção dessa formação na figura 691).

*Neocompsa dysthymia* (fig. 546), arrolada no quadro 6 entre as espécies da costa do Golfo, merece uma observação à parte. Poucas espécies do gênero parecem ter-se adaptado às formações temperadas, especialmente à floresta *Pinus-Quercus* (“Pine-Oak forest”, fig. 691). *N. dysthymia* teve descrição baseada em um exemplar coligido em Chipinque Mesa (cêrca de 1600 m de altitude), Monterrey, Nuevo León. A formação que aparece nessa região e a essa altitude, foi caracterizada por Muller (1939) como a “Montane mesic forest”, formação densa, alta, muitas espécies de *Quercus*, alguns *Pinus* e *Carya*, e que ocorre na vertente leste da Sierra Madre Oriental entre 1500 e 2800 metros de altitude. Anoto ainda que *dysthymia* relaciona-se morfológicamente com *N. quadrimaculata*, das Antilhas; encontrei num dos exemplares desta última espécie um rótulo onde se lê: “reared from Oak decid. tree”, um *Quercus*, o que indica relações ecológicas entre as duas espécies.

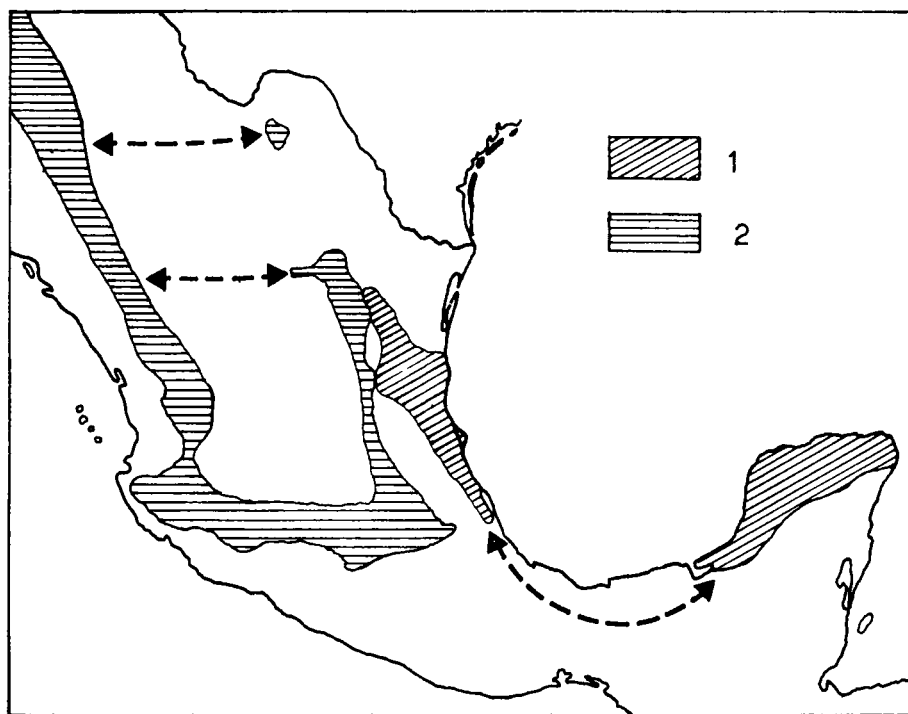


Fig. 692. Distribuição de alguns elementos faunísticos do leste mexicano, adaptado de Martin (1958). 1, Arco do Golfo; 2, Trans-plateau.



## Costa mexicana do Pacífico

No lado ocidental mexicano as principais formações tropicais que abrigam espécies de *Neocompsa* são a floresta decídua e a "thorn forest" (fig. 691).

As espécies de *Neocompsa* relacionadas com essas formações são: *N. puncticollis asperula* (fig. 584); *N. textilis* (fig. 541), já mencionada anteriormente; *N. alacris* (fig. 567), hóspede de *Lonchocarpus* (que tem uma de suas espécies, *L. lanceolatus*, arrolada por Duellman, 1965, como integrante da floresta decídua). Algumas espécies parecem estar restritas à seção mais setentrional dessas formações, talvez mais intimamente unidas à "thorn forest": *N. weneri* (Sonora e Sinaloa); *N. sinaloana* (Sinaloa); *N. agnosta* (fig. 564, Sinaloa e Nayarit), coligida sobre flôres de *Buddleia wrightii* e *Jathropha curcas* (sobre distribuição de *Buddleia* vide Camp, 1947).

Parte da vegetação da costa mexicana do Pacífico foi tratada por Duellman (1958) ao estudar a fauna de Colima. Nas regiões costeiras o tipo mais dominante está representado pela "deciduous thorn scrub"<sup>1</sup>. Essas mesmas formações estão descritas com muito mais detalhe pelo mesmo autor (1965) ao tratar a herpetofauna de Michoacán. Com base em evidências históricas e nos padrões de distribuição de répteis e anfíbios, Duellman indica as modificações que sofreu o habitat em Michoacán durante o glacial máximo e a retração máxima. Assim se comportaram as formações que interessam ao gênero *Neocompsa*: no glacial máximo a floresta semi-decídua esteve quase contínua ao longo das encostas baixas da Sierra de Coalcomán e nas terras baixas da costa, pelo menos ao sul de Nayarit; na retração máxima, a floresta semi-decídua refugiou-se nas barrancas protegidas das encostas da mesma serra. Ainda Duellman (1960) descreveu a região do istmo de Tehuantepec, chamando atenção para as mesmas flutuações paleoclimáticas. Sobre o mesmo istmo, o trabalho de Stuart (1954) faz referência a um corredor sub-úmido entre Tehuantepec e o Rio Matagua, que no caso de Ibidiñini deve ter funcionado, muito provavelmente, como barreira.

Observa-se que êsses trabalhos destacam as expansões e retrações das formações vegetais, condicionadas pelas mudanças climáticas do Quaternário. Infelizmente não disponho de material abundante, convenientemente rotulado, com dados sobre hospedeiros, para associar mais precisamente a distribuição de *Neocompsa* correlacionada diretamente com êsses hospedeiros. A distribuição aparentemente restrita de muitas espécies leva-me a supor que tais eventos, relativamente recentes, foram decisivos no estabelecimento dos padrões atuais.

Pelo exame sumário das formações florestais das duas costas mexicanas e da distribuição das espécies de *Neocompsa* com elas relacionadas, verifica-se que essas espécies quase sempre acompanham, rigorosamente, a distribuição das formações vegetais. Na costa do Golfo apenas

1. A "deciduous thorn scrub" chega a atingir até 10 metros de altura e forma, em alguns locais, massa impenetrável, constituída especialmente de leguminosas tendo em *Acacia* e *Prosopis* suas plantas dominantes.

duas espécies ultrapassam para o norte o limite setentrional das formações. Com exceção de *N. puncticollis* (fig. 584), representada em cada uma das costas por uma subespécie, e de *N. textilis* (fig. 541), as demais espécies conservam-se restritas a cada uma das costas. No oeste mexicano as duas formações florestais tropicais parecem determinar os limites de distribuição de algumas espécies (*e. g.*, *agnosta*, fig. 546).

À altura do istmo de Tehuantepec, área com muitas espécies aparentemente simpátricas e com grande variedade de formações (fig. 691) segundo os casos que pude observar, parece que as espécies podem passar para ambos os lados do istmo e habitar formações diferentes: algumas, entretanto (*alacris*, fig. 567), mostram uma tendência a conservar-se sempre na mesma vertente. A coincidência da distribuição das espécies de *Neocompsa* com as formações até o nível de Tehuantepec, estabelece dois padrões de distribuição: um na costa do Golfo, desde o Rio Grande até Tehuantepec e outro, subdividido em duas secções, na costa do Pacífico; a primeira secção, setentrional, de Sonora a Nayarit e a segunda dêsse ponto a Tehuantepec.

#### América Central e Costa Rica-Panamá

A Guatemala, porção integrante da América Central nuclear<sup>1</sup>, recebeu recentemente a atenção de vários trabalhos faunísticos e biogeográficos (Stuart, 1950; 1951; 1954; 1958; Duellman, 1963). Não disponho ainda de informações sobre as espécies de *Neocompsa* dessa área (América Central nuclear) a ponto de poder indicá-la como centro de diferenciação das espécies do gênero. Essa hipótese, contudo, parece-me plausível, face à história geológica da região; pode-se imaginar essa área como um centro muito importante, de onde as formas teriam irradiado em três direções principais: costa mexicana do Golfo, costa mexicana do Pacífico e América Central meridional.

As espécies de *Neocompsa* arroladas para Guatemala, Honduras, Nicarágua e El Salvador integram tanto a fauna das florestas do Golfo como a das florestas do Pacífico e podem viver, aparentemente, em qualquer das costas da América Central, embora exista uma predominância de florestas pluviais no lado do Caribe e de florestas decíduas no lado do Pacífico (fig. 693).

As montanhas centro-americanas, a dividir êsses dois tipos predominantes de formações florestais, têm sido consideradas (Stuart, 1966) sob três aspectos: como barreira entre trocas faunísticas das duas formações, como via de migração para dispersões norte-sul dos elementos de clima temperado e como centro de diferenciação. A área mais propícia para trocas entre faunas do Caribe e do Pacífico, exceção feita ao já mencionado istmo de Tehuantepec, está na porção mais meridional da Nicarágua, onde para alguns grupos, nenhuma ou mistura muito pequena ocorreu, devido talvez a barreiras de caráter ecológico. Não dispo-

---

1. América Central nuclear compreendeu terras de Honduras, Guatemala e sul do México; sobre sua história geológica vide Stuart (1966).

nho de material de *Neocompsa* para discutir a distribuição de suas espécies dentro dessa ordem de idéias.

Feitas essas considerações sobre a América Central, passo a referir-me à porção meridional do continente (Costa Rica-Panamá) de onde se conhecem dez espécies de *Neocompsa*. É conveniente observar que esse registro correlaciona-se diretamente com a melhor exploração entomológica da área em aprêço. No caso de Ibdionini, Nevermann coletou durante muitos anos na Costa Rica e o Panamá foi explorado por Champion e mais recentemente, na Zona do Canal, por muitos entomologistas norte-americanos.

Os fenômenos pleistocênicos assinalados para outras regiões são os mesmos nessa área: alternância de períodos úmidos e secos, refletidos na expansão e retração das formações florestais, consideravelmente reduzidas nêstes, quando apenas as partes mais elevadas das cordilheiras mais altas conservaram cobertura florestal (Haffer, 1967 a).

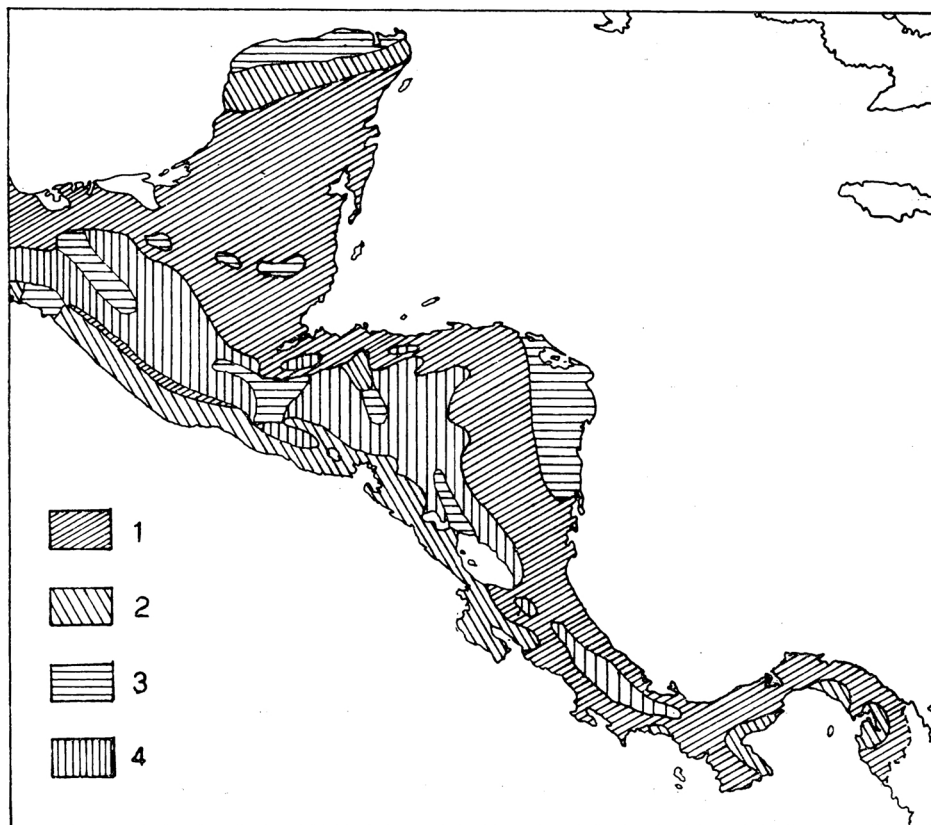


Fig. 693. Mapa fitogeográfico da América Central, adaptado de Stuart (1966).  
1, Floresta pluvial; 2, Floresta decídua; 3, "Thorn forest"; 4, Principalmente Floresta *Pinus-Quercus*.

Durante êsses períodos de estiagem permaneceram, segundo Haffer (1967 a), dois refúgios florestais na porção meridional da América Central (fig. 694): o refúgio da Costa Rica (1), oriental, que compreendeu encostas inferiores das cordilheiras de Guanacaste, Central e Talamanca e o refúgio Chiriquí (2), ocidental, a sudoeste da Costa Rica e oeste do Panamá. Enquadrar as espécies de *Neocompsa* como remanescentes de formas abrigadas nêsses refúgios seria extremamente importante, mas os dados à disposição são escassos; procurarei relacionar as espécies da região com as formações vegetais da área.

Dentre as espécies que estão assinaladas para a região Costa Rica-Panamá, *N. textilis* e *N. squalida*, têm ampla distribuição, esta provavelmente hospede de *Pithecolobium Saman*, planta registrada por Slud (1964) como integrante da "tropical dry forest"<sup>1</sup>; *N. spinosa* e *N. comula* do planalto central costaricense (hospedeiros ignorados), assinaladas para elevações entre 1000 e 1200 metros, segundo os rótulos de Nevermann e portanto enquadradas dentro da faixa subtropical de Slud<sup>2</sup>; *N. sericans* também poderia ser enquadrada dentro dessa categoria pois o único exemplar conhecido foi coligido no Vulcão de Chiriquí entre 1200 e 1800 metros; *N. ventricosa* também parece estar relacionada com essas regiões elevadas da Costa Rica e Panamá, dentro da faixa subtropical; *N. tuberosa* ocorre em altitudes variáveis, desde quase o nível do mar até elevações maiores.

A conexão das florestas do sul da América Central com a floresta trans-andina (Refúgio Chocó, (4), fig. 694), ficou interrompida durante períodos geológicos secos e as terras baixas do Panamá estiveram provavelmente despidas de floresta densa, estabelecendo uma disjunção entre as duas florestas (Haffer, 1967 a). Desconheço espécies de *Neocompsa* do oeste colombiano e não poderei discutir essas correlações com as espécies da América Central meridional. *N. leechi*, de que se conhece um só exemplar, está arrolada para região mais meridional (Lambayeque, Peru) e relaciona-se com espécies geograficamente muito distantes: *dysthymia* do noroeste do México e *quadrifasciata* das Antilhas. Apesar das seguidas interrupções entre as formações florestais da Colômbia oriental e da América Central, registro duas espécies comuns a essas regiões: *N. squalida* e *N. tuberosa*.

#### Formas sul-americanas de *Neocompsa*

Embora *Neocompsa* tenha tido centro de dispersão fora da América do Sul, algumas de suas formas foram capazes de reinvadir êsse continente, a partir talvez do Plioceno, encontrando então barreiras topográficas e ecológicas no noroeste da América do Sul. A efetividade das

---

1. "Tropical dry forest" é uma formação caracterizada por uma estação seca de aproximadamente cinco meses, localizada entre 500 e 600 metros de altitude, no lado do Pacífico.

2. A faixa subtropical de Slud (1964) está delimitada inferiormente pela isoterma de 24°C e encerra três tipos de formações florestais: "Subtropical moist forest, subtropical wet forest e subtropical rain forest".

barreiras de montanhas em climas tropicais está muito bem evidenciada no trabalho de Janzen (1967). As modificações ecológicas mais recentes verificadas na Colômbia, área através da qual a reinvasão teria de ocorrer, estão discutidas em Haffer (1967 a).

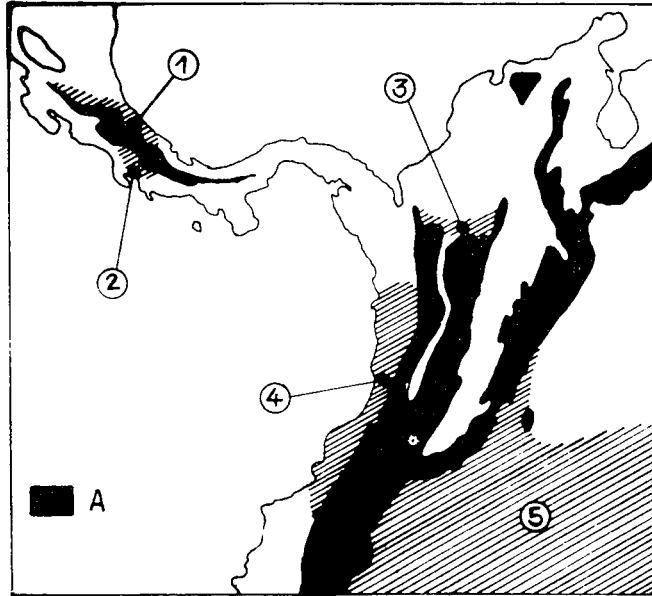


Fig. 694. Refúgios florestais do noroeste da América do Sul e parte meridional da América Central durante períodos secos do Plioceno e post-Plioceno, adaptado de Haffer (1967 a). 1, Refúgio Costa Rica; 2, Refugio Chiriquí; 3, Refúgio Nechí; 4, Refúgio Chocó; 5, Refúgio amazônico. A, Elevações acima de 1000 m.

*Neocompsa lineolata* e espécies afins parecem constituir mais um exemplo da travessia dessas barreiras no sentido norte-sul (fig. 695). Os representantes sul-americanos desse grupo de espécies têm o mesmo padrão de colorido elitral, isto é, cada élitro apresenta uma faixa clara longitudinal; três dessas espécies (*lineolata*, *albopilosa* e *tucumana*) possuem élitros sem pubescência serícea, as outras duas (*serrana* e *vogti*) têm élitros pubescentes. É possível que uma forma ancestral, ou talvez *lineolata*, tenha partido de Costa Rica-Panamá, atravessado as florestas do norte da Colômbia e da Venezuela, atingido a Amazônia e dado origem a populações regionais, isoladas pelos mesmos efeitos de clima, em formações florestais separadas. As formas de élitros pubescentes no oeste de Mato Grosso e Leste da Bolívia; as formas de élitros desnudos no Espírito Santo e em Salta-Tucumán.

*N. lineolata*, muito mais relacionada com as formas de élitros sem pubescência, ocupa atualmente uma vasta área, com disjunções aparentes no sudeste colombiano e na região das formações abertas do Brasil.

O exame de mais material esclareceria o *status* de *albopilosa* e *tucumana* com relação a *lineolata*.

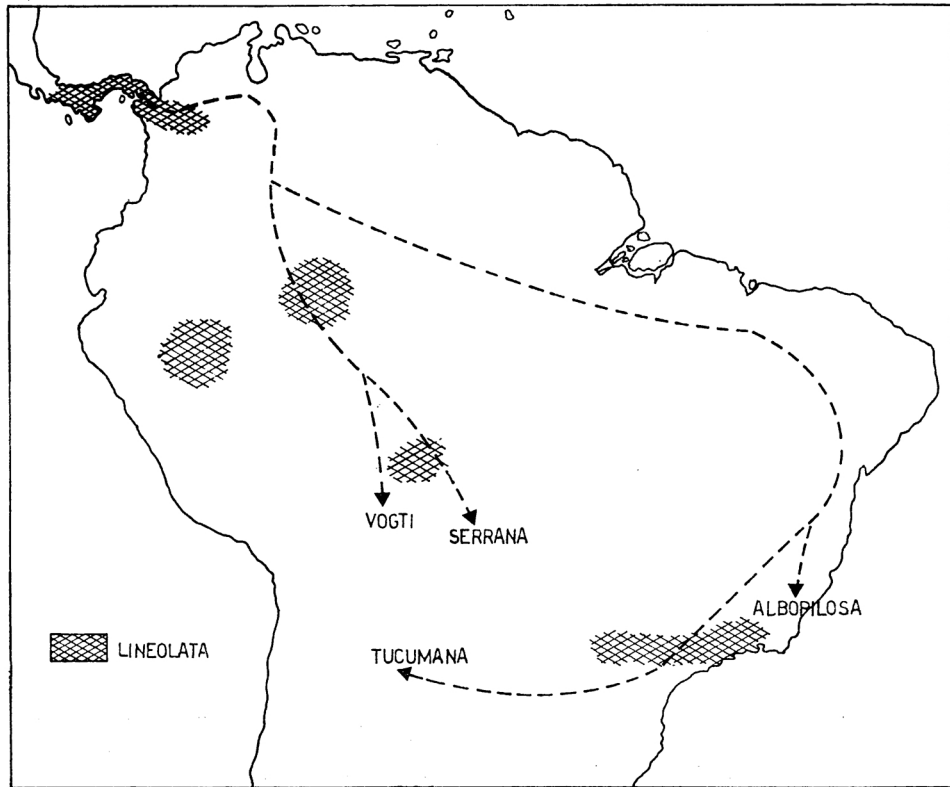


Fig. 695. Dispersão provável das espécies de *Neocompsa* do grupo *lineolata*.

### 8.3.3 OUTROS GRUPOS CENTRO E NORTE-AMERICANOS

#### 8.3.3.1 *Hexoplon*, grupo *albipenne*

Tratei anteriormente da distribuição destas espécies (*calligrammum*, *albipenne* e *lucidum*), que constituem um grupo homogêneo dentro do gênero *Hexoplon*, já caracterizado na parte I (p. 88, item 4 da chave), e cujo centro de dispersão localiza-se provavelmente na América Central. Também chamei atenção para a relação existente entre a variabilidade no padrão de colorido e a distribuição (fig. 55).

Correlaciono agora os padrões de colorido com as formações vegetais. *H. calligrammum*, forma típica, de que se conhece apenas um exemplar, foi encontrada na floresta pluvial da costa leste do México; uma segunda forma (fig. 57) acha-se na floresta decídua da encosta meridional da Cordilheira Vulcânica; uma terceira (fig. 58) é conhecida até o momento na bacia dos rios Balsas-Tepalcatepec, onde predomina a "Arid tropical scrub forest" (Leopold, 1950; Duellman, 1965)

e finalmente, uma quarta forma, correlaciona-se com a floresta decídua do sudoeste mexicano e noroeste guatemalteco. Essa espécie, em que pese o escasso material conhecido, parece refletir os repetidos isolamentos das formações florestais durante as oscilações paleoclimáticas, condicionando o aparecimento de populações cromaticamente diferentes. É também viável pensar-se num "cline", com formas mais claras em Veracruz e gradualmente mais escuras na Guatemala, com intermediários no Sistema Vulcânico e na bacia Balsas-Tepalcatepec.

O registro de *H. lucidum*, outra espécie do grupo, na floresta trans-andina parece ser mais um exemplo do isolamento do refúgio Chocó (fig. 694) e ilustra a correlação da fauna dessa área com a América Central.

A presença de formas diferentes de *albipenne*, a terceira espécie do grupo, na Colômbia e na Venezuela, conhecidas tão somente de três exemplares, é apenas mencionada. Relacionar sua distribuição com as sugestões de Haffer (1967 a), com base nesse material é prematuro.

### 8.3.3.2 *Heterachthes quadrimaculatus* e *H. designatus*; disjunção texana

Estas duas espécies, morfológicamente próximas, mais relacionadas com as espécies sul-americanas do que com as mexicanas e centro-americanas, estão distribuídas, respectivamente, no leste dos Estados Unidos e no leste mexicano (fig. 679), largamente separadas pela disjunção texana<sup>1</sup>.

Desconheço as plantas-hospedeiro de *H. designatus*; *H. quadrimaculatus* está relacionada com três espécies de plantas do gênero *Carya*: *glabra*, *ovata* e *pecan*. Observo que as espécies do grupo *ovata* estão registradas para a região de Rancho del Cielo, proximidades de Gomez Farias, Tamaulipas (Martin & Harrel, 1957), região talvez habitada por *designatus*.

A presença destas duas espécies de *Heterachthes*, aparentemente relacionadas com plantas de formações temperadas, em ambos os lados da disjunção texana, pode ser interpretada como mais um exemplo a ilustrar as idéias de Martin (1958) sobre a inexistência de ligação florestal recente entre essas áreas. Se tal conexão existisse, provavelmente

1. As afinidades florísticas entre as florestas úmidas das montanhas orientais do México e as do sudeste dos Estados Unidos são consideradas como resultantes de eventos pré-pleistocênicos. Não há evidência de uma conexão pleistocênica direta entre as faunas dessas duas florestas (Martin, 1958). Entretanto, uma correspondência entre a flora mexicana moderna e a flora "Wilcox" (Eoceno inferior), da bacia do Mississippi, foi assinalada por Chaney (1947). A conexão direta entre as duas florestas necessitaria de um corredor florestal através das planícies e montanhas isoladas do norte do México e sul do Texas, o que requeriria condições mais úmidas e frias. Apenas 29% das árvores e 2% dos vertebrados de cada uma dessas regiões são comuns às duas áreas o que não sugere corredor florestal muito recente a conjugar essas duas regiões. Os gêneros e espécies de plantas, semelhantes ou iguais, que ocorrem no México e Guatemala e no leste dos Estados Unidos, com grandes disjunções no Texas, encontram-se em Sharp (1946).

te outras espécies mexicanas e centro-americanas teriam invadido as florestas do leste norte-americano. O padrão de distribuição das duas espécies pode também ser interpretado se considerarmos como muito antigo o estabelecimento de *quadrinaculatus* no leste americano, talvez numa época próxima ao tempo da correlação da flora "Wilcox" com a flora mexicana. É ainda possível que *quadrinaculatus* tenha tido capacidade de cruzar a disjunção texana em passado pouco remoto e se adaptado ao gênero vegetal *Carya*. Não tenho dados mais concretos, especialmente sobre a dispersão de *Carya*, para sugerir qualquer dessas interpretações como a mais plausível.

### 8.3.3.3 *Heterachthes*, grupo *polingi*; fauna sonorensis

Este grupo, constituído por quatro espécies, difere bastante do "Grupo sul-americano" pela redução nos lobos inferiores dos olhos, presença de carenas nas antenas e no lado interno dos artículos basais das antenas, extremidades elitrais desarmadas e usualmente, três tubérculos pronotais. As espécies que integram o grupo têm representada sua distribuição no mapa da figura 666.

As informações disponíveis sobre a distribuição e as plantas-hospedeiro dessas espécies são as seguintes: *H. nobilis* habita o baixo Rio Grande e está relacionada com *Prosopis juliflora* (? vide mais adiante); *H. w-notatus* vive no limite meridional do planalto mexicano e foi originalmente descrita de Tejupilco, uma área subtropical com *Prosopis*, *Acacia*, etc. (Linsley, 1935 a); *H. polingi*, do Arizona e Sonora, talvez hospedeiro de *Baccaris glutinosa*; *H. erineus*, de Sinaloa, sem registro de plantas-hospedeiro.

Destaco atenção especial para as plantas-hospedeiro dessas espécies. *Prosopis*, vulgarmente "mesquite", são plantas arbustivas, de pequeno porte quando no deserto, mas que sob condições mais favoráveis, podem transformar-se em árvores de até 20 metros de altura. O "mesquite" aparece em várias províncias bióticas de Goldman & Moore (1946) e caracteriza com seu nome uma das divisões fitogeográficas temperadas de Leopold (1950). Bailey (1944) afirma sobre *Prosopis juliflora*: "several forms have been confused under this name. *P. juliflora*, D.C., is a strictly W. Indian species", e mais além, ao tratar de outras espécies de *Prosopis*, também providas de espinhos como *juliflora*, diz: "*P. dulcis*, Kunth, is a Mexican species somewhat similar to the preceding"... *P. glandulosa*, Torr., is the common species through Texas, New Mex., and S. Calif., also occurring in Mexico". À vista desses dados, coloco em dúvida a identificação da planta-hospedeiro de *nobilis*, que não está registrada no Texas. Bailey (1944) refere-se ainda a *Baccaris* como plantas que crescem em solos bem drenados, em posição muito ensolarada, bem adaptadas a encostas secas e rochosas.

Parece evidente que as espécies do grupo *polingi* estão correlacionadas com plantas de áreas secas e com as formações "mesquite-grassland". Isto sugere serem enquadradas como elemento da fauna sonorensis (vide p. 1370), uma fauna resultante da adaptação de linhas do altipla-



no mexicano às condições de aridez. A fauna sonorense é de origem sul-americana antiga e exibe modificações de estrutura e hábitos devido à sua associação com condições xerofíticas (Linsley, 1958 b; Halfiter, 1964).

O grupo *polingi* a meu ver poderá ser encarado como elemento da fauna sonorense, pelo seguinte: as espécies parecem estar adaptadas a plantas de regiões áridas ou desérticas; a distribuição atual das espécies (fig. 666) coincide razoavelmente com a distribuição dos elementos sonorenses; o grupo é muito distante morfológicamente do "grupo sul-americano" que lhe deu origem, provavelmente em passado remoto. Pareceu-me plausível, após exame de material mais abundante e de estudo morfológico mais aprofundado, pelo que evidenciou o estudo da distribuição geográfica, o estabelecimento de gênero distinto para as espécies deste grupo.

#### 9. RELAÇÕES FILOGENÉTICAS

Seria conveniente tratar este capítulo tendo em vista três tipos de relações: paleontológicas, morfológicas (adultos e larvas) e ecológicas. A falta de informação, contudo, permitirá apenas ligeiras considerações sobre a questão.

##### Evidências paleontológicas

Até o momento desconhecidas as aplicáveis ao nível de tribo. Os fósseis que interessariam ao estabelecimento de relações entre tribos são, provavelmente, os do Cretáceo e Terciário inferior<sup>1</sup>. Alguns fósseis semelhantes a *Parandra* no Jurássico do Turquestão (Théodoridès, 1952; Linsley, 1961) indicam que as categorias mais elevadas da família (no caso subfamília), são muito antigas.

##### Evidências morfológicas

Cabem aqui algumas considerações sobre a situação da sistemática dos Cerambycinae. Uma das grandes dificuldades a ser removida é a organização da subfamília ao nível de tribo.

Os especialistas anteriores que se ocuparam do assunto expressaram essa dificuldade. Le Conte (1873) in Linsley (1961) já afirmara sobre os longicórneos que "their classification, and even the definition of the family, presents difficulties which have been called insuperable by every systematist who has yet attempted the task".

Os maiores méritos para a classificação da família, em âmbito mundial, devem-se sem dúvida a Lacordaire (1869), cuja obra permanece

1. Os insetos fósseis conservados em âmbar sugerem essa época. No Canadá o âmbar é cretácico e encerra espécimes com características generalizadas e primitivas, além de posição intermediária entre as famílias existentes atualmente (Carpenter *et al.*, 1937). Em Simojovel o âmbar data do Oligoceno-Mioceno (Durham, 1957) e as formas preservadas, na quase totalidade dos casos, foram enquadradas em gêneros modernos.

fundamental até hoje. Mas também êsse estudioso sentiu dificuldades para a classificação do grupo: "la condition particulière dans laquelle se trouvent les Longicornes et qui fait leur arrangement systematique la tâche la plus ardue et la plus ingrate" e ainda "En un mot, il n'y aurait rien trop exagéré à dire que le caractère le plus essentiel des Longicornes est, qui ni leur ensemble ni leurs groupes secondaires ne peuvent être caractérisés".

Os trabalhos que se seguiram e que trataram da sistemática das tribos são regionais (Gahan, 1906; Planet, 1924; Plavilstshikov, 1936; 1940; Gressitt, 1951; Heyrovsky, 1955; Linsley, 1961-1964, etc.) e exceção feita a êste último, onde algumas modificações foram introduzidas, todos procuraram traduzir, ou adaptar com poucas alterações, o sistema de Lacordaire. Um outro trabalho básico é sem dúvida o de Duffy (1953, 1960) que trata de correlacionar a sistemática dos adultos com a das larvas; desafortunadamente porcentagem irrisória de formas neotropicais tem suas larvas conhecidas e devidamente estudadas.

Dêsde que a classificação das tribos é insegura, mal definida e não foi ainda experimentada com o uso de técnicas mais refinadas, é missão muito difícil, se não impossível, tentar correlacionar filogeneticamente as outras tribos com Ibidionini, sob o ponto de vista de suas relações morfológicas, quer nos adultos, quer nas larvas.

O primeiro a tentar para relações morfológicas superficiais entre Ibidionini e Sphaerionini (*sensu* Lacordaire) foi Lacordaire. Atualmente os Sphaerionini encontram-se reunidos aos Phoracanthini sob a denominação de Elaphidionini (*sensu* Linsley). Gêneros de várias tribos foram incorporados à tribo Elaphidionini (*Stenosphenus*, *Curtomerus*, etc.) de sorte que presentemente, além dos gêneros extra-americanos, encontram-se reunidos nessa tribo 70 gêneros do Novo Mundo. Quer me parecer, após estudo superficial de Elaphidionini para buscar suas relações morfológicas com Ibidionini, que existam, pelo menos, três blocos de gêneros: um com evolução extra-americana, provavelmente na Austrália, um outro na América do Norte e um terceiro na América do Sul. O estudo profundo dessa tribo virá esclarecer o assunto. Observo que as larvas dos três blocos parecem ser bem diversas (vide Duffy, 1960: 18, itens 18-22).

Dizia acima que Lacordaire atentou para as relações entre Ibidionini e Sphaerionini. Concordo com essa assertiva. Os dois gêneros que constituem a II divisão dos Ibidionini (p. 322) são muito próximos de *Aposphaerion* (cavidades coxais anteriores igualmente fechadas, protórax cilíndrico e desarmado lateralmente, antenas multicarenadas, fêmures clavados, extremidades elitrais com dois espinhos), incluído em Sphaerionini. Êsses gêneros correlacionam-se portanto com Sphaerionini e também com Ibidionini, mais tendentes para Sphaerionini. Além de alguns caracteres que, quando reunidos, não existem em Ibidionini (cavidades coxais anteriores fechadas atrás, coxas anteriores sem superfície articular), a genitália dos machos da II divisão (figs. 184, 185) tem muito pouca semelhança com a dos Ibidionini.

Muito embora o gênero *Ophthalmoplon* (I divisão) sugira alguma afinidade com *Piezocerini*, parece-me que *Ibidionini* se separa daquela tribo por vários caracteres, especialmente em sua I divisão, onde as côxas anteriores têm superfície articular, as cavidades coxais anteriores são abertas, as antenas simples, lineares, os fêmures posteriores muito freqüentemente lineares e quase sempre armados na extremidade.

Conheço muito pouco a tribo *Eligmodermi*, própria à Colômbia e Venezuela, para poder relacioná-la com *Ibidionini*. Algumas espécies poderão relacionar-se com *Heterachthes*.

Ainda não se conhecem alguns caracteres, provavelmente importantes, para relacionar morfológicamente os adultos das tribos citadas acima, situadas por Lacordaire nas proximidades de *Ibidionini*. Desconhece-se por exemplo, os tipos de genitália de machos e fêmeas das tribos em questão; praticamente não foi feito um estudo minucioso da face ventral do corpo, com exceção do aspecto das cavidades coxais: não se tentou reunir conjuntos de caracteres como foi feito para as grandes divisões de *Ibidionini*; as peças bucais são uma incognita. Estabelecer, portanto, relações filogenéticas com base em evidências morfológicas é atualmente impossível. O mesmo poderá ser dito para as larvas, em estado de quase desconhecimento total.

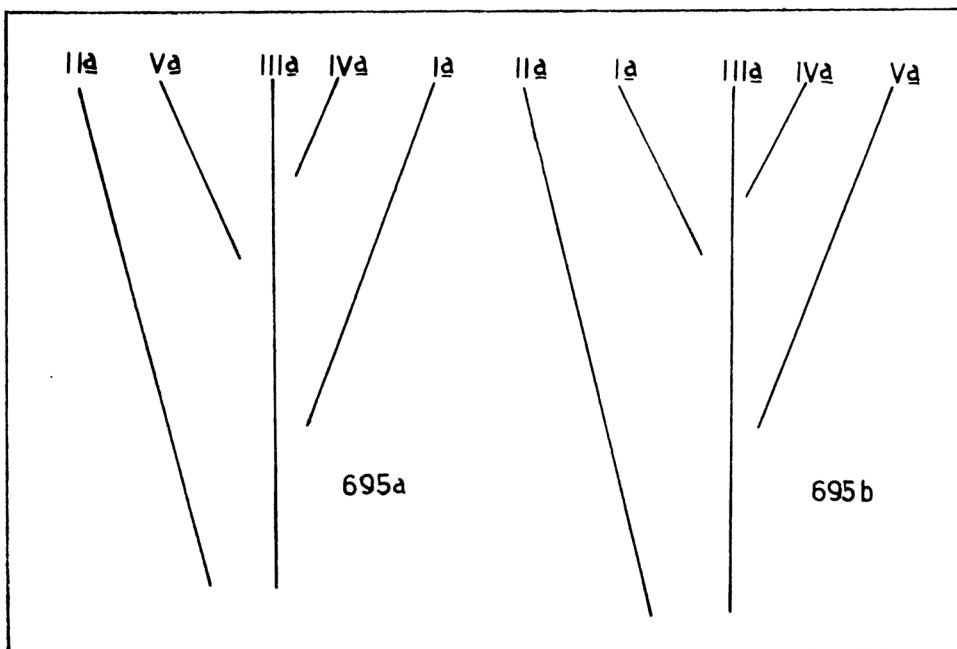
#### Evidências ecológicas

Desde que não se conhece a ecologia dos grupos em questão, nenhuma referência poderá ser acrescida com o intuito de tentar relacionar tribos sob êste ponto de vista.

#### 9.1 RELAÇÕES ENTRE AS DIVISÕES DA TRIBO

O grupo mais homogêneo dentre todos os *Ibidionini*, que apresenta menos modificações estruturais, é a III divisão. Principalmente a estrutura das antenas, órgão muito importante na família, apoia essa afirmativa; na III divisão os segmentos antenais têm comprimentos subiguais (exceto escapo e o II), e não são modificados nas antenas dos machos. Considerada válida a hipótese de que antenas menos modificadas são mais primitivas, sou levado a considerar como primitivos em *Ibidionini* os seguintes caracteres, muito freqüentes nos gêneros da III divisão:

Olhos normais. Lobos superiores não estrangulados atrás da inserção das antenas. Labro com pêlos esparsos e longos por toda a superfície, sem pêlos diferenciados na orla anterior. Escapo curto, piriforme, sulcado no lado superior da base. Artículos III, IV e V normais, carenados, com comprimentos subiguais. Antenas dos machos mais longas do que as das fêmeas, sem artículos modificados. Pronoto com tubérculos; sem pontuação sexual nas partes laterais do pronoto. Cavidades coxais anteriores abertas atrás. Fêmures clavados e desarmados nas extremidades. Coxas anteriores sem superfície ar-



Figs. 695a e 695b. Esquemas filogenéticos de Ibidiionini. Explicações no texto.

ticular. Élitros sem pubescência serícea, com cinco fileiras de pontos pilíferos. Tíbias carenadas. Lobos laterais do aparelho genital masculino desenvolvidos em comprimento, com pêlos apicais longos.

Sem dúvida é a I divisão a que mais se afasta desse quadro de caracteres, apesar de apresentar olhos normais, cavidades coxais anteriores abertas atrás, élitros quase sempre sem pubescência e tíbias carenadas. A IV divisão é a que mais se aproxima daqueles caracteres, apesar de algumas modificações nos olhos, modificações sensíveis nos artículos basais das antenas dos machos, aparecimento de armadura no ápece dos fêmures, redução dos lobos laterais da genitália do macho. A V divisão, mais heterogênea, também difere da III em muitos caracteres, mas tem mais caracteres em comum com ela do que a I. Com base nessas considerações puder-se-á chegar ao esquema da figura 695 a.

Entretanto, espécies da V divisão conseguiram atingir, em passado remoto (vide capítulo anterior), as Américas Central e do Norte, em número maior do que as espécies das outras divisões; portanto o esquema da figura 695 b, na minha opinião, aproxima-se mais à verdade.

## 10. BIBLIOGRAFIA

AB'SABER, A. N.

1950. A serra do Mar e a mata atlântica em São Paulo. *Bol. paulista Geogr.* 2 (4): 61-70.
1957. Conhecimentos sobre as flutuações climáticas do Quaternário do Brasil. *Bol. Soc. brasil. Geol.* 6 (1): 41-48.
1963. Contribuição à geomorfologia da área dos cerrados, pp. 117-124, in *Simpósio sobre o Cerrado*, 424 pp., Univ. S. Paulo, São Paulo.
- 1967a. Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil. *Orientação* 3: 45-48.
- 1967b. Problemas geomorfológicos da Amazônia, pp. 35-67, in *Atas do Simpósio sobre a Biotá Amazônica 1* (Geociências): 484 pp., Conselho Nacional de Pesquisas, Rio de Janeiro.

AB'SABER, A. N. & M. COSTA JÚNIOR

1950. Contribuição ao estudo do sudoeste goiano, entre Itumbiara e Jataí. *Bol. paulista Geogr.* 2 (4): 3-26.
1951. Paisagens rurais do sudoeste goiano, entre Itumbiara e Jataí. *Ibidem* 3 (7): 38-63.

ALMEIDA, F. F. M.

1948. Reconhecimento geomórfico nos planaltos divisores das bacias amazônica e o Prata entre os meridianos 50°E e 56°WG. *Rev. paulista Geogr.* 10 (3): 397-440.

ANDRADE, E. N.

1928. Contribuição para o estudo da entomologia florestal paulista. *Bol. Agric. S. Paulo* 29: 446-453.

ANDRADE, G. O. & R. C. LINS

1964. Introdução ao estudo dos "brejos" pernambucanos. *Arq. Inst. Ci. Terra, Univ. Recife* (2): 21-34.

ARAÚJO, W. A. & P. T. ALVIM

1953. O solo como fator ecológico no desenvolvimento da vegetação no Centro-oeste do Brasil. *Bol. geogr. S. Paulo* 117: 569-578.

ARENS, K.

1958. O cerrado como vegetação oligotrófica. *Bol. Univ. S. Paulo* (224). Botânica (15): 59-73.

## ARNETT, R. H.

1967. Blatchley Collection. *Col. Bull.* 21 (1): 32.

## AURIVILLIUS, C.

1899. Neue oder wenig bekannte Coleoptera Longicornia, 6. *Ent. Tidskr. Stockholm* 20: 259-265.  
1900. Verzeichniss der von Dr. F. Meinert im Jahre 1891 in Venezuela gesammelten Cerambyciden: *Öfvers. VetenskAkad. Förh., Stockholm* 57: 409-421.  
1912. *Coleopterorum Catalogus*, pars 39, 574 pp. W. Junk, Berlin.  
1916. Neue oder wenig bekannte Coleoptera Longicornia, 16. *Ark. Zool., Stockholm* 10 (9): 335-359.  
1927. *Idem*, 22. *Ibidem* 19 (A): 1-23, 1 est.

## AXELROD, D. I.

1958. Evolution of the Madro-Tertiary Geoflora. *Bot. Rev.* 24: 433-509.

## AZEVEDO, L. G.

1959. Tipos de vegetação, p. 108, in *Atlas do Brasil*, 132 pp., mapas. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

## BAILEY, L. H.

1944. *The standard cyclopedia of Horticulture*, 3 vol., 3639 pp., The Macmillan Co., New York.

## BALLOU, C. H.

1945. Notas sobre insectos daniños observados en Venezuela 1938-1944. Datos tomados en la epoca en que causaron daños de consideracion. *Cuadernos Verdes del Comité Organizador*, Caracas (34): 1-151 pp.

## BARBOSA, O.

1958. Geomorfologia do Território do Rio Branco. *Not. Geomorf. Campinas*, 1 (1): 16-18.

## BATES, H. W.

1870. Contributions to an insect Fauna of the Amazon Valley. *Trans. Ent. Soc. London* 1870: 243-335.  
1872. On the longicorn Coleoptera of Chontales, Nicaragua. *Ibidem* 1872: 163-238.  
1879-85. *Biologia Centrali-Americana*, Coleoptera 5: XII+436 pp., 25 pls. London.  
1892. Additions to the Longicornia of Mexico and Central America, with remarks of the previously record species. *Trans. Ent. Soc. London* 1892: 143-183, 3 pls.

## BEARD, J. S.

1953. The savanna vegetation of northern tropical America. *Ecol. Monogr.* 23 (2): 149-215.

BELON, R. P. F. M.-J

1896. Contribution à l'étude des longicornes de Bolivie. *Ann. Soc. Ent. Lyon* 43: 241-255.

BERG, F. G. C.

1889. Quadraginta Coleoptera nova Argentina. *An. Univ. B. Aires* 6: 105-157.

BERNARDES, L. M. C.

1959. Clima, p. 106, in *Atlas do Brasil*, 132 pp., mapas. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

BERTELS, A. & O. BAUCKE

1966. Segunda relação das pragas das plantas cultivadas no Rio Grande do Sul. *Pesq. agropec. brasil.* 1: 17-46.

BEUTENMULLER, W.

1896. Food-habits of North American Cerambycidae. *J. N. Y. ent. Soc.* 4: 73-81.

BIEZANKO, C. M. & J. M. BOSQ

1956. Cerambycidae de Pelotas e seus arredores. *Agros Pelotas* 9 (3-4): 3-16.

BIGARELLA, J. J. & G. O. ANDRADE

1965. Contribution to the study of the Brazilian Quaternary. *Geol. Soc. Amer., Sp. Pap.* (84): 433-451.

BIGARELLA, J. J., M. R. MOUSINHO & J. X. SILVA

1965. *Processes and environments of the Brazilian Quaternary*. 71 pp., Symp. Cold Clim. Proc. Environm., INQUA Congr., Fairbanks, Alaska.

BLACKMAN, M. W. & H. H. STAGE

1924. On the succession of insects living in the bark and wood of dead, dying, and decaying hickory. *N. Y. State Coll. Forestry Tech. Publ.* 17: 1-240.

BLACKWELDER, R. E.

1946. Checklist of the coleopterous insects of Mexico, Central America, the West Indies and South America. *Bull. U. S. Nat. Mus.* 185 (4): 551-763.

BLAIR, K. G.

1933. Further Coleoptera from the Galapagos Archipelago. *Ann. Mag. nat. Hist.* 11 (10): 471-487.

BLAND, W. S.

1863. Catalogue of the longicorn Coleoptera taken at the vicinity of Philadelphia. *Proc. ent. Soc. Philad.* 1: 93-101.

## BLATCHLEY, W. S.

1910. The Coleoptera beetles of Indiana. *Bull. Indiana Dep. Geol. Nat. Res.* (1): 1-1386.
1919. Some new or scarce Coleoptera from western and southern Florida, II. *Canad. Ent.* 51: 28-32.
1920. Notes on the winter Coleoptera of western and southern Florida, with descriptions of new species. *Ibidem* 52: 68-72.

## BORGMEIER, T.

1949. José Francisco Zikán (1881-1949). *Rev. Ent. Rio de Janeiro* 20: 647-652.

## BOSQ, J. M.

1934. Primera lista de los coleopteros de la República Argentina daños a la agricultura. *Bol. Minist. Agric. B. Aires* 36 (4): 313-346.
1942. Segunda lista de Coleoptera de la República Argentina daños a la Agricultura. *Ing. Agron. B. Aires* 4 (18): 17-26; (19): 49-63; (20): 93-111; (21): 153-176; (22): 188-199.
1943. *Segunda lista de coleopteros de la República Argentina, daños a la agricultura*, 33 pp., Minist. Agric., Direc. Sanidad Vegetal, Buenos Aires.
1944. Agregados al catálogo de los longicornios de la República Argentina. *Rev. argent. Zoogeogr.* 3 (3): 103-112.
1949. Anotaciones relativas a una lista de fauna local sobre cerambicidos argentinos. *Rev. Soc. ent. Argent.* 14: 194-203.

## BOSQ, J. M. &amp; A. RUFFINELLI

1951. Notas para el catálogo de los cerambicidos del Uruguay. *Comun. zool. Mus. Montevideo* 3 (62): 1-32.

## BRIMLEY, C. S.

1938. *The insects of North Carolina, being a list of the insects of North Carolina and their close relatives.* 560 pp., N. Carolina Dept. Agric., Div. Ent., Raleigh.

## BROWN, F. M.

1941. A gazetteer of entomological stations in Ecuador. *Ann. Ent. Soc. Amer.* 34 (4): 809-851.

## BRUCH, C.

1908. Longicorneos argentinos nuevos o poco conocidos. *Rev. Mus. La Plata* 15: 198-220.
1912. Catálogo sistemático de los coleópteros de la República Argentina, Parte VIII. *Ibidem* 18: 179-226.
1926. Cerambicidos nuevos o poco conocidos. *Physis*, B. Aires, 8: 338-348.

## BUCK, P.

1959. Cerambycidae in der Sammlung des Instituto Anchieta de Pesquisas. *Pesquisas, Pôrto Alegre*, 3: 577-609.



## BURMEISTER, H. C. C.

1865. *Longicornia argentina*. Systematische Uebersicht der Bockkäfer der La Plata-Staaten. *Stettin. ent. Ztg.* 26: 156-181.

## CAILLEUX, A. &amp; J. TRICART

1959. Zonas fitogeográficas e morfoclimáticas do Quaternário do Brasil. *Not. Geomorf.*, Campinas, 2 (4): 12-17.

## CAMARGO, A. P.

1963. Clima do Cerrado, pp. 93-115, in *Simpósio sobre o Cerrado*, 424 pp., Univ. S. Paulo, São Paulo.

## CAMP, W. H.

1947. Distribution patterns in modern plants and the problems of ancient dispersals. *Ecol. Monogr.* 17: 159-183.  
1952. Phytophyletic patterns in lands bordering the south Atlantic basin. *Bull. Amer. Mus. nat. Hist.* 99 (3): 205-212.

## CÁRDENAS, M.

1945. Aspecto general de la vegetación de Bolivia, pp. 312-313, in Verdoon, F. (ed.), *Plants and Plant Science in Latin America XXII*+381 pp., Chronica Botanica Co., Waltham.

CARPENTER, F. M., *et al.*

1937. Insects and Arachnids from Canadian amber. *Univ. Toronto Stud. Geol.* (40): 7-55.

## CARPENTER, M. M.

1945. Bibliography of biographies of Entomologists. *Amer. Midl. Nat.* 33 (1): 1-116.

## CASEY, T. L.

1912. Studies in the Longicornia of North America. *Mem. Col.*, Lancaster, 3: 1-192.  
1924. Additions to the known Coleoptera of North America. *Ibidem* 11: 1-347.

## CASTELNAU, F.L.N.C. LAPORTE, COMTE DE

1840. *Histoire Naturelle des Insectes Coléoptères* 2: 1-563, 38 pls. P. Duménil. Paris.

## CHABRILLAC, F.

1857. Description de treize espèces nouvelles de cérambycides. *Arch. Ent.* 1: 194-200.

- CHAMPION, G. C.  
1914. Revision of the Mexican and Central American Chauliognathinae (Fam. Telephoridae), based on the genital armature of the males. *Trans. Ent. Soc. London* 1914: 126-168, 338.
- CHAMPLAIN, A. B., H. B. KIRK & J. N. KNULL  
1925. Notes on Cerambycidae. *Ent. News* 36: 105-109.
- CHANEY, R. W.  
1947. Tertiary centers and migration routes. *Ecol. Monogr.* 17: 140-148.  
17: 140-148.
- CHEMSAK, J. A.  
1966a. Descriptions and records of West Indian Cerambycidae. *Proc. U. S. nat. Mus.* 118 (3526): 209-220.  
1966b. Immature and mating behaviour of *Neocompsa alacris* (Bates). *Pan-Pacific Ent.* 42: 98-101.
- CHEMSAK, J. A. & E. G. LINSLEY  
1963. The genera of Hesperophanina Cerambycidae presently known from Mexico, with descriptions of several new species. *J. Kansas ent. Soc.* 36 (4): 207-230.
- CHEVALIER, A.  
1949. Observação sôbre a flora e a vegetação do Brasil. *Bol. geogr.*, S. Paulo, 7 (78): 623-625.
- CHEVROLAT, L. A. A.  
1862. Révision des genres *Eriphus* et *Mallosoma* Serville, du groupe des Clytides, et description de trois nouveaux genres dont un doit être rapporté au groupe des Callidiites. *Ann. Soc. ent. Fr.* 2 (4): 747-763.
- COSTA LIMA, A. M. DA  
1930. Suplemento ao segundo catálogo sistemático... e ensaio da bibliografia entomológica brasileira. *O Campo*, Rio de Janeiro, 1 (7): 38-48; (8): 84-91; (9): 28-31; (10): 29-31; (11): 66-69; (12): 41-46.  
1936. *Terceiro catálogo dos insectos que vivem nas plantas do Brasil*, 460 pp., Escola Nacional de Agronomia, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro.  
1955. *Insetos do Brasil* 9: 1-289, Série didática (11), Escola Nacional de Agronomia, Rio de Janeiro.
- CRAIGHEAD, F. C.  
1923. North American Cerambycidae larvae. A classification and biology of the North American Cerambycidae larvae. *Canada Dept. Agr. Ent. Bull.* 23: 1-238, 44 pls.
- DALMAN, J. W.  
1823. *Analecta Entomologica*, 104 pp., 4 pls. Holmiae.

DARLINGTON, JR., P. J.

1963. *Zoogeography, the geographical distribution of animals*, 2<sup>a</sup> Ed., 675 pp., John Wiley & Sons, New York - London.

DEJEAN, P. F. M. A.

1836. *Catalogue des Coléoptères de la Collection de M. le comte Dejean*, 3. Ed., 468 pp., Paris.

DOZIER, H. L.

1918. An annotated list of Gainesville, Florida, Coleoptera. *Ent. News* 29: 331-335.

DUCKE, A. & G. A. BLACK

1954. Notas sobre a fitogeografia da Amazônia brasileira. *Bol. téc. Inst. Agron. Norte*, Belém, (29): 1-62.

DUELLEMAN, W. E.

1958. A preliminary analysis of the herpetofauna of Colima, Mexico. *Occ. Pap. Mus. Zool. Univ. Mich.* (589): 1-22.  
 1960. A distributional study of the Amphibians of the Isthmus of Tehuantepec, Mexico. *Publ. Mus. nat. Hist. Univ. Kansas* 13 (2): 19-72.  
 1963. Amphibians and Reptiles of the Rainforests of Southern El Petén, Guatemala. *Ibidem* 15 (5): 205-249.  
 1965. A biogeographic account of the herpetofauna of Michoacán, México. *Ibidem* 15 (14): 627-709.

DUFFY, E. A. J.

1953. *A monograph of the immature stages of British and imported timber beetles* (Cerambycidae), VIII+350 pp., 8 pls., 292 figs., front. British Museum (Natural History), London.  
 1960. *A monograph of the immature stages of Neotropical timber beetles* (Cerambycidae), [7]+327 pp., 13 pls., 176 figs., front. British Museum (Natural History), London.

DUGÉS, E.

1901. *Catálogo de la colección de coleopteros mexicanos del Museo Nacional*, 2<sup>a</sup> Ed., 148 pp., México.

DURHAM, J. W.

1957. Amber through the ages. *Pacific Discovery* 10 (2): 3-5.

DURY, C.

- 1906-08. A Revised list of the Coleoptera observed near Cincinnati, Ohio, with notes on localities, bibliographical references, and description of new species. *J. Cincinnati Soc. Nat. Hist.* 20: 107-196.

EEERT, H.

1959. Novas observações sobre a glaciação pleistocênica na serra do Itatiaia (Nota preliminar). *An. Acad. bras. Ci.*, Rio de Janeiro, 31 (4): XXXIX.

## ERICHSON, W. F.

1847. *Conspectus insectorum coleopterorum quae in Republica Peruana observata sunt.* *Arch. Naturgesch.*, Berlin, 13: 67-185.

## FABRICIUS, J. C.

1792. *Entomologia systematica* 1: 330+538 pp., Hafniae.  
1798. *Supplementum entomologiae systematicae*, 572 pp., Hafniae.  
1801. *Systema eleutheratorum* 1: 506 pp.; 2: 687 pp., Kiliae.

## FALL, H. C.

1925. New species of Coleoptera or recent discovery. *Bull. Brooklyn ent. Soc.* 20: 180-183.

## FATTIG, P. W.

1947. The Cerambycidae or long-horned beetles of Georgia. *Emory Univ. Mus. Bull.* (5): 1-48.

## FISHER, W. S.

1932. New West Indian cerambycid beetles. *Proc. U. S. nat. Mus.* 80 (22): 1-93.  
1937. New neotropical Cerambycidae. *Rev. Ent.*, Rio de Janeiro, 7: 145-154.  
1944. Cerambycidae of Caripito, Venezuela. *Zoologica*, New York, 29: 3-12.

## FISHER, W. S. &amp; H. B. KIRK

1912. Cerambycidae from Harrisbourg, Pennsylvania, and vicinity, with notes. *Ent. News* 23: 308-316.

## FLEUTIAUX, E.

1892. *Petite faune élémentaire des Coléoptères de la Guadeloupe.* 87 pp., Imprimerie du Government, Basse Terre.

## FLEUTIAUX, E. &amp; A. SALLÉ

1889. Liste de coléoptères de la Guadeloupe et descriptions d'espèces nouvelles. *Ann. Soc. ent. Fr.* 9 (6): 351-484.

## FRANZ, E.

1954. Cerambycidae aus El Salvador. *Senckenbergiana* 34 (4/6): 213-229, 1 pl. 213-229, 1 est.

## FROST, C. A.

1915. List of Coleoptera collected from Tanglefoot. *Ent. News* 26: 269-270.

## GAHAN, C. J.

1895. On the longicorn Coleoptera of the West Indies. *Trans. Ent. Soc. London* 1895: 79-140.
1906. *The fauna of British India, including Ceylon and Burma, Coleoptera 1: XVIII*+329 pp., Taylor & Francis, London.

## GAHAN, C. J. &amp; G. J. ARROW

1903. List of Coleoptera collected by Mr. A. Roberts at Chapada, Matto Grosso (Percy Sladen Expedition to Central Brazil). *Proc. zool. Soc. London* 2: 244-258.

## GALVÃO, M. V.

1960. Clima, pp. 71-117 in *Geografia do Brasil* 2, 452 pp., Grande Região Centro Oeste, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

## GALVÃO, M. V. &amp; E. NIMER

1965. Clima, pp. 91-139 in *Geografia do Brasil* 5, 486 pp., Grande Região Leste, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

## GARNETT, R. T.

1918. An annotated list of the Cerambycidae of California. *Canad. Ent.* 50: 172-177, 205-213, 248-252, 281-284.

## GEIGER, P. P.

1960. Geomorfologia, pp. 11-59 in *Geografia do Brasil* 2, 452 pp., Grande Região Centro Oeste, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

## GERMAIN, P.

1897. *Apuntes entomológicos. Los longicornios chilenos*, 247 pp., 3 pls. Santiago.

## GERMAR, E. F.

1824. *Insectorum species novae, aut minus cognitae, descriptionibus illustratae*, 624 pp., Halae.

## GILMOUR, E. F.

1963. Some Caribbean Coleoptera Cerambycidae. *Naturwet. Stud. Suriname*, Hague, 18 (34): 75-102, 3 pls.
1968. The Coleoptera Cerambycidae of Curacao, Bonaire and Aruba. *Ibidem* 25: 83-179, pls. 9-18.

## GOLDMAN, E. A. &amp; R. T. MOORE

1946. The biotic provinces of Mexico. *J. Mammal.* 26: 347-360.

## GOUNELLE, E.

- 1909a. Listes des Cérambycides de la Région de Jatahy, État de Goyaz, Brésil. *Ann. Soc. ent. Fr.* 77: 587-688.

- 1909b. Contribution à l'étude de la distribution géographique des Trochilides dans le Brésil central et oriental. *Ornis* 13: 173-183.
1910. Mission géodésique de l'Equador. Collections recueillies par le Dr. Rivet. Coléoptères: Cérambycides. *Bull. Mus. Hist. nat. Paris* 16: 15-19.
1913. Chasses de M. E.-R. Wagner, correspondant du Muséum dans les provinces du nord de la République Argentine, Cérambycides nouveaux ou peu connus. *Ibidem* 19: 193-231.
- GRESSIT, J. L.
1951. Longicorn beetles of China. *Longicornia*, Paris, 2: 1-667, 22 pls.
- GRISCOM, L.
1950. Distribution and origin of the birds of Mexico. *Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard* 103: 341-382.
- GUÉRIN, J.
1953. *Coleopteros do Brasil*, 356 pp., 41 est., São Paulo.
- GUERRA, A. T.
1959. Estrutura geológica. Relêvo e litoral, pp. 17-60 in *Geografia do Brasil* 1, 422 pp., Grande Região Norte, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.
- GUIA POSTAL E TELEGRÁFICO DO BRASIL,
1957. 1347 pp., Rio de Janeiro.
- HALDEMAN, S. S.
1847. Materials towards a history of the Coleoptera Longicornia of the United States. *Trans. Amer. phil. Soc.* 10: 27-66.
- HAFER, J.
- 1967a. Speciation in Colombian forest birds west of the Andes. *Amer. Mus. Nov.* (2294): 1-57.
- 1967b. Zoogeographical notes of the "nonforest" lowlands birds of northwestern South America. *Hornero*, B. Aires, 10 (4): 315-333.
1969. Speciation in Amazonian forest birds. *Science* 165 (3889): 131-137.
- HALFFTER, G.
1964. La entomofauna americana. Ideas acerca de su origen y distribución. *Folia ent. mexicana* 6: 1-108.
- HAMILTON, J.
1895. Catalogue of the Coleoptera of southwestern Pennsylvania, with notes and descriptions. *Trans. Amer. ent. Soc.* 21: 1-38.

## HANSON, E. P. (ed.)

1945. *Index to map of Hispanic America* 1:1,000,000, 923 pp., Amer. Geogr. Soc. Publ. (5), U. S. Government Printing Office, Washington, D. C.

## HATCH, M. H.

1926. Paleocoleopterology. *Bull. Brooklyn ent. Soc.* 21 (4): 137-144.

## HAYWARD, K. J.

1942. Primeira lista de insectos tucumanos prejudiciais. *Est. Exper. Agr. Tucumán*, Publication miscelanea (1): 1-110.

## HERSHKOVITZ, P.

1966. Mice, land bridges and Latin American Faunal interchange, pp. 725-751 in Wenzel, R. L. & V. J. Tipton (ed.), *Ectoparasites of Panama* XII+861 pp. Field Museum of Natural History, Chicago.

## HEYROVSKY, L.

1955. *Fauna CSR*. Svazek 5. Tesarikoviti (Cerambycidae), 347 pp., 8 pls., 48 figs., Ceskosl. Akad. Ved, Sekce biol., Praga.

## HORN, G. H.

1894. The Coleoptera of Baja California. *Proc. Calif. Acad. Sci.* 4 (2): 302-449.

## HORN, W. &amp; I. KAHLE

- 1935-37. Über entomologische Sammlungen, Entomologen & Entomo-Museologie. *Ent. Beihft. Berlin-Dahlem* 2: VI+160 (1935); 3: 161-296 (1936); 4: 297-536 (1937), 34 pls.

## HUECK, K.

1957. Sobre a origem dos campos cerrados do Brasil e algumas novas observações no seu limite meridional. *Rev. bras. Geogr.* 19 (1): 67-82.  
1966. *Die Wälder Südamerikas*, XVIII+422 pp., Stuttgart.

## JANZEN, D. H.

1967. Why mountain passes are higher in the tropics? *Amer. Nat.* 101 (919): 233-249.

## JEANNEL, R.

1949. Les insectes fossiles, pp. 18-85 in Grassé, P. P. (ed.), *Traité de Zoologie* 9: 1-117, Masson et Cie., Paris.

## KERR, W. E. &amp; W. MAULE

1964. Geographic distribution of stingless bees and its implications. *J. N. Y. ent. Soc.* 72: 1-18.

## KNULL, J. N.

1946. The long-horned beetles of Ohio. *Bull. Ohio biol. Surv.* 7 (4): 133-354, 29 pls.

## KUHLMAN, E.

1960. Os tipos de vegetação, pp. 119-144 in *Geografia do Brasil* 2, 452 pp., Grande Região Centro Oeste, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

## LABOURIAU, L. G.

1963. Problemas da fisiologia ecológica dos cerrados, pp. 233-276, in *Simpósio sobre o Cerrado*, 424 pp., Univ. S. Paulo, São Paulo.

## LACORDAIRE, J. T.

1869. *Genera des Coléopteres ou exposé méthodique...* 8: 1-552, Librairie Encyclopédique de Roret, Paris.

## LAMEERE, A. A. L.

- 1884a. Matériaux pour la faune des Petites-Antilles. Longicornes recuillis par M. Purves a Antigoa. *Ann. Soc. ent. Belg.* 28: 100-101.  
1884b. Longicornes recuillis par feu Camille Van Volxem au Brésil et a La Plata. *Ibidem* 28: 83-99.  
1893. Voyage de M. E. Simon au Venezuela. *Ann. Soc. ent. Fr.* 62: 273-280.

## LANE, F.

1959. Three new genera of Ibdionini. *J. N. Y. ent. Soc.* 67: 13-19.

## LECONTE, J. L.

1850. An attempt to classify the longicorn Coleoptera of the part of America north of Mexico. *J. Acad. nat. Sci. Philad.* 2 (2): 5-38; 1 (2): 311-340.  
1862. Note on the classification of Cerambycidae, with descriptions of new species. *Proc. Acad. nat. Sci. Philad.* 14: 38-43.  
1873. New species of North American Coleoptera. *Smithson. misc. Coll.* 264: 169-348.

## LECONTE, J. L. &amp; G. H. HORN

1883. Classification of the Coleoptera of North America. *Ibidem* 26 (4): XXVII+567 pp.

## LENG, C. W.

1884. Synopses of Cerambycidae. *Bull. Brooklyn ent. Soc.* 7: 112-119.  
1885. Idem. *Ent. Amer. Brooklyn* 2: 27-32, 60-63, 81-83, 102-103, 118-120.

## LENG, C. W. &amp; A. J. MUTCHLER

1914. A preliminary list of the Coleoptera of the West Indies as recorded to January 1, 1914. *Bull. Amer. Mus. nat. Hist.* 33: 391-493.  
1927. *Supplement 1919-1924 (inclusive) to the catalogue of the Coleoptera of North America, north of Mexico*, 78 pp., Mount Vernon, New York.



LEONARD, M. D. *et al.*

1928. A list of the insects of New York, with a list of spiders and certain other allied groups. *Mem. Cornell agric. Exp. Sta.* 101: 1-1121.

## LEOPOLD, A.-S.

1950. Vegetation zones of Mexico. *Ecology* 31: 507-518.

## LIMA, D. A.

1960. Estudos fitogeográficos de Pernambuco. *Arq. Inst. Pesq. agron.* 5: 305-341.  
 1966a. Esbôço fitoecológico de alguns "brejos" de Pernambuco. *Inst. Pesq. agron., Bol. téc.* (8): 3-10.  
 1966b. Contribuição ao estudo do paralelismo da flora amazônico-nordestina. *Ibidem* (19): 1-30.

## LINELL, M. L.

1896. Descriptions of new species of North American Coleoptera in the families Cerambycidae and Scarabaeidae. *Proc. U. S. nat. Mus.* 19: 393-401.

## LINSLEY, E. G.

- 1935a. Studies in the longicornia of Mexico. *Trans. Amer. ent. Soc. Philad.* 61: 67-102.  
 1935b. Cerambycidae from the Revillagegedo Islands, Mexico. *Pan-Pacific Ent.*, 11: 72-74.  
 1935c. New species of neotropical longicorn beetles. *Stylops* 4: 109-113.  
 1935d. Notes and descriptions of new or little known neotropical Ibidionini. *Rev. Ent.*, Rio de Janeiro, 5 (4): 479-486.  
 1942a. A review of the fossil Cerambycidae of North America. *Proc. New Engl. Zool. Cl.* 21: 17-42.  
 1942b. Contributions toward a knowledge of the insect fauna of Lower California. *Proc. Calif. Acad. Sci.* 24 (2): 21-96.  
 1957a. Descriptions and records of some Cerambycidae from Baja California. *Bull. S. Calif. Acad. Sci.* 56 (2): 85-87.  
 1957b. New longicorn beetles from Texas. *Ent. News* 68: 159-161.  
 1958a. An addition to the known cerambycid fauna of the Revillagegedo Archipelago. *Bull. S. Calif. Acad. Sci.* 57 (1): 49-50.  
 1958b. Geographical origins and phylogenetic affinities of the cerambycid beetle fauna of western North America, pp. 299-320 in *Zoogeography*, 509 pp., Amer. Assoc. Adv. Sci., Publ. (51), Washington, D. C.  
 1961. The Cerambycidae of North America, part I. Introduction. *Univ. Calif. Publ. Ent.* 18: 1-97, 35 pls.  
 1962. Idem, part III. Taxonomy and classification of the subfamily Cerambycinae, tribes Opsimini through Megaderini. *Ibidem* 20: XII+188 pp.  
 1963. Idem, part IV. Taxonomy and classification of the subfamily Cerambycinae, tribes Elaphidionini through Rhinotragini. *Ibidem* 21: X+165 pp.

## LINSLEY, E. G. &amp; J. A. CHEMSAK

- 1966a. Cerambycidae of the Galapagos Islands. *Proc. Calif. Acad. Sci.* 33 (8): 197-236.  
 1966b. Cerambycidae of the Cocos Islands. *Ibidem* 33 (9): 237-248.  
 1966c. Cerambycidae of the Revillagegedo Islands. *Ibidem* 33 (10): 249-254.

## LINSLEY, E. G. &amp; J. O. MARTIN

1933. Notes on some longicorns from subtropical Texas. *Ent. News* 44: 178-183.

## LINSLEY, E. G. &amp; R. L. USINGER

1966. Insects of the Galápagos Islands. *Proc. Calif. Acad. Sci.* 33 (7): 113-196.

## LÖDING, H. P.

1933. Alabama Coleoptera not generally listed from the gulf coast States of the Mississippi river, Fla., Ga., Ala., and Miss. *Bull. Brooklyn ent. Soc.* 28 (4): 139-151.
1945. *Catalogue of the beetles of Alabama*, 172 pp., *Geol. Surv. Alabama*, Monograph 11, University, Alabama.

## LUCAS, P. H.

- 1857-59. *Animaux nouveaux ou rares recuillis pendant l'expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*, ... 204 pp., 18 pls. Chez P. Bertrand, Paris.

## LUCAS, R.

1920. *Catalogus alphabeticus generum et subgenerum coleopterorum orbis terrarum totius 1*: 1-696, Berlin.

## MAAK, R.

1948. Notas preliminares sobre clima, solos e vegetação do Estado do Paraná. *Arq. Biol.*, Curitiba, 3: 99-200, est. 32-56.

## MAGNANINI, A.

1965. Vegetação, pp. 141-176 in *Geografia do Brasil* 5, 486 pp., Grande Região Leste, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.

## MARTIN, P. S.

1958. A biogeography of reptiles and amphibians in the Gomez Farias region, Tamaulipas, Mexico. *Misc. Publ. Mus. Zool. Univ. Mich.* (101): 1-102.

## MARTIN, P. S. &amp; B. E. HARREL

1957. The Pleistocene history of temperate biotas in Mexico and eastern U. S. *Ecology* 38 (3): 468-480.

## MARTINS, U. R.

- 1959a. Ibdionini (Col., Cerambycinae) I. Gêneros de escapo cicatricoso. *Papéis Avulsos Dep. Zool.*, S. Paulo, 13: 265-273, 16 figs.
- 1959b. *Idem*, II. O gênero *Sydax* Lacordaire. *Ibidem* 13: 297-302, 9 figs.
- 1959c. *Idem*, III. Notas sobre o gênero *Tetroplon* Aurivillius. *Ibidem* 13: 321-327, 9 figs.
- 1959d. *Idem*, IV. Comentários, redescrição e espécies novas do gênero *Hexoplon* Thomson. *Ibidem* 13: 339-349, 5 figs.
- 1960a. *Idem*, V. Comentários e descrição de novas espécies do gênero *Gnomidolon* Thomson. *Ibidem* 14: 1-10.

- 1960b. *Idem*, VI. Gêneros de corpo parcialmente seríceo-piloso. *Ibidem* 14: 17-29, 14 figs.
- 1960c. *Idem*, VII. Gênero *Phormesium* Thomson — Breves comentários e espécies novas. *Ibidem* 14: 53-56, 13 figs.
- 1960d. *Idem*, VIII. Sobre duas espécies do gênero *Cynidolon* Thomson. *Ibidem* 14: 71-74, 11 figs.
- 1960e. *Idem*, IX. Novas espécies do gênero *Octoplon*. *Ibidem* 14: 85-92, 10 figs.
- 1960f. *Idem*, X. Novas espécies do gênero *Ibidion* Serville. *Ibidem* 14: 93-98, 3 figs.
- 1960g. *Idem*, XI. Gêneros de pronoto enrugado. *Ibidem* 14: 105-113, 11 figs.
- 1960h. *Idem*, XII. Gêneros cujas espécies possuem olhos largamente separados na parte superior da cabeça. *Ibidem* 14: 115-119, 5 figs.
- 1960i. *Idem*, XIII. Sobre um novo gênero e uma nova espécie. *Ibidem* 14: 153-155, 4 figs.
- 1960j. *Idem*, XIV. Novas espécies dos gêneros *Heterachthes* e *Octoplon*. *Ibidem* 14: 173-182, 11 figs.
1961. *Idem*, XVI. Gêneros com antenas de doze artículos. *Ibidem* 14: 187-191, 9 figs.
- 1962a. *Idem*, XV. Novas espécies. notas sinonímicas, redescritções. *Ibidem* 14: 267-310, 41 figs.
- 1962b. *Idem*, XVII. Redescritções e espécies novas. *Ibidem* 15: 1-14, 17 figs.
- 1962c. *Idem*, XIX. Gênero *Ibidion* Serville: espécies próximas de *signatum* Serville. *Ibidem* 15: 49-62, 15 figs.
- 1962d. *Idem*, XX. Descritções, redescritções e novas combinações. *Ibidem* 15: 91-110, 9 figs.
- 1962e. *Idem*, XVIII. Um novo gênero e novas espécies. *Ibidem* 15: 127-162, 39 figs.
- 1964a. *Idem*, XXI. *Ibidem* 16: 129-143, 11 figs.
- 1964b. *Idem*, XXII. Transferência de espécies de *Ibidionini* para *Achrysonini*. *Ibidem* 16: 191-197, 2 figs.
- 1964c. *Idem*, XXIII. Sobre *Ibidion maronicum* Thomson, 1867, espécie polimórfica. *Ibidem* 16: 207-212, 1 fig.
- 1965a. *Idem*, XXIV. Divisão do gênero *Compsa* Perty. *Ibidem* 17: 89-107.
- 1965b. *Idem*, XXV. *Ophthalmoplon*, novo gênero com cinco novas espécies. *Ibidem* 17: 119-129, 15 figs.
- 1965c. *Idem*, XXVI. *Ibidionini* do Riksmuseum, Stockholm. *Ibidem* 17: 201-217, 8 figs.
1967. Notas sobre *Cerambycinae* (Col., *Cerambycidae*). *Papéis Avulsos Zool., S. Paulo* 21 (5): 43-53, 3 figs.
1968. *Idem*, II. *Ibidem* 22 (3): 13-30, 8 figs.

## MARTINS, U. R. &amp; J. A. CHEMSAK

1966. Synopsis of the known mexican *Ibidionini*. *J. Kansas ent. Soc.* 39 (3): 454-467.

## MARTONNE, E. DE

1944. Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico. *Rev. bras. Geogr.*, 6 (2): 3-26.

## MAYR, E.

1964. Inferences concerning the Tertiary american bird faunas. *Proc. Nat. Acad. Sci. Washington* 51 (2): 280-288.

## MELZER, J.

1923. Longicorneos do Brazil, novos ou pouco conhecidos. *Notas Preliminares Mus. Paulista* 2 (4): 1-10.

1927. Longicorneos do Brasil, novos ou pouco conhecidos. *Rev. Mus. paulista* 15: 137-202, 7 est.
1931. Longicorneos americanos principalmente do Brasil, novos ou pouco conhecidos, III. *Arq. Inst. Biol.*, S. Paulo, 4: 51-82, 6 est.
1933. Cerambycideos neotropicos, novos ou pouco conhecidos. *Rev. Ent.*, Rio de Janeiro, 3 (3): 367-382.
1935. Novos Cerambycideos do Brasil, da Argentina e de Costa Rica. *Arq. Inst. Biol. veg.*, Rio de Janeiro, 2 (2): 173-205.
- MENDES, J. C.
1967. Evolução geológica da Amazônia. Breve histórico das pesquisas, pp. 1-9 in *Atas do Simpósio sobre a Biotá Amazônica 1* (Geociências): 1-484, Conselho Nacional de Pesquisas, Rio de Janeiro.
- MEYER, F. R.
1967. Larva, pupa and life history of three species of Ibidionini. *Papéis Avulsos Zool.*, S. Paulo, 20: 147-158, 40 figs.
- MULLER, C. H.
1939. Relations of the vegetation and climatic types in Nuevo León, Mexico. *Amer. Midl. Nat.* 21: 687-729.
- MYERS, G. S.
1966. Derivation of the freshwater fish fauna of Central America. *Copeia*, Ann Arbor, 1966 (4): 766-773.
- NEWMAN, E.
1840. Entomological Notes. *Entomologist*, London, 1: 1-223.
- NONFRIED, A. F.
1895. Coleoptera nova exotica. *Berl. ent. Z.* 40: 279-312.
- OLIVEIRA, A. I. & O. H. LEONARDOS
1943. *Geologia do Brasil*, 2ª Ed., 813 pp., Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro.
- PACKARD, A. S.
1881. Insects injurious to forest and shade trees. *Bull. U. S. Ent. Commission* (7): 1-275.
- PARODI, L. R.
1945. Las regiones fitogeográficas argentinas y sus relaciones con la industria forestal, pp. 127-132 in Verdoon, F. (ed.), *Plants and Plant Science in Latin America XXII*+381 pp., Chronica Botanica Co., Waltham.
- PASCOE, F. P.
1866. Notes on *Sphaerion* and *Mallocera*. *Ann. Mag. nat. Hist.* (3) 18: 477-484.

## PATTERSON, B.

1957. Mammalian phylogeny, pp. 15-49 in *Premier Symposium sur la spécificité des parasites des Vertébrés*, 324 pp. Neuchatel.

## PAUWELS, G.

1941. Algumas notas sobre a distribuição do campo e da mata no sul do país e a fixidez do limite que os separa. *Rev. bras. Geogr.* 3 (3): 647-650.

## PAYNTER, JR., R. A.

1955. The ornitogeography of the Yucatan peninsula. *Bull. Peabody Mus. Nat. Hist.*, New Haven, 9: 1-347.

## PERTY, J. A. M.

- 1830-34. *Delectus animalium articulorum quae in itinere per Brasiliam ...*, 224 pp., 40 pls., Monachii.

## PINTO, A. M.

- 1894-99. *Apontamentos para o dicionário geographico do Brasil* 1: XVII+741 pp. (1894); 2: 1-786 (1896); 3: 1-960 (1899), Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

## PITTIER, H. &amp; L. WILLIAMS

1945. A review of the flora of Venezuela, pp. 102-105 in Verdoon, F. (ed.), *Plants and Plant Science in Latin America XXII*+381 pp., Chronica Botanica Co., Waltham.

## PLANET, L.-M.

1924. *Histoire naturelle des longicornes de France*. 386 pp., 301 figs., 3 pls. Paul Lechevalier, Paris.

## PLAVISTSHIKOV, N. N.

1936. *Faune de l'URSS 21*, Insectes Coléoptères. Cerambycidae I, IX+611 pp., 247 figs., Inst. zool. Acad. Sci. URSS, Leningrad.  
1940. *Idem*, 22, Cerambycidae II, XIV+785 pp., 382 figs., Inst. zool. Acad. Sci. URSS, Moscou.

## PROSEN, A. F.

1947. Cerambycoidea de Santiago del Estero. *Rev. Soc. ent. Argent.* 13: 315-334.  
1961. Notas sobre Ibidionini. *An. Inst. med. Regional Resistencia* 5 (3): 125-130.

## RAMBO, B.

1961. Migration routes of the south Brazilian rain forest. *Pesquisas, Pôrto Alegre*, 12: 5-54.

## REDTENEACHER L.

1868. *Reise der österreichischen Fregatte Novara...*, Zoologische Theil, Coleopteren 2: 249 pp., Wien.

## RIZZINI, C. T.

- 1963a. A flora do cerrado. Análise florística das savanas centrais, pp. 125-177 in *Simpósio sobre o cerrado*, 424 pp., Universidade S. Paulo, São Paulo.
- 1963b. Nota prévia sobre a divisão fitogeográfica do Brasil. *Rev. bras. Geogr.* 25 (1): 3-64.
1967. Delimitação, caracterização e relações da flora silvestre hileana, pp. 13-36 in *Atas do Simpósio sobre a biota amazônica 4* (Botânica): 1-280 pp., Conselho Nacional de Pesquisas, Rio de Janeiro.

## ROJAS, M. A. DE

1866. Catalogue des longicornes de la province de Caracas, République de Vénézuéla avec quelques observations sur leurs habitudes. *Ann. Soc. ent. Fr.* 6 (4): 236-248.

## ROJAS, T. &amp; J. P. CARABIA

1945. Breve reseña de la vegetación paraguaya, pp. 121-125 in Verdoon, F. (ed.), *Plants and Plant Science in Latin America XXII*—381 pp., Chronica Botanica Co., Waltham.

## ROSS, H. H.

1956. *A textbook of entomology*, 519 pp., John Willey & Sons, New York.

## SAALAS, U.

1936. Über das Flügelgeäder und die phylogenetische Entwicklung der Cerambyciden. *Ann. Soc. Zool.-bot. fenn. Vanamo*, Helsinki, 4 (1): 1-198, 19 pls.

## SAMPAIO, A. J.

1942. A flora amazônica. *Rev. bras. Geogr.* 4 (2): 313-332.

## SAVAGE, J. M.

1966. The origins and history of the Central America herpetofauna. *Copeia*, Ann Harbor, 1966 (4): 719-766.

## SCHAEFFER, C.

1905. Some additional new genera and species of Coleoptera found within the limit of the United States. *Sci. Bull. Brooklyn Mus.* 1 (7): 141-179.
1908. List of the longicorn Coleoptera collected on the Museum expeditions to Brownsville, Texas, and the Huachuca Mts., Arizona, with descriptions of new genera and species and notes on the known species. *Ibidem* 1 (12): 325-352.

## SCHNELL, R.

1967. Problèmes biogéographiques comparés de l'Hylaea amazonienne et de la forêt dense tropicale d'Afrique, pp. 229-239 in *Atas do Simpósio sobre a biota amazônica 4* (Botânica): 1-280 pp., Conselho Nacional de Pesquisas, Rio de Janeiro.

## SEGADAS-VIANA, F.

1968. Ecology of the Itatiaia range, southeastern Brazil, I — Altitudinal zonation of the vegetation. *Arg. Mus. nac.*, Rio de Janeiro, 53: 7-30.

## SEGADAS-VIANA, F. &amp; L. DAU

1968. Idem, II. Climates and altitudinal climatic zonation. *Ibidem* 53: 31-53.

## SELANDER, R. B. &amp; P. VAURIE

1962. A gazetteer to accompany the "Insecta" volumes of the "Biologia Centrali-Americana". *Amer. Mus. Nov.* (2099): 1-70.

## SERVILLE, J. G. A.

1833. Nouvelle classification de la famille des longicornes. *Ann. Soc. ent. Fr.* 2: 528-573.  
1834. Idem. *Ibidem* 3: 5-110.

## SHARP, A. J.

1946. Informe preliminar sobre algunos estudios fitogeográficos efectuados en Mexico y Guatemala. *Rev. Soc. mex. Hist. Nat.* 7: 35-40.

## SHERMAN, F.

1946. Notes on Cerambycidae of South Carolina. *Ent. News* 57: 125-127.

## SICK, H.

1965. A fauna do cerrado. *Arq. Zool. Est. S. Paulo* 12: 71-93.

## SILVA, A. G. D'A.

- 1952-55. Seis novas brocas da laranjeira, I. Brocas das pontas. *Bol. Fitossanit.*, Rio de Janeiro, 6 (1-2): 35-44.

## SIMPSON, G. G.

1950. History of the fauna of Latin America. *Amer. Sci.* 38 (3): 361-389.

## SLUD, P.

1964. The birds of Costa Rica. Distribution and ecology. *Bull. Amer. Mus. nat. Hist.* 128: 1-430.

## SMITH, A. C.

1945. The vegetation of Guianas, a brief review, pp. 295-297 in Verdoon, F. (ed.), *Plants and Plant Science in Latin America XXII*+381 pp., Chronica Botanica Co., Waltham.

## SMITH, A. C. &amp; I. M. JOHNSTON

1945. A phytogeographic sketch of Latin America, pp. 11-18, *Ibidem*.

## SMITH, H. H.

1922. *Do Rio de Janeiro a Cuiabá*, 372 pp., Cia. Melhoramentos, São Paulo. Cayeiras, Rio de Janeiro.

## SOARES, L. C.

1953. Os limites meridionais e orientais de ocorrência da floresta amazônica em território brasileiro. *Rev. bras. Geogr.* 15 (1): 3-122.

## STIGLICH, G.

1922. *Diccionario Geográfico del Peru*, V+1193 pp. Lima.

## STUART, L. C.

1943. Taxonomic and geographic comments on Guatemalan salamanders of the genus *Oedipus*. *Misc. Publ. Mus. Zool. Univ. Mich.* (56): 1-32.  
 1950. A geographic study of the herpetofauna of Alta Verapaz, Guatemala. *Contr. Lab. Vert. Biol. Univ. Mich.* (45): 1-77.  
 1951. The herpetofauna of the Guatemalan plateau. *Ibidem* (49): 1-71.  
 1958. A study of the herpetofauna of the Uaxactun-Tikal area northern El Petén, Guatemala. *Ibidem* (75): 1-30.  
 1966. The environment of the Central American cold-blooded vertebrate fauna. *Copeia*, Ann Harbor, 1966 (4): 684-699.

## SVENSON, H. K.

1945. The vegetation of Ecuador, a brief review, pp. 304-306 in Verdoon, F. (ed.), *Plants and Plant Science in Latin America XXII*+381 pp., Chronica Botanica Co., Waltham.

## THÉODORIDÈS, J.

1952. Les coléoptères fossiles. *Ann. Soc. ent. Fr.* 121: 23-48.

## THOMSON, J.

1860. *Essai d'une classification de la famille des cérambycides et matériaux pour servir à une monographie de cette famille*. 396 pp., 3 pls., Paris.  
 1864. *Systema cerambycidarum ou ...* *Mem. Soc. Sci. Liège* 19: 1-540.  
 1865. Diagnoses d'espèces nouvelles... *Ibidem* 19: 541-578.  
 1867. *Ibidionitarum species novae*. *Physic Rec. Hist. Nat.* 1 (3): 133-163.  
 1878. *Typi cerambycidarum Musei Thomsoniani*, 21 pp., Paris.

## TIPPMANN, F. F.

1960. Studien über neotropische longicornier, III. *Koleopt. Rdsch.*, Wien, 37-38: 82-217, 14 pls.

## TOWNSEND, C. H. T.

1903. Contribution to an knowledge of the coleopterous fauna of the lower Rio Grande valley in Texas and Tamaulipas, with biological notes and special reference to geographical distribution. *Trans. Texas Acad. Sci.* 5: 49-101.

## TRICART, J.

1958. Alguns problemas geomorfológicos da Bahia. *Not. Geomorf.*, Campinas, 2: 27-32.  
 1959. Divisão morfoclimática do Brasil atlântico central. *Bol. paulista Geogr.* 31: 3-44.



ULKE, H.

1903. A list of the beetles of the District of Columbia. *Proc. U. S. nat. Mus.* 25 (1275): 1-57.

VAN DYKE, E. C.

1953. Coleoptera of the Galapagos Islands. *Occ. Pap. Calif. Acad. Sci.* 22: 1-181.

VANZOLINI, P. E.

1963. Problemas faunísticos do cerrado, pp. 305-321 in *Simpósio sobre o cerrado*, 424 pp., Universidade S. Paulo, São Paulo.

VANZOLINI, P. E. & E. E. WILLIAMS

1970. South American anoles: the geographic differentiation and evolution of the *Anolis chrysolepis* species group (Sauria, Iguanidae). *Arq. Zool.*, S. Paulo, 19 (1-4): 1-298, 5 pls.

VELOSO, H. P.

1946. Considerações gerais sobre a vegetação do Estado de Mato Grosso, I. Notas preliminares sobre o cerrado. *Mem. Inst. O. Cruz* 44 (4): 579-603.  
1966. *Atlas florestal do Brasil*, 82 pp., Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro.

VOGT, G. B.

1949. Notes on Cerambycidae from the lower Rio Grande valley, Texas. *Pan-Pacific Ent.* 25: (3): 137-144.

WAIBEL, L.

1948. A vegetação e o uso da terra no Planalto Central. *Rev. bras. Geogr.* 10 (3): 335-380.

WEEKS, L. G.

1947. Paleogeography of South America. *Bull. Amer. Assoc. Petrol. Geol.*, Oklahoma, 31: (7): 1194-1241, 17 figs.

WETMORE, JR., F. C. & R. H. STEWART

1965. Miocene mammals and Central American sea-ways. *Science* 148: 180-185.

WHITE, A.

1853. *Catalogue of the coleopterous insects in the collection of the British Museum* 7: 1-174, pls. 1-4, London.  
1855. *Idem. Ibidem* 8: 175-412, pls. 5-10, London.

WICKHAM, H. F.

1920. A catalogue of the North American Coleoptera described as fossils, pp. 349-365 in Leng A., *Catalogue of the Coleoptera of North America, north of Mexico*. 470 pp., Mount Vernon, New York.

## WILLIAMS, L.

1945. The phytogeography of Peru, pp. 308-312 in Verdoon, F. (ed.), *Plants and Plant Science in Latin America XXII*, +381 pp., Chronica Botanica Co., Waltham.

## WILLIAMS, S. H.

1931. Cerambycidae from Kartabo, Bartica District, British Guiana. *Ent. News* 42: 222-226.

## WOLCOTT, G. N.

1936. "Insectae Boriquensis". A revised annotated check-list of the insects of Puerto Rico. *J. Agric. Univ. Puerto Rico* 20: 1-627.

## ZAJCIW, D.

1958. Fauna do Distrito Federal, XLVIII. Contribuição para o estudo dos longicórneos do Rio de Janeiro. *Bol. Mus. nac. Rio de Janeiro (n.s.)* (189): 1-26.
1965. Contribuições para o estudo da fauna dos longicórneos do Estado da Paraíba. *Bol. Soc. cearense Agron.* 5: 5-21.

## ZAJCIW, D. &amp; A. RUFINELLI

1962. Fauna de los cerambycidos del Uruguay. *Bol. Facult. Agron. Montevideo* (60): 1-89.

## ZAJCIW, D. &amp; M. A. MONNÉ

1968. Cerambycidos del Uruguay, nuevos o poco conocidos. *Rev. Soc. uruguaya Ent.* 7: 51-61.

## ZIKÁN, J. F. &amp; W. ZIKÁN

1944. A inseto-fauna do Itatiaia e da Mantiqueira. *Bol. Minist. Agric.*, Rio de Janeiro, 33 (8): 1-50.

## ZIKÁN, W. &amp; P. WYGODZINSKY

1948. Catálogo dos tipos de insetos do Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas. *Bol. Serv. Pesq. Agron.* (4): 1-93.

## ZIMSEN, E.

1964. *The type material of I. C. Fabricius*, 656 pp., Muuksgaard, Copenhagen.

## 11. AGRADECIMENTOS

Fico penhorado às seguintes pessoas pelo empréstimo de coleções para estudo: Aduino C. Zunti (IACO), Adelmo Scivittaro (FCMB), Adriano L. Peracchi e Walter Zikán (IEEA), Alberto F. Prosen (P), Aristóteles G. d'Araujo e Silva (DSV), Carlos Alberto Campos Seabra (CCS), Carlos J. Rosales (FAUCV), Dmytro Zajciw (DZ), E. F. Gilmour (CEFG), E. Gorton Linsley e John A. Chemsak (CIS), Elli Franz (SM), Elpídio Amante (EA), Eric Kjellander e Gunnar Hallin (RM), Floyd Werner (UA), Frederico Venetti (ESA), George Wallace (CM), Gregorio Williner (W), Guy Colas e A. Bons (MNH), H. F. Howden (CNC), Hugh B. Leech (CAS), J. Balfour-Browne e Frederico Lane (BM), J. W. Machatschke e R. Gaedike (DEI), Jaroslav Halik (JH), Jesús S. Moure e Renato C. Marinoni (FFUP), José Pinto da Fonseca (IBSP), Julia Vidal Sarmiento e Belindo A. Torres (MLP), Manuel J. Viana (MBA), Miguel A. Monné (FHC), O. L. Cartwright e George Vogt (USNM), Patricia Vaurie (AMNH), Pio Buck e Fernando R. Meyer (MA), P. J. Darlington Jr. (MCZ), Richard von Diringshofen (RvD) e Sebastião de Oliveira (IOC).

Contribuíram com valiosas sugestões, Lindolpho Rocha Guimarães, Paulo Emílio Vanzolini e Renato Lion de Araujo.

Enviaram ou facilitaram acesso a bibliografia E. Gorton Linsley, Frederico Lane, Gonzalo Halffter, John A. Chemsak, Paulo Emílio Vanzolini, Renato Lion de Araujo e Sebastião de Oliveira.

As seguintes pessoas prepararam ilustrações: Delma Vargas Travassos, Giro Pastore, Juventina dos Santos, Lauro Travassos Filho, Maria Aparecida Vulcano, Paulo Emílio Vanzolini e Rolf Grantsau. A preparação dos trabalhos gráficos esteve sob a responsabilidade de Lícia C. Penna e H. Reichardt. Auxiliaram na atualização dos nomes botânicos Therezinha e Sérgio Melhem.

Forneceram informações importantes ou fotografias de tipos: Antonio Martinez, E. Gorton Linsley, Ernest Fuchs, Ezequiel Ogueta, F. Hieke, Frederico Lane, J. O. Hüsing, John A. Chemsak e Roger Damoiseau.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo prestou apóio financeiro para minha viagem à Europa e para confecção das ilustrações; fico especialmente grato a seus diretores científicos W. E. Kerr e W. Saad Hosne. A John Simon Guggenheim Memorial Foundation concedeu-me bolsa de estudos aos Estados Unidos; sou particularmente agradecido a R. Mathias.

## 12. APÊNDICES

- 12.1 Atualização de alguns nomes de Dejean, Chevrolat e Guérin.
- 12.2 Ibidionini da Região de Jataí, Goiás.
- 12.3 Ibidionini de Campinarana, Bahia.

- 12.4 Ibidionini de Córrego do Itá, Minas Gerais-Espírito Santo.
- 12.5 Ibidionini do Rio de Janeiro, Guanabara.
- 12.6 Ibidionini do Itatiaia, Rio de Janeiro.
- 12.7 Ibidionini de Corupá, Santa Catarina.
- 12.8 Ibidionini do nordeste do Rio Grande do Sul.
- 12.9 Acréscimos à parte sistemática.
- 12.10 Elenco.
- 12.11 Índice.

#### 12.1 ATUALIZAÇÃO DE ALGUNS NOMES DE DEJEAN, CHEVROLAT E GUÉRIN

1. *affine* Dej. (*Ibidion*) = *Tropidion investitum* (Martins).
2. *affinis* Dej. (*Stenocorus*) = *T. brevisculum* (Thomson)
3. *albocinctus* Dej. (*Ibidion*) = *Compsibidion truncatum* (Thomson).
4. *amplicornis* Chevr. (*Ibidion*) = *Heterocompsa geniculata* (Thomson).
5. *apicale* Dej. (*Ibidion*) = *Tropidion brevisculum* (Thomson).
6. *apicatum* Dej. (*Ibidion*) = *Compsidion graphicum* (Thomson).
7. *argenteiventris* Chevr. (*Ibidion*) = *C. callispilum* (Bates).
8. *basale* Chevr. (*Ibidion*) = *Tropidion calciope* (Thomson).
9. *basicorne* Chevr. (*Ibidion*) = *Compsibidion campestre* (Gounelle).
10. *bioculatum* Chevr. (*Ibidion*) = *Gnomidolon pictum* (Serville).
11. *bivulneratum* Dej. (*Ibidion*) = *Rhyzium bivulneratum* (Thomson).
12. *brunniceps* Dej. (*Ibidion*) = *Tropidion brunniceps* (Thomson).
13. *cinereiventre* Chevr. (*Ibidion*) = *Thoracibidion striatocolle* (White).
14. *cylindricum* Dej. (*Ibidion*) = *Tropidion periboeoides* (Thomson).
15. *dimidiatum* Dej. (*Ibidion*) = *Hexoplon? affine* (Thomson).
16. *femoratum* Chevr. (*Ibidion*) = *Thoracibidion flavopictum* (Perty).
17. *flavicorne* Dej. (*Ibidion*) = *Heterachthes f. flavicornis* (Thomson).
18. *geniculatum* Dej. (*Ibidion*) = *Tropidion brevisculum* (Thomson).
19. *geniculatum* Dej. (*Ibidion*) = *Tropidion periboeoides* (Thomson).
20. *guttiferum* Dej. (*Ibidion*) = *Rhyzium guttiferum* (Thomson).
21. *guttatum* Chevr. (*Ibidion*) = *Tropidion s. signatum* (Serville).
22. *jekeli* Chevr. (*Ibidion*) = *Gnomidolon biarcuatum* (White).
23. *lineatocolle* Dej. (*Ibidion*) = *Thoracibidion lineatocolle* (Thomson).
24. *mucoreus* Dej. (*Ozodes*) = *Compsibidion sommeri* (Thomson).
25. *nodicornis* Chevr. (—) = *Enggum fusiferum* (Serville).
26. *obscuriceps* Chevr. (*Ibidion*) = *Tropidion brunniceps* (Thomson).
27. *obscuripes* Chevr. (*Ibidion*) = *Minibidion bondari* (Melzer).
28. *orbygnianum* Chevr. (*Ibidion*) = *Tropidion personatum* (Gounelle).
29. *plicatum* Chevr. (*Ibidion*) = *Thoracibidion io* (Thomson).
30. *quadriguttatum* Dej. (*Ibidion*) = *Tropidion sipolisi* (Gounelle).
31. *quadrinotatum* Dej. (*Ibidion*) = *Enggum quadrinotatum* Thomson.
32. *quadrisignatum* Chevr. (*Ibidion*) = *Compsibidion ilium* (Thomson).
33. *quadripilotum* Chevr. (*Ibidion*) = *Neocompsa? eburioides* (Thomson).
34. *rubidum* Chevr. (*Ibidion*) = *Tropidion brunniceps* (Thomson).
35. *seriepilosum* Chevr. (*Ibidion*) = *Heterocompsa geniculata* (Thomson).
36. *guttiferum* Dej. (*Ibidion*) = *Rhyzium guttiferum* (Thomson).
37. *signatum* Dej. (*Ibidion*) = *Tropidion s. signatum* (Serville).
38. *sommeri* Chevr. (*Ozodes*) = *Compsibidion sommeri* (Thomson).
39. *testaceum* Buq. (*Ibidion*) = *Heterocompsa geniculata* (Thomson).
40. *tetraspilotum* Chevr. (*Ibidion*) = *Neocompsa squalida* (Thomson).
41. *variegatum* Dej. (*Ibidion*) = *N. quadrimaculata* (F.)
42. *venustum* Guér. (*Ibidion*) = ? *Compsa flavofasciata* (Thomson).
43. *triangularis* Dej. (*Ozodes*) = *Compsibidion sommeri* (Thomson).

#### 12.2 IBIDIONINI DA REGIÃO DE JATAÍ, GOIÁS

## Rio Verde:

1. *Notosphaeridion scabrosum* (Goun.)
2. *Tropidion signatum* (Serv.)
3. *Thoracibidion flavopictum* (Perty)
4. *T. fasciferum* (Berg)
5. *Neotropidion nodicolle binoculare* (Goun.)
6. *Compsa quadriguttata* (White)

## Mineiros:

1. *Notosphaeridion scabrosum* (Goun.)
2. *Hexoplon carissimum* (White)
3. *H. uncinatum* Goun.
4. *Gnomidolon bipartitum* Goun.
5. *Pronoplon rubriceps* (Goun.)
6. *Minibidion rurigena* (Goun.)
7. *Tropidion balfourbrownei* Martins
8. *T. elegans* (Goun.)
9. *T. sipolisi* (Goun.)
10. *Perissomerus h. hilairei* Goun.
11. *Compsibidion decoratum* (Goun.)
12. *Enggum ludibriosum* Martins
13. *Dodecaibidion modestum* Martins
14. *Heterachthes inustus* Goun.

## Jataí:

1. *Notosphaeridion scabrosum* (Goun.)
2. *Ctenoplon x-littera* (Thoms.)
3. *Glyptoscopus vanettii* Martins
4. *Hexoplon armatum* Auriv.
5. *H. carissimum* (White)
6. *H. juno* Thoms.
7. *H. nigricolle* Goun.
8. *H. praetermissum* Bates
9. *H. reinhardti* Auriv.
10. *H. uncinatum* Goun.
11. *Gnomidolon bipartitum* Goun.
12. *G. brethesi* Bruch
13. *G. cruciferum* (Goun.)
14. *G. elegantulum* Lameere
15. *G. gracile* (Goun.)
16. *G. maculicorne* Goun.
17. *G. pallidicauda* Goun.
18. *G. v. varians* Goun.
19. *Tetroplon c. caudatum* Auriv.
20. *Tetraibidion aurivillii* (Goun.)
21. *Pronoplon rubriceps* (Goun.)
22. *Minibidion punctipenne* Martins
23. *M. rurigena* (Goun.)
24. *Tropidion elegans* (Goun.)
25. *T. epaphum* (Berg)
26. *T. fairmairei* (Goun.)
27. *T. flavipes* (Thoms.)
28. *T. personatum* (Goun.)
29. *T. rubricatum* (Goun.)
30. *T. rusticum* (Goun.)
31. *T. signatum* (Serv.)
32. *T. sipolisi* (Goun.)
33. *T. subcruciatum* (White)
34. *T. supernotatum* (Goun.)
35. *Psiloibidion leucogramma* (Perty)

36. *Diasporidion duplicatum* (Goun.)
37. *Thoracibidion fasciiferum* (Berg)
38. *T. flavopictum* (Perty)
39. *Perissomerus h. hilairei* Goun.
40. *Megapedion lefebvrei* (Goun.)
41. *Gnomibidion fulvipes* (Thoms.)
42. *Neotropidion nodicolle binoculare* (Goun.)
43. *Alcyopsis nigrovittata* Goun.
44. *Compsibidion campestre* (Goun.)
45. *C. decoratum* (Goun.)
46. *C. fairmairei* (Thoms.)
47. *C. graphicum* (Thoms.)
48. *C. omissum* Martins
49. *C. singulare* Goun.
50. *C. sommeri* (Thoms.)
51. *C. thoracicum* (White)
52. *C. unifasciatum* (Goun.)
53. *C. vanum* (Thoms.)
54. *Cycnidolon obliquum* Martins
55. *Ophthalmibidion tetrops* (Bates)
56. *Engyum ludibriosum* Martins
57. *Compsa albopieta* Perty
58. *C. inconstans* Goun.
59. *C. multiguttata* Melzer
60. *C. quadriguttata* (White)
61. *Stenoidion corallinum chapadense* (Goun.)
62. *Heterachthes ebenus* Newm.
63. *H. flavicornis sexsignatus* (Thoms.)
64. *H. inustus* Goun.

#### 12.3 IBIDIONINI DE CAMPINARANA, BAHIA

1. *Epacropion cruciatum* (Auriv.)
2. *Ctenoplon x-littera* (Thoms.)
3. *Trichoplon extremum* (Martins)
4. *Glyptoscopus cicatricosus* Auriv.
5. *Hexoplon ctenostomoides* Thoms.
6. *H. junio* Thoms.
7. *H. nigritarso* Auriv. (var.)
8. *H. praetermissum* Bates (var.)
9. *H. reinhardti* Auriv.
10. *Gnomidolon bipartitum* Goun.
11. *G. cruciferum* (Goun.) (var.)
12. *G. elegantulum* Lameere
13. *G. pictum* (Serv.)
14. *G. primarium* Martins
15. *G. v. varians* Goun.
16. *Tetraibidion aurivillii* (Goun.)
17. *Minibidion bondari* (Melzer)
18. *M. minusculum* (Martins)
19. *Tropidion balfourbrownei* Martins
20. *T. brevisculum* (Thoms.)
21. *T. calciope* (Thoms.)
22. *T. castaneum* Martins
23. *T. citrinum* Martins
24. *T. enochrum* Martins
25. *T. flavipes* (Thoms.)
26. *T. investitum* (Martins)
27. *T. kjellanderi* (Martins)
28. *T. salamis* (Thoms.)
29. *T. s. signatum* (Serv.)

30. *T. sipolisi* (Goun.)
31. *Opacibidion sulcicornis* (White)
32. *Thoracibidion flavopictum* (Perty)
33. *T. lineatocolle* (Thoms.)
34. *Perissomerus h. hilairei* (Goun.)
35. *Megapedion lefebvrei* (Goun.)
36. *Gnomibidion armaticolle* (Martins)
37. *G. cylindricum* (Thoms.)
38. *Neotropidion n. nodicolle* (Dalman)
39. *Bomaribidion angusticolle* (Goun.)
40. *Compsibidion angulare* (Thoms.)
41. *C. campestre* (Goun.)
42. *C. capixaba* (Martins)
43. *C. divisum* Martins
44. *C. fairmairei* (Thoms.)
45. *C. graphicum* (Thoms.)
46. *C. inornatum* (Martins)
47. *C. simillimum* Martins
48. *C. sommeri* (Thomson)
49. *C. trichocerum* (Martins)
50. *C. truncatum* (Thoms.)
51. *C. vanum* (Thoms.)
52. *Tetraopidion mucoriferum* (Thoms.)
53. *Cyenydolon eques* Thoms.
54. *C. minutum* Martins
55. *C. sericeum* Martins
56. *Corimbion vulgare* Martins
57. *Opsibidion flavocinctum* Martins
58. *Engyium carinatum* Martins
59. *E. fusiferum* (Serv.)
60. *E. ludibriosum* Martins
61. *E. quadrinotatum* Thoms.
62. *Cicatrion constricticolle* (Martins)
63. *Microibidion exiguum* Martins
64. *Compsa albopicta* Perty
65. *C. amoena* Fisher
66. *C. inconstans* Goun.
67. ? *C. latifascia* Martins
68. *Neocompsa albopilosa* (Martins)
69. *Pygmodeon andreae* (Germar)
70. *Heterachthes f. flavicornis* (Thoms.)
71. *H. longiscapus* Martins
72. *H. phoracanthoides* (White)
73. *H. sexsignatus* (Serv.)
74. *H. symbolus* Martins

#### 12.4 IBIDIONINI DE CÓRREGO DO ITÁ, MINAS GERAIS-ESPÍRITO SANTO

1. *Epacroplon cruciatum* (Auriv.)
2. *Trichoplion extremum* (Martins)
3. *Glyptoscapus cicatricosus* Auriv.
4. *Hexoplion ctenostomoides* Thoms.
5. *H. eximum* Auriv.
6. *H. junio* Thoms.
7. *H. nigritarse* Auriv.
8. *H. reinhardti* Auriv.
9. *Gnomidolon analogum* Martins
10. *G. elegantulum* Lameere
11. *G. pictum* (Serv.)
12. *G. v. varians* Goun.

13. *Minibidion bondari* (Melzer)
14. *Tropidion acanthonotum* (Martins)
15. *T. atricolle* (Martins)
16. *T. brevisculum* (Thoms.)
17. *T. calciope* (Thoms.)
18. *T. investitum* (Martins)
19. *T. periboeoides* (Thoms.)
20. *T. pictipenne* (Martins)
21. *T. s. signatum* (Serv.)
22. *T. sipolisi* (Goun.)
23. *T. suberuciatum* (White)
24. *Homaloidion pinacopterum* (Martins)
25. *Psiloibidion leucogramma* (Perty)
26. *Thoracibidion flavopictum* (Perty)
27. *T. io* (Thoms.)
28. *T. lineatocolle* (Thoms.)
29. *Perissomerus alvarengai* Martins
30. *P. h. hilairei* Goun.
31. *Megapedion lefebvrei* (Goun.)
32. *Gnomibidion denticolle* (Dalm.)
33. *Neotropidion n. nodicolle* (Dalm.)
34. *Ophtalmibidion oculatum* Martins
35. *Bomaribidion angusticolle* (Goun.)
36. *Megaceron antennicrassum* (Martins)
37. *Compsibidion capixaba* (Martins)
38. *C. cleophile* (Thoms.)
39. *C. graphicum* (Thoms.)
40. *C. sommeri* (Thoms.)
41. *C. truncatum* (Thoms.)
42. *Corimbion vulgare* Martins
43. *Engyum quadrinottatum* Thoms.
44. *Microibidion nuticum* (Martins)
45. *Compsa albopicta* Perty
46. *C. amoena* Fisher
47. *C. inconstans* Goun.
48. *Neoccompsa albopilosa* (Martins)
49. *Pygmodeon andreae* (Germar)

#### 12.5 IBIDIONINI DO RIO DE JANEIRO, GUANABARA

1. *Ophtalmoplon aurivillii* Martins
2. *O. diversum* Martins
3. *O. spinosum* Martins
4. *Epacropion cruciatum* (Auriv.)
5. *Ctenoplion x-littera* (Thoms.)
6. *Trichoplion extremum* (Martins)
7. *Glyptoscapus cicatricosus* Auriv.
8. *Hexoplion affine* (Thoms.)
9. *H. ctenostomoides* Thoms.
10. *H. nigrিতarse* Auriv.
11. *H. reinhardti* Auriv.
12. *Gnomidolon bipartitum* Goun.
13. *G. elegantulum* Lameere
14. *G. nympa* Thoms.
15. *G. ornaticolle* Martins
16. *G. pictum* (Serv.)
17. *G. varians adictum* Melzer
18. *Tetraibidion sahlbergi* (Auriv.)
19. *T. aurivillii* (Goun.)



20. *Xenoibidion unicolor* (White)
21. *Minibidion bondari* (Melzer)
22. *M. minusculum* (Martins)
23. *Tropidion bituberculatum* (Serv.)
24. *T. brevisculum* (Thoms.)
25. *T. calciope* (Thoms.)
26. *T. investitum* (Martins)
27. *T. periboeoides* (Thoms.)
28. *T. salamis* (Thoms.)
29. *T. s. signatum* (Serv.)
30. *T. sipolisi* (Goun.)
31. *Thoracibidion flavopictum* (Perty)
32. *T. io* (Thoms.)
33. *T. lineatocolle* (Thoms.)
34. *Perissomerus h. hilairei* Goun.
35. *Megapedion lefebvrei* (Goun.)
36. *Gnomibidion armaticolle* (Martins)
37. *G. denticolle* (Dalm.)
38. *Phocibidion erythrocephalum* (White)
39. *Bomaribidion angusticolle* (Goun.)
40. *Compsibidion amantei* (Martins)
41. *C. angulare* (Thoms.)
42. *C. cleophile* (Thoms.)
43. *C. fairmairei* (Thoms.)
44. *C. graphicum* (Thoms.)
45. *C. guanabarinum* (Martins)
46. *C. ilium* (Thoms.)
47. *C. nigroterminatum* (Martins)
48. *C. niveum* (Martins)
49. *C. quadrisignatum* (Thoms.)
50. *C. sommeri* (Thoms.)
51. *C. truncatum* (Thoms.)
52. *C. vanum* (Thoms.)
53. *C. zikani* (Meizer)
54. *Neoctoplon brunnipenne* (Martins)
55. *Cyuidolon caracence* Martins
56. *C. eques* Thoms.
57. *C. minutum* Martins
58. *Engyum fusiferum* (Serv.)
59. *E. quadrinottatum* Thoms.
60. *Microibidion muticum* (Martins)
61. *Dodecaibidion brasiliense* Martins
62. *Compsa albopicta* Perty
63. *C. amoena* Fisher
64. ? *C. latifascia* Martins
65. *Neocompsa lineolata* (Bates)
66. *Pygmodeon andreae* (Germar)
67. *Heterachthes dimidiatus* (Thoms.)
68. *H. f. flavicornis* (Thoms.)
69. *H. phoracanthoides* (White)
70. *H. sexguttatus* (Serv.)

## 12.6 IBIDIONINI DO ITATIAIA, RIO DE JANEIRO

1. *Ophtalmoplion spinosum* Martins
2. *Ctenoplion x-littera* (Thoms.)
3. *Hexoplion affine* (Thoms.)
4. *H. ctenostomoides* Thoms.
5. *H. nigrirtarse* Auriv.

6. *H. reinhardti* Auriv.
7. *Gnomidolon elegantulum* Lameere
8. *G. nympa* Thoms.
9. *Tropidion bituberculatum* (Serv.)
10. *T. brevisculum* (Thoms.)
11. *T. calciope* (Thoms.)
12. *T. flavipes* (Thoms.)
13. *T. inerme* (Martins)
14. *T. sipolisi* (Goun.)
15. *Opacibidion opacicolle* (Melzer)
16. *Thoracibidion flavopictum* (Perty)
17. *T. lineatocolle* (Thoms.)
18. *Gnomibidion denticolle* (Dalm.)
19. *Compsidion amantei* (Martins)
20. *C. cleophile* (Thoms.)
21. *C. divisum* Martins
22. *C. ilium* (Thoms.)
23. *C. nigroterminatum* (Martins)
24. *C. quadrisignatum* (Thoms.)
25. *C. sommeri* (Thoms.)
26. *C. trichocerum* (Martins)
27. *C. vanum* (Thoms.)
28. *C. zikani* (Melzer)
29. *Neoctoplon brunnipenne* (Martins)
30. *Tetraopidion mucoriferum* (Thoms.)
31. *Cyrenidolon minutum* Martins
32. *Corimbion vulgare* Martins
33. *Engyrum quadrinotatum* Thoms.
34. *Microibidion fluminense* (Martins)
35. *Dodecabidion ornatipenne* Martins
36. *Compsa albopicta* Perty
37. *C. diringshofeni* (Martins)
38. ? *C. latifascia* Martins
39. *Pygmodeon andreae* (Germar)
40. *Heterachthes f. flavicornis* (Thoms.)

## 12.7 IBIDIONINI DE CORUPÁ, SANTA CATARINA

1. *Epacroplon cruciatum* (Auriv.)
2. *Hexoplon ctenostomoides* Thoms.
3. *H. s. speciosum* Fisher
4. *Gnomidolon elegantulum* Lameere
5. *G. nympa* Thoms.
6. *Tetraibidion aurivillii* (Goun.)
7. *Xenoibidion unicolor* (White)
8. *Tropidion brevisculum* (Thoms.)
9. *T. hermione* (Thoms.)
10. *T. investitum* (Martins)
11. *T. salamis* (Thoms.)
12. *T. s. signatum* (Serv.)
13. *Thoracibidion lineatocolle* (Thoms.)
14. *Megaceron australe* (Martins)
15. *Compsibidion graphicum* (Thoms.)
16. *C. meridionale* Martins
17. *C. quadrisignatum* (Thoms.)
18. *C. sommeri* (Thoms.)
19. *C. truncatum* (Thoms.)
20. *C. vanum* (Thoms.)
21. *Neoctoplon brunnipenne* (Martins)
22. *Tetraopidion mucoriferum* (Thoms.)

23. *Heterocompsa truncaticornis* (Martins)
24. *Engyum quadrinottatum* Thoms.
25. *Microibidion muticum* (Martins)
26. *Compsa albopicta* Perty
27. *C. monrosi* (Prosen)
28. ? *C. latifascia* Martins
29. *Pygmodeon andreae* (Germar)
30. *Heterachthes ebenus* Newman
31. *H. flavicornis sexsignatus* (Thoms.)
32. *H. sexguttatus* (Serv.)

#### 12.8 IBIDIONINI DO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL

1. *Cenoplön x-littera* (Thoms.)
2. *Hexoplön ctenostomoides* Thoms.
3. *Gnomidolon elegantulum* Lameere
4. *G. nymp̄ha* Thoms.
5. *G. ornaticolle* Martins
6. *G. v. varians* Goun.
7. *Tetraibidion aurivillii* (Goun.)
8. *Minibidion bondari* (Melzer)
9. *M. minusculum* (Martins)
10. *Tropidion hermione* (Thoms.)
11. *T. investitum* (Martins)
12. *T. salamis* (Thoms.)
13. *T. s. signatum* (Serv.)
14. *Thoracibidion lineatocolle* (Thoms.)
15. *Alcyopis cyanoptera* Pascoe
16. *Compsibidion fairmairei* (Thoms.)
17. *C. graphicum rubricolle* (Melzer)
18. *C. vanium* (Thoms.)
19. *C. zikani* (Melzer)
20. *Tetraopidion mucoriferum* (Thoms.)
21. *Opsibidion flavocinctum* Martins
22. *Engyum quadrinottatum* Thoms.
23. *Microibidion exculptum* Martins
24. *Compsa albopicta* Perty
25. *C. monrosi* (Prosen)
26. *C. multiguttata* Melzer
27. *Pygmodeon andreae* (Germar)
28. *Heterachthes ebenus* Newman
29. *H. flavicornis sexsignatus* (Thoms.)
30. *H. sexguttatus* (Serv.)

#### 12.9 ACRÉSCIMOS À PARTE SISTEMÁTICA

Durante a execução e impressão das partes que precederam, recebi quantidade considerável de material para estudo; êsse material é acrescentado a seguir. Sob "Material examinado" citam-se apenas localidades ainda não registradas.

Coleções estudadas (p. 2)

FAUCV Facultad de Agronomía de la Universidad Central de Venezuela, Maracay.

FCMB Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, São Paulo.

- MBA Museo Argentino de Ciencias Naturales "Bernardino Rivadavia", Buenos Aires.  
 OSU Ohio State University, Columbus.  
 RM Swedish Museum of Natural History, Stockholm (inadvertidamente omitido na lista da p. 2).

## I DIVISÃO

Chave para os gêneros (p. 22)

- 6(5). Lobos superiores dos olhos normais; protórax mais curto do que a largura umeral; (cavidades coxais anteriores abertas atrás; pontuação dos élitros normal; artículo IV das antenas, ♀, mais curto do que o V)... *Pseudoplon*, gen. n.
- 13(12). Ápices dos fêmures desarmados; élitros pontuados em toda a superfície ..... *Calycibidion*, gen. n.  
 Ápices dos fêmures posteriores geralmente com espinho externo ou com duas projeções de comprimentos subiguais; pontuação elitral normal, muito freqüentemente organizada em apenas duas fileiras longitudinais .....  
 ..... *Gnomidolon* + *Notosphaeridion*.

p. 24

**Pseudoplon**, gen. n.

## DIAGNOSE

Fóveas laterais da frente (40x) moderadamente demarcadas; olhos normais, não estreitados atrás da inserção das antenas; lobos superiores com quatro fileiras de omatídios; tubérculos anteníferos projetados, separados por sulco.

Antenas (♀) mais curtas do que o corpo; escapo alongado, cilíndrico, apenas recurvo, sem sulco basal; artículo III mais longo do que o IV, longitudinalmente sulcado; o sulco delimita-se de cada um dos lados por uma elevação pouco notável em forma de carena; artículo IV mais curto do que o V; artículos de V a XI com comprimentos subiguais, de VI a X ligeiramente projetados no ângulo externo.

Protórax pouco mais longo do que largo, mais curto do que a largura umeral, um pouco constricto anterior e posteriormente. Pronoto muito brilhante, com duas elevações anteriores pouco pronunciadas, arredondadas no tôpo; prosterno sem pubescência; cavidades coxais anteriores estreitamente abertas atrás; coxas anteriores com superfície articular.

Élitros com pêlos brancos e rijos, organizados em duas fileiras longitudinais; extremidades obliquamente truncadas e desarmadas.

Fêmures pedunculados e clavados; anteriores sem depressão no lado externo da base; abas apicais dos posteriores aguçadas, com comprimentos subiguais; tíbias posteriores carenadas no lado externo.

Tipo do gênero, *Pseudoplon oculatum*, sp. n.

## DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Aproxima-se de *Ophthalmoplon* no aspecto pouco linear, protórax curto, antenas com artículos terminais ligeiramente projetados e fêmures clavados. Difere pelos olhos normais, com lobos superiores desenvolvidos, aspecto grosseiro dos pêlos elitrais, abas apicais dos fêmures posteriores aguçadas e artículo IV das antenas (♀) visivelmente mais curto do que o III e do que o V. A posição de *Pseudoplon* na primeira divisão é indiscutível, pela presença de superfície articular nas côxas anteriores e pelo esbôço de antenas multicarenadas.

***Pseudoplon oculatum*, sp. n.**

(Fig. 696)

## ASPECTO GERAL

Colorido geral avermelhado; cada élitro com uma mancha amarelada central, arredondada e circundada por colorido acastanhado.

## LOCALIDADE-TIPO

Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil.

## DESCRIÇÃO

Cabeça avermelhada, brilhante. Fronte (40x) longitudinalmente sulcada na metade superior, desigual nas proximidades dos olhos e lisa inferiormente. Região dorsal da cabeça com pontos muito isolados, pouco profundos.

Antenas avermelhadas. Escapo sem pontuações. Artículos III e IV mais brilhantes do que os demais que são recobertos por pubescência muito fina.

Protórax avermelhado, sem pontuações. Os tubérculos anteriores do pronoto são desenvolvidos mas pouco elevados. Processo prosternal com pilosidade serícea.

Élitros avermelhados; cada um com uma mancha branco-amarelada, central, arredondada, que não toca a margem ou a sutura, circundada por colorido acastanhado. Pontuação elitral restrita aos pontos pilíferos, organizados no meio de cada élitro em duas fileiras longitudinais dorsais. Pêlos brancos e longos.

Pernas avermelhadas.

Face ventral avermelhada. Mesosterno, mesepisternos, mesepímeros e partes laterais do metasterno e dos urosternitos com pubescência serícea. Mesepímeros com uma área deprimida muito nítida no lado anterior.

Dimensões, em mm, (holótipo ♀)

Comprimento total	12,93	Antenas:	
Comprimento do protórax	2,74	Escapo	1,52
Maior largura do protórax	2,39	Artículo III	1,52
Comprimento do élitro	10,00	Artículo IV	0,86
Largura umeral	3,37	Artículo V	1,30

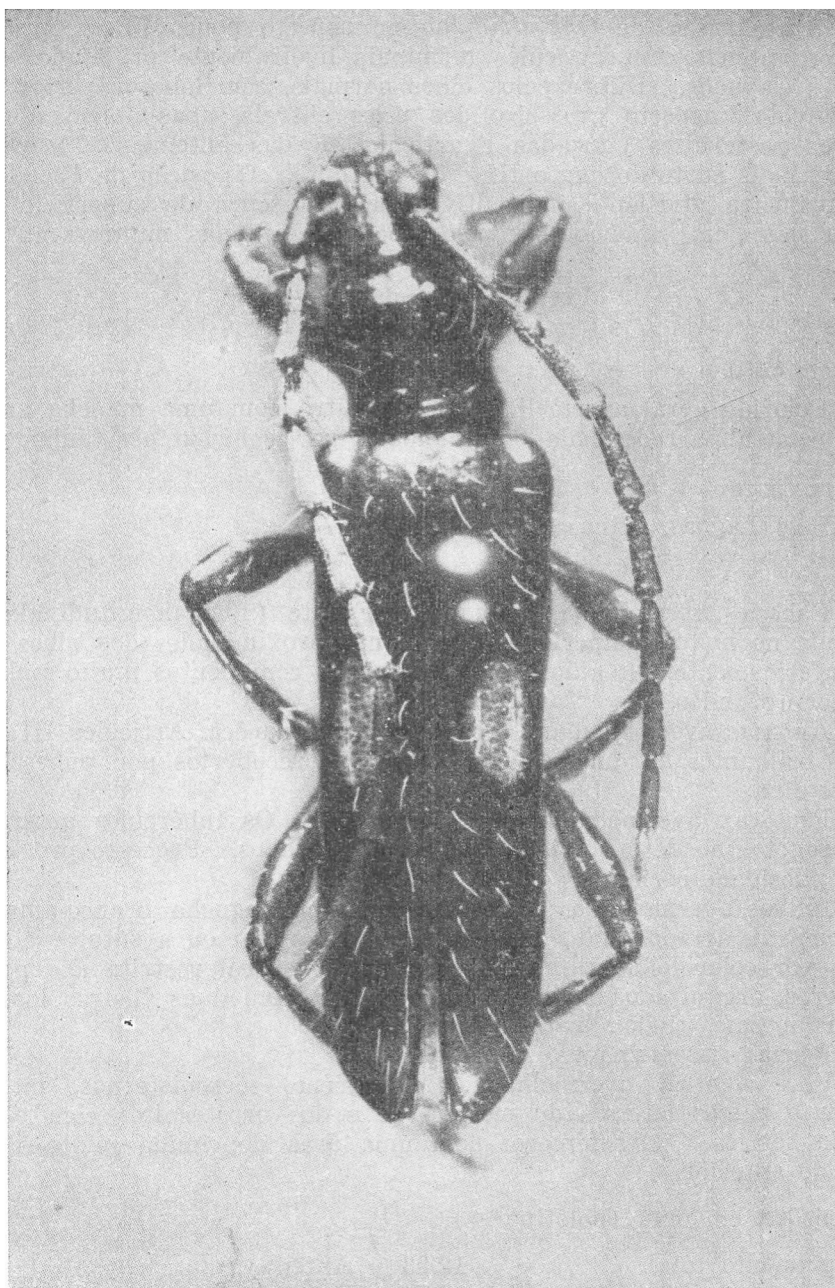


Fig. 696. *Pseudoplon oculatum*, sp. n., holótipo ♀.

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Minas Gerais*: Sete Lagoas, 1 ♀, XI.1962, A. Zunti col. (DZSP).

## TIPOS

Holótipo ♀ no Departamento de Zoologia.

**Notosphaeridion** (p. 44)

Chave para as espécies

2(1). Escapo dos machos sem dentículo apical externo; fêmures com a metade basal avermelhada ou alaranjada e a metade apical preta; protórax dos machos bem constricto anterior e posteriormente ..... *brevithorax* + *scabrosum*.

Escapo dos machos com dentículo apical externo; fêmures unicolores, escuros; protórax do macho pouco constricto junto à orla anterior. Venezuela ..... *umbrinum*, sp. n.

**Notosphaeridion umbrinum**, sp. n.

## ASPECTO GERAL

Colorido geral castanho-avermelhado; élitros com uma área branco-amarelada desenvolvida, que vai desde o quinto basal até o meio. Os pontos do interior dessa área são acastanhados, contrastantes com o fundo. Protórax do macho mais longo do que largo, constricto na base.

## LOCALIDADE-TIPO

Maracay, Aragua, Venezuela.

## DESCRIÇÃO

Cabeça castanho-avermelhada. Fronte (40x) densa e fortemente pontuada em toda a superfície. Sulcos laterais do vértice bem demarcados. Vértice com pontos muito rasos e alguma microescultura. Tubérculos anteníferos projetados, separados nas bases.

Antenas vermelho-acastanhadas. Escapo alongado, cilíndrico, densamente pontuado, com projeção evidente no lado externo do ápice. No restante as antenas concordam com as das outras espécies do gênero.

Protórax castanho-avermelhado, mais largo anteriormente do que na base (♂), com a constrição basal bem acentuada e mais manifesta do que a apical que nesta espécie é menos notável do que nas outras. Pronoto liso com pêlos brancos esparsos. Partes laterais do protórax pontuadas.

Élitros castanho-avermelhados, com uma área esbranquiçada, larga que vai desde o quinto anterior até o meio. Os pontos do interior dessa área são acastanhados e contrastantes com o colorido de fundo; na porção mais aprofundada da área encontra-se uma mancha acastanhada, longitudinal, pequena e pouco definida. Os pêlos são

brancos, bem longos, têm aspecto grosseiro e no meio de cada élitro organizam-se em duas fileiras longitudinais. Extremidades espinhosas no ângulo externo e bem projetadas no sutural.

Fêmures castanho-avermelhados, um pouco mais claros nas bases, com pontuação escassa no lado externo do ápice, providos de pêlos brancos esparsos. Extremidades dos intermediários espinhosas no lado interno; as dos posteriores com dois espinhos, o externo mais longo do que o interno. Tíbias posteriores carenadas.

Dimensões, em mm, (holótipo ♂)

Comprimento total	8.91
Comprimento do protórax	2.12
Maior largura do protórax	1.37
Comprimento do élitro	5.31
Largura umeral	1.75

#### MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Aragua*: Maracay, 1 ♂, VI.1936, P. Vogl col. (SM).

#### TIPOS

Holótipo ♂ no Natur-Museum und Forshungs-Institut Senckenberg.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Separa-se de *vestitum* pelas extremidades dos fêmures posteriores fortemente espinhosas no lado externo e pelo desenho dos élitros. Difere de *scabrosum* e de *brevithorax* pela presença de denticulo no lado externo do escapo das antenas dos machos; pelo protórax mais alongado (vide dimensões) com relação à sua largura, pouco constricto anteriormente e menos densamente pontuado nos lados; pelo desenho elitral; pelo espinho apical interno dos élitros menos desenvolvido; pelos fêmures unicolores.

A descoberta desta espécie no norte da Venezuela amplia consideravelmente a distribuição geográfica do gênero (fig. 25).

*Epacroplon cruciatum* (p. 55)

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Linhares (Parque Sooretama), 1 ♀, 7.XI.1964, Oliveira, Werner & Seabra col. (CCS).

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 1 ♀, X.1926 (MBA).

*Ctenoplon x-littera* (p. 61)

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Barueri, 1 ♀, XI.1965, K. Lenko col. (DZSP); 1 ♂, 1 ♀, XI.1966, K. Lenko col. (DZSP). *Santa Catarina*: São Bento do Sul, 1 ♂, 18.XII.1966, O. Mielke col. (FFUP).



*Trichoplon extremum* (p. 67)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Linhares, 1 ♀, XII.1964, A. Maller col. (DZSP).

*Glyptoscapus cicatricosus* (p. 78)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Linhares (Parque Sooretama), 1 ♂, 7.XI.1964, Oliveira, Seabra & Werner col. (FFUP). *São Paulo*: Botucatu, 1 ♀, III.1967, Coll. Dirings (RvD).

*Hexoplon bucki* (p. 106)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Linhares (Parque Sooretama), 1 ♀, 7.XI.1964, Oliveira, Werner & Seabra col. (FFUP).

*Hexoplon junco* (p. 121)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Vitória, 1 ♀, X.1965, A. Maller col. (DZSP).

*Hexoplon eximium* (p. 124)

## LOCALIDADE-TIPO

“Santa Rita”, antigamente Inficionado e atualmente Santa Rita Durão, vila do Município de Mariana, Minas Gerais (Papavero, “Essay on the history of Neotropical dipterology 1750-1905, with special reference to collectors”, em preparação).

*Hexoplon reinhardti* (p. 128)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Linhares, 1 ♀, XI.1945, A. Maller col. (DZSP).

***Hexoplon rosalesi*, sp. n.**

## ASPECTO GERAL

Cabeça, antenas, protórax e metade anterior dos élitros avermelhados; metade apical dos élitros preta. Cada élitro com duas faixas esbranquiçadas: uma oblíqua, que não alcança a sutura na metade anterior e uma outra, contínua, um pouco oblíqua, no meio. Extremidades elitrais com espinho desenvolvido no lado externo e bem projetadas no ângulo sutural.

## LOCALIDADE-TIPO

Rancho Grande (1100 m), Aragua, Venezuela.

## DESCRIÇÃO

Cabeça avermelhada. Fronte (40x) muito lisa e brilhante, com sulco largo na metade superior e alguns pontos grandes e isolados no centro; fôveas laterais bem demarcadas. Vértice brilhante, com sulcos laterais profundos. Tubérculos anteníferos projetados, separados nas bases por sulco relativamente largo.

Antenas avermelhadas. Escapo alongado, cilíndrico, ligeiramente recurvo para o lado interno, sem projeção apical mesmo nos machos, com pontos finos e esparsos. Os outros segmentos antenais como nas outras espécies do gênero.

Protórax avermelhado, alongado, cilíndrico, recurvo para a frente e para cima, um pouco constricto atrás. Pronoto liso e brilhante. Partes laterais do protórax fina e esparsamente pontuadas nos machos e lisas nas fêmeas. Prosterno finamente pontuado nos machos (40x), liso na fêmea, com pubescência no processo prosternal.

Élitros avermelhados na metade basal e prêtos na metade apical. Cada um com duas faixas branco-amareladas: a primeira oblíqua em sentido ascendente da margem para a sutura situada logo atrás do meio da metade anterior, não atinge a sutura; a segunda é contínua, oblíqua no mesmo sentido e localizada no meio. No macho esta faixa tem contornos pouco regulares. A coloração escura localiza-se também entre as faixas e junto à margem, em pequena extensão, à frente da mancha anterior; o colorido avermelhado acompanha a sutura até a segunda faixa. Pontuação elitral manifesta na metade anterior. Pêlos curtos, organizados no meio de cada élitro em três fileiras dorsais e duas (?) laterais. Espinhos externos concolores e desenvolvidos; ângulo apical interno muito freqüentemente projetado ou espinhoso.

Fêmures escuros ou com algumas áreas mais avermelhadas; os anteriores ligeiramente deprimidos no lado externo da base; intermediários com espinho interno mais curto do que o externo dos fêmures posteriores, mas bem desenvolvido; posteriores com dois espinhos apicais, o externo mais longo do que o interno. Tíbias castanho-avermelhadas; as posteriores carenadas.

Mesosterno e metasterno avermelhados; aquêle e os mesepisternos pubescentes; êste com pilosidade látero-anterior e látero-posterior. Abdômen acastanhado; primeiro segmento com abundante pilosidade lateral; a pubescência, a partir do segundo vai diminuindo e o último não apresenta pilosidade.

Dimensões, em mm

	♂	♀
Comprimento total	9,50	9,33
Comprimento do protórax	2,39	2,28
Maior largura do protórax	1,30	1,30
Comprimento do élitro	6,63	6,63
Largura umeral	1,95	1,95

O nome desta espécie homenageia o Dr. Carlos J. Rosales da Facultad de Agronomia da Universidad Central de Venezuela, Maracay.

MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Aragua*: Rancho Grande (1100 m), 1 ♂, 16.VI.1949, F. Fernandes Y. & P. Fenives col. (FAUCV); 1 ♀, 15.IV.1964, C. J. Rosales col. (DZSP).

TIPOS

Holótipo ♂ na Facultad de Agronomia da Universidade Central de Venezuela; alótipo no Departamento de Zoologia.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Deve ser incluída no item 17 da chave para espécies (p. 90).

*Hexoplon rosalesi* aproxima-se bastante de *H. navajasi* pelo número de fileiras longitudinais de pêlos nos élitros, padrão de colorido das faixas elitrais e armadura dos fêmures. Difere pelo acentuado desenvolvimento do espinho sutural dos élitros e pelo colorido da cabeça, das antenas, do protórax, da metade basal e dos espinhos elitrais, do mesosterno e do metasterno.

O número de fileiras longitudinais de pêlos nos élitros separa a nova espécie das outras do gênero, com exceção de *anthracinum*, que tem desenho elitral (fig. 72) e colorido (fig. 74) diferentes.

*Hexoplon ctenostomoides* (p. 139)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Santa Tereza, 1 ♂, 12.X.1964, C. Elias col. (FFUP). *São Paulo*: Botucatu, 1 ♀, III.1967, Coll. Dirings (RvD).

PARAGUAI. *Itapuá*: Cantera y Naranjal, 1 ♀, I.1957, J. E. Montes col. (MLP).

*Hexoplon nigritarse* (p. 152)

MATERIAL EXAMINADO (protórax prêto)

BRASIL. *Espírito Santo*: Linhares (Parque Sooretama), 2 ♂, 2 ♀, 7.XI.1964, Oliveira, Werner & Seabra col. (FFUP). *Santa Catarina*: Cauna, 1 ♀, XII.1948, A. Maller col. (AMNH).

Esta fêmea de Cauna tem aspecto geral mais esbelto do que os indivíduos do Espírito Santo e amplia para o sul a distribuição da espécie (vide fig. 94).

**Gnomidolon**

Chave para as espécies (p. 160)

Adotei no item 30 da chave (p. 165) o número de fileiras longitudinais de pontos no interior da região deprimida dos élitros para separar *bonsae* e *insulicola* de *cruciferum*, *elegantulum*, *simplex* e *pro-*

*ximum*. Em *Gnomidolon elegantulum* também existem exemplares com apenas uma fileira de pontos na região deprimida dos élitros, como em *bonsae* e *insulicola*. O desenho elitral permite distinguir *elegantulum* de *bonsae* (est. 18: fig. 1; fig. 163). A coloração das tíbias posteriores, pretas em *elegantulum* e amarelas em *insulicola*, separa estas duas formas que, além disso, têm distribuição completamente diversa.

No item 41 (p. 167) adiante de Bolívia acrescenta-se: *nanum* Martins (p. 200).

*Gnomidolon humerale* (p. 179)

MATERIAL EXAMINADO

PANAMÁ. *Darien*: Santa Fé, 1 ex., 25.V.1967, D. M. Delong & C. A. Triplehorn col. (OSU).

*Gnomidolon bipartitum* (p. 196)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Botucatu, 1 ♀, 21.XI.1964, A. Mantovan col. (FCMB). *Goiás*: Cabeceiras (Lagoa Formosa), 1 ♀, 28.X.1964, Exp. Dep. Zool. col. (DZSP).

*Gnomidolon fraternum*, sp. n.

(Fig. 697)

ASPECTO GERAL

Cabeça e protórax vermelho-acastanhados. Élitros com a metade basal vermelho-acastanhado e a metade apical amarelada, cada um com uma mancha esbranquiçada, triangular, desenvolvida, que não alcança a sutura, na parte posterior da metade anterior e uma faixa esbranquiçada, oblíqua, no meio; extremidades ocupadas por mancha esbranquiçada. Fêmures amarelados com áreas acastanhadas.

LOCALIDADE-TIPO

Itaituba, Pará, Brasil.

DESCRIÇÃO

Cabeça vermelho-acastanhada. Fronte (40x) com alguns pontos grandes na região central; fôveas laterais bem demarcadas. Vértice liso e brilhante. Tubérculos anteníferos projetados, separados nas bases por sulco largo.

Antenas com escapo, artículo II e base do artículo III castanho-amarelados e amareladas no restante. Escapo no macho sem dente apical externo, com pontos (40x) muito finos e muito esparsos. Fórmula antenal como nas demais espécies do gênero.

Protórax vermelho-acastanhado, alongado, cilíndrico, recurvo para a frente e para cima, um pouco constricto posteriormente. Pronoto liso e brilhante. Partes laterais do protórax (40x), muito fina e pouco perceptivelmente pontuadas nos machos.

Élitros vermelho-acastanhados na metade basal e amarelados na metade apical. Cada um com as seguintes manchas branco-amarela-

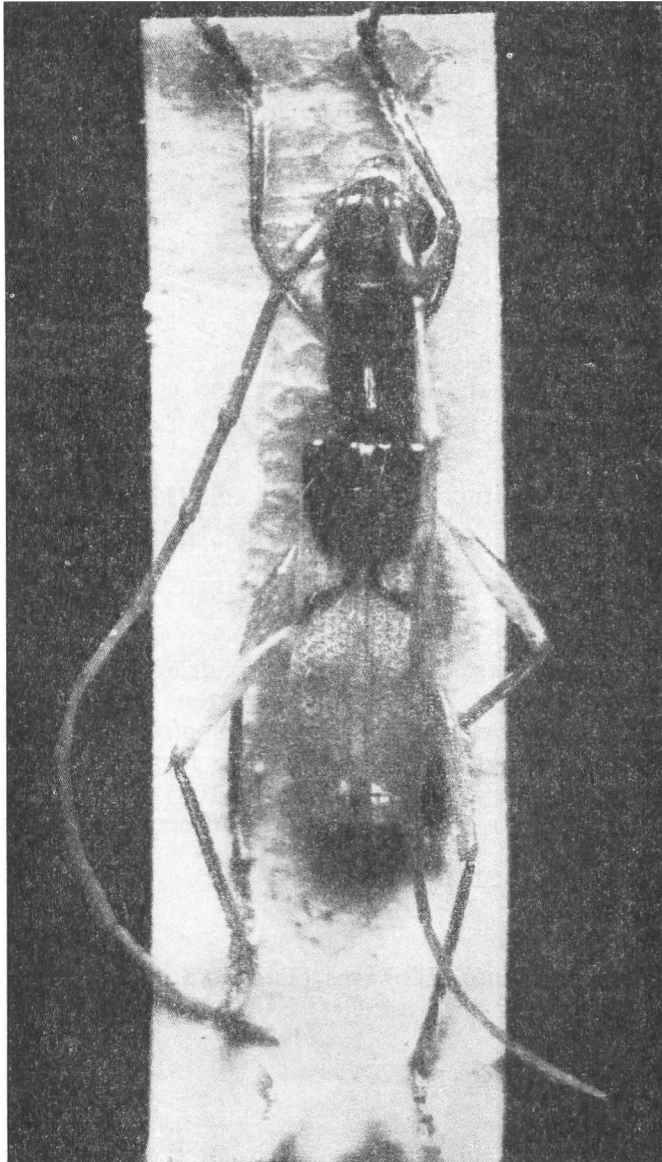


Fig. 697. *Gnomidolon fraternum*, sp. n., holótipo ♂.

das: uma triangular, lateral, que não alcança a sutura, logo à frente do meio, uma faixa oblíqua, contínua, no meio e uma a ocupar as extremidades em pequena extensão. A região (bem estreita) entre mancha e faixa é vermelho-acastanhada; a área imediatamente atrás da faixa é ligeiramente mais escurecida; a mancha apical tem limite pouco manifesto com a coloração da metade apical. Pontuação profunda e não muito numerosa na metade basal. Pontos pilíferos organizados em duas fileiras longitudinais dorsais no meio de cada élitro. Extremidades transversalmente truncadas com espinho no lado externo.

Fêmures amarelados com a face dorsal acastanhada. Ápices dos intermediários com dente curto no lado interno; extremidades dos posteriores com espinho externo e dente interno. Tíbias castanho-amareladas.

Dimensões, em mm, (holótipo ♂)

Comprimento total	6,19
Comprimento do protórax	1,50
Maior largura do protórax	0,81
Comprimento do élitro	3,62
Largura umeral	1,18

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Pará*: Itaituba, 1 ♂, Hahnel col. (MNHN).

#### TIPOS

Holótipo ♂ no Muséum National d'Histoire Naturelle.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

*Gnomidolon fraternum* tem o mesmo padrão de manchas elitrais que aparece em *picipes*, *rubricolor* e *cruciferum* (fig. 107). Separa-se dessas espécies pelo colorido dos élitros; em *picipes* e em *rubricolor* usualmente as duas metades dos élitros têm o mesmo colorido e os fêmures são escuros; em *cruciferum* (figs. 105-107) a metade mais escura dos élitros é a apical e não a anterior como acontece em *fraternum*.

*Gnomidolon pictum* (p. 213)

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Linhares (Parque Sooretama), 3 ♀, 7.XI. 1964, Oliveira, Werner & Seabra col. (FFUP).

*Gnomidolon basicoeruleum* (p. 227)

#### MATERIAL EXAMINADO

COSTA RICA. *Guanacaste*: Playas del Coco, 1 ♂, 14.VII.1965, S.J. Arnold col. (CIS).

*Gnomidolon elegantulum* (p. 239)

## LOCALIDADE-TIPO

Brasil (vide tipos).

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Rio de Janeiro*: Km 47 da rodovia Rio-São Paulo, 1 ♂, 1 ♀, 15.X.1950, D. Mendes col. (IEEA). *São Paulo*: Botucatu, 1 ♀, 27.XI.1964, A. Mantovan col. (FCMB); 1 ♀, 4.VIII.1966, A. Mantovan col. (FCMB). Itu (Fazenda Pau d'Alho), 1 ♂, 10.X.1959, U. Martins col. (DZSP); 1 ♀, 9.XI.1963, U. Martins col. (DZSP).

ARGENTINA. *Misiones*: Iguazú, 2 ♂, 1 ♀, X.1927 (MBA).

## TIPOS

Grças à gentileza de R. Damoiseau do Institut Royal de Sciences Naturelles de Belgique, pude examinar a série sintípica da espécie. Êsses exemplares são: um casal de "Brésil" e uma fêmea de "Santa Cruz" (Lameere acreditou ser êste exemplar de sexo masculino). Designo lectótipo a fêmea de "Brésil", portadora de rótulo manuscrito de Lameere; os outros dois exemplares (1 ♂ e 1 ♀) ficam rotulados como paralectótipos.

"Santa Cruz" está definida no trabalho de Lameere (1884 b: 83): "Van Volxem... arriva le 31 juillet 1872 à Rio-Janeiro, et s'établit à Botafogo... De là, il explora les environs de la baie de Rio et fit quelques excursions dans la province de ce nom: la plage de Copa Cabana, les marais de Santa Cruz, Santha Thereza et la lagune d'Itaipú...".

*Gnomidolon biarcuatum* (p. 235).

## MATERIAL EXAMINADO (forma típica)

BRASIL. *Amazonas*: Titirico, 1 ♂, 14.IV.1964, J. & B. Bechyné col. (FAUCV).

*Gnomidolon insulicola* (p. 245).

## MATERIAL EXAMINADO (forma "seabrai")

VENEZUELA. *Falcón*: Chichiriviche, 1 ex., 29.II.1964, J. & B. Bechyné col. (FAUCV). *Aragua*: Cata, 2 exs., VI.1964, C. J. Rosales & J. Bechyné col. (FAUCV). *Bolívar*: Macagua, 1 ex., 20.XI.1966, J. Bechyné & E. Osuna col. (FAUCV).

Um outro exemplar, aparentemente pertencente à espécie, com distribuição muito mais meridional. BRASIL. *Amazonas*: Tapuruquara (Rio Negro), 25-27.XI.1962, J. Bechyné col. (DZSP), apresenta o mesmo padrão de colorido da forma "seabrai", entretanto, tem espinhos externos dos ápices dos élitros mais desenvolvidos e pontuação elitral menos conspícua.

*Gnomidolon v. varians* (p. 258)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Linhares (Parque Sooretama), 5 exs., 7. XI.1964, Oliveira, Werner & Seabra col. (FFUP). *São Paulo*: Botucatu, 1 ex., III.1957, Coll. Dirings (RvD); 1 ex., 21.X.1965, A. Mantovan col. (FCMB).

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 1 ex., X.1926 (MBA); 1 ex., XI.1926 (MBA).

*Gnomidolon varians addictum* (p. 264)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Botucatu, 1 ex., 19.XII.1964, A. Mantovan col. (FCMB). *São Bernardo* (Reprêsa Billings), 2 exs., XI.1960, Coll. Dirings (RvD).

*Gnomidolon musivum* (Erichson, 1847) (p. 825), n. comb.*Gnomidolon subburneum* (p. 273), n. syn.

## MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Bolívar*: Cacotá, 1 ♀, 10.XI.1966, J. Bechyné & E. Osuna col. (FAUCV). *San Francisco*, 1 ♂, 28.X.1966, J. Bechyné & E. Osuna col. (FAUCV).

BRASIL. *Amazonas*: Boca Cauaburi, 1 ♂, 30.III.1964, J. & B. Bechyné col. (FAUCV). *Tapuruquara* (Rio Negro), 2 ♀, 20-25.XI.1962, J. Bechyné col. (DZSP). *Titirico*, 1 ♀, 12.IV.1964, J. & B. Bechyné col. (FAUCV).

*Gnomidolon guianense* (p. 292)

Um dos exemplares traz o rótulo "En *Vernonia* sp."

## MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Cojedes*: El Pao, 1 ♂, 15.VIII.1949, F. Fernandes Y. col. (FAUCV); *Tinaquillo*, 1 ♂, 15.VIII.1949, F. Fernandes Y. col. (FAUCV). *Monagas*: Jusepin, 1 ♂, 1 ♀, 8.VIII.1966, F. Fernandes Y. & C. J. Rosales col. (FAUCV).

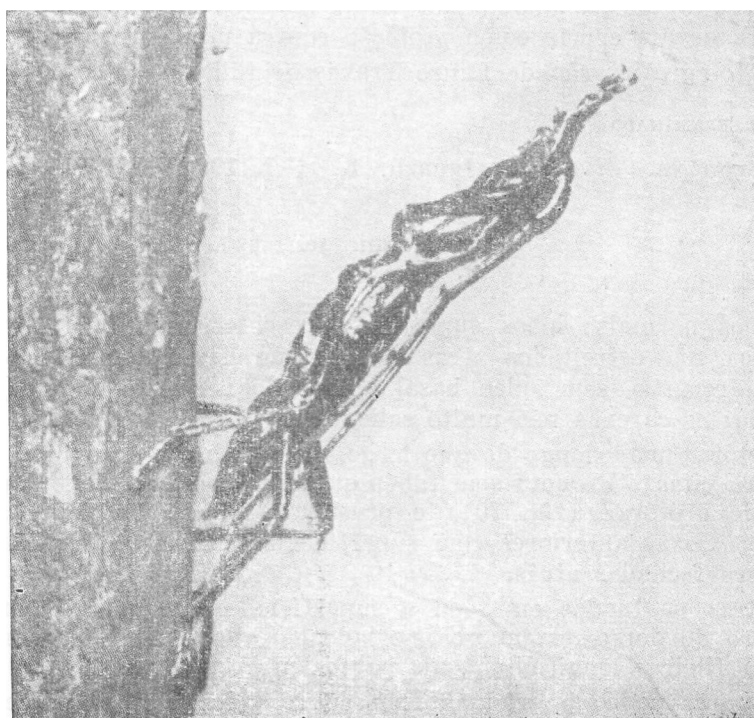
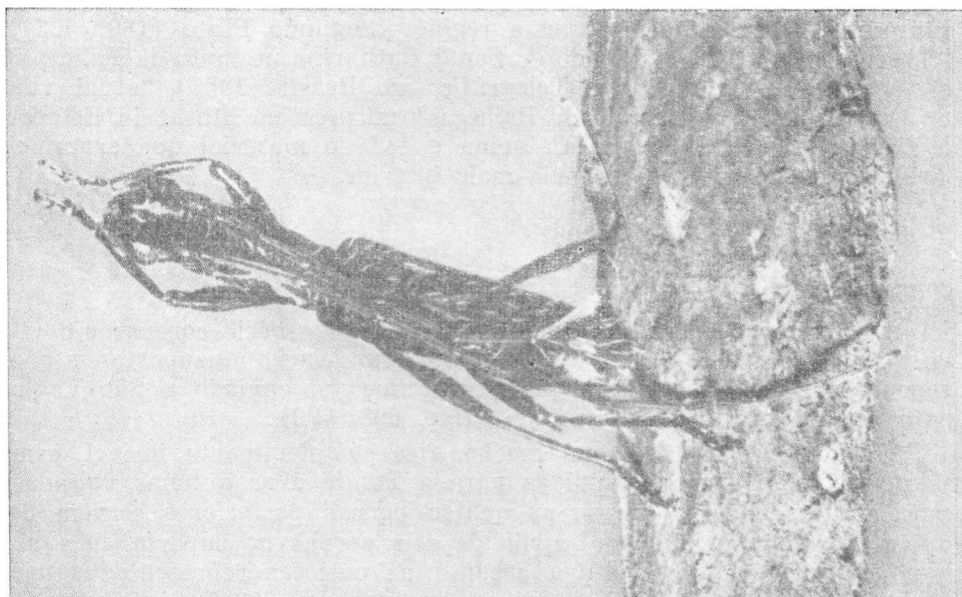
*Tetroplon c. caudatum* (p. 302)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Santa Catarina*: "Theresopolis", 1 ♀, 188...; Col. Fruhstorfer (RM).

A localidade-tipo desta subespécie é "Santa Catarina". Esse indivíduo, depositado na Instituição onde trabalhou o autor da espécie, levou-me a suspeitar que "Theresopolis" fosse essa localidade, o que





*Tetraibidion aurivillii* (Gounelle), posição de repouso, oblíqua ao suporte: 698, vista dorsal; 699, vista lateral.

não parece correto, salvo se material mais recente puder comprovar a presença de *c. caudatum* nessa região. Segundo Pinto (1899:622), "Theresopolis. Dist. do Estado de Santa Catharina no mun. da Palhoça" e segundo o Guia Postal e Telegráfico do Brasil (1957) "atual vila de Queçaba". O município de Palhoça localiza-se no litoral do Estado, à frente da Ilha de Santa Catarina e todo o material que examinei (vide fig. 178) tem procedência mais interior.

*Tetraibidion aurivillii* (p. 308)

#### COMPORTAMENTO

F. R. Meyer ao coligir um exemplar desta espécie conservou-o vivo. As posições que o indivíduo assumiu com relação ao suporte em que repousa foram tão curiosas que o espécime foi enviado a São Paulo para ser observado e fotografado (figs. 698, 699).

O exemplar, no caso um macho, fica completamente imóvel, com as pernas anteriores distendidas para a frente e as antenas voltadas para trás e sobre o corpo; as quatro pernas posteriores servem de apoio. Quando perturbado, apoia as seis pernas no suporte, mas alguns segundos depois, volta a assumir as posições representadas nas figuras 698 e 699, ou outra mais, como se a figura 699 fosse examinada de cabeça para baixo.

Acredito que a imobilidade total e todos os espinhos femurais expostos, devam servir como proteção contra predadores.

As fotografias são de Lauro Travassos Filho.

#### MATERIAL EXAMINADO

ARGENTINA. *Misiones*: Iguazú, 1 ♀, X.1927 (MBA).

### *Calycibidion*, gen. n.

#### DIAGNOSE

Olhos normais; lobos superiores presentes, com três fileiras de ematídios, não estreitados atrás da inserção das antenas. Escapo cilíndrico, recurvo, sem sulco basal. Artículo III o mais longo, multicarenado; as carenas não muito salientes.

Protórax mais longo do que largo, cilíndrico, recurvo para a frente e para cima. Pronoto sem tubérculos, sem pubescência. Partes laterais do protórax (fig. 701) e prosterno fortemente pontuados nos machos. Coxas anteriores com superfície articular. Cavidades coxais anteriores fechadas atrás.

Élitros pontuados em toda a superfície, muito pouco deprimidos no centro do dorso, espinhosos no lado externo: cada um com quatro (cinco?) fileiras longitudinais de pontos pilíferos.

Fêmures pouco e gradualmente engrossados para a extremidade, desarmados nos ápices. Tíbias posteriores finamente carenadas.

Tipo do gênero, *Calycibidion multicavum*, sp. n.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

O novo gênero se caracteriza pela seguinte combinação de caracteres: olhos normais, cavidades coxais anteriores fechadas atrás, élitros pontuados em toda a extensão e fêmures médios e posteriores desarmados nos ápices.

Localiza-se nas proximidades de *Pronoplon* que também possui élitros pontuados em toda a superfície, mas difere pelos fêmures desarmados e pronoto sem irregularidades.

#### *Calycibidion multicavum*, sp. n.

(Figs. 700, 701)

#### ASPECTO GERAL

Cabeça e protórax avermelhados. Élitros vermelho-alaranjados até um pouco depois do meio e castanho-avermelhados no restante, pontuados em toda a superfície. Antenas e pernas vermelho-alaranjadas.

#### LOCALIDADE-TIPO

“Santo Antonio da Barra” (atual Condeúba), Bahia, Brasil.

#### DESCRIÇÃO

Cabeça avermelhada. Fronte (40x) fortemente desigual, com rugosidades irregulares; fôveas laterais profundas. Clípeo liso. Vértice irregular anteriormente, liso atrás. Olhos normais. Tubérculos anteníferos bem projetados, agudos, separados nas bases.

Escapo avermelhado, alongado, cilíndrico, com pontos esparsos, sem sulco basal. Articulo III o mais longo, provido de pêlos longos no lado interno; artigos seguintes imperceptivelmente decrescentes até o X; o XI pouco mais longo do que o anterior. As antenas do macho alcançam a extremidade dos élitros, aproximadamente, no ápice do oitavo artículo.

Protórax avermelhado, alongado, cilíndrico, um pouco constricto na base. Pronoto sem tubérculos; a pontuação das partes laterais do protórax invade as porções látero-anteriores do pronoto em pequena extensão. Partes laterais do protórax e prosterno fortemente pontuados, este sem pubescência.

Élitros com pouco mais da metade anterior vermelho-alaranjada e com a porção apical castanho-avermelhada. Pontuação abundante presente em toda a superfície. Pontos pilíferos organizados em quatro (cinco?) fileiras longitudinais; pêlos alongados. Extremidades com espinho não muito alongado no lado externo.

Fêmures vermelho-alaranjados; anteriores alongados, pouco e gradualmente engrossados, não deprimidos no lado externo da base. Médios e posteriores desarmados, com as abas (40x) um pouco salientes; os últimos sub-lineares. Tíbias vermelho-amareladas; as posteriores finamente carenadas.

Mesosterno e metasterno avermelhados; mesepisternos pubescentes na metade posterior. Abdômen castanho-avermelhado, com pêlos esparsos deitados.

Dimensões, em mm, (holótipo ♂)

Comprimento total	6,63
Comprimento do protórax	2,39
Maior largura do protórax	0,93
Comprimento do élitro	4,18
Largura umeral	1,28

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Bahia*: "Santo Antonio da Barra" (=Condeúba), 1 ♂, XI-XII.1888, E. Gounelle col. (MNHN).

TIPOS

Holótipo ♂ no Muséum National d'Histoire Naturelle.

II DIVISÃO

*Xenoibidion unicolor* (p. 323)

MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Bolívar*: Macagua, 1 ex., 17.XI.1966, J. Bechyné & E. Osuna col. (FAUCV).

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 2 exs., XI.1926 (MBA).

*Xenoibidion fasciatum*, sp. n.

(Fig. 702)

ASPECTO GERAL

Cabeça e protórax avermelhados. Élitros amarelados, com as bases e uma faixa central larga avermelhadas. Antenas e pernas amareladas. Élitros fina e esparsamente pontuados, fortemente biespinhosos em cada uma das extremidades.

LOCALIDADE-TIPO

Jataí, Goiás, Brasil.

DESCRIÇÃO

Cabeça avermelhada. Fronte (40x) finamente irregular na metade superior; fôveas laterais próximas aos olhos, muito profundas, semelhantes às de *unicolor*. Vértice (40x) apenas microesculturado, sem pontuação manifesta. Região posterior aos olhos lisa. Lobos superiores dos olhos desenvolvidos mas com apenas quatro fileiras de omatídeos. Tubérculos anteníferos pouco pronunciados, bem afastados, sem pontuação.

Antenas amareladas. Sulco da base do escapo (40x) apenas indicado; metade basal sem pontuação. Carenas dos artigos antenais pouco elevadas, mas os artigos são multicarenados. As antenas da fêmea alcançam as extremidades dos élitros, aproximadamente, na extremidade do nono artigo.

Protórax avermelhado, cilíndrico, pouco constricto anterior e posteriormente. Pronoto sem tubérculos, brilhante, sem pontos, com uma faixa longitudinal de pubescência serícea muito pouco densa (40x) que vai da base ao centro do disco. Partes laterais do protórax lisas e brilhantes. Prosterno liso e desnudo. Cavidades coxais anteriores fechadas atrás.

Élitros amarelados com as bases avermelhadas; na região central existe uma faixa avermelhada, larga e transversal. Pontuação pouco densa (40x), gradualmente menos profunda para a extremidade. Pê-



Fig. 700. *Calycibidion multicarum*. sp. n. holótipo ♂; fig. 701, idem, vista lateral.

los curtos, delgados, muito afastados, organizados no meio de cada élitro em duas (?) fileiras longitudinais. Extremidades com dois espinhos bem alongados e finos.

Fêmures amarelados, muito pouco e gradualmente engrossados para as extremidades, desarmados nos ápices; lado externo da base sem depressão notável. Tíbias amareladas; as posteriores indistintamente carenadas no lado externo.

Face inferior do corpo avermelhada, como em *unicolor*.

Dimensões, em mm (holótipo ♀)

Comprimento total	6,41
Comprimento do protórax	1,37
Maior largura do protórax	0,81
Comprimento do élitro	4,06
Largura umeral	1,25

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Goiás*: Jataí, 1 ♀ (MNHN).

#### TIPOS

Holótipo ♀ no Muséum National d'Histoire Naturelle.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

*Xenoibidion fasciatum* difere de *unicolor*: pelo colorido dos élitros (figs. 702 e est. 10: fig. 1); pelo número de fileiras de omatídios nos lobos superiores dos olhos; pela escassa pontuação elitral; pela faixa de pubescência no pronoto; pelo formato dos fêmures e pelo colorido das antenas e das pernas.

### III DIVISÃO

#### *Minibidion punctipenne* (p. 339)

##### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Botucatu, 1 ♂, 26.X.1963, A. Mantovan col. (FCMB).

#### *Tropidion sipolisi* (p. 367)

##### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Botucatu, 1 ex., 20.XI.1964, A. Mantovan col. (FCMB)

#### *Tropidion brevisculum* (p. 371)

##### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Minas Gerais*: Ibiá, 1 ex., 28.X.1965, C. Elias col. (FF-UP). *São Paulo*: Botucatu, 1 ♂, 12.X.1964, A. Mantovan col. (FCMB).

## TIPOS

Recebi recentemente para exame o holótipo de "*Ibidion borrei*"; pertence ao Institut Royal des Sciences Naturelles de Belgique e parece ser um macho.

**Tropidion vianai**, sp. n.

(Fig. 704)

## ASPECTO GERAL

Cabeça, protórax, têrço apical dos élitros, escapo e extremidades dos fêmures médios e posteriores, prêtos; dois têrços basais dos élitros, antenas e pernas, vermelho-alaranjados. Comprimento do protórax menor do que a largura umeral. Élitros bem pontuados nos dois têrços basais.

## LOCALIDADE-TIPO

"Sa. Trinidad" (= Trinidad, Itapuá ?), Paraguai.

## DESCRIÇÃO

Cabeça preta. Fronte deprimida para o lado das fôveas laterais, fina e densamente pontuada. Vértice (40x) microesculturado, fina e densamente irregular na porção anterior. Lobos superiores dos olhos com quatro fileiras de omatídios. Tubérculos anteníferos projetados, não muito agudos, distantes.

Escapo prêto, pouco brilhante, piriforme-alongado, com sulco basal pouco profundo. Artículos de II a XI vermelho-alaranjados; o III pouco mais longo do que o IV e o V, carenado, com pêlos pouco abundantes e não muito alongados no lado interno. As antenas ( $\delta$ ?) alcançam o ápice dos élitros aproximadamente na extremidade do sétimo segmento.

Protórax prêto, relativamente curto, cilíndrico, com comprimento menor do que a largura umeral. Pronoto sem pubescência, com cinco tubérculos: três anteriores, aproximados, o central um pouco atrás dos dois anteriores e dois basais, muito pouco pronunciados; superfície do pronoto com alguma microescultura e pontos pouco profundos e pouco densos. Prosterno com pubescência escassa à frente das côxas anteriores, finamente rugoso transversalmente no meio.

Élitros com os dois têrços basais vermelho-alaranjados e o têrço apical prêto; entre essas colorações encontra-se uma faixa amarelada, pouco distinta, ligeiramente recurva e que invade a parte anterior junto à sutura até quase o meio da metade anterior. Pontuação abundante, especialmente nos dois têrços anteriores; pêlos curtos, organizados em três (?) fileiras longitudinais dorsais (a pilosidade elitral está mal conservada). Extremidades oblíquas, projetadas no ângulo externo.

Fêmures anteriores amarelo-alaranjados, com pedúnculo muito curto, não deprimidos no lado externo da base. Fêmures médios e pos-

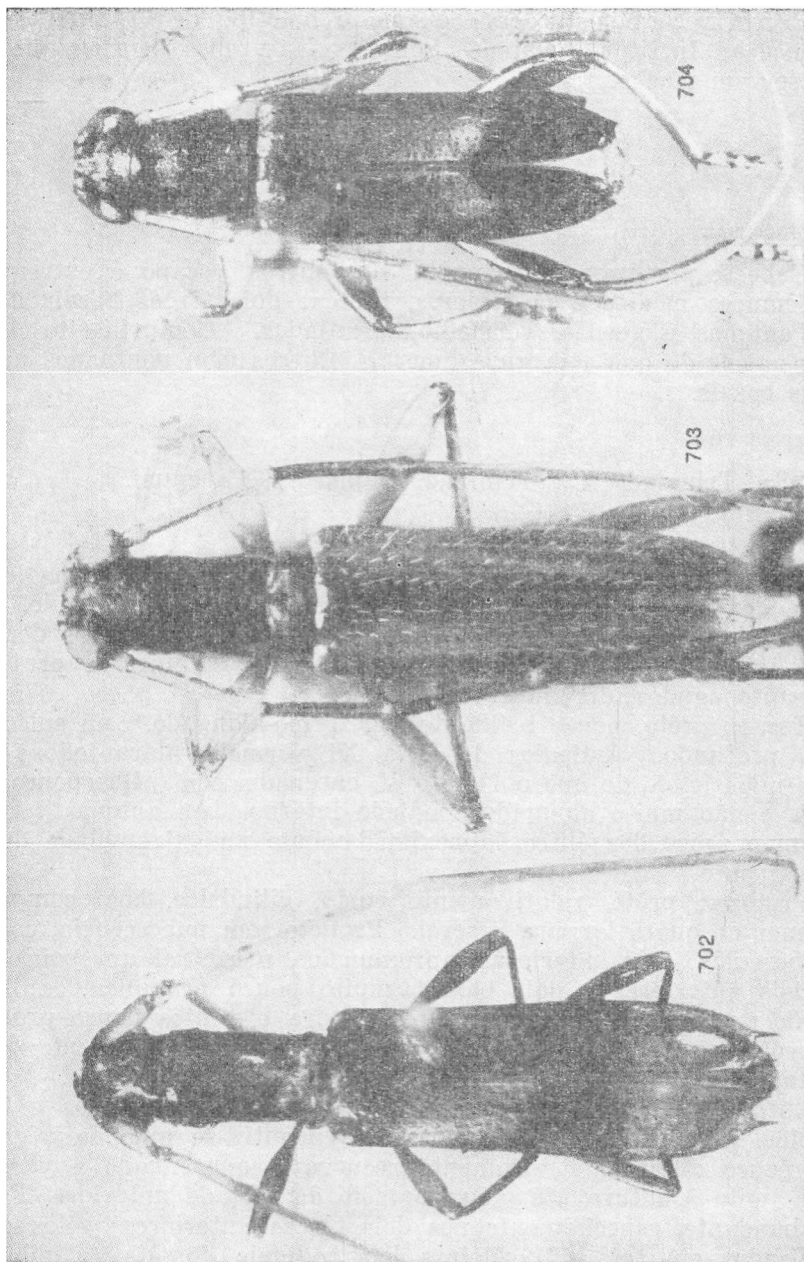


Fig. 702. *Xenobidion fasciatum*, sp. n., holótipo ♀; fig. 703. *Tropidion hispidum*, sp. n., holótipo ♂; fig. 704. *Tropidion viantai*, sp. n., holótipo (♂?).



teriores pedunculados e clavados; aquêles enegrecidos no ápice, êstes em tôda metade apical. Tibias amarelo-alaranjadas; as posteriores carenadas. Tarsos amarelo-alaranjados.

Mesosterno, metasterno e abdômen vermelho-alaranjados.

Dimensões, em mm, (holótipo ♂ ?)

Comprimento total	10,00
Comprimento do protórax	2,22
Maior largura do protórax	1,84
Comprimento do élitro	6,63
Largura umeral	2,74

Dedico esta espécie a Manuel José Viana, do Museo Argentino de Ciencias Naturales.

#### MATERIAL EXAMINADO

PARAGUAI. *Itapúa* ?: Sa. Trinidad, 1 ♂ ?, XII.1913, Coll. Bruch (MBA).

#### TIPOS

Holótipo (♂ ?) no Museo Argentino de Ciencias Naturales.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Pertence ao agrupamento que reúne: *breviusculum*, *rubricatum*, *epaphum* e *zonapterum*. Separa-se amplamente de *zonapterum* e *rubricatum* pelo colorido do protórax, dos élitros e das pernas. A ausência de mancha clara na metade anterior dos élitros, o colorido do protórax e a maior quantidade de colorido escuro nos fêmures posteriores distinguem *vianai* de *epaphum*. Está mais próxima de *breviusculum*, inclusive pela presença de tubérculos mais manifestos no pronoto; além de possuir protórax prêto e desenho elitral diverso, *vianai* tem o tubérculo central do pronoto mais perto dos anteriores.

*Tropidion fuscipenne* (p. 381)

#### MATERIAL EXAMINADO

ARGENTINA. *Catamarca*: Cienaga, 1 ♀, Weiser col. (MBA). *Lorohuasi*, 1 ♂, 1 ♀, Walters col. (MBA). *Cordoba*: Alta Gracia (La Granja, Sierras de Cordoba), 1 ♀, C. Bruch col. (MBA).

### ***Tropidion mirabile*, sp. n.**

#### ASPECTO GERAL

Colorido geral vermelho-alaranjado. Élitros indistintamente mais amarelados na porção central, com pontuação pilífera áspera na base, providos de espinho curto na lado externo do ápice. Pronoto com duas faixas de pubescência, externas aos tubérculos, da base ao meio.

## LOCALIDADE-TIPO

La Trinidad, Miranda, Venezuela.

## DESCRIÇÃO

Cabeça vermelho-alaranjada. Fronte (40x) fina e densamente irregular, principalmente na metade inferior; fôveas laterais bem demarcadas. Vértice (40x) fina e densamente irregular anteriormente. Tubérculos anteníferos ( $\delta$ ) bem projetados, largamente separados.

Antenas vermelho-alaranjadas com a mesma descrição das das demais espécies do gênero; pêlos do lado interno do artículo III mais longos do que a maior largura do escapo. As antenas do macho alcançam o ápice dos élitros aproximadamente na base do sétimo artículo e têm cerca do dôbro do comprimento do corpo.

Protórax vermelho-alaranjado, alongado, cilíndrico, pouco constricto anterior e posteriormente. Pronoto com cinco tubérculos dos quais o central é o mais evidente; a pubescência organiza-se numa faixa lateral, de cada um dos lados, situada no lado externo dos tubérculos e vai da base ao meio. O restante da superfície do pronoto e as partes laterais do protórax muito brilhantes. Prosterno com pubescência em "V" na metade basal.

Élitros alaranjados com faixa mais clara, muito indistinta, logo atrás do meio. Pontos pilíferos (25x) ásperos na metade basal, organizam-se no meio de cada élitro em cinco fileiras longitudinais: três dorsais e duas laterais. Pêlos curtos. Pontuação de "interestria" muito pouco aparente (40x) mesmo na metade basal. Extremidades cortadas em curva com espinho externo.

Pernas e face inferior do corpo vermelho-alaranjadas.

## Dimensões, em mm

	Parátipo $\delta$	Holótipo $\delta$
Comprimento total	9,02	10,16
Comprimento do protórax	2,17	2,62
Maior largura do protórax	1,30	1,63
Comprimento do élitro	6,08	7,06
Largura umeral		2,28

## MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Aragua*: El Limon (450 m), 1  $\delta$ , 4.VI.1964, A. Dascoli col. (DZSP). *Miranda*: La Trinidad, 1  $\delta$ , 4.VI.1965, M. Gonzalez R. col. (FAUCV).

## TIPOS

Holótipo  $\delta$  na Facultad de Agronomia de la Universidad Central de Venezuela; 1 parátipo  $\delta$  no Departamento de Zoologia.

## DISCUSSÃO TAXONÔMICA

É possível que esta forma seja na realidade uma variedade meridional de *Tropidion carinicolle*, conhecida apenas do holótipo que é proveniente da Nicarágua. O tubérculo central do pronoto, muito diferente, levou-me a descrevê-la. Difere, portanto, de *carinicolle* pelo tubérculo central do pronoto, embora conspícuo, muito menos desenvolvido e por apresentar a metade posterior do pronoto lisa e brilhante.

*Tropidion rusticum* (p. 389)

## TIPOS

Uma fêmea, pertencente ao Deutsches Entomologisches Institut deve ser mais um cótipo desta espécie; é portadora de rótulo de Gounelle onde se lê: "*Ibidion rusticum* n. sp."

**Tropidion hispidum**, sp. n.

(Fig. 703)

## ASPECTO GERAL

Cabeça e protórax avermelhados. Élitros indistintamente avermelhados na base, amarelados no restante da superfície, sem manchas ou faixas, não escurecidos no ápice. Base do pronoto densamente pubescente. Tubérculos pronotais apenas indicados.

## LOCALIDADE-TIPO

Maracay, Aragua, Venezuela.

## DESCRIÇÃO

Cabeça avermelhada. Fronte (40x) mais lisa no centro, irregular para o lado das fôveas laterais, que são profundamente demarcadas. Vértice brilhante, liso. Occiput fina e densamente pontuado. Lobos superiores dos olhos desenvolvidos, com quatro fileiras de omatídios. Tubérculos anteníferos projetados, distantes.

Antenas amareladas. Escapo piriforme, deprimido no lado superior da base, pouco pontuado. Artículo III mais longo do que o IV, carenado, com pêlos curtos no lado interno. As antenas dos machos alcançam o ápice dos élitros aproximadamente no ápice do sexto artículo.

Protórax avermelhado, alongado, cilíndrico, apenas constricto à frente do meio. Pronoto com uma faixa de pilosidade branca e compacta que ocupa a base atrás das elevações basais. Os tubérculos do pronoto são praticamente inaparentes e a superfície é muito lisa e brilhante. Prosterno com duas faixas de pubescência que vão até o meio.

Élitros amarelados, indistintamente avermelhados junto à base. Pontuação restrita aos pontos pilíferos, providos de pêlos curtos, organizados no meio de cada élitro em cinco fileiras longitudinais: três dorsais e duas laterais. Extremidades cortadas em curva com espinho desenvolvido no lado externo.

Pernas amareladas; fêmures posteriores (40x) esparsamente pubescentes na face dorsal, com abas apicais ligeiramente aguçadas. Face ventral avermelhada e pubescente.

## Dimensões em mm

	Holótipo ♂	Parátipo ♂
Comprimento total	11.00	12.50
Comprimento do protórax	2.62	2.93
Maior largura do protórax	1.73	2.00
Comprimento do élitro	7.60	8.91
Largura umeral	2.50	2.93

## MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Aragua*: El Limon (450 m), 1 ♂, 26.V.1959, F. Fernandes Y. col. (FAUCV). Maracay, 1 ♂, V.1936, P. Vogl col. (SM).

## TIPOS

Holótipo ♂ no Natur-Museum und Forshungs-Institut Senckenberg; 1 parátipo ♂ na Facultad de Agronomia de la Universidad Central de Venezuela.

## DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Esta nova espécie tem colorido semelhante a diversas espécies do gênero; *periboeoides*, *atricolle*, *xanthocele*, *flavum*, *flavipenne*, *enochrum*, etc. Distingue-se de todas pela pubescência característica que apresenta no pronoto. Separa-se de *citrinum*, além da constituição da pilosidade pronotal, pela presença de abundante pubescência em toda a face ventral do corpo e pelos tubérculos do pronoto apenas indicados.

*Tropidion erythrurum* (p. 424)

## MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Bolivar*: Km 107 El Dorado-Santa Elena (520 m), 1 ♂, 25.VIII.1957, F. Fernandes Y. & C. J. Rosales col. (FAUCV).

*Tropidion subcruciatum* (p. 427)

## MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Aragua*: El Limon (450 m), 3 ♂, 4 ♀, 7.V.1959, F. Fernandes Y. col. (FAUCV); 2 ♀, 11.VI.1961, F. Fernandes Y. col. (FAUCV); 1 ♀, 24.V.1965, F. Fernandes Y. & E. Osuna col. (FAUCV); 1 ♂, 30.V.1965, F. Fernandes Y. col. (FAUCV). Maracay (450 m), 1 ♀, F. Kern col. (FAUCV). Rancho Grande (1100 m), 1 ♀, 17.X.1955, F. Fernandes Y. & C. J. Rosales col. (FAUCV). *Portuguesa*: Aparición, 1 ♂, 2 ♀, F. Kern col. (FAUCV). *Guárico*: El Sombrero, 1 ex., 29.IV.1953, W. Sgumkowsky col. (FAUCV). *Bolivar*: Paramuto (30 Km de Maripa), 1 ♂, 4.II.1967, A. Musso Q. col. (FAUCV).

BRASIL. *Bahia*: Jequié, 1 ♂, 15.XI.1964, C. & T. Elias col. (FFUP). *Minas Gerais*: Diamantina (Fazenda das Melancias), 1 ♂, X-XI.1902, E. Gounelle col. (DEI). Ibiá, 1 ♀, 11.X.1965, C. Elias col. (FFUP). Uberaba, 2 ♀, X.1961, C. Elias col. (FFUP). Uberlândia, 1 ♂, 1 ♀, I.1965, A. Cunha col. (DZSP). *Espírito Santo*: Rio Bonito, 1 ♀, XI.1965, A. Maller col. (DZSP). Vitória, 1 ♂, X.1965, A. Maller col. (DZSP). *São Paulo*: Botucatu, 1 ♂, 5.XI.1963, A. Mantovan col. (FCMB). Jundiá, 1 ♀, 17.XII.1966 J. Halik col. (JH). Marília, 1 ♀, 13.I.1968, M. Carrera col. (DZSP). *Goiás*: Jataí, 1 ♀, Coll. Kraatz (DEI). *Mato Grosso*: Rio Verde, 1 ♀, X.1966, A. Maller col. (DZSP). Utiariti (Rio Papagaio), 1 ♂, 1-12.XI.1966, Lenko & Pereira col. (DZSP).

*Tropidion s. signatum* (p. 431)

MATERIAL EXAMINADO

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 1 ♂, 1 ♀, XI.1926 (MBA).

*Tropidion litigiosum* (p. 444)

MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Aragua*: El Limon (450 m), 1 ♀, 6.V.1962, F. Fernandes Y. col. (FAUCV).

Nêste exemplar o vértice é todo pubescente, exceto numa estreita faixa central: a pubescência do pronoto é bem abundante, densa, deixa apenas os tubérculos desnudos; metade superior das partes laterais do protórax densamente pubescentes; faixa esbranquiçada dos élitros (vide fig. 262) reta e larga, não voltada para a parte anterior junto à margem; extremidades elitrais fortemente oblíquas, projetadas no ângulo externo.

*Tropidion pulvinum* (p. 449)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Bahia*: Vitória da Conquista, 1 ♀, 11.II.1967, V. Becker col. (MLP).

O exemplar é mais escuro do que aquêles em que fundamentei a descrição; o colorido geral é quase preto de sorte que as manchas claras ressaltam bastante, inclusive uma mancha lateral, ao lado da primeira.

O item 67 da chave para as espécies de *Tropidion* (p. 366) que se para espécies com côr de fundo escura (*subcruciatum* e *litigiosum*) das avermelhadas (*pulvinum*, *validum* e *bituberculatum*), deve ser modificado, uma vez que exemplares escuros de *pulvinum*, como o citado acima, seriam enquadrados junto com *subcruciatum* e *litigiosum*. *Tropidion pulvinum* difere largamente de *subcruciatum* pela ausência de pontuação manifesta na metade basal dos élitros, organização dos tubérculos e da pubescência do pronoto, dimensões menores e desenho eli-

tral. Separa-se de *litigiosum* pela organização da pilosidade do pronoto, extremidades elitrais bem espinhosas, dimensões e desenho dos élitros.

*Tropidion pictipenne* (p. 455)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Botucatu, 1 ♂, 14.II.1963, A. Mantovan col. (FCMB). *Paraná*: Foz do Iguaçu, 1 ♀, 12.XII.1966, Exp. Dep. Zool. col. (FFUP). *Santa Catarina*: Rio Vermelho, 1 ♂, III.1963. Coll. Dirings (RvD).

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 1 ♂, XII.1923 (MBA).

*Tropidion salamis* (p. 458)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Santa Tereza, 1 ♀, XI.1964, C. Elias col. (FFUP). *São Paulo*: Botucatu, 1 ♀, 20.IX.1963, A. Mantovan col. (FCMB); 1 ♂, 20.X.1968, A. Mantovan col. (FCMB). Piracicaba, 1 ♀, 9.X.1965, C. A. Triplehorn col. (OSU). *Santa Catarina*: Jaraguá, 1 ♂, 1 ♀, XII.1965, A. Maller col. (DZSP).

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 1 ♂, XI.1924 (MBA).

*Tropidion investitum* (p. 462)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Santa Tereza, 1 ♀, 22.X.1966 C. & T. Elias col. (FFUP). *São Paulo*: Botucatu, 1 ♂, 15.XII.1964, A. Mantovan col. (FCMB). *Paraná*: Curitiba, 1 ♀, 15.XI.1966, Dep. Zool. col. (FFUP).

*Tropidion flavipes* (p. 466)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Minas Gerais*: Passos, 2 ♂, 1 ♀, X.1963, C. T. Elias col. (DZSP). *Espírito Santo*: Santa Tereza, 1 ♂, X.1964, C. T. Elias col. (DZSP). *São Paulo*: Piracicaba, 2 ♂, 24.X.1965, C. A. Triplehorn col. (OSU). *São Paulo*, 1 ♀ (RM).

*Tropidion inerme* (p. 473)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Paraná*: Rolândia, 1 ♂, X.1943, Coll. Dirings (RvD).  
Nêste exemplar os ápices dos élitros têm espinho curto no lado externo e os pêlos do lado interno do artículo III são tão longos quanto a largura do escapo. Levando-se em conta êsses caracteres, êste exemplar, no item 54 da chave (p. 364) seria confundido com *flavipes*. As diferenças entre *flavipes* e *inerme* estão citadas na p. 475.

*Tropidion centrale* (p. 476)

## MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Miranda*: Carrizales, 1 ♂, 24.X.1964, C. Gonzalez col. (FAUCV).

*Tropidion hermione* (p. 478)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Barueri, 1 ♂, 2 ♀, XI.1966, K. Lenko col. (DZSP). *São José dos Campos*, 1 ♂, 28.X.1962, Exp. Dep. Zool. col. (DZSP).

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 1 ♂, XI.1925 (MBA); 1 ♀, XII.1928 (MBA).

*Tropidion supernotatum* (p. 485)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Mato Grosso*: Rio Verde, 1 ♀, X.1964, A. Maller col. (DZSP).

***Tropidion praecipuum*, sp. n.**

## ASPECTO GERAL

Cabeça, protórax e élitros avermelhados; cada élitro com uma mancha amarelada desenvolvida, com contornos pouco definidos, no meio da metade anterior e uma faixa amarelada, quase transversal, ao nível do terço apical. Pronoto com pubescência. Pontos de "interestria" dos élitros apenas menores do que os pilíferos. Extremidades elitrais espinhosas no lado externo.

## LOCALIDADE-TIPO

Utiriti (Rio Papagaio), Mato Grosso, Brasil.

## DESCRIÇÃO

Cabeça avermelhada. Fóveas laterais da fronte muito profundas, delimitam uma área inferior elíptica lisa; metade superior sem pontuações. Vértice (40x) microesculturado. Lobos superiores dos olhos com três fileiras de omatídeos. Tubérculos anteníferos projetados, separados.

Antenas avermelhadas com fórmula antenal usual. Os pêlos do lado interno do artículo III são curtos e muito pouco abundantes.

Protórax avermelhado, cilíndrico, não muito alongado. Pronoto com cinco tubérculos pouco desenvolvidos: dois anteriores um central e dois basais. Pubescência serícea abundante, localizada no lado externo dos tubérculos e até o nível dos tubérculos anteriores. Partes laterais do protórax desnudas e brilhantes. Prosterno com pubescência em forma de "V" na metade basal.

Élitros avermelhados. Cada um com uma mancha amarelada, desenvolvida, de contornos indefinidos, no meio da metade anterior e uma faixa amarelada, transversal, ao nível do terço posterior. A região elitral compreendida entre a mancha e a faixa é um pouco mais escurecida. A pontuação de "interestria" é (40x) bem visível na metade basal e os pontos são apenas menores do que os pilíferos. Os pêlos são curtos e organizam-se no meio de cada élitro em três fileiras longitudinais dorsais. Extremidades cortadas em curva com espinho longo no lado externo.

Fêmures vermelho-alaranjados. Tíbias acastanhadas nas bases e gradualmente mais amareladas para o ápice. Mesosterno e metasterno avermelhados. Abdômen vermelho-alaranjado.

Dimensões, em mm (holótipo ♂)

Comprimento total	8,13
Comprimento do protórax	1,75
Maior largura do protórax	1,18
Comprimento do élitro	5,25
Largura umeral	1,62

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Mato Grosso*: Utiariti (Rio Papagaio), 1 ♂, 1-12.XI.1966, Lenko & Pereira col. (DZSP).

#### TIPOS

Holótipo ♂ no Departamento de Zoologia.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

*Tropidion praecipuum* aproxima-se bastante de *validum*; difere pelo protórax relativamente mais curto (vide dimensões); pela pubescência do pronoto menos desenvolvida (em *validum* ultrapassa os tubérculos anteriores e quase alcança a orla anterior); pelos pontos pilíferos menores nos élitros (em *validum* os pontos pilíferos são maiores do que os de "interestria"); pelo desenho elitral (em *validum* a faixa posterior dos élitros é fortemente oblíqua) e pelo escapo mais fortemente piriforme.

A nova espécie assemelha-se também a *bituberculatum*, mas tem organização diferente na pubescência do pronoto: em *praecipuum* a pubescência localiza-se externamente aos tubérculos ao passo que em *bituberculatum* a pilosidade passa sobre e no lado interno dos tubérculos pronotais. Além disso, em *bituberculatum* a metade basal dos élitros tem pontuação de "interestria" muito reduzida.

*Homaloidion pinacopterum* (p. 507)

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Linhares, 1 ♂, XI.1965, A. Maller col. (DZSP).



O exame dêste segundo exemplar de sexo masculino vem confirmar o número de segmentos antenais: doze.

*Psiloibidion leucogramma* (p. 512)

MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Miranda*: Cupira, 2 ♂, 1 ♀, 24.IV.1964, E. Osuna col. (FAUCV). *Guárico*: Mesa de Paya, 1 ♀, 12.V.1965, J. Loggioldice col. (FAUCV). Êste material comprova o registro desta espécie para a Venezuela (vide p. 515).

BRASIL. *Espírito Santo*: Santa Tereza, 1 ♂, XI.1964, C. T. Elias col. (FFUP).

*Diasporidion duplicatum* (p. 516)

MATERIAL EXAMINADO

PANAMÁ. *Darien*: Santa Fé, 1 ♀, 2.VI.1967, D. M. De Long & C. A. Triplehorn col. (OSU).

VENEZUELA. *Aragua*: El Limon (450 m), 1 ♂, 2.VI.1961, F. Fernandes Y. col. (FAUCV). *Rancho Grande*, 1 ♀, 26.IV.1946, Gift of N.Y. Zool. Soc. (AMNH). *Cojedes*: San Carlos, 1 ♂, 18.V.1949, F. Fernandes Y. col. (FAUCV).

TIPOS

Vimos anteriormente (p. 519) que dos doze exemplares da série sin-típica, apenas onze encontram-se no Muséum National d'Histoire Naturelle. O décimo-segundo exemplar, macho, portador de rótulo de Gounelle, foi recentemente examinado por mim e pertence ao Deutsches Entomologisches Institut.

*Thoracibidion flavopictum* (p. 526)

Erroneamente citado pcr Freude (1954)<sup>1</sup> para Venezuela: deve tratar-se de *T. franzae* Martins.

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Minas Gerais*: Passos, 1 ♂, X.1963, C. T. Elias col. (DZSP). *São Paulo*: Barueri, 1 ♂, 1 ♀, X.1965, K. Lenko col. (DZSP); 3 ♀, XI.1965, K. Lenko col. (DZSP); 2 ♀, XI.1966, K. Lenko col. (DZSP). *Botucatu*, 1 ♂, 4 ♀, X.1964, A. Mantovan col. (FCMB): 1 ♂, 21.XI.1964, A. Mantovan col. (FCMB). *São José dos Campos*, 1 ♀, 28.X.1962, Exp. Dep. Zool. col. (DZSP).

1. Freude, H., 1954. Liste der von P. Cornelius Vogl in Venezuela gefangenen Käfer. *Eol. ent. venezolana* 9:29-39.

*Thoracibidion lineatocolle* (p. 530)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Minas Gerais*: Teófilo Otoni, 1 ♀, 8.X.1967, G. R. Kloss col. (DZSP). *Rio Grande do Sul*: São Leopoldo, 1 ♀, J. W. Stahl col. (RM).

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 2 ♀, XI.1923 (MBA).

*Thoracibidion io* (p. 537)

A esta espécie deve corresponder o material citado por Freude (1954) sob a denominação de *Octoplon striatocolle*.

## MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Zulia*: Maracaibo-Machiques, Km 44, 1 ♂, 1.V.1960, C. J. Rosales col. (FAUCV). *Aragua*: El Limon (450 m), 1 ♂, 5.V.1958, C. J. Rosales col. (FAUCV); 1 ♂, 29.III.1965, M. Guelbez col. (FAUCV); 1 ♀, 29.V.1965, M. Guelbez col. (FAUCV); 1 ♂, 2.VI.1965, F. Fernandes Y. col. (FAUCV). *Maracay*, 1 ♀, 24.IX.1963, E. Osuna col. (FAUCV); 1 ♂, 28.X.1963, E. Osuna col. (FAUCV).

Todos esses exemplares têm élitros escuros na base.

*Thoracibidion franzae* (p. 540)

Os tipos desta espécie, segundo comunicação pessoal de E. Franz, pertencem à Sammlung des Bayerischen Staates, München.

*Thoracibidion fasciferum* (p. 549)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Mato Grosso*: Rio Verde, 1 ♀, XI.1965, A. Maller col. (DZSP).

*Gnomibidion fulvipes* (p. 586)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Rondônia*: Forte Príncipe da Beira, 1 ♀, 29.XI.1967, G. R. Kloss col. (DZSP). *São Paulo*: Botucatu, 1 ♀, 7.IX.1963, A. Mantovan col. (FCMB); 1 ♂, 13.III.1967, V. C. Jesus col. (FCMB); 1 ♂, 2.XI.1967, Timoni col. (FCMB).

## TIPOS

O holótipo de "*Ibidion biplagiatum*" Redt. encontra-se realmente depositado no Museu de História Natural de Viena; devo essa informação ao Dr. Ernst Fuchs.

*Alcyopsis cyanoptera* (p. 617)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Paraná*: Guarapuava, 2 ♂, II.1950, H. Schneider col. (FUP). *Ponta Grossa*, 1 ♀, XII.1942, Coll. Justus (FFUP); 1 ♀, I.1957, E. Justus col. (FFUP).

*Phocibidion erythrocephalum* (p. 628)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. Amazonas: Benjamin Constant, 1 ♂, IX.1960, Coll. Dirrings (RvD).

IV DIVISÃO

*Ophthalmibidion* (p. 661)

A espécie descrita a seguir apresenta olhos inteiros, muito embora a conexão entre os dois lobos se faça por um omatídio apenas. Os demais caracteres e especialmente o aspecto estrangulado da cabeça e da porção anterior do protórax justificam sua inclusão ao gênero.

***Ophthalmibidion luscum*, sp. n.**

(Fig. 705)

Esta espécie, indiscutivelmente congênica com *tetrops* e *oculatum*, amplia o conceito do gênero. Nêste caso os olhos não chegam a apresentar-se completamente divididos, as extremidades elitrais são arredondadas, o pronoto não apresenta vestígio de tubérculos e as partes laterais do protórax são pouco densamente pubescentes.

ASPECTO GERAL

Olhos não divididos. Cabeça e protórax vermelho-alaranjados. Élitros amarelo-alaranjados, cada um com uma mancha esbranquiçada, desenvolvida, no meio da metade anterior, arredondada para o lado da sutura e fundida com a margem e uma faixa esbranquiçada, oblíqua em sentido ascendente da margem para a sutura; extremidades concolores. Protórax alongado com pubescência esparsa.

LOCALIDADE-TIPO

Corumbá, Mato Grosso, Brasil.

DESCRIÇÃO

Cabeça vermelho-alaranjada, fortemente constricta posteriormente. Fronte (40x) quase perfeitamente regular, apenas rugosa transversalmente; fôveas laterais como em *tetrops*. Vértice liso. Olhos inteiros, os lobos conectados por um omatídio apenas. Tubérculos anteníferos como em *tetrops*.

Antenas (♂) alaranjadas, alcançam o ápice dos élitros na ponta do sétimo segmento. Escapo (16x) fina e esparsamente pubescente. No restante como em *tetrops*.

Protórax vermelho-alaranjado, alongado, fortemente constricto para a parte anterior. Pronoto sem tubérculos, com pubescência rala na

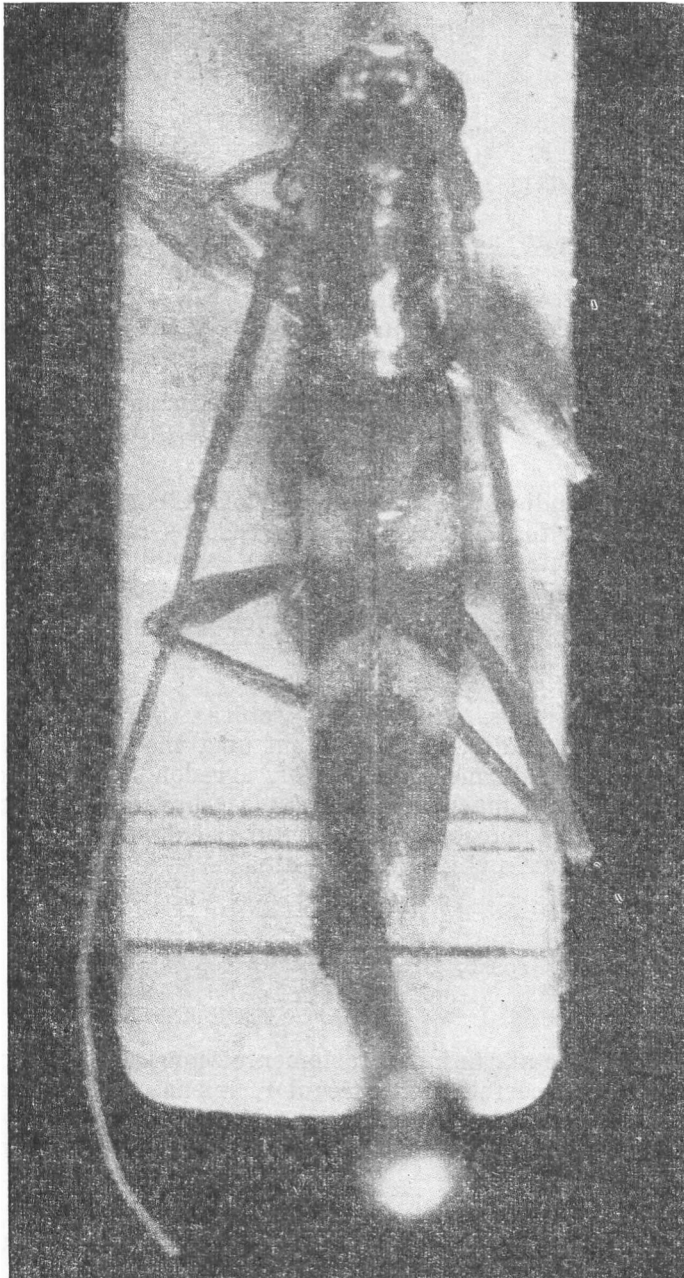


Fig. 705. *Ophthalmibidion luscum*, sp. n., holótipo ♂.

base e nos lados (da base ao meio). Partes laterais do protórax fina e esparsamente pubescentes nos dois tângos basais.

Élitros alaranjados; cada um com uma mancha esbranquiçada, desenvolvida, ligeiramente oblíqua em sentido descendente da margem para a sutura no meio da metade anterior e uma faixa esbranquiçada oblíqua em sentido inverso, no meio. Mancha e faixa bordejadas por colorido pouco mais escuro. Extremidades concolores, arredondadas. Pontuação elitral como em *tetrops*.

Pernas alaranjadas, como em *tetrops*.

Dimensões, em mm (holótipo ♂)

Comprimento total	7,50
Comprimento do protórax	1,56
Maior largura do protórax	1,06
Comprimento do élitro	4,87
Largura umeral	1,43

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Mato Grosso*: Corumbá, 1 ♂ (SM).

#### TIPOS

Holótipo ♂ no Natur-Museum und Forschungs-Institut Senckenberg.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

*Ophthalmibidion luscum* difere de *oculatum*: pelos olhos inteiros, pela presença de pubescência no protórax, pelo desenho elitral, pela ausência de espinho no lado externo do ápice dos élitros. Separa-se de *tetrops*: pelos olhos inteiros, pela ausência de escultura no vértice; pelo protórax relativamente mais longo, sem tubérculos no pronoto; pelo desenho elitral; pelo formato das extremidades dos élitros e pelo colorido geral.

*Bomaribidion angusticolle* (p. 667)

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Paraná*: Foz do Iguaçu, 1 ♀, 7.XII.1966, Dep. Zool. col. (FFUP).

*Compsibidion* (p. 676)

Chave para as espécies

Foi inadvertidamente omitida na chave *Compsibidion truncatum* Thomson. O item 21 da chave passa a ser:

- 21 (20) . Pronoto com tubérculos pouco aparentes ou sem tubérculos, com pubescência que deixa desnuda apenas uma área central em "V" de ramos bem abertos; colorido de fundo castanho .....21a  
 Tubérculos do pronoto mais aparente; pilosidade pronotal organizada de modo diferente; colorido geral avermelhado ou élitros amarelados. Grupo *niveum* .....22
- 21a (21) . Faixa branca do centro dos élitros recurva e a mancha anterior (fig. 386) com aspecto longitudinal; (artículos III e IV engrossados e não carenados nas antenas dos machos). Brasil (Bahia ao Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso), Bolívia, Paraguai e Argentina ..... *fairmairei* (Thomson) (p. 708).  
 Faixa branca do centro dos élitros quase reta, ligeiramente oblíqua; mancha clara da metade anterior oblíqua. 21b.
- 21b (21a) . Artículos, III e IV pouco evidentemente engrossados nas antenas dos machos, carenados em toda a extensão; lobos superiores dos olhos com quatro fileiras de omatídios; manchas claras dos élitros mais largas. Brasil (Bahia ao Rio Grande do Sul, Goiás), Paraguai e Argentina (Misiones). *truncatum* (Thomson) (p. 714).  
 Artículos III e IV visivelmente engrossados nas antenas dos machos, com carena pouco aparente apenas junto às bases; lobos superiores dos olhos com cinco fileiras de omatídios; faixas claras dos élitros muito estreitas. Venezuela ..... *clivum*, sp. n. (p. 1453).

*Compsibidion fairmairei* (p. 708)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Minas Gerais*: Ibiá, 1 ♀, 28.X.1965, C. Elias col. (FFUP).  
*Espírito Santo*: Santa Tereza, 1 ♀, 26.X.1964, C. Elias col. (FFUP).  
*São Paulo*: Piracicaba, 2 ♂, 1 ♀, XI.1964, W. E. & C. A. Triplehorn col. (OSU).

URUGUAI. *Colônia*: Arroyo San Juan (Paso de la Horqueta), 1 ♀, 26.XII.1968, M. A. Monné col.

ARGENTINA. *Catamarca*: 1 ♂, M. Gomez col. (MBA).

Biologia

Monné encontrou um espécime "dentro del tallo de una enredadera: *Urvillea uniloba* Raldk. (Sapindaceae)."

*Compsibidion truncatum* (p. 714)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Ilha da Vitória, 1 ♂, 2 ♀, 24.III-6.IV.1965, Exp. Dep. Zool. col. (DZSP).

**Compsibidion clivum, sp. n.**

## ASPECTO GERAL

Semelhante ao de *truncatum*. Cabeça, protórax e élitros acastanhados; antenas e pernas castanho-avermelhados. Cada élitro com duas faixas brancas estreitas, uma no meio da metade anterior afastada da sutura, oblíqua em sentido ascendente da margem para a sutura e uma central, contínua, quase transversal. Artículos III e IV engrossados nas antenas dos machos. Ápices dos élitros desarmados.

## LOCALIDADE-TIPO

Rancho Grande, Aragua, Venezuela.

## DESCRIÇÃO

Cabeça acastanhado escuro. Fronte pubescente; foveas laterais bem demarcadas. Vértice pubescente, com uma carena (40x) longitudinal entre os lobos superiores dos olhos. Tubérculos anteníferos pouco projetados, afastados, não aguçados. Lobos superiores dos olhos bem desenvolvidos, com cinco fileiras de omatídios, pouco adelgaçados atrás da inserção das antenas.

Antenas avermelhadas. Escapo cilíndrico, apenas engrossado para a extremidade, pubescente, sem sulco basal. Artículo III bem alongado, engrossado, com uma carena curta apenas na base, com longos pêlos internos. Artículo IV também engrossado, carenado na base, mais curto do que o seguinte. Artículos seguintes normais, carenados, o V pouco mais curto do que o VI. As antenas alcançam a ponta dos élitros na base do oitavo artículo.

Protórax castanho escuro. Pronoto sem tubérculos, com pubescência disposta como em *Compsa*, isto é, com uma área central desnuda que tem aspecto de "V" com ramos muito abertos. Partes laterais do protórax pubescentes na metade superior. Prosterno com pubescência na metade basal. Cavidades coxais anteriores estreitamente abertas atrás.

Élitros acastanhados. Cada um com duas faixas esbranquiçadas estreitas, uma ligeiramente oblíqua no meio da metade anterior, que termina distante da sutura e uma outra, transversal em sua porção dorsal, contínua, no meio. Pontuação restrita aos pontos pilíferos, organizados no meio de cada élitro em cinco fileiras longitudinais: três dorsais e duas laterais. Extremidades transversalmente truncadas e desarmadas.

Fêmures avermelhados, mais claros nas bases, pubescentes, desarmados nas extremidades. Tíbias avermelhadas, mais claras para o ápice, finamente carenadas no lado externo.

Mesosterno, centro do metasterno e últimos segmentos abdominais alaranjados; porções látero-anteriores do metasterno e segmentos basais do abdômen acastanhados; toda face ventral pubescente.

Dimensões, em mm (holótipo ♂)

Comprimento total	8,50
Comprimento do protórax	2,17
Maior largura do protórax	1,41
Comprimento do élitro	6,08
Largura umeral	1,84

MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Aragua*: Rancho Grande (1100 m), 1 ♂, 13.V.1955, F. Fernandes Y. & C. J. Rosales col. (FAUCV).

TIPOS

Holótipo ♂ na Facultad de Agronomia de la Universidad Central de Venezuela.

*Compsibidion callispilum* (p. 729).

MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Monagas*: Jusepin, 1 ♀, 17.X.1965, F. Fernandes Y. & C. J. Rosales col. (FAUCV).

Nêste exemplar a cabeça e o protórax são avermelhados; as manchas elitrais são grandes e não têm limites muito definidos; os dois têrços basais dos élitros são avermelhados e o têrço apical é prêto; existe uma mancha amarelada, indistinta, apical que não envolve os espinhos.

*Compsibidion graphicum* (p. 734)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Santa Tereza, 1 ♀, XI.1964, C. & T. Elias col. (FFUP). *São Paulo*: Barueri, 1 ♀, XI.1964, K. Lenko col. (DZSP); 1 ♀, XII.1965, K. Lenko col. (DZSP); 2 ♀, XI.1966, K. Lenko col. (DZSP). Botucatu, 1 ♂, 7.X.1963, A. Mantovan col. (FCMB); 1 ♂, 3.X.1964, A. Mantovan col. (FCMB). Piracicaba, 3 ♂, XI.1964, W. E. & C. A. Triplehorn col. (OSU). *Santa Catarina*: Nova Teutônia, 1 ♂, 10.I.1947, F. Plaumann col. (AMNH).

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 1 ♂, XI.1923 (MBA); 1 ♂, I.1927 (MBA); 1 ♀, XII.1928 (MBA).

*Compsibidion varipenne* (p. 742)

O holótipo e o alótipo pertencem à Sammlung des Bayerischen Staates, München (E. Franz, comunicação pessoal).

***Compsibidion derivativum*, sp. n.**

ASPECTO GERAL

Cabeça e protórax vermelho-alaranjados. Artículo III comprimido, ligeiramente engrossado (♂), não carenado. Élitros alaranjados na



base, escuros entre as manchas descritas a seguir e castanho-alaranjados no quarto apical. Abas apicais dos fêmures posteriores projetadas.

#### LOCALIDADE-TIPO

Cáceres, Mato Grosso, Brasil.

#### DESCRIÇÃO

Cabeça vermelho-alaranjada. Fronte (40x) fina e densamente irregular, praticamente sem pêlos; fôveas laterais profundas, longitudinais, não muito afastadas dos olhos. Vértice fina e densamente irregular. Occiput liso. Tubérculos anteníferos bem distantes, ligeiramente projetados. Lobos superiores dos olhos com quatro fileiras de ematídios.

Antenas alaranjadas. Escapo subpiriforme, não muito alongado, com sulco raso no lado superior da base, esparsamente e pouco profundamente pontuado. Artículo III ( $\delta$ ) mais longo do que o seguinte, algo achatado dorso-ventralmente, não carenado, um pouco mais largo do que os outros, com longos pêlos no lado interno. Artículo IV mais curto do que o V, não carenado, com longos pêlos internos. Artículo V pouco mais curto do que o VI; os restantes (até o X, onde as antenas estão quebradas) com comprimentos aproximadamente iguais.

Protórax alaranjado, cilíndrico, pouco constricto anterior e posteriormente. Pronoto sem tubérculos, com pubescência rala junto à base e perto da orla anterior. Partes laterais do protórax esparsamente pubescentes nos dois terços basais da metade superior. Prosterno liso e brilhante, com pilosidade muito rala (40x) junto ao início do processo prosternal.

Élitros vermelho-alaranjados junto à base, acastanhados entre as manchas e castanho-alaranjados no quarto apical; cada um com uma mancha branco-amarelada, desenvolvida, que não toca a sutura no terço anterior e uma faixa larga, da mesma cor, oblíqua em sentido ascendente da margem para a sutura, no terço posterior. Pontos pilíferos organizados em quatro fileiras longitudinais no meio de cada élitro, três dorsais e uma lateral; os pêlos relativamente alongados. "Interestrias" (40x) com pontos esparsos mas evidentes, um pouco menores do que os pilíferos. Extremidades cortadas em curva com espinho longo no lado externo.

Pernas amareladas. Fêmures pedunculados e clavados, providos de pêlos longos esparsos; abas apicais dos médios e posteriores aguçadas; estas pouco mais desenvolvidas do que aquelas. Tíbias posteriores carenadas no lado externo.

Mesosterno, metasterno e abdômen alaranjados, finamente pubescentes.

Dimensões, em mm (holótipo ♂)

Comprimento total	6,52
Comprimento do protórax	1,50
Maior largura do protórax	1,00
Comprimento do élitro	4,43
Largura umeral	1,31

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Mato Grosso*: Cáceres, 1 ♂, 19.X.1961, F. M. Oliveira col. (FFUP).

TIPOS

Holótipo ♂ na Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

A pubescência escassa no prosterno sugere afinidades entre esta espécie e as que integram o grupo *sphaerium*, contudo, em *derivativum* os lobos superiores dos olhos têm quatro fileiras de omatídios e o artículo III não é muito visivelmente engrossado. Difere de *megarthron* pelo desenho elitral, pelo número de fileiras de omatídios nos lobos superiores dos olhos; pelos tubérculos anteníferos pouco aguçados, pelo formato do artículo III das antenas do macho, pela ausência de projeção no ápice dos élitros.

O colorido, embora um pouco diferente, lembra vagamente o de *ilium*; *derivativum* difere pela fórmula antenal dos machos, pela ausência de carenas nos artículos antenais, pela pubescência e tubérculos do pronoto, pela mancha e colorido dos élitros.

*Compsibidion quadrisignatum* (p. 777)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: 1 ♀ (RM).

*Compsibidion maronicum* (p. 783)

MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Bolívar*: Peraitepuy, 1 ♀, 1940, P. Anduze col. (AMNH).

PERU. Achinamiza (?), 1 ex., 11.X.1927, H. Bassler col. (AMNH).

BRASIL. *Amazonas*: Rio Juruá, 1 ♂, Roman col. (RM).

*Compsibidion thoracicum* (p. 803)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Goiás*: Jataí, 1 ♀. Coll. Kraatz (DEI).

*Compsibidion vanum* (p. 813)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Minas Gerais*: Arinos, 1 ♀, 6-8.XI.1964, Exp. Dep. Zool. col. (DZSP). *Espírito Santo*: Santa Tereza, 1 ♀, II.1964, C. & T. Elias col. (FFUP). *São Paulo*: Eugênio Lefèvre, 1 ♂, 21.II.1963, L. Travassos F.<sup>o</sup> col. (DZSP).

As três espécies descritas a seguir constituem outro agrupamento em *Compsibidion*; em duas dessas espécies os machos (fig. 706) apresentam os fêmures posteriores engrossados.

***Compsibidion femoratum*, sp. n.**

(Fig. 706)

ASPECTO GERAL

Colorido geral vermelho-alaranjado ou avermelhado. Artículos basais das antenas dos machos não engrossados, indistintamente carenados. Lobos superiores dos olhos com três fileiras de omatídios. Pronoto pubescente, sem tubérculos. Élitros sem manchas, com pêlos longos em fileiras e pêlos mais curtos deitados; extremidades desprovidas de espinhos. Fêmures posteriores do macho fortemente engrossados.

LOCALIDADE-TIPO

Resistência, Chaco, Argentina.

DESCRIÇÃO

Cabeça vermelho-alaranjada ou avermelhada. Fronte (40x) pubescente com as fôveas laterais bem demarcadas, não muito próximas aos olhos. A distância entre os lobos oculares maior do que a distância entre as inserções das antenas. Vértice pubescente, finamente irregular na porção anterior; uma carena pouco elevada entre as bases dos tubérculos anteníferos nos exemplares maiores. Lobos superiores dos olhos com três fileiras de omatídios, não estreitados atrás da inserção das antenas. Tubérculos anteníferos desenvolvidos, agudos e distantes.

Antenas vermelho-alaranjadas ou avermelhadas. Escapo cilíndrico, muito pouco engrossado para a extremidade, sem sulco no lado superior da base, pontuado (40x) e pubescente. Artículo III normal nas antenas dos machos, mais longo do que o seguinte em ambos os sexos, indistintamente carenado, provido de pêlos muito longos e não muito abundantes no lado interno. Artículo IV mais curto do que o seguinte, com descrição semelhante à do precedente. As antenas dos machos têm cerca do mesmo comprimento do corpo e as das fêmeas não chegam a alcançar as extremidades elitrais.

Protórax avermelhado ou vermelho-alaranjado, cilíndrico, ligeiramente mais largo anteriormente do que na base, pouco constricto an-

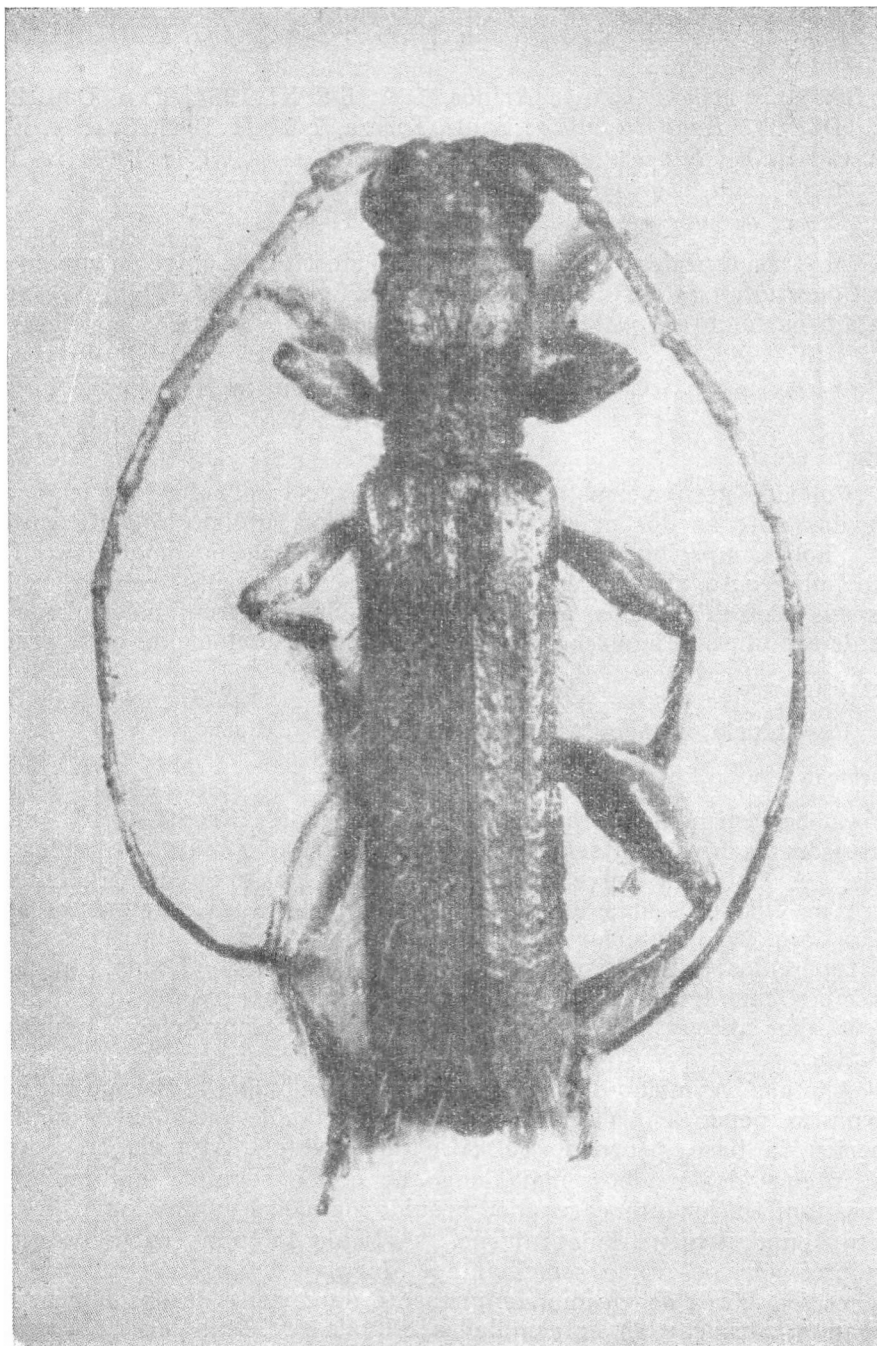


Fig. 756. *Compsibidion femoratum*, sp. n., holótipo ♂.

terior e posteriormente. Pronoto sem tubérculos ou com três tubérculos anteriores muito pouco indicados; pubescência abundante, cobre toda a superfície, exceto uma área no centro do disco. Partes laterais do protórax mais esparsamente pubescentes. Prosterno pubescente na metade basal. Cavidades coxais anteriores (duas fêmeas examinadas) fechadas atrás.

Élitros avermelhados ou vermelho amarelados, sem manchas ou faixas, com extremidades ligeiramente truncadas e completamente desarmadas. Pubescência elitral constituída por dois tipos de pêlos: longos, desenvolvidos, finos e organizados em cinco fileiras longitudinais e curtos, deitados, presentes em toda a superfície elitral.

Fêmures avermelhados ou vermelho-amarelados, pedunculados e clavados; os posteriores, nos machos, muito fortemente engrossados, com quase a mesma largura que o protórax. O mesmo par é normal nas fêmeas. Tíbias posteriores indistintamente ou não carenadas no lado externo.

Mesosterno, metasterno e abdômen avermelhados ou vermelho-amarelados e pubescentes.

Dimensões, em mm

	Holótipo ♂	♀
Comprimento total	6,84	7,39 — 9,23
Comprimento do protórax	1,43	1,50 — 1,93
Maior largura do protórax (anterior)	1,00	1,06 — 1,25
Comprimento do élitro	4,31	4,68 — 5,75
Largura umeral	1,31	1,31 — 1,75

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Mato Grosso*: Salôbra, 2 ♀, 18-29.X.1938, F. Lane col. (DZSP).

ARGENTINA. *Chaco*: Resistência, 1 ♂, 1 ♀, II (MLP, holótipo e alótipo); 1 ♀, II.1936, Coll. J. M. Bosq (CCS).

#### TIPOS

Holótipo ♂ e alótipo no Museu de La Plata; 2 parátipos ♀ no Departamento de Zoologia; e parátipo ♀ na Coleção Campos Seabra.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Embora com colorido uniforme e apenas três fileiras de omatídeos nos lobos superiores dos olhos, afasta-se muito do grupo *sphaerium* pelos fêmures posteriores dos machos muito engrossados, extremidades elitrais desarmadas, pubescência elitral e artículos não modificados nas antenas dos machos. Pelo aspecto dos fêmures posteriores (♂) separa-se de todas as espécies do gênero examinadas até aqui.

**Compsibidion crassipede, sp. n.**

## ASPECTO GERAL

Colorido geral avermelhado ou vermelho-acastanhado. Cada élitro com uma mancha arredondada, amarelada, dorsal, no meio da metade anterior e uma faixa amarelada, recurva angulosa anteriormente junto à sutura, próxima à mancha anterior, que não chega a alcançar a margem. Pronoto com tubérculos. Pêlos elitrais abundantes e esbranquiçados. Fêmures médios e posteriores mais grossos nos machos do que nas fêmeas.

## LOCALIDADE-TIPO

Salôbra, Mato Grosso, Brasil.

## DESCRIÇÃO

Cabeça acastanhada, avermelhada ou castanho-avermelhada. Fronte (40x) pubescente; fôveas laterais projetadas para o lado interno, delimitam inferiormente uma área elíptica. Vértice pubescente; uma carena pouco elevada entre as bases dos tubérculos anteníferos. Lobos superiores dos olhos com três ou quatro fileiras de omatídios. Tubérculos anteníferos um pouco projetados e distantes.

Antenas avermelhadas ou acastanhadas. Escapo cilíndrico, pouco e gradualmente engrossado para a extremidade, sem sulco basal, pubescente, fina e densamente pontuado (40x). Artículos antenais não engrossados nas antenas dos machos; o III indistintamente carenado, provido de pêlos muito longos no lado interno; o IV bem menor do que o precedente e do que o seguinte nas antenas das fêmeas e um pouco mais curto do que ambos nas antenas dos machos. As antenas dos machos alcançam as extremidades dos élitros aproximadamente no ápice do oitavo artigo; as das fêmeas, aproximadamente, na ponta do nono ou do décimo artigo.

Protórax acastanhado ou avermelhado, cilíndrico, apenas mais largo anteriormente do que na base. Pronoto com cinco tubérculos: dois anteriores e um central geralmente bem manifestos e dois basais apenas indicados. A pubescência localiza-se entre os tubérculos organizada em duas faixas longitudinais não muito regulares. Partes laterais do protórax lisas e brilhantes. Prosterno pubescente na metade basal. Cavidades coxais anteriores estreitamente abertas ou fechadas atrás.

Élitros avermelhados ou acastanhados; cada um com uma mancha amarelada, elíptica, dorsal, localizada no meio da metade anterior e uma faixa amarelada, recurva, curta, situada logo depois da mancha; essa faixa invade a região anterior próxima à sutura e não chega a atingir a margem. Vide variações. Pêlos elitrais de dois tipos: mais longos, brancos e abundantes e pequenos (40x) esparsos, deitados em toda a superfície, não muito numerosos, não chegam a obliterar o tegumento. Extremidades arredondadas e desarmadas.

Fêmures castanhos ou avermelhados, pedunculados e clavados; os médios e posteriores nos machos visivelmente mais engrossados do que nas fêmeas. Tíbias avermelhadas ou acastanhadas; as posteriores não carenadas.

Mesosterno, metasterno e abdômen avermelhados ou acastanhados e pubescentes.

Dimensões, em mm

	♂	♀
Comprimento total	6,52 — 10,83	8,13 — 9,00
Comprimento do protórax	1,56 — 2,74	1,75 — 2,17
Largura anterior do protórax	1,06 — 1,73	1,18 — 1,41
Comprimento do élitro	4,37 — 7,39	5,06 — 6,41
Largura umeral	1,37 — 2,39	1,56 — 1,95

#### VARIAÇÕES

Em alguns exemplares as manchas posteriores dos élitros são mais reduzidas e numa fêmea de San Bernardino desaparecem completamente.

#### DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Brasil (São Paulo e Mato Grosso), Paraguai e Argentina (Salta).

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Bôa Esperança do Sul (Fazenda Itaquerê), 1 ♂, 26.X.1964, K. Lenko col. (DZSP). Castilho, 2 ♀, X.1964 Exp. Dep. Zool. col. (DZSP). *Mato Grosso*: Salôbra (zona da Noroeste do Brasil), 3 ♂, 18-29.X.1938, Inst. O. Cruz (DZSP); 6 ♂, 6 ♀, 18-29.X.1938, F. Lane col. (DZSP).

PARAGUAI. *Cordillera*: San Bernardino, 1 ♀, 15.I.1939, Coll. Denier (MLP).

ARGENTINA. *Salta*: Senillosa, 1 ♂, Harrington col. (IEEA). Tartagal, 1 ♀, XI.1950, A. Martinez col. (P).

#### TIPOS

Holótipo ♂, alótipo, 9 parátipos ♂ e 8 parátipos ♀ no Departamento de Zoologia; 1 parátipo ♂ no Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas; 1 parátipo ♀ na Coleção A. F. Prosen; 1 parátipo ♀ no Museu de La Plata.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Esta espécie difere da precedente com a qual deve ser agrupada, pelo escapo ligeiramente mais engrossado para a extremidade; protórax mais cilíndrico, menos visivelmente alargado para a parte anterior; antenas mais longas em ambos os sexos, especialmente nos machos; pre-

sença de manchas claras nos élitros; "interestrias" elitrais grosseiramente pontuadas; pêlos longos dos élitros esbranquiçados e mais abundantes e fêmures posteriores nos machos tão grossos quanto os intermediários. Em *femoratum* os fêmures posteriores são muito mais grossos do que os médios.

### ***Compsibidion circumflexum*, sp. n.**

#### ASPECTO GERAL.

Colorido geral acastanhado. Cada élitro com uma mancha amarelada lateral, no meio da metade anterior e imediatamente atrás dela uma faixa branco-amarelada recurva. Mancha e faixa muito variáveis. Escapo subpiriforme. Antenas carenadas, com artículos não modificados nos machos. Fêmures médios e posteriores dos machos um pouco mais grossos do que os das fêmeas.

#### LOCALIDADE-TIPO

Calamuchita (El Sauce), Córdoba, Argentina.

#### DESCRIÇÃO

Cabeça acastanhada. Fronte (40x) pubescente, com fôveas laterais delimitando uma área centro-inferior elíptica; metade superior irregular. Vértice com três carenas anteriores entre as bases dos tubérculos anteníferos, pubescente. Lobos superiores dos olhos com quatro ou cinco fileiras de omatídios. Tubérculos anteníferos manifestos e largamente separados.

Antenas acastanhadas ou avermelhadas. Escapo curto, sub-piriforme, sulcado no lado superior da base, esparsamente pubescente. Artículos basais não modificados nas antenas dos machos, evidentemente carenados em ambos os sexos; o IV subigual em comprimento ao seguinte e pouco mais curto do que o precedente. Os segmentos basais providos de longos pêlos no lado interno. As antenas dos machos ultrapassam as extremidades dos élitros com os três últimos artículos, as das fêmeas com o último segmento.

Protórax castanho ou avermelhado, cilíndrico, pouco constricto anterior e posteriormente. Pronoto com cinco tubérculos, dois anteriores e um central mais evidentes e dois basais apenas indicados. Pubescência do pronoto deixa desnudos uma faixa central longitudinal e o topo dos tubérculos laterais. Partes laterais do protórax lisas e brilhantes. Prosterno pubescente na metade posterior.

Élitros castanhos ou avermelhados, com manchas branco-amareladas muito variáveis: geralmente uma localiza-se no meio da metade anterior, mais para o lado da margem e imediatamente atrás dela situa-se uma faixa recurva. Pêlos elitrais (atrás da faixa central) não muito alongados, numerosos, pouco organizados em fileiras longitudinais. "Interestrias" (40x) praticamente sem pontos e com alguns pêlos muito curtos e esparsos. Extremidades arredondadas e desarmadas.



Pernas acastanhadas ou avermelhadas. Fêmures médios e posteriores dos machos mais grossos do que os das fêmeas (êste caráter é bem evidente quando se examinam exemplares dos dois sexos ao mesmo tempo), pedunculados, clavados e pubescentes. Tibias posteriores carenadas ou com uma faixa mais escura longitudinal que imita uma carena.

Mesosterno, metasterno e abdômen acastanhados e pubescentes.

Dimensões, em mm

	♀	♂
Comprimento total	7,93 — 10,66	7,60 — 11,66
Comprimento do protórax	1,62 — 2,39	1,68 — 2,62
Largura do centro do protórax	1,18 — 1,84	1,18 — 1,95
Comprimento do élitro	4,87 — 7,60	4,68 — 8,13
Largura umeral	1,62 — 2,39	1,50 — 2,74

#### VARIAÇÕES

Em alguns indivíduos a pubescência deitada dos élitros é mais abundante; a faixa central dos élitros pode desaparecer completamente e em alguns casos avançar angulosamente para o lado sutural.

#### MATERIAL EXAMINADO

ARGENTINA. *Salta*: C. Moldes, 1 ♀, XI.1951, Rosillo col. (P). *Chaco*: La Escondida, 1 ♀, 28.XI.1936, Coll. Denier (MLP). Resistencia, 1 ♀, XI, Coll. Denier (MLP). *Catamarca*: 2 ♀ (MLP, DZSP); 2 ♀, C. Bruch col. (MBA); 1 ♀, 19.I.1910, C. Bruch col. (MLP). *Chiquimil*, 1 ♀, Weiser col. (MBA). *La Cienega*, 1 ♂, 1 ♀, Wolters col. (MBA); (Belén), ♂, XII.1927, Wolters col. (MBA, DZSP). *Tucumán*: 1 ♂, 1926 (P). *Santiago del Estero*: Sumampa, 1 ♂, XI.1944, M. Alvarado col. (DZSP). *La Rioja*: Iliar., 1 ♂, M. Gomez col. (MBA). *Cordoba*: Calamuchita (El Sauce), 9 ♂, 12 ♀, XII.1938, M. J. Viana col. (MLP, DZSP). H. Grande, 1 ♀, I.1946, H. E. col. (P). San Javier (La Paz), 4 ♀, 1-20.I.1929, C. Bruch col. (MBA, DZSP). Sierra, 1 ♂, 7.XII.1930, Williner col. (W); 1 ♀, 5.I.1931, Williner col. (W). *Entre Rios*: 1 ♂ (DZSP). *Buenos Aires*: Isla Martin Garcia, 1 ♀, I. 1938, M. J. Viana col. (MLP).

#### TIPOS

Holótipo ♂, alótipo, 5 parátipos ♂, 12 parátipos ♀ no Museu de La Plata; 4 parátipos ♂ e 6 parátipos ♀ no Museu Argentino de Ciencias Naturales; 6 parátipos ♂ e 6 parátipos ♀ no Departamento de Zoologia; 1 parátipo ♂ e 1 parátipo ♀ na Coleção A. F. Prosen; 1 parátipo ♀ na Coleção Williner.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Separa-se da espécie precedente principalmente pela escassa pontuação de "interestria" que apresenta nos élitros; a faixa clara cen-

tral geralmente não invade a porção anterior junto à sutura, os fêmures dos machos são menos visivelmente engrossados e o escapo é curto e sulcado no lado superior da base.

Esse tipo de escapo e artículos basais das antenas dos machos com comprimentos subiguais, bem como a presença de tubérculos no pronoto aproximam esta espécie de *Tropidion*.

Difere largamente de *Compsibidion fairmaire* apesar do desenho elítral semelhante, pela fórmula antenal dos machos.

*Coleroidion cingulum* (p. 833)

MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Aragua*: El Limon (450 m), 1 ♂, 13.VI.1964, J. & B. Bechyné col. (FAUCV).

Este é o primeiro exemplar de sexo masculino conhecido. Nas antenas apenas o artículo III é engrossado, carenado no pedúnculo, com franja de pêlos muito curtos (40x) no lado externo; o artículo III tem mais do que o dôbro do comprimento do IV e apresenta pêlos muito longos no lado interno; artículo IV carenado. Nos élitros apenas a região basal é mais avermelhada. Com relação a *leucotrichum*, o artículo III é mais visivelmente pedunculado e o artículo IV é relativamente mais curto.

O holótipo e 1 parátipo ♀ pertencem à Sammlung des Bayerischen Staates, München (E. Franz, comunicação pessoal).

*Tetraopidion mucoriferum* (p. 836)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Piracicaba, 1 ♂, 29.VIII.1964, W. E. & C. A. Triplehorn col. (OSU); 1 ♂, 1 ♀, XI.1964, W. E. & C. A. Triplehorn col. (OSU).

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 2 ♂, XI.1923 (MBA).

*Cyridolon gounellei* (p. 848)

MATERIAL EXAMINADO

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 1 ♂, 1 ♀, I.1927 (MBA).

*Cyridolon sericeum* (p. 863)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Guanabara*: Rio de Janeiro, 1 ♂, F. Sahlberg col. (RM).

*Cyridolon approximatum* (p. 868)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Amazonas*: Maturaca (alto Rio Negro), 1 ♀, 12-17.XII.1962, J. Bechyné col. (DZSP).

## V DIVISÃO

*Microibidion exiguum* (p. 971)

## MATERIAL EXAMINADO

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 1 ex., IX.1927 (MBA).

*Compsa albopicta* (p. 999)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Botucatu, 1 ex., 18.IX.1964, A. Mantovan col. (FCMB). *Santa Catarina*: Blumenau, 1 ex., Coll. Kraatz (DEI). Quecaba (ex-Terezópolis, Município de Palhoça), 1 ex., 1887, Coll. Fruhstorfer (DEI).

***Compsa montana*, sp. n.**

## ASPECTO GERAL

Coloração geral castanho-avermelhada, pouco mais escura na cabeça e no protórax. Cada élitro com duas manchas amarelo-esbranquiçadas: uma dorsal, elíptica, pequena, no terço anterior e uma oblíqua em sentido ascendente da margem para a sutura (não chega a tocar ambas), no quarto apical. Extremidades elitrais bi-espinhosas. Antenas dos machos com os artículos III-VI engrossados e carenados.

## LOCALIDADE-TIPO

“Brejo” Madre de Deus, Paraíba?, Brasil. Sobre “brejo” vide p. 1367.

## DESCRIÇÃO

Cabeça castanho-avermelhada. Fronte (40x) pubescente, com as foveas laterais não muito aproximadas dos olhos. Vértice (40x) pubescente na parte anterior, com carena entre os tubérculos anteníferos. Lobos superiores dos olhos com quatro fileiras de omatídios. Tubérculos anteníferos projetados, pubescentes.

Antenas avermelhadas. Escapo gradualmente e pouco engrossado para a extremidade, esparsamente pubescente, com sulco largo e alongado na base. Artículo III (♂) cilíndrico, engrossado, fortemente carenado, mais longo do que o seguinte, provido de longos pêlos no lado interno; IV (♂) engrossado, mais curto do que o V, carenado; V e VI também engrossados, com comprimentos subiguais. As antenas dos machos atingem as extremidades dos élitros aproximadamente na extremidade do oitavo artículo.

Protórax castanho-avermelhado, alongado, cilíndrico, pouco constrito anterior e posteriormente. Pronoto pubescente junto à base, desnudo no restante, com dois tubérculos basais arredondados no tópo, pouco projetados. Partes laterais do protórax pubescentes com uma

faixa longitudinal desnuda no limite com o prosterno. Êste pubescente na metade basal.

Élitros vermelho-acastanhados, brilhantes. Cada um com duas manchas branco-amareladas, que não tocam a sutura ou a margem: uma elíptica, no tærço anterior e uma oblíqua em sentido ascendente da margem para a sutura, no quarto posterior. Pontos pilíferos organizados em cinco fileiras longitudinais por élitro. Extremidades cortadas em curva, com dois espinhos; o externo mais largo e um pouco mais longo do que o interno.

Fêmures vermelho-acastanhados, pedunculados e engrossados; extremidades dos médios e posteriores desarmadas. Tíbias vermelho-amareladas, as posteriores desprovidas de carena no lado externo.

Mesosterno, metasterno e abdômen avermelhados e pubescentes.

Dimensões, em mm (♂)

Comprimento total	5,94 — 7,50
Comprimento do protórax	1,25 — 1,62
Comprimento do élitro	3,56 — 4,49
Largura umeral	1,00 — 1,18
Antenas. Escapo	0,56 — 0,68
Artículo III	1,00 — 1,37
Artículo IV	0,75 — 1,00
Artículo V	0,87 — 1,25

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Paraíba?*: “Brejo” Madre de Deus, 1 ♂, Schubart col. (DZSP). *Bahia*: Santo Antonio da Barra (atual Condeúba), 1 ♂, XI-XII.1888, E. Gounelle col. (MNHN).

#### TIPOS

Holótipo ♂ no Departamento de Zoologia; 1 parátipo ♂ no Muséum National d'Histoire Naturelle.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

O aspecto da extremidade e das manchas dos élitros desta espécie permite separá-la de tôdas as outras que apresentam colorido semelhante. Difere de *albomaculata* pelas extremidades elitrais bi-espinhosas, pela ausência de mancha clara junto ao ápice dos élitros, pelo desenho elitral e pela menor densidade da pilosidade do pronoto na parte anterior. Os artículos antenais engrossados nos machos de *montana* aproximam-na de *diringshofeni* e de *monrosi*, espécies que possuem colorido completamente diverso.

*Compsa macra* (p. 1014)

#### MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. (Estado?): Las Adjuntas, 1 ex., 13.IX.1891, Meinert col. (RM).

*Compsa multiguttata* (p. 1017)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Pernambuco*: Serra de Comonati, 1 ♂, I-III.1893, E. Gounelle col. (MBA). *São Paulo*: Piracicaba, 1 ♀, 24.X.1965, C. A. Triplehorn col. (OSU). *Rio Grande do Sul*: Canoas, 30 exs., X.1968, F. R. Meyer col. (MA). *Goiás*: Jataí, 1 ex., Coll. Kraatz (DEI).

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 1 ♂, XII.1926 (MBA).

*Compsa monrosi* (p. 1026)

## MATERIAL EXAMINADO

ARGENTINA. *Corrientes*: Santo Tomé, 1 ♂, X.1923 (MBA); 1 ♀, XII.1928 (MBA).

*Neocompsa textilis* (p. 1046)

## MATERIAL EXAMINADO

MÉXICO. *Michoacán*: Morelia, 1 ♀, 30.IX.1945 (OSU).

GUATEMALA. *Baja Vera Paz*: San Geronimo, 1 ♀, Champion col. (RM).

*Neocompsa spinosa* (p. 1050)

O parátipo ♀ citado como pertencente ao Senckenberg Museum, na realidade pertence à Sammlung des Bayerischen Staates, München (E. Franz, comunicação pessoal).

*Neocompsa ventricosa* (p. 1063)

## MATERIAL EXAMINADO

PANAMÁ. *Chiriquí*: Tole, 1 ♀, Champion col. (DEI).

Nêste indivíduo a pubescência do prosterno localiza-se apenas junto às coxas anteriores.

*Neocompsa habra* (p. 1065)

Um exemplar de sexo masculino recentemente examinado (Venezuela, Coll. La Salle), poderá pertencer à espécie, mas apresenta alguns caracteres diferentes. Comparado com o parátipo ♂ da Coleção do Departamento de Zoologia, mostra antenas muito mais longas, com artículos III-VI ligeiramente engrossados, manchas anteriores dos élitros muito mais desenvolvidas, manchas posteriores oblíquas e maiores e bases dos fêmures mais claras.

***Neocompsa mimosa*, sp. n.**

(Fig. 707)

## ASPECTO GERAL

Próxima de *habra*. Colorido geral avermelhado ou vermelho-alaranjado. Cada élitro com uma mancha esbranquiçada, oval, dorsal, sem

pubescência, na metade anterior. Raramente vestígio de outra mancha na metade apical. Vértice esparsamente pubescente. Partes laterais da cabeça e genas sem pilosidade. Élitros pubescentes, sem pontos contrastantes.

LOCALIDADE-TIPO

El Valle, Distrito Federal, Venezuela.

DESCRIÇÃO

Cabeça avermelhada. Fronte (40x) sem pubescência, apenas irregular no centro; fôveas laterais bem demarcadas. Clípeo pubescente. Vértice sem pubescência entre os tubérculos anteníferos, com pilosidade moderadamente densa (não recobre totalmente o tegumento) entre e para trás dos lobos superiores dos olhos. Lobos superiores dos olhos com três fileiras de omatídios. Região posterior aos olhos, lados da cabeça, genas e gula sem pilosidade.

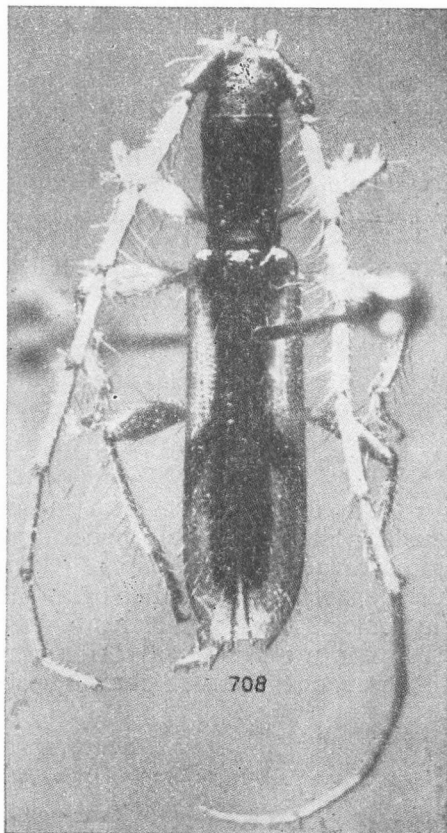
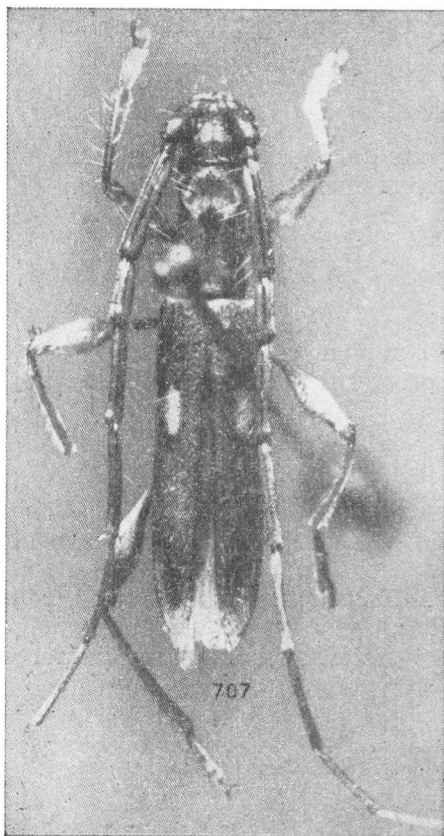


Fig. 707. *Neocompsa mimosa*, sp. n., holótipo ♂; fig. 708, *Heterachthes fasciatus*, sp. n., holótipo ♂.

Antenas avermelhadas. Artículos III-VI um pouco engrossados nas antenas dos machos, fortemente carenadas, com a mesma descrição da das demais espécies do gênero.

Protórax avermelhado, alongado, pouco constricto anterior e posteriormente. Pronoto pubescente, exceto numa área central, sem pontos contrastantes, sem tubérculos. Partes laterais do protórax pubescentes, exceto numa região anterior não muito larga e numa faixa longitudinal no limite com o prosterno. Prosterno pubescente na metade basal.

Élitros vermelho-alaranjados, densamente pubescentes, exceto sobre a mancha anterior. Em cada élitro encontra-se uma mancha esbranquiçada, desnuda, não muito desenvolvida, dorsal, ligeiramente elevada, circundada por colorido pouco mais escuro, localizada no meio da metade anterior. Na única fêmea que tenho em mãos aparece no meio da metade posterior dos élitros uma outra mancha esbranquiçada, pequena e pouco aparente. Os pontos pilíferos não são contrastantes. Extremidades obliquamente truncadas, prolongadas em projeção curta.

Pernas vermelho-alaranjadas; fêmures anteriores e intermediários pouco visivelmente carenados perto do ápice. Face inferior do corpo pubescente.

Dimensões, em mm

	♂	♀
Comprimento total	10,00 — 11,50	12,66
Comprimento do protórax	2,62 — 3,04	3,15
Maior largura do protórax	1,30 — 1,52	1,73
Comprimento do élitro	6,95 — 7,93	9,13
Largura umeral	1,95 — 2,17	2,50

#### MATERIAL EXAMINADO

COLÔMBIA. 1 ♂, Thieme col., Coll. E. Witte (SM).

VENEZUELA. 1 ♀, V. 1941, O. Hecht col. (USNM). *Distrito Federal*: Caracas, 1 ♂, V-VI. 1970, O. Thieme col. (MNHN). El Valle, 1 ♂, 26.V. 1950, F. Fernandes Y. col. (FAUCV).

#### TIPOS

Holótipo ♂ na Facultad de Agronomia de la Universidad Central de Venezuela; alótipo no United States National Museum; 1 parátipo ♂ no Muséum National d'Histoire Naturelle; 1 parátipo ♂ no Natur-Museum und Forschungs-Institut Senckenberg.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Cheguei a acreditar que a espécie acima descrita fosse o sexo masculino de *habra*, contudo, não pude observar em nenhuma outra espécie deste gênero um dimorfismo sexual tão acentuado, onde pubescência, desenho elitral e pontuação fossem diferentes nos dois sexos. *N. mimosa* separa-se de *habra* especialmente pela pubescência: em *habra* a frente, a região anterior do vértice, as partes laterais da cabeça, as

genas e a gula são pubescentes; em *mimosa* essas regiões são desnudas. As espécies separam-se também pela pontuação: em *habra* os pontos pilíferos do pronoto e dos élitros são contrastantes; em *mimosa* são pouco perceptíveis. Diferem pelo desenho elitral: em *habra*, além da mancha anterior encontra-se uma outra mancha clara no meio da metade posterior; na fêmea de *mimosa* existe vestígio de mancha posterior e nos machos não existe mancha. Pelo colorido dos fêmures: em *habra* as bases dos fêmures são mais amareladas; em *mimosa* os fêmures são unicolores. Além disso, em *habra* não existe uma faixa longitudinal desnuda entre as partes laterais do protórax e o prosterno.

*Neocompsa quadrimaculata* (p. 1077).

MATERIAL EXAMINADO

St.-Barthélemy. 1 ♂, Schh. col. (RM).

*Neocompsa macrotricha* (p. 1091)

Os dois exemplares em que baseei a descrição são machos e provenientes de Chiapas, México. Examinei agora uma fêmea de Venezuela, Zulia, Cajmera (Perija), 12.IV.1960, Cermeli & Joly col. (La Salle), que concorda perfeitamente com os exemplares de Chiapas, mas possui as extremidades elitrais ligeiramente projetadas (essa projeção é curta, larga e pouco aparente). O artículo IV das antenas, como costuma acontecer com fêmeas, se comparado com o do holótipo, é bem curto e os pêlos da metade apical dos élitros são menores.

*Neocompsa alacris* (p. 1094)

MATERIAL EXAMINADO

MÉXICO. Veracruz: Jalapa, 1 ex., Hoege col. (DEI).

***Neocompsa veracruzana*, sp. n.**

ASPECTO GERAL

Colorido geral vermelho-alaranjado. Élitros sem manchas ou faixas, finamente pubescentes em toda a superfície, com espinho no lado externo do ápice.

LOCALIDADE-TIPO

Vulcan San Martin (SE slope), Veracruz, México.

DESCRIÇÃO

Cabeça vermelho-alaranjada. Fronte (40x) com pubescência esparsa, muito finamente irregular; fôveas laterais muito profundas. Distância entre os lobos oculares bem maior do que a distância entre as inserções das antenas. Vértice fina e esparsamente pubescente. Lobos superiores dos olhos com três fileiras de omatídios, distantes. Tubérculos anteníferos projetados, agudos, pouco distantes.



Antenas vermelho-alaranjadas. Escapo pouco e gradualmente engrossado para a extremidade. Artículo III com cêrca de três vêzes o comprimento do seguinte (♀) ou com quase o dôbro do IV (♂), forte e evidentemente carenado. Artículo IV com cêrca da metade do V em ambos os sexos. As antenas dos machos alcançam as extremidades dos élitros no ápice do oitavo artículo, as das fêmeas, no meio do décimo primeiro segmento.

Protórax vermelho-alaranjado, bem alongado, pouco constricto anterior e posteriormente. Pronoto finamente pubescente, liso, sem tubérculos, com duas elevações muito pouco manifestas de cada um dos lados da base.

Élitros vermelho-alaranjados, sem manchas ou faixas, finamente pubescentes em tôda a superfície, com pontos finos nos dois têrços anteriores. Extremidades oblíquas e levemente entalhadas, com espinho conspícuo no lado externo.

Pernas vermelho-alaranjadas. Fêmures pedunculados e clavados; anteriores e intermediários carenados perto do ápice. Tíbias posteriores finamente carenadas no lado externo.

Mesosterno, metasterno e abdômen vermelho-alaranjados e finamente pubescentes.

#### Dimensões, em mm

	♂	♀
Comprimento total	15,66	13,83 — 16,33
Comprimento do protórax	3,91	3,48 — 4,02
Maior largura do protórax	2,17	1,95 — 2,28
Comprimento do élitro	10,86	10,10 — 11,97
Largura umeral	3,04	2,82 — 3,37

#### MATERIAL EXAMINADO

MÉXICO. *Veracruz*: Volcan San Martin (SE slope, 4000 pés), 1 ♂, 6 ♀, 21-25.VII.1959, B. & B. Valentine col. (Beating at camp) (CIS, DZSP).

#### TIPOS

Holótipo ♂, alótipo e 3 parátipos ♀ na California Insect Survey; 2 parátipos ♀ no Departamento de Zoología.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

O colorido geral, embora um pouco mais claro e a ausência de manchas nos élitros relacionam esta espécie com *sinaloana*. *N. veracruzana* difere pelas extremidades elitrais espinhosas, pela pubescência muito mais esparsa em todo o corpo, pela ausência de pubescência prosternal junto às côxas anteriores.

*Neocompsa sinaloana* (p. 1113)

#### LOCALIDADE-TIPO

Recebi de J. A. Chemsak a informação de que "Venedio" é na realidade El Venedillo, Sinaloa, México.

*Neocompsa lineolata* (p. 1130)

## MATERIAL EXAMINADO

PERU. *Huanuco*: Pachitea, 1 ♂ (RM).

*Asynapteron glabriolum* (p. 1152)

## MATERIAL EXAMINADO

COSTA RICA. *Guanacaste*: Tilaran, 1 ♂, 1 ♀, 12.VII.1966, F. W. Fisk col. (OSU).

***Asynapteron contrarium*, sp. n.**

(Fig. 709)

## ASPECTO GERAL

Colorido geral avermelhado; cada élitro com uma mancha branco-amarelada, distante da sutura, na metade anterior e uma faixa branco-amarelada, oblíqua, no meio. Olhos divididos. Centro do pronoto com tubérculo longitudinal desenvolvido. Extremidades elitrais espinhosas no lado externo.

## LOCALIDADE-TIPO

Macas, Morona-Santiago, Ecuador.

## DESCRIÇÃO

Cabeça avermelhada. Fronte (40x) muito finamente irregular; foveas laterais bem demarcadas, profundas, próximas aos olhos. Vértice sem pilosidade. Olhos divididos; lobos superiores com três fileiras de omatídios. Tubérculos anteníferos muito projetados, agudos.

Antenas avermelhadas. Escapo subpiriforme, alongado, sem sulco no lado superior da base, muito fina (16x) e esparsamente pontuado, sem pubescência. Artículo III subigual em comprimento ao V, carenado, com pêlos curtos no lado interno. Artículo IV com cêrca da metade do comprimento do precedente e do seguinte. As antenas do macho com cêrca do dôbro do comprimento do corpo.

Protórax avermelhado, cilíndrico, um pouco constricto anterior e posteriormente. Pronoto com um tubérculo central bem elevado, longitudinal, esparsamente pubescente para trás dêsse tubérculo. Partes laterais do protórax pubescentes nos dois têrços basais. Prosterno esparsamente pubescente junto às coxas anteriores. Cavidades coxais anteriores abertas atrás.

Élitros avermelhados; cada um com uma mancha branco-amarelada, não muito desenvolvida, arredondada para o lado da sutura, localizada no meio da metade anterior e uma faixa branco-amarelada, oblí-tuação elitral restrita aos pontos pilíferos, organizados no meio de qua em sentido ascendente da margem para a sutura, no meio. Pon-

cada élitro em três fileiras dorsais. Extremidades cortadas em curva com espinho no lado externo.

Pernas avermelhadas; fêmures anteriores muito ligeiramente depressos no lado externo do pedúnculo. Fêmures médios e posteriores desarmados nas extremidades. Tíbias posteriores finamente carenadas nos dois terços basais.

Mesosterno, metasterno e abdômen avermelhados e pubescentes.

Dimensões, em mm (holótipo ♂)

Comprimento total	13,50
Comprimento do protórax	3,26
Maior largura do protórax	2,06
Comprimento do élitro	9,34
Largura umeral	3,04

#### MATERIAL EXAMINADO

EQUADOR. *Morona-Santiago*: Macas, 1 ♂ (BM).

#### TIPOS

Holótipo ♂ no British Museum.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

A nova espécie apresenta alguns caracteres que ampliam um pouco o conceito genérico: lobos superiores dos olhos com três fileiras de omatídios, partes laterais do protórax pubescentes nos dois terços basais, abas apicais dos fêmures médios e posteriores não projetadas.

O tubérculo desenvolvido no centro do pronoto reforça as afinidades com *Corimbion*, contudo, os olhos são divididos e os segmentos basais das antenas dos machos não são modificados.

*Asynapteron contrarium* separa-se de *glabriolum* pelo tubérculo desenvolvido no centro do pronoto, pelos fêmures desarmados e pelo desenho elitral. As outras espécies do gênero têm colorido inteiramente diverso.

*Asynapteron inca* (p. 1161).

#### MATERIAL EXAMINADO

PERU. *Lima*: La Molina, 1 ♀, 18.II.1966, M. Dourojeani col. (MLP).

*Pygmodeon andreae* (p. 1166)

#### MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Santa Tereza, 3 ♂, 1 ♀, X.1964, C. Elias col. (FFUP); 1 ♀, XI.1964, C. Elias col. (FFUP); 1 ♂, 22.X.1966, C. Elias col. (FFUP).

*Pygmodeon validicorne* (p. 1176)

## MATERIAL EXAMINADO

COSTA RICA. *Cartago*: Guayabillos (SW-Abhang Irazu, 2200 m), 2 ♂, VI.1933, F. Nevermann col. (DEI).

***Pygmodeon boreale*, sp. n.**

(Fig. 710)

## ASPECTO GERAL

Colorido de fundo acastanhado; cada élitro com quatro manchas branco-amareladas: uma umeral, uma maior, no terço anterior, uma no terço posterior e uma apical. Protórax (♂) bem constricto na base. Pronoto fortemente irregular. Extremidades dos élitros desarmadas.

## LOCALIDADE-TIPO

Amecameca, México, México.

## DESCRIÇÃO

Cabeça acastanhada. Fronte (40x) fortemente irregular com as ríveas laterais bem demarcadas e profundas. Vértice muito densamente irregular. Lobos superiores dos olhos com quatro fileiras de omatídios. Tubérculos anteníferos projetados, arredondados, pontuados e distantes.

Antenas acastanhadas. Artículos III-VI fortemente engrossados nos machos. Escapo cilíndrico, pouco e gradualmente engrossado para a extremidade. Artículo III mais longo do que o seguinte, não carenado; o IV pouco mais curto do que o V. Artículo VII normal, subigual em comprimento aos seguintes.

Protórax relativamente curto, com a constrictão basal bem mais demarcada do que a anterior. Pronoto com pontuação abundante, densa, exceto sobre o tubérculo central que é pouco elevado; principalmente na metade anterior do pronoto existem alguns pêlos alongados. Partes laterais do protórax fortemente irregulares, separadas do prosterno por uma faixa longitudinal de pubescência. Prosterno quase liso. Cavidades coxais anteriores abertas atrás.

Élitros acastanhados, cada um com as seguintes manchas branco-amareladas: uma umeral não muito desenvolvida; uma no terço anterior, a maior de todas, irregular, fundida com a sutura e afastada da margem; uma oblíqua, também pouco regular mas com formato quase elíptico, no quarto apical e uma situada junto à extremidade que não chega a envolver. Pontuação restrita aos pontos pilíferos, não muito organizados em fileiras longitudinais e providos de pêlos relativamente curtos. Extremidades arredondadas em conjunto e desarmadas.

Pernas acastanhadas, avermelhadas em pequena porção basal dos fêmures e apical das tíbias. Fêmures pedunculados e clavados; anteriores não deprimidos no lado externo da base. Tíbias não carenadas.

Mesosterno, metasterno e abdômen castanho-avermelhados, com pêlos esparsos.

Dimensões, em mm (holótipo ♂)

Comprimento total	9,66
Comprimento do protórax	1,73
Largura anterior do protórax	1,63
Largura basal do protórax	1,30
Comprimento do élitro	7,28
Largura umeral	2,17

#### MATERIAL EXAMINADO

MÉXICO. *México*: Amecameca, 1 ♂, 7.VI.1967, T. Graciam col. sôbre Nogal (CIS).

#### TIPOS

Holótipo ♂ na California Insect Survey.

#### DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Está mais próxima de *mutabile* mas difere principalmente pelo aspecto do protórax, curto, bem constricto na base (vide dimensões); pronoto fortemente pontuado; partes laterais do protórax muito densamente irregulares e presença de mancha clara junto às extremidades elitrais.

*Stenoidion corallinum chapadense* (p. 1201)

#### TIPOS

Um dos exemplares depositados no Deutsches Entomologisches Institut, de sexo masculino, é portador da etiqueta de Gounelle e pode ser considerado como mais um cótipo.

*Heterachthes sablensis* (p. 1224)

Devido às minhas suspeitas de sinonímia entre *sablensis* e *apicalis*, o Prof. E. G. Linsley tomou a iniciativa de enviar um de seus indivíduos de *apicalis* para ser comparado com o holótipo de *sablensis* na Purdue University. Essa comparação foi feita por G. A. Samuelson, de quem reproduzo as seguintes observações:

"Your specimen of *apicalis* and the type of *sablensis* both have the same general type of elytral pubescence. They also tend to resemble one another in general features, so I have put down some points that I hope might be of some help.

Pronotum: *sablensis* has median discal swelling gradually produced, instead of rather abruptly as in your specimen; *sablensis* has prebasal area depressed, but it lacks deep transverse sulcus.

Elytron: pubescence almost identical. The more or less fine, adpressed ground pubescence in *sablensis* is less dense, but this might be a result of wear. The large basal and discal punctures are similar; that is, the basal ones are tuberculate, the discal ones are feebly raised anteriorly. Differences: *sablensis* lacks distinct costa along

elytral disc; *sablensis* has fewer large punctures, roughly 35 or 40 per elytron.

Size: *sablensis* is smaller, 8.5 mm.

Color: *sablensis* has postbasal pale spot on elytron much larger,

Antenna: if *sablensis* is actually a male (Blatchley said it was), and if your specimen is male, then *sablensis* would have segments 3-6 more robust".

Apesar de enumeradas com cuidado, essas diferenças não me parecem suficientes para distinguir as duas formas, desde que os caracteres citados podem ser o resultado de variações. Acredito que *apicalis* e *sablensis* são a mesma espécie, entretanto, aguardo oportunidade para examinar mais material antilhano antes de sinonimizar esses dois nomes.

*Heterachthes phoracanthoides* (p. 1233)

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *Espírito Santo*: Santa Tereza (675 m), 1 ♂, 1-2.IV.1969, Exp. Dep. Zool. col. (DZSP).

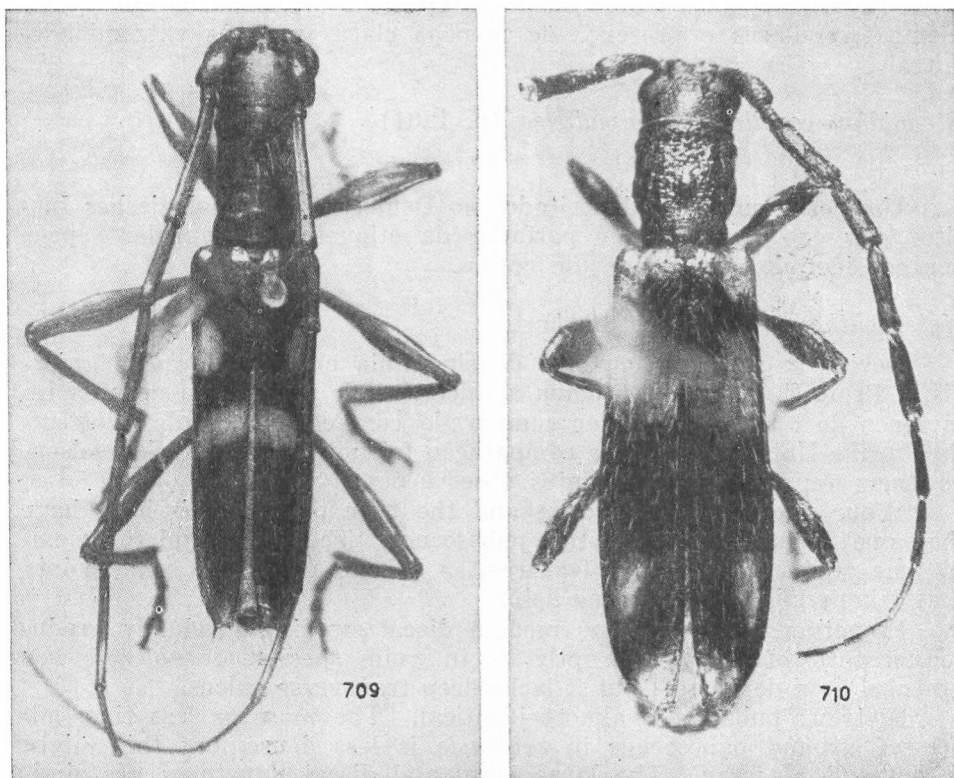


Fig. 709. *Asynapteron contrarium*, sp. n., holótipo ♂; fig. 710, *Pygmodeon boreale*, sp. n., holótipo ♂.

**Heterachthes fasciatus, sp.n.**

(Fig. 708)

## ASPECTO GERAL

Próximo de *lateralis*. Cabeça, escapo, artículo II, protórax, élitros e extremidades dos fêmures posteriores castanho-avermelhados. Cada élitro com duas manchas amareladas desenvolvidas: uma lateral, arredondada para o lado da sutura em tôda a metade anterior e uma lateral, na metade apical, que envolve as extremidades. Antenas e pernas anteriores amareladas. Extremidades elitrais com dois espinhos curtos.

## LOCALIDADE-TIPO

La Trinidad, Miranda, Venezuela.

## DESCRIÇÃO

Cabeça vermelho-acastanhada. Fronte (40x) pontuada na metade superior, mais lisa na metade inferior; fôveas laterais bem próximas dos olhos. Vértice pouco irregular, com sulco raso entre as bases dos tubérculos anteníferos. Lobos superiores dos olhos com quatro fileiras de omatídios. Tubérculos anteníferos projetados e distantes.

Escapo e artículo II castanho-avermelhados, demais segmentos amarelados. A descrição das antenas como em *lateralis* ou *nigrocinctus*.

Protórax castanho-avermelhado, cilíndrico. Pronoto liso, sem tubérculos, com pilosidade muito esparsa junto à base. Partes laterais do protórax separadas do prosterno por faixa de pubescência.

Élitros castanho-avermelhados. Cada um com uma mancha amarelada, desenvolvida, lateral, arredondada para o lado da sutura, que vai desde a base até o meio e uma mancha grande, na metade apical, também lateral, que envolve as extremidades; na metade apical apenas uma faixa junto à sutura (que vai quase até a extremidade) é que tem o colorido de fundo. Pontuação restrita aos pontos pilíferos, organizados em quatro fileiras longitudinais, três dorsais e uma lateral, no meio de cada élitro. Extremidades cortadas em curva com dois espinhos curtos e de comprimentos subiguais.

Fêmures anteriores e intermediários amarelados; fêmures posteriores com pedúnculo amarelado e clava acastanhada. Tíbias amareladas, um pouco mais avermelhadas nas bases.

Face inferior do corpo castanho-avermelhada.

## Dimensões, em mm (holótipo ♂)

Comprimento total	9,33
Comprimento do protórax	2,17
Maior largura do protórax	1,30
Comprimento do élitro	6,73
Largura umeral	1,84

## MATERIAL EXAMINADO

VENEZUELA. *Miranda*: La Trinidad, 1 ♂, 5.VI.1965, M. Gonzalez col., à luz, (La Salle).

## TIPOS

Holótipo ♂ na Sociedad de Ciencias Naturales La Salle, Caracas.

## DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Esta espécie está próxima de *lateralis* mas difere pelo aspecto da mancha posterior dos élitros e pelo colorido dos fêmures posteriores. Os mesmos caracteres permitem separá-la de *nigrocinctus*.

*Heterachthes sexguttatus* (p. 1254)

## MATERIAL EXAMINADO

BRASIL. *São Paulo*: Itu (Fazenda Pau d'Alho), 1 ♂, 10.X.1968, U. Martins col. (DZSP).

*Heterachthes flavicornis* (p. 1260)

Exemplares com padrão de colorido transicional entre *sexsignatus* e *bonariensis*:

BRASIL. *São Paulo*: Botucatu, 1 ♀, 10.X.1964, A. Mantovan col. (FCMB); 2 ♀, XI.1964, A. Mantovan col. (FCMB); 1 ♂, 17.XII.1964, A. Mantovan col. (FCMB); 1 ♀, 14.III.1966, A. Mantovan col. (FCMB); 1 ♂, 4.II.1967, V. C. Jesus col. (FCMB); 1 ♂, 4.IV.1967, V. C. Jesus col. (FCMB).

*Heterachthes ebenus* (p. 1273)

## MATERIAL EXAMINADO

ESTADOS UNIDOS. *North Carolina*: Washington, 1 ♀, 16.V.1928, F. M. Uhler col. (DEI).

BRASIL. *Minas Gerais*: Passos, 1 ♀, X.1963, C. T. Elias col. (DZSP). *São Paulo*: Botucatu, 2 ♀, X.1964, A. Mantovan col. (FCMB); 1 ♂, 2 ♀, XI.1964, A. Mantovan col. (FCMB).

*Heterachthes signaticollis* (p. 1283)

## MATERIAL EXAMINADO

COLÔMBIA. 1 ♂, Thorey col. (RM).

*Heterachthes plagiatus* (p. 1293)

## MATERIAL EXAMINADO

ARGENTINA. *Catamarca*: La Cienega (Belén), 1 ex., XII.1927, Wolters col. (MBA).

*Heterachthes tenellus* (p. 1295)

## MATERIAL EXAMINADO

ARGENTINA. *Tucumán*: Villa Nogués, 1 ♂ (MBA). *Cordoba*: San Javier (La Paz), 1 ♂, 4 ♀, 1-20.I.1929, C. Bruch col. (MBA). *Catamarca*: Caspinchango, 1 ♂, 3 ♀, 7.III.1921, Weiser col. (MBA).



Fte. Quemado, 1 ♀, Wolters col. (MBA). La Cienega (Belén), 1 ♀, XII.1927, Wolters col. (MBA). Masao, 2 ♂, III.1921, Weiser col. (MBA).

## 12.10 ELENCO

## I DIVISÃO

- Pseudoplon* Martins, 1971.  
*ocutatum* Martins, 1971. Brasil (Minas Gerais).  
*Ophtalmoplon* Martins, 1965.  
*aurivillii* Martins, 1965. Brasil (Guanabara).  
*beebei* (Fisher, 1944). Venezuela (Monagas).  
*diversum* Martins, 1965. Brasil (Guanabara).  
*impunctatum* Martins, 1965. Brasil (Mato Grosso).  
*inermis* Martins, 1965. Guiana, Guiana Francesa.  
*spinosum* Martins, 1965. Brasil (Rio de Janeiro).  
*Neognomidolon* Martins, 1967.  
*pereirai* (Martins, 1960). Brasil (São Paulo).  
*pocillum* Martins, 1967. Brasil (Minas Gerais).  
*Notosphaeridion* Martins, 1960.  
*brevithorax* (Martins, 1960). Brasil (São Paulo, Paraná), Argentina (Misiones).  
*scabrosum* (Gounelle, 1909). Brasil (Piauí, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Boquerón, Concepción, Cordillera), Argentina (Salta, Tucumán).  
*umbrinum* Martins, 1971. Venezuela (Aragua).  
*vestitum* Martins, 1960. Brasil (Paraíba, Bahia).  
*Epacropilon* Martins, 1967.  
*cruciatum* (Aurivillius, 1899). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Paraguai (Concepción, Caaguazú), Argentina (Misiones, Corrientes).  
*Ctenoplon* Martins, 1967.  
*x-littera* (Thomson, 1865). Brasil (Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso), Paraguai (Cordillera, Guairá), Argentina (Formosa, Misiones).  
*Trichoplon* Martins, 1967.  
*extremum* (Martins, 1959). Brasil (Pará?, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Guanabara).  
*Glyptoceridion* Martins, 1959.  
*quincunx* (Thomson, 1867). Peru (Junín), Brasil (Amazonas, Pará).  
*Glyptoscapus* Aurivillius, 1899.  
*bivittatus* Gounelle, 1909. Brasil (Minas Gerais).  
*cicatricosus* Aurivillius, 1899. Brasil (Bahia, Espírito Santo, Guanabara, São Paulo, Paraná), Argentina (Misiones).  
*flaveolus* (Bates, 1870). Brasil (Amazonas, Pará).  
*pallidulus* (White, 1855). Peru (San Martín), Brasil (Pará).  
*vanetti* Martins, 1959. Colômbia, Peru (Junín), Brasil (Goiás).  
*Hexoplon* Thomson, 1864.  
*affine* (Thomson, 1865). Brasil (Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara).  
*consanguineum* Aurivillius, 1899.  
*albipenne* Bates, 1872. Guatemala (Baja Vera Paz), Nicarágua (Chontales), Costa Rica (Limon, San José, Cartago), Panamá (Chiriquí, Canal Zone), Colômbia (Magdalena, Cundinamarca), Venezuela (Falcón).  
*colombianum* Martins, 1959.  
*anthracinum* Martins, 1967. Peru (Loreto).  
*armatum* Aurivillius, 1899. Brasil (Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso).

- bucki* Martins, 1967. Brasil (Bahia, Espírito Santo).  
*calligrammum* Bates, 1885. México (Veracruz, Morelos, Guerrero, Oaxaca), Guatemala (Quetzaltenango).  
*smithi* Bates, 1892.  
*carissimum* (White, 1855). Guiana Francesa, Peru (San Martin), Brasil (Amazonas, Pará, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz).  
*ctenostomoides* Thomson, 1867. Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Paraguai (Itapuá), Argentina (Misiones).  
*eximium* Aurivillius, 1899. Brasil (Minas Gerais, Espírito Santo).  
*integrum* Tippmann, 1960. Bolívia (Santa Cruz).  
*juno* Thomson, 1865. Peru (San Martin, Junin), Brasil (Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná), Paraguai (Cordillera, Central, Guairá, Paraguay), Argentina (Misiones).  
*leucostictum* Martins, 1959. Colômbia (Antioquia, Cundinamarca).  
*longispina* Aurivillius, 1899. Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo).  
*lucidum* Martins, 1962. Equador (Los Rios, Bolivar).  
*navajasi* Martins, 1959. Panamá (Panamá).  
*nigricolle* Gounelle, 1909. Brasil (Pará, Goiás).  
*nigritarse* Aurivillius, 1899. Brasil (Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina?).  
*nigropiceum* Martins, 1959. Paraguai (Concepción).  
*praetermissum* Bates, 1870. Colômbia (Meta), Brasil (Pará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso).  
*lanei* Martins, 1959.  
*simplex* Gounelle, 1909.  
*reinhardti* Aurivillius, 1899. Peru (San Martin), Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Goiás).  
*rosalesi* Martins, 1971. Venezuela (Aragua).  
*speciosum* Fisher, 1937. Brasil (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Alto Paraná, Guairá, Paraguay, Itapuá), Argentina (Misiones).  
 subsp. *ferruginosum* Martins, 1959. Brasil (São Paulo, Paraná, Mato Grosso), Paraguai (Concepción, Cordillera).  
*uncinatum* Gounelle, 1909. Peru (Junin), Brasil (Maranhão, São Paulo, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Pando, Santa Cruz), Paraguai (Concepción, Alto Paraná, Cordillera), Argentina (Formosa).  
*venus* Thomson, 1864. Colômbia (Distrito Especial), Guiana Francesa?  
*Gnomidolon* Thomson, 1864.  
*amaurum* Martins, 1967. Peru.  
*analogum* Martins, 1967. Brasil (Espírito Santo, Guanabara).  
*armatipes* (Martins, 1962). Bolívia (Santa Cruz).  
*basicoeruleum* Martins, 1962. El Salvador (La Libertad, Cuscatlán), Costa Rica (Guanacaste).  
*biarcuatum* (White, 1855). Peru (Loreto), Brasil (Amazonas, Pará, Mato Grosso), Guiana, Guiana Francesa.  
*excelsum* Martins, 1962.  
*bipartitum* Gounelle, 1909. Brasil (Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo).  
*bonsae* Martins, 1967. Bolívia (Cochabamba).  
*brethesi* Bruch, 1908. Brasil (Goiás, Mato Grosso), Paraguai, Argentina (Salta, Formosa, Chaco, Tucumán).  
*cingillum* Martins, 1967. Equador (Bolivar).  
*colasi* Martins, 1967. Peru (San Martin).  
*conjugatum* (White, 1855). Peru (Loreto, San Martin, Huanuco, Junin). Brasil (Amazonas, Pará), Bolívia (Santa Cruz).  
*eganum* Bates, 1870.  
*cruciferum* (Gounelle, 1909). Peru (Junin), Brasil (Bahia, Goiás).  
*denticorne* Bates, 1892. Panamá (Chiriqui).  
*elegantulum* Lameere, 1884. Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio

- de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás), Paraguai (Alto Paraná), Argentina (Formosa, Misiones, Corrientes).
- fraternum* Martins, 1971. Brasil (Pará).
- glabratum* Martins, 1962. Colômbia (Cundinamarca, Meta), Brasil (Pará)?
- gounellei* Martins, 1967. Brasil (Bahia).
- gracile* (Gounelle, 1909). Brasil (Goiás, Mato Grosso).
- grantsaui* Martins, 1967. Bolívia (Cochabamba), Paraguai.
- guianense* (White, 1855). Colômbia, Venezuela (Cojedes, Monagas, Distrito Federal), Guiana, Brasil?
- meinerti* Aurivillius, 1900.
- hamatum* Linsley, 1935. Panamá (Coelá, Canal Zone).
- humerale* Bates, 1870. Panamá (Darién), Guiana Francesa, Peru (Loreto), Brasil (Pará).
- insigne* Martins, 1967. Brasil (Espírito Santo).
- insulicola* Bates, 1885. Panamá (Panamá, Canal Zone), Colômbia, Venezuela (Falcón, Aragua, Miranda, Bolívar).
- piceicollis* (Linsley, 1935).
- seabrai* Martins, 1960.
- laetabile* Bates, 1885. Costa Rica (Cartago), Panamá (Chiriqui).
- landsbergei* (Thomson, 1867). Venezuela.
- longipenne* Martins, 1967. Colômbia (Norte de Santander).
- maculicorne* Gounelle, 1909. Brasil (Amazonas, Goiás).
- melanosomum* Bates, 1870. Guatemala (Izabal), Costa Rica (Limon), Guiana, Guiana Francesa, Peru (Loreto, San Martín), Brasil (Amazonas), Bolívia (Beni).
- costaricense* Martins, 1962.
- musivum* (Erichson, 1847). Venezuela (Monagas, Bolívar), Equador (Esmeraldas, Guayas), Guiana Francesa, Guiana, Peru (Loreto, San Martín, Huanuco, Junín), Brasil (Amapá, Amazonas, Pará, Mato Grosso), Bolívia (Cochabamba).
- elymene* Thomson, 1867.
- confusum* Fisher, 1944.
- subeburneum* (White, 1855).
- nanum* Martins, 1962. Bolívia (Santa Cruz).
- nigratum* Martins, 1967. Equador (Guayas).
- nympha* Thomson, 1865. Brasil (Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).
- oeax* Thomson, 1867. Guiana, Suriname, Guiana Francesa.
- ornaticolle* Martins, 1960. Colômbia?, Brasil (Guanabara, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul), Paraguai (Itapúa), Argentina (Misiones).
- pallidicauda* Gounelle, 1909. Peru (Loreto, San Martín), Brasil (Acre, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso), Paraguai (Concepción, Central).
- peruvianum* Martins, 1960. Peru (Loreto).
- picipes* Bates, 1870. Brasil (Amazonas, Pará).
- pictum* (Serville, 1834). Peru (Junín?), Brasil (Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso), Paraguai (Alto Paraná, Cordillera, Central, Itapúa), Argentina (Misiones).
- pilosum* Martins, 1962. Argentina (Tucumán).
- primarium* Martins, 1967. Brasil (Bahia).
- proseni* Martins, 1962. Brasil (Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz).
- proximum* Martins, 1960. Bolívia, Argentina (Jujuy, Salta).
- pulchrum* Martins, 1960. Brasil (Mato Grosso), Paraguai (Concepción, San Pedro, Cordillera), Argentina (Formosa).
- rubricolor* Bates, 1870. Venezuela (Amazonas), Peru (Loreto, San Martín), Brasil (Amazonas, Pará).
- pygmaeum* Martins, 1962.

- simplex (White, 1855). Guiana, Guiana Francesa, Brasil (Amazonas, Pará).  
*dubium* Bates, 1870.
- subfasciatum Martins, 1967. Peru (Loreto, San Martín, Junín), Brasil (Amazonas, Pará).
- suturale (White, 1855). Panamá (Panamá, Canal Zone), Colômbia?  
*tricolor* (Linsley, 1935).
- sylvarum (Bates, 1892). México (Veracruz).
- varians Gounelle, 1909. Brasil (Paraíba, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Caaguazú, Alto Paraná, Central, Guairá, Itapuá), Uruguai (Soriano), Argentina (Misiones Corrientes, Entre Ríos, Buenos Aires).  
*brunneicaudatum* Fisher, 1937.  
*micans* Fisher, 1937.  
 subsp. *addictum* Melzer, 1935. Brasil (Guanabara, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina).
- Hexocycnidolon Martins, 1960.  
 unoculum (Bates, 1870). Peru (Loreto, Junín), Brasil (Amazonas, Pará).  
*hylaeanum* Martins, 1962.  
*vulcanoi* Martins, 1960.
- Tetroplon Aurivillius, 1899.  
 caudatum Aurivillius, 1899. Peru (Junín?), Brasil (Amazonas?, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso), Paraguai (Concepción, San Pedro, Cordillera, Central, Guairá, Itapuá), Argentina (Formosa, Chaco, Misiones, Corrientes).  
 subsp. *nigricorne* Bruch, 1926. Bolívia, Argentina (Salta, Santiago del Estero, Córdoba).
- Tetraibidion Martins, 1967.  
 aurivillii (Gounelle, 1909). Brasil (Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás), Paraguai (Alto Paraná), Argentina (Misiones).  
*acnecnigrum* Fisher, 1937.  
 ephimerum Martins, 1967. Brasil (São Paulo).  
 sahlbergi (Aurivillius, 1899). Brasil (Rio de Janeiro, Guanabara).
- Calycibidion Martins, 1971.  
 multicavum Martins, 1971. Brasil (Bahia).
- Pronoplon Martins, 1967.  
 rubriceps (Gounelle, 1909). Brasil (Maranhão, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Alto Paraná, Cordillera).

## II DIVISÃO

- Xenoibidion Martins, 1968.  
 fasciatum Martins, 1971. Brasil (Goiás).  
 unicolor (White, 1855). Colômbia (Bolívar), Venezuela (Aragua, Distrito Federal, Bolívar), Brasil (Amazonas, Pará, Paraíba, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Cordillera), Argentina (Jujuy, Tucumán, Chaco, Corrientes).  
*uniforme* (Berg, 1889)
- Aetheibidion Martins, 1968  
 hirtellum (Gounelle, 1913). Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Boquerón), Argentina (Salta, Formosa, Santiago del Estero, Misiones).

## III DIVISÃO

- Minibidion Martins, 1968  
 aquilonium Martins, 1968. Venezuela (Bolívar).  
 basilare (Martins, 1962). Peru (Junín).

- bondari* (Melzer, 1923). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso).  
*confine* Martins, 1968. Brasil (Bahia).  
*minuscolum* (Martins, 1962). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul), Paraguai (Caaguazú), Argentina (Misiones).  
*punctipenne* Martins, 1968. Brasil (Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso).  
*rurigena* (Gounelle, 1909). Brasil (Goiás).  
*Tropidion* Thomson, 1867  
*abditum* Martins, 1968. Argentina (Chaco?).  
*acanthotum* (Martins, 1962). Brasil (Espírito Santo).  
*atricolle* (Martins, 1962). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro).  
*balfourbrownei* Martins, 1968. Brasil (Bahia, Goiás).  
*batesi* Martins, 1968. Brasil (Espírito Santo).  
*bituberculatum* (Serville, 1834). Brasil (Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara).  
*breviusculum* (Thomson, 1867). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina), Argentina (Misiones).  
*borrei* Lamcere, 1884.  
*brunniceps* (Thomson, 1865). Panamá (Canal Zone), Colômbia (Departamento Especial), Brasil?  
*calciope* (Thomson, 1867). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo).  
*carinicolle* (Bates, 1872). Nicarágua (Chontales).  
*castaneum* Martins, 1968. Brasil (Bahia, Mato Grosso).  
*centrale* (Martins, 1962). Panamá (Panamá), Colômbia, Venezuela (Miranda, Distrito Federal).  
*cinctulum* (Bates, 1870). Brasil (Pará).  
*citrinum* Martins, 1968. Brasil (Bahia).  
*contortum* Martins, 1968. Bolívia (Santa Cruz).  
*eburnigerum* (Aurivillius, 1899). Guiana.  
*elegans* (Gounelle, 1909). Brasil (Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz).  
*zonata* (Gounelle, 1909).  
*enochrum* Martins, 1968. Brasil (Bahia).  
*epaphum* (Berg, 1889). Brasil (Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Concepción), Uruguai (Colônia), Argentina (Salta, Misiones).  
*rubronigra* (Gounelle, 1909).  
*erythrurum* (Martins, 1962). Venezuela (Bolívar), Guiana Francesa, Brasil (Pará), Bolívia (Beni).  
*fairmairei* (Gounelle, 1909). Brasil (Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Pando, Santa Cruz), Paraguai (Central).  
*paraguayensis* (Martins, 1962).  
*festivum* (Martins, 1962). Bolívia (Santa Cruz).  
*flavipenne* (Martins, 1964). Brasil (Mato Grosso).  
*flavipes* (Thomson, 1867). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás).  
*flavum* (Martins, 1962). Peru (Junin?), Brasil (Minas Gerais, São Paulo), Argentina (Misiones).  
*fuscipenne* (Gounelle, 1913). Argentina (Salta, Formosa, Catamarca, Santiago del Estero, Santa Fé, Entre Ríos, Córdoba).  
*immaculipenne* Melzer, 1935.  
*hermione* (Thomson, 1867). Brasil (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Paraguai (Concepción, Itapúa), Argentina (Misiones, Corrientes).  
*hispidum* Martins, 1971. Venezuela (Aragua).  
*igneicolle* (Martins, 1962). Brasil (Minas Gerais, São Paulo).  
*inermis* (Martins, 1962). Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Mato Grosso).

- intermedium (Martins, 1962). Argentina (Salta).  
 investitum (Martins, 1962). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Argentina (Misiones).  
*clavicorne* (Martins, 1962).  
 kjellanderi (Martins, 1965). Brasil (Bahia).  
 litigiosum Martins, 1968. Colômbia, Venezuela (Zulia, Aragua).  
 mirabile Martins, 1971. Venezuela (Aragua, Miranda).  
 nordestinum (Martins, 1962). Brasil (Rio Grande do Norte).  
 obesum Martins, 1968. Brasil (Bahia).  
 periboeoides (Thomson, 1867). Brasil (Bahia, Espírito Santo, Guanabara, Santa Catarina).  
 persimile (Martins, 1960). Brasil (Pará, Goiás, Mato Grosso).  
 personatum (Gounelle, 1909). Brasil (São Paulo, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Boquerón, Concepción, Alto Paraná, Guairá), Argentina (Salta, Tucumán, Formosa).  
*andinum* (Martins, 1962).  
 pictipenne (Martins, 1962). Brasil (Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Alto Paraná, Itapuá), Argentina (Misiones, Corrientes).  
 praecipuum Martins, 1971. Brasil (Mato Grosso).  
 pulvinum Martins, 1968. Brasil (Bahia).  
 pusillum (Martins, 1960). Bolívia (Santa Cruz).  
 rubricatum (Gounelle, 1909). Venezuela (Bolívar), Brasil (Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso).  
 rusticum (Gounelle, 1909). Brasil (Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso), Paraguai.  
 salamis (Thomson, 1867). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Paraguai (Itapuá), Argentina (Misiones, Corrientes).  
 semirufum Martins, 1968. Brasil.  
 signatum (Serville, 1834). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Paraguai (Alto Paraná, Cordillera, Central, Paraguay, Itapuá), Argentina (Misiones, Corrientes).  
*femoratum* (Lucas, 1859).  
*venezuelae* (White, 1855).  
 subsp. punctatum Martins, 1968. Brasil (Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz).  
 silvestre (Martins, 1965). Brasil (Espírito Santo).  
 sipolisi (Gounelle, 1909). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Goiás).  
*haliki* (Martins, 1962).  
 subcruciatum (White, 1855). Venezuela (Aragua, Portuguesa, Guárico, Bolívar), Suriname, Brasil (Roraima, Amazonas, Pará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Goiás, Mato Grosso).  
*calligrammum* (Bates, 1870).  
*spinipenne* (Thomson, 1865).  
 supernotatum (Gounelle, 1909). Brasil (Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz).  
 validum (Martins, 1962). Bolívia (Santa Cruz).  
 vianai Martins, 1971. Paraguai (Itapuá?).  
 vicinum (Gounelle, 1913). Bolívia (Chuquisaca), Argentina (Jujuy, Salta, Formosa, Catamarca, Tucumán, Santiago del Estero, Córdoba).  
 xanthocele (Martins, 1962). Brasil (Mato Grosso).  
 zonapterum (Martins, 1962). Brasil (São Paulo, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz).  
 Opacibidion Martins, 1968  
 opacicolle (Melzer, 1931). Brasil (Rio de Janeiro, Paraná), Paraguai (Alto Paraná, Paraguay), Argentina (Misiones).

- sulcicorne* (White, 1855). Brasil (Pará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná).  
*rugicolle* (Nonfried, 1895).  
*Homaloidion* Martins, 1968.  
*pinacopterum* (Martins, 1962). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro).  
*Psiloibidion* Martins, 1968.  
*leucogramma* (Perty, 1832). Venezuela (Zulia, Miranda, Guárico), Brasil (Pará, Piauí, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Cordillera), Argentina (Salta, Formosa).  
*thomsoni* (Chabrilac, 1857).  
*Diasporidion* Martins, 1968.  
*argentinese* (Martins, 1962). Brasil (Mato Grosso), Argentina (Jujuy).  
*duplicatum* (Gounelle, 1909). México (Morelos, Veracruz, Oaxaca, Chiapas), Nicarágua (Chinandega?, Managua), El Salvador, Panamá (Canal Zone, Darien), Colômbia (Vaupés), Venezuela (Aragua, Cojedes, Distrito Federal, Monagas), Brasil (Piauí, São Paulo, Goiás, Mato Grosso).  
*binoculatum* (Linsley, 1935).  
*Thoracibidion* Martins, 1960.  
*buquetii* (Thomson, 1867). México, Nicarágua (Chontales), Costa Rica (Límon, Cartago), Panamá (Panamá), Colômbia (Magdalena, Santander, Cundinamarca, Caldas), Equador (Manabi, Chimborazo, Los Rios, Guayas, Bolivar), Guiana Francesa?  
*griseicolle* (Bates, 1872).  
*fasciferum* (Berg, 1889). Brasil (Amazonas, Rondônia, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Beni, Santa Cruz), Paraguai (Olimpo, Concepción, San Pedro, Central, Guairá, Paraguay), Argentina (Salta, Formosa, Chaco, Misiones, Corrientes).  
*rufa* (Gounelle, 1909).  
*flavopictum* (Perty, 1832). Brasil (Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Central), Argentina (Salta).  
*franzae* Martins, 1968. Venezuela (Aragua).  
*album* Martins, 1968. Brasil (São Paulo).  
*insigne* Martins, 1968. Bolívia (La Paz, Cochabamba).  
*io* (Thomson, 1867). Colômbia, Venezuela (Zulia, Aragua, Distrito Federal), Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Peru (Junin), Brasil (Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Guanabara).  
*jo* (Aurivillius, 1912).  
*rugicolle* (Bates, 1870).  
*lineatocolle* (Thomson, 1865). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Paraguai (Itapuá), Argentina (Misiones, Corrientes).  
*pleurostictum* (Bates, 1885). México (Chiapas), Honduras Britânica, Costa Rica (Puntarenas), Panamá (Chiriqui).  
*ruficaudatum* (Thomson, 1865). Venezuela (Bolivar), Guiana Francesa, Peru (Loreto), Brasil (Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia).  
*striatocolle* (White, 1855). Guiana Francesa, Peru (Loreto, San Martin, Huanuco, Junin), Brasil (Amazonas, Pará).  
*proserpina* (Thomson, 1867).  
*terminatum* Martins, 1968. Venezuela, Brasil.  
*tomentosum* Martins, 1960. Colômbia (Magdalena).  
*Perissomerus* Gounelle, 1909.  
*alvarengai* Martins, 1961. Brasil (Espírito Santo).  
*dasytes* Martins, 1968. Brasil (Bahia).  
*hilairei* Gounelle, 1909. Peru (San Martin), Brasil (Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz).

- lenkoi* Martins, 1962.  
 subsp. *bimaculatus* Gounelle, 1909. Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Guanabara, São Paulo, Paraná, Mato Grosso).  
*ruficollis* Martins, 1961. Brasil (Paraíba, Bahia).
- Megapedion Martins, 1968.  
*lefebvrei* (Gounelle, 1909). Brasil (Bahia, Espírito Santo, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Goiás).  
*longitarsi* (Martins, 1962).  
*sylphis* (Bates, 1870). Brasil (Amazonas, Pará).
- Gnomibidion Martins, 1968.  
*araujo* (Martins, 1962). Brasil (Pará).  
*armaticolle* (Martins, 1965). Brasil (Bahia, Guanabara).  
*biacutum* Martins, 1968. Guiana.  
*cylindricum* (Thomson, 1865). Panamá, (Panamá, Canal Zone), Colômbia, Venezuela (Distrito Federal), Peru (San Martín), Brasil (Bahia, Pernambuco).  
*eburnipenne* (Linsley, 1935).  
*denticolle* (Dalman, 1823). Brasil (Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Paraguai (Itapuá), Argentina (Misiones).  
*gnomoides* (Thomson, 1865).  
*digrammum* (Bates, 1870). Peru (Loreto, Junin), Guiana Francesa, Brasil (Amazonas, Pará, Ceará).  
*fulvipes* (Thomson, 1865). Guiana Francesa, Peru (Loreto), Brasil (Pará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso, Rondônia), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Concepción, San Pedro, Cordillera, Central, Guairá, Itapuá), Uruguai (Artigas), Argentina (Salta, Formosa, Misiones, Corrientes).  
*biplagiatum* (Redtenbacher, 1868).  
*monostigma* (Bates, 1870).  
*occultum* Martins, 1968. Colômbia.  
*translucidum* (Martins, 1960). Guiana Francesa, Brasil (Mato Grosso).
- Smaragdion Martins, 1968.  
*viride* Martins, 1968. Peru (Junin), Brasil (Pará).
- Neotropidion Martins, 1968.  
*nodicolle* (Dalman, 1823). Peru (Loreto), Brasil (Amazonas, Pará, Acre, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo), Bolívia, (Santa Cruz).  
*armandinae* (Chabrillac, 1857).  
*biguttatum* (Redtenbacher, 1868).  
 subsp. *binoculare* Gounelle, 1909. Brasil (Minas Gerais, Goiás).  
*pulchellum* Martins, 1968. Guiana Francesa.
- Alcyopsis Pascoe, 1866.  
*chalcea* Bates, 1874. México (Nayarit, Morelos), Nicarágua (Chontales), El Salvador.  
*cyanoptera* Pascoe, 1866. Brasil (Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Uruguai (Artigas, Montevideo), Argentina (Misiones).  
*nigromaculata* Aurivillius, 1927. Brasil (Bahia).  
*nigrovittata* Gounelle, 1909. Brasil (Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás).  
*pallida* Martins, 1964.
- Phocibidion Martins, 1968.  
*erythrocephalum* (White, 1855). Guatemala?, Colômbia (Cundinamarca, Distrito Especial), Brasil (Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Guanabara), Bolívia.  
*pulcherrimum* (Martins, 1962). Brasil (Amazonas).



## IV DIVISÃO

- Ibidion Serville, 1834.  
 comatum Serville, 1834. Brasil (Rio de Janeiro-São Paulo?).
- Brechmoidion Martins, 1969.  
 excisifrons (Martins, 1960). Colômbia, Equador (Tungurahua).
- Prothoracibidion Martins, 1960.  
 flavozonatum Martins, 1960. Peru (Huanaco, Pasco?, Cuzco).  
 plicatithorax Martins, 1960. Colômbia (Meta).  
 xanthopterum Martins, 1962. Bolívia (La Paz, Santa Cruz).
- Rhyzium Pascoe, 1866.  
 bimaculatum Pascoe, 1866. Peru, Bolívia (La Paz).  
*inarmatum* (Martins, 1960).  
 bivulneratum (Thomson, 1867). Colômbia (Antioquia, Departamento Especial, Cundinamarca, Tolima), Brasil?  
*contracticorne* (Martins, 1960).  
 guttiferum (Thomson, 1867). Colômbia (Departamento Especial).
- Ophthalmibidion Martins, 1969.  
 luscum Martins, 1971. Brasil (Mato Grosso).  
 carenatum Martins, 1969. Brasil (Espírito Santo).  
 tetrops (Bates, 1870). Peru (San Martin), Brasil (Pará, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz), Argentina (Misiones).
- Bomaribidion Martins, 1962.  
 angusticolle (Gounelle, 1909). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina), Paraguai (Itapuá).  
 nirsutum Martins, 1969. Brasil (Minas Gerais).
- Megaceron Martins, 1969.  
 antennicrassum (Martins, 1960). Brasil (Espírito Santo).  
 australe (Martins, 1960). Brasil (São Paulo, Santa Catarina).
- Compsibidion Thomson, 1864.  
*Lylibaeum* Thomson, 1864.  
*Octoplon* Thomson, 1864.  
 aegrotum (Bates, 1870). Brasil (Amazonas).  
 amantei (Martins, 1960). Brasil (Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara).  
 angulare (Thomson, 1867). Brasil (Pernambuco, Bahia, Guanabara).  
 basale (White, 1855). Brasil (Amazonas, Pará).  
 callispilum (Bates, 1870). Venezuela (Monagas), Guiana Francesa, Brasil (Pará).  
 campestre (Gounelle, 1909). Brasil (Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz), Argentina (Jujuy, Salta, Tucumán).  
*perelegans* (Melzer, 1933).  
 capixaba (Martins, 1962). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo).  
 oculatum Martins, 1969. Brasil (Espírito Santo).  
 charile (Bates, 1870). Brasil (Amazonas, Pará).  
 circumflexum Martins, 1971. Argentina (Salta, Chaco, Catamarca, Tucumán, Santiago del Estero, La Rioja, Córdoba, Entre Ríos, Buenos Aires).  
 cleophile (Thomson, 1865). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná).  
*adelphum* (Thomson, 1865).  
 clivum Martins, 1971. Venezuela (Aragua).  
 crassipede Martins, 1971. Brasil (São Paulo, Mato Grosso), Paraguai (Cordillera), Argentina (Salta).  
 decemmaculatum (Martins, 1960). Equador (Manabi).  
 decoratum (Gounelle, 1909). Brasil (Goiás, Mato Grosso).  
 derivativum Martins, 1971. Brasil (Mato Grosso).  
 divisum Martins, 1969. Brasil (Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro).  
 fairmairei (Thomson, 1865). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio

- Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Cordillera, Guairá). Argentina (Jujuy, Salta, Formosa, Chaco, Tucumán, Catamarca, Santiago del Estero, Buenos Aires).
- arcuifera* (Gounelle, 1909).
- femoratum Martins, 1971. Brasil (Mato Grosso), Argentina (Chaco).
- graphicum (Thomson, 1867). Brasil (Pará, Maranhão, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Cochabamba, Santa Cruz), Paraguai (Caaguazú, Alto Paraná, Itapuá), Argentina (Jujuy, Salta, Tucumán, Misiones, Corrientes).
- antennatum* (Thomson, 1867).
- subsp. *rubricolle* (Melzer, 1935). Brasil (Rio Grande do Sul).
- guanabarinum (Martins, 1962). Brasil (Espírito Santo, Guanabara).
- ilium (Thomson, 1864). Peru?, Brasil (Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso?).
- inornatum (Martins, 1962). Brasil (Bahia, São Paulo).
- litturatum (Martins, 1960). Panamá (Chiriquí), Colômbia, Venezuela (Aragua).
- maronicum (Thomson, 1867). Trinidad, Venezuela (Bolívar, Amazonas), Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Peru (Loreto, Huanuco, San Martín, Junín), Brasil (Amazonas, Amapá, Pará, Maranhão, Rondônia, Mato Grosso), Bolívia (Cochabamba).
- deliciosus* (Bates, 1870).
- dilectum* (Bates, 1870).
- herse* (Thomson, 1867).
- leprieuri* (Bates, 1870).
- oedipnemi* (Bates, 1870).
- rubellum* (Bates, 1870).
- megarthron (Martins, 1962). Brasil (Minas Gerais, São Paulo).
- melancholicum Martins, 1969. Brasil.
- meridionale Martins, 1969. Brasil (Santa Catarina).
- monnei Martins, 1969. Uruguai (Artigas).
- multizonatum Martins, 1969. Brasil (Pará).
- mysticum Martins, 1969. Panamá (Canal Zone).
- nigroterminatum (Martins, 1965). Brasil (Bahia, Rio de Janeiro, Guanabara).
- niveum (Martins, 1962). Brasil (Guanabara?, Paraná, Santa Catarina).
- omissum Martins, 1969. Brasil (Goiás).
- orpa (White, 1855). Brasil (Pará).
- paulista (Martins, 1962). Brasil (São Paulo).
- polyzonum (Bates, 1870). Brasil (Pará).
- psydrum Martins, 1969. Peru (Loreto).
- quadrisignatum (Thomson, 1865). Brasil (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Goiás).
- amabile* (Thomson, 1867). (Pars).
- reichardti (Martins, 1962). Bolívia (Santa Cruz).
- rutha (White, 1855). Peru (Junín), Brasil (Amazonas, Pará).
- simillimum Martins, 1969. Brasil (Bahia, Minas Gerais).
- singulare (Gounelle, 1909). Brasil (Goiás).
- sommeri (Thomson, 1865). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Goiás), Bolívia (Cochabamba), Argentina (Misiones).
- sphaeriinum (Bates, 1870). Brasil (Amazonas, Pará).
- tethys (Thomson, 1867). Equador?, Guiana, Guiana Francesa, Peru (Amazonas), Brasil (Amazonas).
- polychromum* (Bates, 1870).
- thoracicum (White, 1855). Peru (San Martín, Junín), Brasil (Pará, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz).
- trichocerum (Martins, 1962). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro).
- truncatum (Thomson, 1865). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio

- Grande do Sul, Goiás), Bolívia (Santa Cruz), Paraguai (Alto Paraná, Cordillera, Central, Itapuá), Argentina (Misiones).  
*albocinctum* (Thomson, 1865).  
*lycoris* (Thomson, 1867).  
*unifasciatum* (Gounelle, 1909). Brasil (São Paulo, Goiás).  
*vanum* (Thomson, 1867). México (Veracruz, Chiapas), Guatemala (San Marcos, Escuintla), El Salvador (Usulután), Costa Rica (Limon, Cartago), Panamá (Colon?, Canal Zone, Panamá), Venezuela (Monagas, Bolívar), Guiana Francesa, Brasil (Amazonas, Pará, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso), Argentina (Misiones).  
*histrionica* (Bates, 1870).  
*varipenne* Martins, 1969. Venezuela (Aragua).  
*virgatum* Martins, 1969. Peru (San Martin).  
*zikani* (Melzer, 1933). Brasil (Bahia, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul).  
*Neoctoplon* Martins, 1969.  
*brunnipenne* (Martins, 1960). Brasil (Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina).  
*Coleroidion* Martins, 1969.  
*cingulum* Martins, 1969. Venezuela (Aragua).  
*leucotrichum* (Martins, 1960). Brasil (Mato Grosso), Argentina (Formosa, Chaco).  
*Tetraopidion* Martins, 1960.  
*geminatum* Martins, 1969. Bolívia (Santa Cruz).  
*mucoriferum* (Thomson, 1867). Brasil (Paraíba, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Paraguai (Alto Paraná, Caaguazú, Itapuá), Argentina (Misiones, Corrientes).  
*modestum* (Lacordaire, 1869).  
*tetraophthalmum* Martins, 1960. Argentina (Salta).  
*venezuelanum* Martins, 1960. Venezuela (Valera).  
*Cyrenidolon* Thomson, 1864.  
*approximatum* (White, 1855). Guiana, Brasil (Amapá, Amazonas, Pará).  
*batesianum* (White, 1855). Peru (San Martin), Guiana Francesa, Brasil (Amazonas, Pará, Mato Grosso).  
*binodosum* Bates, 1870. Brasil (Amazonas).  
*caraceum* Martins, 1964. Brasil (Minas Gerais, Guanabara).  
*eques* Thomson, 1864. Brasil (Bahia, Guanabara), Paraguai (Guairá).  
*gounellei* Bruch, 1908. Bolívia (Santa Cruz), Argentina (Salta, Tucumán, Corrientes).  
*minutum* Martins, 1960. Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo), Argentina (Misiones).  
*trichotulum* Martins, 1960.  
*obliquum* Martins, 1969. Venezuela (Monagas, Bolívar), Brasil (Pará, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Santa Cruz).  
*pedunculatum* Martins, 1969. Venezuela (Distrito Federal).  
*phormesioides* Martins, 1960. Argentina (Salta).  
*podicale* (Thomson, 1867). Venezuela, Brasil (Pará).  
*bimaculatum* Martins, 1960.  
*sericeum* Martins, 1960. Peru (San Martin), Brasil (Amazonas, Pará, Bahia, Espírito Santo, Guanabara).  
*guimaraesi* Martins, 1964.  
*trituberculatum* Martins, 1969. Costa Rica.

## V DIVISÃO

- Corimbion* Martins, 1969.  
*balteum* Martins, 1969. Brasil (Bahia).  
*caliginosum* Martins, 1969. Venezuela (Zulia).

- nigroapicatum Martins, 1969. Bolívia (Santa Cruz).  
 supremum Martins, 1969. Venezuela.  
 terminatum Martins, 1969. Colômbia, Brasil (Roraima).  
 vulgare Martins, 1969. Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo).
- Heterocompsa Martins, 1965.  
 eburata Martins, 1969. Bolívia (Santa Cruz).  
 formosa (Martins, 1962). Paraguai, Argentina (Salta, Formosa, Santiago del Estero).  
 geniculata (Thomson, 1865). Brasil (Bahia, São Paulo), Paraguai (Concepción), Argentina (Misiones).  
*heteracantha* (Martins, 1962).  
 nigripes (Martins, 1962). Brasil (São Paulo).  
 seabrai (Martins, 1962). Argentina (Tucumán).  
 stellae (Martins, 1962). Brasil (Paraná).  
 truncaticornis (Martins, 1960). Brasil (Santa Catarina).
- Opsibidion Martins, 1960.  
 albinum (Bates, 1870). Brasil (Amazonas, Mato Grosso).  
*micron* Martins, 1960.  
 flavocinctum Martins, 1960. Peru?, Brasil (Bahia, Guanabara, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul), Paraguai, Argentina (Misiones, Corrientes).
- Engyum Thomson, 1864.  
*Phormesium* Thomson, 1864.  
 aurantium Martins, 1969. Brasil (Mato Grosso).  
 carinatum Martins, 1969. Brasil (Bahia).  
 crassum Martins, 1969. Brasil (Pernambuco).  
 euchare (Martins, 1960). Venezuela (Distrito Federal, Sucre), Brasil?  
 fusiferum (Serville, 1834). Brasil (Bahia, Espírito Santo, Guanabara).  
*eudesmoides* (Thomson, 1864).  
 linsleyi Martins, 1969. Peru (Junin).  
 ludibriosum Martins, 1969. Brasil (Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Goiás).  
 melanodacrys (White, 1855). Brasil (Pará, Mato Grosso).  
 pulchellum (Lameere, 1893). Venezuela.  
 quadrinotatum Thomson, 1864. Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Paraguai (San Pedro, Itapuá), Argentina (Misiones).  
 transversum Martins, 1969. Guiana Francesa, Brasil (Pernambuco).  
 trinidadense (Gilmour, 1963). Trinidad.  
 virgulatum (Bates, 1879). Guatemala (Escuintla, Izabal), Honduras, Panamá (Chiriqui, Canal Zone), Colômbia, Venezuela (Zulia, Carabobo, Distrito Federal, Tachira), Peru (Junin), Brasil (Alagoas).
- Xalitla Lane, 1959.  
 azteca Lane, 1959. México (Sonora, Nayarit, Guerrero).  
 genuina Martins, 1969. México (Oaxaca, Chiapas).  
 punctatissima Martins, 1969. México (Sinaloa).
- Cicatrion Martins, 1969.  
 constricticolle (Martins, 1962). Brasil (Bahia, São Paulo).
- Microibidion Martins, 1962.  
 exculptum Martins, 1962. Brasil (São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Argentina (Misiones, Buenos Aires).  
 exiguum Martins, 1962. Brasil (Bahia, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul), Paraguai (Alto Paraná), Argentina (Misiones, Corrientes).  
 fluminense (Martins, 1962). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro).  
 muticum (Martins, 1962). Brasil (Espírito Santo, Guanabara, Santa Catarina).  
 rubicundulum (Gounelle, 1913). Argentina (Santiago del Estero).
- Aphatum Bates, 1870.  
 rufulum (White, 1855). Brasil (Amazonas, Pará).

- Hadroibidion Martins, 1967.  
*pullum* (Martins, 1962). Brasil (Mato Grosso).
- Dodecaibidion Martins, 1962.  
*brasilense* Martins, 1962. Brasil (Guanabara).  
*modestum* Martins, 1969. Brasil (Goiás).  
*ornatipenne* Martins, 1969. Brasil (Rio de Janeiro).
- Compsa Perty, 1832.  
*albomaculata* Martins, 1962. Colômbia (Cundinamarca), Brasil?  
*albopicta* Perty, 1832. Peru?, Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás), Paraguai (Alto Paraná, San Pedro, Cordillera), Argentina (Misiones).  
*amoena* Fisher, 1937. Brasil (Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina), Paraguai (Alto Paraná, Central, Itapuá), Argentina (Salta, Misiones).  
*diringshofeni* (Martins, 1960). Brasil (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo).  
*flavofasciata* (Thomson, 1867). Colômbia (Caldas, Distrito Especial), Venezuela (Trujillo).  
*inconstans* Gounelle, 1909. Brasil (Bahia, Espírito Santo, Goiás).  
*latifascia* Martins, 1969. Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina), Bolívia (Santa Cruz).  
*leucozona* (Bates, 1885). Panamá (Chiriquí).  
*macra* (Thomson, 1867). Panamá (Canal Zone), Trinidad, Colômbia (Magdalena), Venezuela (Zulia, Aragua, Distrito Federal, Monagas).  
*delicatulum* (Linsley, 1935).  
*monrosi* (Prosen, 1961). Brasil (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Paraguai (Itapuá), Uruguai (Durazno, Montevideo), Argentina (Tucumán, Misiones, Corrientes, Entre Rios, Buenos Aires).  
*montana* Martins, 1971. Brasil (Paraíba?, Bahia).  
*multiguttata* Melzer, 1935. Brasil (Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso), Paraguai (San Pedro, Guairá), Argentina (Tucumán, Chaco, Misiones, Corrientes).  
*confluens* Melzer, 1935.  
*lineatoguttata* Melzer, 1935.  
*nebulosa* Martins, 1969. Bolívia.  
*quadriguttata* (White, 1855). Colômbia (Santander, Distrito Especial), Peru (San Martín, Junín, Huanuco), Brasil (Amazonas, Pará, Guanabara?, Goiás, Mato Grosso), Bolívia (Pando, La Paz, Cochabamba), Paraguai (Concepción, Central).
- Neocompsa Martins, 1965.  
*agnosta* Martins, 1969. México (Sinaloa, Nayarit).  
*alacris* (Bates, 1885). México (Sonora, Sinaloa, Nayarit, Colima, Michoacán, México, Morelos, Guerrero, Oaxaca, Veracruz, Quintana Roo), Guatemala (Escuintla), El Salvador (Chaltenango, La Libertad, San Salvador).  
*albopilosa* (Martins, 1962). Brasil (Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro).  
*chemsaki* Martins, 1969. México (Jalisco, Morelos).  
*clerochroa* (Thomson, 1867). México (Colima, México, Veracruz, Oaxaca, Chiapas).  
*semirufum* (Bates, 1885).  
*tenuatum* (Bates, 1885).  
*comula* Martins, 1969. Costa Rica (San José).  
*dysthymia* Martins, 1969. México (Nuevo León).  
*eburioides* (Thomson, 1867). Colômbia?, Venezuela (Táchira).  
*exclamationis* (Thomson, 1860). Estados Unidos (Texas), México (San Luis Potosí, Distrito Federal, Veracruz, Oaxaca, Chiapas).  
*interrogationis* (Thomson, 1864).  
*fulgens* (Fisher, 1932). Dominicana.

- gaumeri (Bates, 1892). México (Yucatan).  
 glaphyra Martins, 1969. Costa Rica (Limon), Panamá (Canal Zone, Panamá)  
 habra Martins, 1969. Venezuela (Distrito Federal, Aragua).  
 intricata Martins, 1969. México (Veracruz).  
 leechi Martins, 1969. Peru (Lambayeque).  
 lenticula Martins, 1969. Bolívia (Santa Cruz).  
 lineolata (Bates, 1870). Costa Rica (Limon, Cartago), Panamá (Canal Zone),  
 Colômbia (Cundinamarca), Peru (Junin, Huanuco), Brasil (Amazo-  
 nas, Bahia, Guanabara, Paraná), Bolívia (Santa Cruz).  
*dilaticornis* (Melzer, 1935).  
 macroscina Martins, 1969. México (Sinaloa).  
 macrotricha Martins, 1969. México (Chiapas), Venezuela?  
 mexicana (Thomson, 1865). Estados Unidos (Texas), México (Tamaulipas,  
 San Luis Potosi, Veracruz, Oaxaca, Chiapas), Guatemala (Quetzalte-  
 nango, Baja Verapaz), Costa Rica (Cartago).  
*hippopsioides* (Bates, 1885).  
*ignobile* (Bates, 1885).  
*townsendi* (Linell, 1896).  
 mimosa Martins, 1971. Colômbia, Venezuela (Distrito Federal).  
 puncticollis (LeConte, 1873). México (Baja California).  
 subsp. asperula (Bates, 1885). Estados Unidos (Arizona), México (So-  
 nora, Sinaloa, Nayarit, Colima, Durango, México, Morelos, Guerrero).  
 subsp. orientalis Martins & Chemsak, 1966. México (Nuevo Leon, Tamaul-  
 lipas, San Luis Potosi, Veracruz, Oaxaca).  
 ptoma Martins, 1969. México (Oaxaca, Chiapas).  
 pysma Martins, 1969. México (Yucatan).  
 quadrimaculata (Fabricius, 1792). Jamaica, Pôrto Rico, Vieques, Tortola, St.  
 Croix, St. Barthélemy, Barbuda, St. Eustatius, St. Christopher, Anti-  
 gua, Montserrat, Guadeloupe, Dominica, St. Vincent, Barbados, Mus-  
 tique, Grenada, Trinidad.  
*clavipes* (Fabricius, 1801).  
*cylindricollis* (Fabricius, 1798).  
*submaculata* (Lameere, 1885).  
 quadriplagiata (LeConte, 1873). México (Baja California, Morelos, Guerrero).  
*griseolum* (Bates, 1892).  
*lecontei* (Linsley, 1957).  
*pubescens* (Casey, 1924).  
 ruatana (Bates, 1892). Honduras.  
 sericans (Bates, 1885). Panamá (Chiriqui).  
 serrana (Martins, 1962). Brasil (Mato Grosso).  
 sinaloana (Linsley, 1935). México (Sinaloa).  
 spinosa Martins, 1969. Costa Rica (San José).  
 squalida (Thomson, 1867). México (Veracruz, Chiapas), Guatemala (Alta  
 Verapaz, Baja Verapaz, Escuintla), Nicarágua (Chontales), Costa  
 Rica (Alajuela, Puntarenas, San José), Panamá (Chiriqui, Panamá,  
 Canal Zone), Colômbia (Cundinamarca, Distrito Especial), Venezuela  
 (Falcon).  
 tenuissima (Bates, 1885). México (Sinaloa, Nayarit, Jalisco, Guanajuato, Mi-  
 choacán, México, Puebla, Veracruz, Morelos, Guerrero, Oaxaca).  
 textilis (Thomson, 1865). México (Sinaloa, Nayarit, Michoacán, Morelos, Guer-  
 rero, Veracruz, Oaxaca, Yucatan, Chiapas), Guatemala (Baja Vera-  
 paz, Sacatepequez, Amatitlán, Escuintla, Guatemala, Zacapa), Hondu-  
 ras, El Salvador (San Vicente), Nicarágua (Chontales), Costa Rica  
 (Cartago, San José).  
 tuberosa Martins, 1969. Costa Rica (Cartago), Panamá (Bocas de Toro, Canal  
 Zone), Colômbia.  
 tucumana (Martins, 1962). Argentina (Tucumán, Jujuy).  
 ventricosa (Bates, 1885). Costa Rica (Cartago), Panamá (Chiriqui).  
 veracruzana Martins, 1971. México (Veracruz).  
 v-flava (Melzer, 1931). Costa Rica (San José).

- vogti Martins, 1969. Bolívia (Pando, Santa Cruz).  
 werneri Martins, 1969. México (Sonora, Sinaloa).  
 Asynapteron Martins, 1970.  
 contrarium Martins, 1971. Equador (Morona-Santiago).  
 equatorianum (Martins, 1960). Equador (Guayas).  
 glabriolum (Bates, 1872). Nicarágua (Boaco, Chontales), Costa Rica (Guanacaste, Cartago), Colômbia (Bolívar, Cauca, Cundinamarca), Equador.  
 inca (Martins, 1962). Peru (Lima, Arequipa).  
 ranthum Martins, 1970. Equador (Guayas), Brasil?  
 Pygmodeon Martins, 1970.  
 andreae (Germar, 1824). Brasil (Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).  
   *amabile* (Thomson, 1867). (Pars).  
 boreale Martins, 1971. México (México).  
 buscki (Linsley, 1935). Panamá (Bocas de Toro).  
 cribripenne (Bates, 1879). Costa Rica (Cartago), Panamá (Chiriqui).  
   *chiriquinum* (Bates, 1885).  
 ditelum (Bates, 1872). Nicarágua (Chontales), Costa Rica (Cartago).  
 involutum (Bates, 1870). Guiana, Peru (San Martín), Brasil (Amapá, Amazonas, Pará), Bolívia (La Paz, Cochabamba).  
 latevittatum (Bates, 1885). México (Chiapas).  
 m-littera (Martins, 1962). Peru (Junin), Bolívia.  
 mutabile (Melzer, 1935). Costa Rica (Guanacaste, Cartago).  
 obtusum (Bates, 1874). México, Guatemala (Guatemala), Nicarágua (Chontales), Costa Rica (San José).  
   *segregatum* (Bates, 1885).  
 puniceum Martins, 1970. Colômbia, Equador (Pichincha, Bolívar, Chimborazo, Santiago-Zamora).  
 staurotum Martins, 1970. Venezuela (Distrito Federal).  
 validicorne (Bates, 1885). Costa Rica (Heredia, Cartago, San José), Panamá (Chiriqui).  
 Stenoidion Martins, 1970.  
 amphigyum Martins, 1970. Brasil (Pará).  
 apicatum (Martins, 1962). Bolívia (Santa Cruz).  
 corallinum (Bates, 1870). Peru (San Martín), Brasil (Pará).  
   subsp. chapadense (Gounelle, 1909). Brasil (Ceará, Paraíba, São Paulo, Goiás, Mato Grosso).  
   subsp. tricolor (Belon, 1896). Bolívia (Cochabamba).  
 Heterachthes Newman, 1840.  
 Brydaeon Thomson, 1867.  
   aeneolus (Bates, 1885). México (Veracruz).  
   apicalis (Blair, 1933). Aruba, Colômbia, Equador (Arquipélago de Galápagos).  
   *arubae* Gilmour, 1968.  
 bilineatus (Bates, 1885). Guatemala (Quetzaltenango).  
 candidus (Bates, 1885). Panamá (Chiriqui).  
 castaneus Martins, 1970. Brasil (Minas Gerais).  
 concretus Martins, 1970. Costa Rica?, Colômbia (Magdalena).  
 congener Martins, 1965. Bolívia (Cochabamba, La Paz).  
 designatus Martins, 1970. México (Veracruz, Oaxaca).  
 dimidiatus (Thomson, 1865). Brasil (Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná).  
 ebenus Newman, 1840. Estados Unidos (New York, Rhode Island, Ohio, Pennsylvania, New Jersey, District of Columbia, Maryland, Kansas, Missouri, Virginia, Arkansas, North Carolina, Mississippi, Alabama, Georgia, Louisiana, Florida, New Mexico, Texas), Ilhas Bahama, Cuba (Pinar del Rio, Camaguey), México (Sinaloa, Nayarit, Jalisco, Veracruz), Guatemala (Izabal), Nicarágua (Chontales), Colômbia, Venezuela (Aragua, Distrito Federal), Guiana, Suriname, Brasil (Pará, Rondonia, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia, Minas Gerais, São

- Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso), Uruguai (Rivera), Argentina (Misiones).
- exilissimus* Casey, 1912.
- floridanus* Casey, 1912.
- erineus* Martins, 1970. México (Sinaloa).
- fascinatus* Martins, 1971. Venezuela (Miranda).
- figuratus* Martins, 1970. Peru.
- flavicornis* (Thomson, 1865). Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo).
- subsp. *bonariensis* (Thomson, 1865). Uruguai (Montevideo), Argentina (Buenos Aires).
- implicatum* (Thomson, 1867).
- subsp. *sexsignatus* (Thomson, 1865). Brasil (Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás).
- bellus* Gounelle, 1909.
- gratiosus* Martins, 1970. Brasil (Amazonas).
- howdeni* Martins, 1970. México (Nuevo Leon, Tamaulipas).
- integripennis* (Bates, 1885). México (Durango, Nuevo Leon, Zacatecas, Hidalgo, México, Puebla, Veracruz).
- usingeri* Linsley, 1935.
- inustus* Gounelle, 1909. Brasil (Goiás).
- lateralis* Martins, 1962. Colômbia (Magdalena), Brasil?
- lemniscus* Martins, 1970. Equador.
- leucoacnus* Martins, 1970. México (Hidalgo).
- longiscapus* Martins, 1970. Brasil (Bahia).
- mediovittatus* Martins, 1962. Peru (Junin).
- myrrheus* Gounelle, 1910. Equador.
- nigrocinctus* Bates, 1872. Nicarágua (Chontales), Costa Rica (Cartago).
- nobilis* LeConte, 1862. Estados Unidos (Texas).
- pallidipennis* (Thomson, 1865). Peru (Ancash).
- pelonioides* (Thomson, 1867). Guiana Francesa, Brasil (Amapá, Amazonas Pará).
- longipilis* Bates, 1870.
- phoracanthoides* (White, 1855). Brasil (Amazonas?, Bahia, Espírito Santo, Guanabara).
- quadrifoveolatum* (Chabrillac, 1857).
- vitreus* Martins, 1962.
- picturatus* Martins, 1970. Guatemala (Alta Verapaz).
- plagiatus* (Burmeister, 1865). Argentina (Jujuy, Mendoza, Córdoba).
- polingi* (Fall, 1925). Estados Unidos (Arizona), México (Sonora).
- quadrinaculatus* Haldeman, 1847. Estados Unidos (Connecticut, New York, Pennsylvania, New Jersey, Iowa, Illinois, Maryland, District of Columbia, Delaware, Indiana, Kansas, Missouri, North Carolina, South Carolina, Arkansas, Texas, Georgia, Alabama, Florida).
- evanescens* (Thomson, 1867).
- fluviatilis* Casey, 1912.
- pallidum* Haldeman, 1847.
- rotundipenne* (White, 1855).
- rubricolor* Melzer, 1935. Costa Rica (Cartago).
- rugosicollis* Martins, 1970. México (Durango).
- sablensis* Blatchley, 1920. Estados Unidos (Florida).
- sejunctus* Gounelle, 1909. Brasil (Goiás), Bolívia (Santa Cruz).
- sexguttatus* (Serville, 1834). Brasil (Bahia, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).
- signaticollis* Thomson, 1865. Colômbia, Venezuela (Mérida, Distrito Federal).
- similis* Martins, 1965. Bolívia (El Beni).
- symbolus* Martins, 1970. Brasil (Bahia).
- tenellus* (Burmeister, 1865). Argentina (Jujuy, Tucumán, Córdoba, Catamarca, Mendoza, La Pampa, Buenos Aires).



- texanus Linsley, 1957. Estados Unidos (Texas).  
 tysiophonis (Thomson, 1867). Peru (Junin), Guiana Francesa, Brasil (Amazonas, Pará).  
*decipiens* Bates, 1870.  
 viticulus Martins, 1970. México (Coahuila, Nuevo Leon, Guanajuato, Puebla).  
 xenocerus Martins, 1960. Argentina (Córdoba).  
 x-notatus (Linsley, 1935). British Honduras (Toledo), Guatemala (Izabal).  
*fisheri* (Linsley, 1935).  
 w-notatus Linsley, 1935. México (Nayarit, Michoacan, México, Morelos, Puebla).

12.11 ÍNDICE <sup>1</sup>

- abditum Martins (Tropidion), 357, 484, 485, 490, 496, 1368, 1483.  
 acanthonotum Martins (Tropidion), 363, 414, 415, 418, 468, 1414, 1483.  
 addictum Melzer (Gnomidolon), 164, 168, 257, 259-261, 264-266, 280, 1430, 1482.  
 adelphum Thomson (Octoplon), 772, 774, 775, 1487.  
 aegrotum Bates (Compsibidion), 680, 728, 819, 1487.  
 aeneolus Bates (Heterachthes), 14, 1215, 1216, 1316, 1324, 1327, 1493.  
 aeneonigrum Fisher (Gnomidolon), 308, 311, 1482.  
 Aetheibidion Martins, 322, 323, 327, 1348, 1482.  
 affine Thomson (Hexoplon), 56, 91, 140, 150, 155, 156, 158, 159, 1410, 1414, 1415, 1479.  
 agnosta Martins (Neocompsa), 1045, 1071, 1075, 1081, 1083, 1086, 1088, 1098, 1370, 1376, 1491.  
 alacris Bates (Neocompsa), 1041, 1094, 1096, 1098, 1100, 1102, 1115, 1370, 1374, 1376, 1470, 1491.  
 albinum Bates (Opsibidion), 918, 921-923, 941, 946, 1490.  
 albinum Gounelle (Phormesium), 928, 939.  
 albipenne Bates (Hexoplon), 12, 88, 98, 99, 100, 102, 104-106, 255, 1343, 1380, 1381, 1479.  
 albocincta Gounelle (Compsa), 1029.  
 albocinctum Thomson (Ibidion), 714, 717, 1032, 1033, 1489.  
 albomaculata Martins (Compsa), 998, 1006, 1008, 1010, 1012, 1367, 1466, 1491.  
 albopicta Perty (Compsa), 10, 12, 14-16, 995, 996, 999, 1000, 1006, 1007, 1010, 1012, 1356, 1412-1417, 1465, 1491.  
 albopilosa Martins (Neocompsa), 1040, 1129, 1133, 1134, 1370, 1379, 1380, 1413, 1414, 1491.  
 Alcyopis Pascoe, 332, 334, 616, 617, 1348, 1486.  
 aivarengai Martins (Perissomerus), 563, 564, 569, 571, 573, 1414, 1485.  
 amabile Thomson (Ibidion), 777, 780, 1166, 1488, 1493.  
 amantei Martins (Compsibidion), 678, 680, 823, 825, 1415, 1416, 1487.  
 amaurum Martins (Gnomidolon), 166, 177, 189, 194, 195, 198, 200, 202, 288, 1480.  
 amoena Fisher (Compsa), 998, 1000, 1004-1006, 1008, 1413-1415, 1491.  
 amphigyum Martins (Stenoidion), 1194, 1196, 1197, 1198, 1199, 1493.  
 analogum Martins (Gnomidolon), 167, 192, 193, 1362, 1413, 1480.  
 andinum Martins (Ibidion), 452, 453, 455, 1484.  
 andreae Germar (Pygmodeon), 10, 677, 780, 1163-1166, 1168, 1170, 1172, 1181, 1195, 1413-1417, 1473, 1493.  
 angulare Thomson (Compsibidion), 685, 728, 739, 741, 744, 1413, 1415, 1487.  
 angusticolle Gounelle (Bomaribidion), 659, 666, 667, 669-672, 1413-1415, 1451, 1487.  
 antennatum Thomson (Lylibaeum), 734, 738, 1488.  
 antennicrassum Martins (Megaceron), 498, 672, 673, 675, 1414, 1487.  
 anthracinum Martins (Hexoplon), 90, 119, 135-137, 139, 1425, 1479.  
 Apatum Bates, 880, 883, 917, 983, 986, 996, 1350, 1358, 1490.  
 apicalis Blair (Heterachthes), 1206, 1222, 1224, 1225, 1475, 1476, 1493.

1. O número grifado indica a página da citação principal do *taxon* em apêço.

- apicatum* Martins (Stenoidion), 1197, 1199, 1202, 1493.  
*approximatum* White (Cycnidolon), 844, 847, 868, 870, 1464, 1489.  
*aquilonium* Martins (Minibidion), 337, 344, 346, 349, 350, 353, 1482.  
*araujoi* Martins (Gnomibidion), 581, 597, 599, 1486.  
*arcuifera* Gounelle (Compsa), 708, 709, 713, 1488.  
*argentinense* Martins (Diasporidion), 516, 519, 520, 521, 1485.  
*armandinae* Chabrilac (Ibidion), 610, 613, 1486.  
*armaticolle* Martins (Gnomibidion), 580, 581, 599, 1413, 1415, 1486.  
*armatipes* Martins (Gnomidolon), 21, 160, 269, 283, 285, 286, 1368, 1480.  
*armatum* Aurivillius (Hexoplion), 87, 91, 94, 96, 1411, 1479.  
*arubae* Gilmour (Heterachthes), 1222, 1224, 1493.  
*asperula* Bates (Neocompsa), 1038, 1102, 1140, 1141, 1375, 1492.  
*Asynapteron* Martins, 879, 880, 881, 1151, 1152, 1160, 1195, 1350, 1366, 1493.  
*atricolle* Martins (Tropidion), 358, 394, 395, 397, 405, 1414, 1442, 1483.  
*aurantium* Martins (Engyum), 925, 926, 941, 942, 944, 946, 951, 1490.  
*aurivillii* Gounelle (Tetraibidion), 144, 193, 259, 308, 311, 314, 316, 1356, 1364, 1366, 1411-1417, 1482.  
*aurivillii* Martins (Opthalmoplion), 25, 27, 29, 33, 37, 1414, 1431, 1432, 1479.  
*australe* Martins (Megaceron), 498, 673, 675, 1363, 1416, 1487.  
*azteca* Lane (Xalitla), 957, 958, 959, 964, 1490.
- balfourbrownei* Martins (Tropidion), 357, 358, 411, 413, 415, 1354, 1411, 1412, 1483.  
*balteum* Martins (Corimbion), 885, 891, 893, 896, 1489.  
*basale* White (Compsibidion), 632, 678, 681, 808, 813, 1487.  
*basicoeruleum* Martins (Gnomidolon), 161, 227-229, 1245, 1428, 1480.  
*basilare* Martins (Minibidion), 337, 341, 343, 346, 1482.  
*batesi* Martins (Tropidion), 357, 496, 498, 1483.  
*batesi* Pascoe (Cycnidolon), 866.  
*batesianum* White (Cycnidolon), 844, 848, 866, 868, 870, 872, 874, 1489.  
*beebei* Fisher (Opthalmoplion), 25-27, 29, 30, 1479.  
*bellus* Gounelle (Heterachthes), 1265, 1268, 1494.  
*biacutum* Martins (Gnomibidion), 582, 584, 585, 590, 594, 601, 604, 1486.  
*biarcuatum* White (Gnomidolon), 160, 164, 235, 238, 826, 1410, 1429, 1480.  
*biguttatum* Redtenbacher (Ibidion), 610, 613, 1486.  
*bilineatus* Bates (Heterachthes), 1211, 1334, 1340, 1341, 1493.  
*bimaculatum* Martins (Cycnidolon), 372-874, 1489.  
*bimaculatum* Pascoe (Rhyzium), 643, 651, 652, 653, 655, 657, 658, 1487.  
*bimaculatus* Gounelle (Perissomerus), 564, 566, 567, 1237, 1486.  
*binoculare* Gounelle (Neotropidion), 610, 613, 1354, 1411, 1412, 1486.  
*binoculatum* Linsley (Ibidion), 517, 520, 1485.  
*binodosum* Bates (Cycnidolon), 755, 828, 844, 848, 871, 872, 874, 1489.  
*bipartitum* Gounelle (Gnomidolon), 166, 196, 198-200, 202, 205, 218, 1356, 1411, 1412, 1414, 1426, 1480.  
*biplagiatum* Redtenbacher (Ibidion), 586, 590, 1448, 1486.  
*bituberculatum* Serville (Tropidion), 239, 244, 365, 367, 488, 490, 492, 494, 496, 1363, 1415, 1416, 1443, 1446, 1483.  
*bivittatus* Gounelle (Glyptoscapus), 47, 75, 76, 1479.  
*bivulneratum* Thomson (Rhyzium), 652, 655-658, 1410, 1487.  
*Bomaribidion* Martins, 632, 634, 661, 666, 667, 673, 1349, 1487.  
*bonariensis* Thomson (Heterachthes), 14, 1170, 1216, 1260, 1262-1264, 1268, 1269, 1271, 1297, 1478, 1494.  
*bondari* Melzer (Minibidion), 336, 337, 341, 346, 347, 371, 1410, 1412, 1414, 1415, 1417, 1483.  
*bonsae* Martins (Gnomidolon), 165, 268-271, 1368, 1425, 1426, 1480.  
*boreale* Martins (Pygmodeon), 1474, 1476, 1493.  
*borrei* Lameere (Ibidion), 371, 375, 1437, 1483.  
*brasiliense* Martins (Dodecaibidion), 988, 989, 993, 1102, 1415, 1491.  
*Brechmoidion* Martins, 635, 639, 640, 643, 652, 1349, 1366, 1487.  
*brethesi* Bruch (Gnomidolon), 162, 177, 223, 225, 1356, 1411, 1480.

- breviusculum* Thomson (Tropidion), 355, 358, 359, 371, 374-377, 379, 394, 397, 911, 1410-1416, 1436, 1439, 1483.  
*breviusculum* Zikán & Zikán (Ibidion), 367, 911.  
*brevithorax* Martins (Notosphaeridion), 45, 46, 47, 52, 1363, 1421, 1422, 1479.  
*brunneicaudatum* Fisher (Gnomidolon), 258, 259, 263, 1482.  
*brunniceps* Thomson (Tropidion), 356, 407, 409, 411, 414, 1367, 1410, 1483.  
*brunnipenne* Martins (Neoctoplon), 827, 828, 1415, 1416, 1489.  
*Brydaeon* Thomson, 1205, 1206, 1493.  
*bucki* Martins (Hexoplon), 88, 106, 107, 109, 119, 1480.  
*buquetii* Thomson (Thoracibidion), 523, 524, 556, 558-560, 562, 1366, 1485.  
*buscki* Linsley (Pygmodeon), 1163-1165, 1168, 1172-1174, 1181, 1423, 1493.
- calciopie* Thomson (Tropidion), 360, 479, 482, 1363, 1410, 1412, 1414-1416, 1483.  
*caliginosum* Martins (Corimbion), 883, 884, 896, 897, 899, 1489.  
*calligrammum* Bates (Hexoplon), 88, 98, 100-102, 103-106, 255, 1380, 1480.  
*calligrammum* Bates (Octoplon), 427, 430, 1484.  
*callispilum* Bates (Compsibidion), 686, 728, 729, 731, 1410, 1454, 1487.  
*Calycibidion* Martins, 1418, 1432, 1482.  
*campestre* Gounelle (Compsibidion), 687, 690, 693, 696, 697, 699, 722, 724, 728, 744, 1356, 1410, 1412, 1413, 1487.  
*candidus* Bates (Heterachthes), 1210, 1218, 1251, 1252, 1493.  
*capixaba* Martins (Compsibidion), 632, 666, 678, 680, 687, 689, 755, 771, 783, 889, 1413, 1487.  
*caracence* Martins (Cycnidolon), 844, 847, 853, 856, 860, 1415, 1489.  
*carenatum* Martins (Compsibidion), 683, 756, 763, 767-769, 771, 1487.  
*carinatum* Martins (Engyium), 925, 931-933, 936, 938, 946, 1413, 1490.  
*carinicolle* Bates (Tropidion), 364, 387, 388, 391, 409, 1441, 1483.  
*carissimum* White (Hexoplon), 89, 112, 114, 115, 118, 119, 121, 140, 1356, 1411, 1480.  
*castaneus* Martins (Tropidion), 357, 362, 383, 385, 386, 388, 1412, 1483.  
*castaneus* Martins (Heterachthes), 1170, 1216, 1301, 1303, 1315, 1317, 1493.  
*caudatum* Aurivillius (Tetroplon), 302, 305, 306, 1356, 1411, 1430, 1432, 1482.  
*centrale* Martins (Tropidion), 356, 366, 476, 478, 1368, 1445, 1483.  
*chalcea* Bates (Alcyopsis), 617, 620, 624, 1486.  
*chapadense* Gounelle (Stenoidion), 5, 1199, 1201, 1202, 1356, 1412, 1475, 1493.  
*charile* Bates (Compsibidion), 681, 728, 793, 800, 803, 805, 1487.  
*chemsaki* Martins (Neocompsa), 1041, 1117, 1119, 1370, 1491.  
*chiriquinum* Bates (Ibidion), 1186-1188, 1493.  
*cicatricosus* Aurivillius (Glyptoscapus), 12, 56, 74, 75, 78, 82, 83, 85, 1412-1414, 1423, 1479.  
*Cicatrion* Martins, 880, 882, 965, 967, 970, 1350, 1490.  
*cinctulum* Bates (Tropidion), 365, 443, 450, 452, 458, 1483.  
*cingillum* Martins (Gnomidolon), 163, 180, 186, 188, 1480.  
*cingulum* Martins (Coleroidion), 797, 830, 833, 1366, 1464, 1489.  
*circunflexum* Martins (Compsibidion), 1462, 1487.  
*citrinum* Martins (Tropidion), 364, 385, 403-406, 701, 1412, 1442, 1483.  
*clavicorne* Martins (Ibidion), 462-464, 1484.  
*clavipes* Fabricius (Gnoma), 9, 1077, 1081, 1492.  
*cleophile* Thomson (Compsibidion), 632, 676, 678, 683, 717, 718, 771, 772, 774, 775, 777, 780, 1414-1416, 1487.  
*clerochroa* Thomson (Neocompsa), 881, 1038, 1087, 1146, 1147, 1149, 1370, 1491.  
*clivum* Martins (Compsibidion), 1452, 1453, 1487.  
*chymene* Thomson (Gnomidolon), 273, 274, 277, 1481.  
*colasi* Martins (Gnomidolon), 163, 221, 223, 1480.  
*Coleroidion* Martins, 632-634, 830, 834, 844, 845, 850, 958, 1349, 1489.  
*colombianum* Martins (Hexoplon), 99-102, 105, 1479.  
*comatum* Gounelle (Ibidion), 339.  
*comatum* Serville (Ibidion), 339, 355, 383, 635, 637, 1487.  
*comula* Martins (Neocompsa), 1044, 1053, 1060, 1063, 1370, 1378, 1491.  
*Compsa* Perty, 10, 15, 16, 651, 714, 718, 880, 882, 989, 995, 996, 1033, 1037, 1350, 1358, 1491.

- Compsibidion Thomson, 632-634, 640, 673, 676, 677, 679, 689, 697, 754, 759, 789, 826, 827, 830, 835, 880, 884, 900, 903, 925, 929, 1108, 1205, 1349, 1358, 1451, 1457, 1487.
- concretus Martins (Heterachthes), 1216, 1232, 1286, 1288, 1493.
- confine Martins (Minibidion), 337, 346, 350, 351, 353, 354, 370, 1483.
- confluens Melzer (Compsa), 1016, 1018, 1491.
- confusum Fisher (Gnomidolon), 273-275, 277, 1481.
- congener Martins (Heterachthes), 1211, 1258, 1493.
- conjugatum Write (Gnomidolon), 162, 175-179, 184-186, 1480.
- consanguineum Aurivillius (Hexoplon), 156, 158, 1479.
- constricticollis Martins (Cicatrion), 966, 967, 968, 1413, 1490.
- contortum Martins (Tropidion), 365, 425, 440, 442-444, 446, 450, 458, 1483.
- contracticorne Martins (Ibidion), 652-655, 1487.
- contrarium Martins (Asynapteron), 1472, 1473, 1476, 1493.
- corallinum Bates (Stenoidion), 1196-1198, 1199, 1204, 1245, 1359, 1493.
- Corimbion Martins, 880, 882, 883, 897, 900, 1152, 1222, 1350, 1473, 1489.
- costaricence Martins (Gnomidolon), 170-172, 1481.
- crassipede Martins (Compsibidion), 1460, 1487.
- crassum Martins (Engyum), 925, 926, 934, 935, 938, 940, 943, 946, 1490.
- cribripenne Bates (Pygmodeon), 1163, 1166, 1174, 1184, 1186-1189, 1191, 1493.
- cruciatum Aurivillius (Epacropion), 14, 55, 56, 60, 63, 64, 193, 311, 1412-1414, 1416, 1422, 1479.
- cruciferum Gounelle (Gnomidolon), 162, 165, 167, 202, 203, 205, 206, 223, 225, 1354, 1411, 1412, 1425, 1428, 1480.
- Ctenoplion Martins, 20, 21, 23, 45, 55, 60, 67, 94, 317, 1347, 1479.
- ctenostomoides Thomson (Hexoplon), 55, 60, 90, 139-141, 144, 193, 311, 1412-1417, 1425, 1480.
- cyanoptera Pascoe (Alcyopis), 571, 616, 617, 618, 620, 622, 624, 1417, 1448, 1486.
- Cycnidolon Thomson, 299, 632-634, 844-846, 852, 958, 1349, 1489.
- cylindricollis Fabricius (Stenocorus), 9, 1077, 1081, 1492.
- cylindricum Thomson (Gnomibidion), 581, 582, 592-594, 595-597, 601, 603, 1366, 1413, 1486.
- dasytes Martins (Perissomerus), 564, 571, 573, 1485.
- decemmaculatum Martins (Compsibidion), 679, 754, 756, 757, 759, 1366, 1487.
- decipiens Bates (Heterachthes), 1226, 1227, 1229, 1495.
- decoratum Gounelle (Compsibidion), 678, 684, 728, 731, 780, 781, 1411, 1412, 1487.
- delicatulum Linsley (Ibidion), 1014, 1016, 1491.
- deliciolus Bates (Heterachthes), 783, 785, 1488.
- denticolle Dalman (Gnomibidion), 578, 582, 590, 591, 593, 594, 596, 597, 601, 1414-1416, 1486.
- denticorne Bates (Gnomidolon), 253, 255, 1480.
- derivativum Martins (Compsibidion), 1454, 1456, 1487.
- designatus Martins (Heterachthes), 1214, 1215, 1313, 1320, 1321, 1327, 1329, 1343, 1381, 1493.
- Diasporidion Martins, 335, 515, 516, 609, 1348, 1485.
- digrammum Bates (Gnomibidion), 509, 580, 582, 585, 594, 601, 1366, 1486.
- dilaticornis Melzer (Compsa), 1130, 1132, 1492.
- dilectum Bates (Ibidion), 783, 785, 1488.
- dimidiatus Thomson (Heterachthes), 1206, 1208, 1288, 1241, 1242, 1415, 1493.
- diringshofeni Martins (Compsa), 997, 1024, 1026, 1029, 1416, 1466, 1491.
- ditelum Bates (Pygmodeon), 1163, 1165, 1179, 1180, 1181, 1184, 1193, 1493.
- diversum Martins (Opthalmoplion), 25, 27, 29, 32, 33, 35, 1414, 1479.
- divisum Martins (Compsibidion), 682, 765, 766, 769, 771, 1363, 1413, 1416, 1487.
- Dodecaibidion Martins, 677, 879, 881, 988, 996, 1037, 1350, 1491.
- dubium Bates (Gnomidolon), 248-250, 1481.
- duplicatum Gounelle (Diasporidion), 509, 514, 516, 517, 519, 521, 1354, 1363, 1412, 1447, 1485.
- dysthymia Martins (Neocompsa), 1043, 1071, 1074-1076, 1081, 1083, 1370, 1371, 1374, 1378, 1491.

- eberus* Newman (Heterachthes), 10, 14, 637, 1170, 1205-1207, 1273-1276, 1278, 1280, 1297, 1327, 1354, 1364, 1412, 1417, 1478, 1493.  
*eburata* Martins (Heterocompsa), 900, 914-916, 1490.  
*eburioides* Thomson (Neocompsa), 1040, 1044, 1060, 1061, 1063, 1068, 1087, 1100, 1370, 1410, 1491.  
*eburnigerum* Aurivillius (Tropidion), 356, 357, 475, 1483.  
*eburnipenne* Linsley (Octoplon), 594, 595, 597.  
*eganum* Bates (Gnomidolon), 175, 176, 178, 1480.  
*elegans* Gounelle (Tropidion), 363, 366, 416, 417, 419, 468, 1411, 1483.  
*elegantulum* Lameere (Gnomidolon), 165, 239, 241, 243, 244, 248, 251, 488, 1356, 1364, 1411-1417, 1425, 1426, 1429, 1480.  
*Engyum* Thomson, 633, 759, 764, 861, 879, 880, 882, 883, 917, 923-925, 929, 951, 957, 970, 983, 986, 996, 1350, 1490.  
*enochrum* Martins (Tropidion), 364, 404, 405, 406, 701, 1412, 1442, 1483.  
*Epacropion* Martins, 15, 20, 23, 54, 55, 61, 1347, 1479.  
*epaphum* Berg (Tropidion), 357, 359, 374, 377-379, 437, 462, 1356, 1411, 1439, 1483.  
*ephimerum* Martins (Tetraibidion), 308, 312-314, 1482.  
*equatorianum* Martins (Asynapteron), 1152, 1155-1158, 1160, 1163, 1493.  
*eques* Thomson (Cynidolon), 844, 845, 847, 858, 866, 877, 1413, 1415, 1489.  
*erineus* Martins (Heterachthes), 1212, 1306, 1312, 1313, 1382, 1494.  
*erythrocephalum* White (Phocibidion), 509, 626, 628, 630, 1362, 1363, 1415, 1449, 1486.  
*erythrurum* Martins (Tropidion), 361, 421, 424, 425, 427, 430, 547, 780, 1442, 1483.  
*euchare* Martins (Engyum), 924, 925, 929, 931, 933, 946, 1490.  
*eudesmoides* Thomson (Engyum), 923, 924, 936, 938, 1490.  
*evanesceus* Thomson (Ibidion), 1318, 1321, 1494.  
*excelsum* Martins (Gnomidolon), 235, 238, 1480.  
*exculptum* Martins (Microibidion), 970, 971, 973, 977, 981, 1417, 1490.  
*exicisifrons* Martins (Brechmoidion), 640, 643, 1487.  
*exclamationis* Thomson (Neocompsa), 13, 14, 789, 1039, 1040, 1107, 1108, 1110, 1111, 1115, 1117, 1370, 1373, 1491.  
*exiguum* Martins (Microibidion), 970-973, 974, 983, 1413, 1465, 1490.  
*exilissimus* Casey (Heterachthes), 1274, 1280, 1494.  
*eximium* Aurivillius (Hexoplon), 89, 114, 124, 148, 1363, 1413, 1423, 1480.  
*extremum* Martins (Trichoplon), 56, 67, 1363, 1412-1414, 1423, 1479.  
  
*fairmairei* Gounelle (Tropidion), 366, 468-470, 473, 475, 478, 1411, 1483.  
*fairmairei* Thomson (Compsibidion), 682, 708, 709, 713, 714, 717, 720, 728, 1361, 1412, 1413, 1415, 1417, 1452, 1464, 1487.  
*fasciatum* Martins (Xenoibidion), 1434, 1436, 1482.  
*fasciiferum* Berg (Thoracibidion), 13, 523, 525, 549, 552, 1412, 1448, 1485.  
*fascinatus* Martins (Heterachthes), 1468, 1477, 1494.  
*femoratum* Lucas (Ibidion), 431, 432, 436, 1484.  
*femoratum* Martins (Compsibidion), 1457, 1458, 1462, 1488.  
*ferruginosum* Martins (Hexoplon), 90, 145-148, 149, 150, 212, 1480.  
*festivum* Martins (Tropidion), 365, 388, 459, 492-494, 496, 1483.  
*fasciiferum* Berg (Thoracibidion), 13, 523, 525, 549, 552, 1412, 1448, 1485.  
*fisheri* Linsley (Ibidion), 1290-1292, 1495.  
*flaveolus* Bates (Glyptoscapus), 75, 84, 85, 1479.  
*flavicornis* Thomson (Heterachthes), 1209, 1260-1264, 1363, 1410, 1413, 1415, 1416, 1478, 1494.  
*flavipenne* Martins (Tropidion), 356, 400, 401, 405, 1442, 1483.  
*flavipes* Thomson (Tropidion), 354, 355, 366, 463, 466, 468, 470-473, 475, 478, 514, 1356, 1361, 1411, 1412, 1416, 1444, 1483.  
*flavocinctum* Martins (Opsibidion), 917, 918, 919, 921, 923, 947, 1413, 1417, 1490.  
*flavofasciata* Thomson (Compsa), 652, 660, 995, 999, 1006, 1033, 1034, 1036, 1410, 1491.  
*flavopictum* Perty (Thoracibidion), 10, 13, 506, 522, 523, 525, 526, 534, 540, 543, 1410-1416, 1447, 1485.

- flavezonatum* Martins (Prothoracibidion), 643, 645, 646, 649-651, 1487.  
*flavum* Martins (Tropidion), 356, 397, 400, 401, 405, 1442, 1483.  
*floridanus* Casey (Heterachthes), 1274, 1280, 1494.  
*fluminense* Martins (Microibidion), 970, 971, 973, 977, 981, 982, 1416, 1490.  
*fluviatilis* Casey (Heterachthes), 1318, 1321, 1494.  
*formosa* Martins (Heterocompsa), 896, 901, 909, 911, 916, 1490.  
*franzae* Martins (Thoracibidion), 523, 526, 540, 541, 545, 1367, 1448, 1485.  
*fraternum* Martins (Gnomidolon), 1426-1428, 1481.  
*fulgens* Fisher (Neocompsa), 1039, 1111, 1113, 1370, 1491.  
*fulvipes* Thomson (Gnomibidion), 578, 581, 586, 589, 594, 601, 603, 1356, 1412, 1448, 1486.  
*fuscipenne* Gounelle (Tropidion), 357, 362, 381, 383, 386, 388, 1368, 1439, 1483.  
*fusiferrum* Serville (Engyium), 923-926, 936, 938, 940, 1410, 1413, 1415, 1490.
- galbum* Martins (Thoracibidion), 523, 525, 541, 554, 556, 1485.  
*gaumeri* Bates (Neocompsa), 1040, 1087, 1105, 1107, 1110, 1370, 1373, 1374, 1492.  
*geminatum* Martins (Tetraopidion), 834, 835, 837, 840, 841, 843, 1489.  
*geniculata* Thomson (Heterocompsa), 701, 896, 899, 900, 911, 913, 1410, 1490.  
*genuina* Martins (Xalitla), 958, 959, 961, 962, 964, 1490.  
*glabratum* Martins (Gnomidolon), 163, 208, 210, 213, 1481.  
*glabriolum* Bates (Asynapteron), 1151, 1152, 1153, 1155, 1158, 1160, 1161, 1163, 1366, 1472, 1473, 1492.  
*glaphyra* Martins (Neocompsa), 1041, 1100, 1103-1105, 1107, 1110, 1155, 1370, 1492.  
*Glyptoceridion* Martins, 20, 22, 67, 70, 71, 74, 1347, 1358, 1479.  
*Glyptoscapus* Aurivillius, 20, 22, 71, 74, 75, 227, 1347, 1479.  
*Gnomibidion* Martins, 332, 334, 580, 581, 603, 609, 1157, 1348, 1486.  
*Gnomidolon* Thomson, 15, 20, 21, 24, 45, 85, 87, 137, 159, 160, 221, 281, 283, 286, 317, 826, 1253, 1347, 1358, 1418, 1480.  
*gnomoides* Thomson (Ibidion), 590, 591, 594, 1486.  
*gounellei* Bruch (Cynidolon), 844, 846-848, 850, 852, 856, 1464, 1489.  
*gounellei* Martins (Gnomidolon), 169, 269, 285, 295, 296, 1481.  
*gracile* Gounelle (Gnomidolon), 166, 198-200, 202, 205, 219, 1411, 1481.  
*grantsaui* Martins (Gnomidolon), 162, 168, 234, 235, 1481.  
*graphicum* Thomson (Compsibidion), 685, 697, 720-726, 729, 731, 733, 734, 738, 739, 741, 744, 746, 749, 750, 752, 805, 806, 808, 1361, 1410, 1412-1416, 1454, 1488.  
*gratiosus* Martins (Heterachthes), 1209, 1232, 1237, 1241, 1243, 1494.  
*griseicolle* Bates (Ibidion), 556, 560, 1485.  
*griscolum* Bates (Ibidion), 1068, 1069, 1071, 1492.  
*guanabarinum* Martins (Compsibidion), 632, 681, 807, 808, 810, 811, 813, 819, 1415, 1416, 1488.  
*guianense* White (Gnomidolon), 169, 243, 269, 285, 292-294, 296, 1367, 1430, 1481.  
*guimaraesi* Martins (Cynidolon), 863-866, 1489.  
*guttiferum* Thomson (Rhyzium), 5, 652, 657, 658-660, 1178, 1367, 1410, 1487.
- habra* Martins (Neocompsa), 1045, 1065, 1067, 1068, 1071, 1074, 1370, 1469, 1470, 1492.  
*Hadroibidion* Martins, 879, 880, 882, 985, 986, 996, 1303, 1350, 1491.  
*haliki* Martins (Ibidion), 367-370, 1484.  
*hamatum* Linsley (Gnomidolon), 169, 269, 288, 292, 294, 1481.  
*hermione* Thomson (Tropidion), 360, 476, 478, 479, 482, 483, 485, 490, 492, 494, 496, 1363, 1416, 1417, 1445, 1483.  
*herse* Thomson (Ibidion), 783, 785, 1488.  
*heteracantha* Martins (Heterocompsa), 911, 913, 1490.  
*Heterachthes* Newman, 10, 15, 632, 635, 654, 821, 879-881, 883, 971, 986, 1083, 1085, 1163, 1164, 1178, 1180, 1196, 1205, 1206, 1219, 1222, 1224, 1350, 1358, 1381, 1385, 1493.  
*Heterocompsa* Martins, 697, 879, 880, 882, 884, 889, 899, 900, 917, 1222, 1350, 1490.  
*Hexocynidolon* Martins, 20-22, 160, 281, 298, 299, 846, 1347, 1358, 1482.  
*Hexoplum* Thomson, 20, 21, 23, 67, 71, 85-87, 94, 137, 156, 160, 221, 318, 1347, 1358, 1380, 1479.

- hilairei* Gounelle (Perissomerus), 563, 564-569, 1356, 1359, 1411-1415, 1485.  
*hippopsioides* Bates (Compsa), 1119, 1120, 1122, 1492.  
*hirsutum* Martins (Bomaribidion), 659, 665, 667, 669, 670-672, 1487.  
*hirtellum* Gounelle (Aetheibidion), 325, 328, 329, 1482.  
*hispidum* Martins (Tropidion), 1438, 1441, 1483.  
*histrionica* Bates (Compsa), 807, 813, 814, 816, 819, 1489.  
*Homaloidion* Martins, 332-334, 506, 507, 516, 563, 672, 677, 1348, 1485.  
*howdeni* Martins (Heterachthes), 1215, 1316, 1322, 1327, 1329, 1336, 1340, 1494.  
*humerales* Bates (Gnomidolon), 161, 179, 182, 184, 188, 1426, 1481.  
*hylaeanum* Martins (Hexocynidolon), 299, 301, 1482.
- Ibidiinae*, 16.  
*Ibidion* Serville, 4, 10, 354, 355, 632-634, 635-637, 639, 640, 643, 1349, 1487.  
*Ibidiones*, 16.  
*Ibidionides*, 16.  
*Ibidionini*, 16, 1384, 1385, 1387.  
*Ibidionitae*, 16.  
*igneicolle* Martins (Tropidion), 360, 464, 465, 468, 471, 1483.  
*ignobile* Bates (Ibidion), 1119, 1120, 1122, 1492.  
*ilium* Thomson (Compsibidion), 678, 684, 686, 687, 693, 696, 697, 699, 706, 708, 713, 714, 720, 723-725, 728, 744, 763, 777, 780, 900, 903, 1410, 1415, 1416, 1456, 1488.  
*immaculipenne* Melzer (Ibidion), 381, 383, 1483.  
*implicatum* Thomson (Ibidion), 1269, 1271, 1494.  
*impunctatum* Martins (Opthalmoplon), 25, 27, 29, 36, 37, 1479.  
*inarmatum* Martins (Ibidion), 655, 658, 1487.  
*inca* Martins (Asynapteron), 881, 1151-1153, 1160, 1161, 1170, 1473, 1493.  
*inconstans* Gounelle (Compsa), 997, 1018, 1020, 1021, 1412-1414, 1491.  
*inermis* Martins (Opthalmoplon), 25, 26, 29, 34, 35, 1479.  
*inermis* Martins (Tropidion), 362, 365, 473, 475, 478, 1416, 1444, 1483.  
*inornatum* Martins (Compsibidion), 679, 759, 761, 763, 764, 1413, 1488.  
*insigne* Martins (Gnomidolon), 168, 177, 180, 182, 184, 1481.  
*insigne* Martins (Thoracibidion), 523, 525, 534, 535, 537, 540, 1368, 1485.  
*insulicola* Bates (Gnomidolon), 165, 244, 245-248, 251, 1368, 1426, 1429, 1481.  
*integripennis* Bates (Heterachthes), 13, 1213, 1214, 1235, 1288, 1316, 1329, 1331, 1334, 1336, 1337, 1339, 1340, 1494.  
*integrum* Tippmann (Hexoplon), 87, 91, 94, 96, 140, 1368, 1480.  
*intermedium* Martins (Tropidion), 361, 402, 403, 405, 406, 1368, 1484.  
*interrogationis* Thomson (Ibidion), 789, 1107, 1108, 1110, 1491.  
*intricata* Martins (Neccompsa), 1046, 1088, 1089, 1091, 1093, 1094, 1096, 1370, 1373, 1492.  
*inustus* Gounelle (Heterachthes), 1214, 1271, 1273, 1274, 1280, 1354, 1411, 1412, 1494.  
*investitum* Martins (Tropidion), 156, 360, 459, 462-466, 468, 471, 1410, 1412, 1414-1417, 1444, 1484.  
*involutum* Bates (Pygmodeon), 1163-1165, 1168, 1169, 1172-1174, 1181, 1359, 1493.  
*io* Thomson (Thoracibidion), 523, 524, 537, 539, 543, 545, 547, 554, 560, 1362, 1363, 1410, 1414, 1415, 1448, 1485.
- jo* Aurivillius (Ibidion), 537, 1485.  
*juno* Thomson (Hexoplon), 89, 119, 121, 124, 126, 140, 148, 1411-1413, 1423, 1480.
- kjellanderi* Martins (Tropidion), 356, 363, 409, 411, 413, 415, 1412, 1484.
- laesicolle* Germar (Cerambyx), 10, 676, 677, 678, 772.  
*laetabile* Bates (Gnomidolon), 167, 245, 255, 257, 1481.  
*lanei* Martins (Hexoplon), 115, 118, 1480.  
*lansbergei* Thomson (Gnomidolon), 162, 218, 219, 221, 223, 1481.  
*lateralis* Martins (Heterachthes), 1211, 1218, 1248, 1250-1252, 1257, 1258, 1477, 1478, 1494.

- latevittatum* Bates (Pygmodeon), 1163, 1165, 1174, 1189, 1191, 1493.  
*latifascia* Martins (Compsa), 995, 999, 1029, 1031, 1033, 1036, 1413-1417, 1491.  
*lecontei* Linsley (Compsa), 1068, 1069, 1071, 1492.  
*leechi* Martins (Neocompsa), 1045, 1067, 1072, 1073, 1075, 1077, 1370, 1378, 1492.  
*lefebvrei* Gounelle (Megapedion), 509, 573, 574-578, 580, 1412-1415, 1486.  
*lemniscus* Martins (Heterachthes), 1210, 1221, 1228, 1229, 1230, 1494.  
*lenkoi* Martins (Perissomerus), 564, 565, 1486.  
*lenticula* Martins (Neocompsa), 1041, 1103-1105, 1107, 1110, 1492.  
*lepreuxi* Bates (Ibidion), 783, 785, 1488.  
*leucostictum* Martins (Hexoplion), 91, 114, 119, 133, 134, 137, 1367, 1480.  
*leucotrichum* Martins (Coleroidion), 763, 830, 831, 1489.  
*leucoacnus* Martins (Heterachthes), 1214, 1316, 1334, 1336, 1340, 1494.  
*leucogramma* Perty (Psiloibidion), 509-512, 514, 515, 1354, 1355, 1411, 1414, 1447, 1485.  
*leucozona* Bates (Compsa), 997, 1006, 1012, 1014, 1491.  
*lineatocolle* Thomson (Thoracibidion), 506, 523, 525, 530, 534, 538, 540, 1410, 1413-1417, 1448, 1485.  
*lineatoguttata* Melzer (Compsa), 1016, 1018, 1491.  
*lineolata* Bates (Neocompsa), 1040, 1129, 1130, 1132-1134, 1136, 1138, 1370, 1371, 1379, 1380, 1415, 1472, 1492.  
*linsleyi* Martins (Engyium), 925, 926, 942-944, 947, 949, 951, 1490.  
*litigiosus* Martins (Tropidion), 362, 367, 443, 444, 446, 458, 1367, 1443, 1444, 1484.  
*litturatum* Martins (Compsibidion), 686, 729, 731, 733, 738, 741, 1488.  
*longipenne* Martins (Gnomidolon), 166, 225, 227, 1367, 1481.  
*longipilis* Bates (Heterachthes), 1245-1247, 1494.  
*longiscapus* Martins (Heterachthes), 1210, 1228, 1231-1233, 1235, 1413, 1494.  
*longispina* Aurivillius (Hexoplion), 89, 115, 118, 119, 121, 1480.  
*longitarsi* Martins (Bomaribidion), 574, 575, 577, 667, 1486.  
*lucidum* Martins (Hexoplion), 88, 96, 98, 255, 1366, 1380, 1381, 1480.  
*ludibriosum* Martins (Engyium), 923, 925, 926, 939, 940, 946, 1361, 1411-1413, 1490.  
*luseum* Martins (Opthalmibidion), 1449-1451, 1487.  
*lycoris* Thomson (Ibidion), 714, 717, 1489.  
*Lylibaeum* Thomson, 676, 678, 693, 1487.
- macra* Thomson (Compsa), 998, 1006, 1014, 1016, 1367, 1466, 1491.  
*macroscina* Martins (Neocompsa), 1043, 1046, 1086, 1091-1093, 1098, 1370, 1492.  
*macrotricha* Martins (Neocompsa), 1044, 1091-1094, 1098, 1370, 1470, 1492.  
*maculicorne* Gounelle (Gnomidolon), 161, 172, 173, 175, 178, 1356, 1411, 1481.  
*maronicum* Thomson (Compsibidion), 678, 684, 783, 785, 786, 789, 793, 795, 803, 1358, 1359, 1456, 1488.  
*mediovittatus* Martins (Heterachthes), 1209, 1241, 1242, 1494.  
*Megaceron* Martins, 632, 634, 672, 673, 835, 1349, 1487.  
*Megapedion* Martins, 332, 334, 573, 574, 667, 1348, 1486.  
*megarthron* Martins (Compsibidion), 679, 759, 763, 764, 1456, 1488.  
*meinerti* Aurivillius (Gnomidolon), 292-294, 1481.  
*melancholicum* Martins (Compsibidion), 686, 726, 728, 729, 731, 733, 1488.  
*melanodacrys* White (Engyium), 925, 927, 946, 947-949, 951, 952, 1490.  
*melanosomum* Bates (Gnomidolon), 13, 161, 170, 172, 178, 210, 215, 1358, 1481.  
*meridionale* Martins (Compsibidion), 683, 743, 771, 775, 777, 1363, 1416, 1488.  
*mexicana* Thomson (Neocompsa), 14, 1042, 1049, 1087, 1119, 1120, 1122-1124, 1370, 1373, 1492.  
*mexicanum* Bates (Ibidion), 1047.  
*micans* Fisher (Gnomidolon), 253, 263, 1482.  
*Microibidion* Martins, 879, 880, 883, 970, 971, 977, 983, 986, 996, 1350, 1490.  
*micron* Martins (Opsibidion), 921-923, 1490.  
*mimosa* Martins (Neocompsa), 1467-1470, 1492.  
*Minibidion* Martins, 334, 335, 336, 343, 346, 349, 353, 370, 375, 485, 971, 1348, 1482.  
*minuscolum* Martins (Minibidion), 336, 337, 343, 344, 346, 351, 353, 1412, 1415, 1417, 1483.



- minutum* Martins (Cycnidolon), 844, 847, 875-877, 1413, 1415, 1416, 1489.  
*mirabile* Martins (Tropidion), 1439, 1484.  
*m-littera* Martins (Pygmodeon), 1163, 1165, 1174, 1191, 1193, 1493.  
*modestum* Lacordaire (Cycnidolon), 836, 840, 1489.  
*modestum* Martins (Dodecaebidion), 989, 992, 993, 995, 1354, 1411, 1491.  
*monnei* Martins (Compsibidion), 682, 703, 704, 706, 708, 714, 728, 793, 1488.  
*monrosi* Prosen (Compsa), 12, 13, 15, 16, 997, 1026, 1029, 1363, 1417, 1466, 1467, 1491.  
*monostigma* Bates (Ibidion), 586, 590, 1486.  
*montana* Martins (Compsa), 1465, 1466, 1491.  
*mucoriferum* Thomson (Tetraopidion), 12, 13, 815, 834-836, 837, 840, 841, 843, 844, 1366, 1413, 1416, 1417, 1464, 1489.  
*multicavum* Martins (Calycibidion), 1433, 1435, 1482.  
*multiguttata* Melzer (Compsa), 12, 14, 998, 1016, 1018, 1021, 1412, 1417, 1467, 1491.  
*multizonatum* Martins (Compsibidion), 680, 723, 796, 797, 800, 803, 805, 806, 1488.  
*musivum* Erichson (Gnomidolon), 679, 825, 826, 1430, 1481.  
*mutabile* Melzer (Pygmodeon), 1163, 1166, 1174, 1184, 1186, 1475, 1493.  
*muticum* Martins (Microibidion), 970, 971, 973, 979, 981, 1102, 1414, 1415, 1417, 1490.  
*myrrheus* Gounelle (Heterachthes), 1207, 1225, 1226, 1494.  
*mysticum* Martins (Compsibidion), 678, 684, 728, 785, 786, 788, 789, 793, 795, 803, 1488.
- nanum* Martins (Gnomidolon), 200, 202, 205, 1368, 1426, 1481.  
*navajasi* Martins (Hexoplion), 90, 119, 137, 172, 1425, 1480.  
*nebulosa* Martins (Compsa), 998, 1006, 1010, 1012, 1491.  
*Neocompsa* Martins, 879, 880, 882, 897, 1036, 1037, 1151, 1155, 1205, 1206, 1222, 1224, 1303, 1350, 1368, 1369, 1371, 1373, 1375-1378, 1491.  
*Neotoplon* Martins, 632-634, 826, 827, 830, 835, 845, 958, 1349, 1489.  
*Neognomidolon* Martins, 20, 21, 23, 26, 39, 40, 45, 1347, 1479.  
*Neotropidion* Martins, 335, 609, 617, 1348, 1486.  
*nigricolle* Gounelle (Hexoplion), 91, 150, 154-156, 158, 1411, 1480.  
*nigricornis* Bruch (Tetropion), 12, 302, 305, 306, 1368, 1482.  
*nigripes* Martins (Heterocompsa), 900, 901, 903, 905, 1490.  
*nigritarse* Aurivillius (Hexoplion), 91, 140, 150, 152, 155, 156, 158, 1362, 1366, 1412-1415, 1425, 1480.  
*nigritum* Martins (Gnomidolon), 164, 182, 189, 192, 233, 1366, 1481.  
*nigroapicatum* Martins (Corimbion), 885, 893-895, 899, 1490.  
*nigrocinctus* Bates (Heterachthes), 1211, 1218, 1250, 1252, 1254, 1258, 1477, 1478, 1494.  
*nigromaculata* Aurivillius (Alcyopis), 617, 624, 1486.  
*nigropiceum* Martins (Hexoplion), 90, 129, 130, 134, 150, 1480.  
*nigroterminatum* Martins (Compsibidion), 686, 699, 701, 1415, 1416, 1488.  
*nigrovittata* Gounelle (Alcyopis), 617, 622-625, 1356, 1412, 1486.  
*niveum* Martins (Compsibidion), 682, 697, 703, 706, 708, 713, 714, 720, 1363, 1415, 1452, 1488.  
*nobilis* LeConte (Heterachthes), 14, 1212, 1303, 1306, 1308, 1312, 1329, 1382, 1494.  
*nodicolle* Dalman (Neotropidion), 609, 610, 613, 615, 618, 1413, 1414, 1486.  
*nordestinum* Martins (Tropidion), 364, 365, 490, 492, 494, 1484.  
*Notosphaeridion* Martins, 20, 22, 24, 44, 45, 55, 61, 160, 1347, 1418, 1421, 1479.  
*nympha* Thomson (Gnomidolon), 42, 164, 168, 215, 229, 230, 233, 235, 1414, 1416, 1417, 1481.
- obesum* Martins (Tropidion), 362, 443, 446, 447, 450, 458, 1484.  
*obliquum* Martins (Cycnidolon), 299, 844, 847, 852-854, 856, 857, 1354, 1355, 1412, 1489.  
*obtusum* Bates (Pygmodeon), 1163, 1166, 1181-1184, 1186, 1189, 1191, 1336, 1493.  
*occultum* Martins (Gnomibidion), 582, 603, 604, 1486.  
*Octoplion* Thomson, 676, 678, 1487.  
*oculatum* Martins (Opthalmibidion), 661, 664-666, 1414, 1451, 1487.

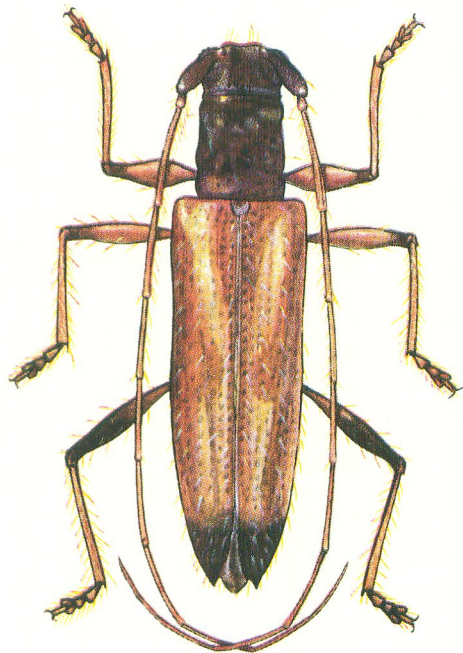
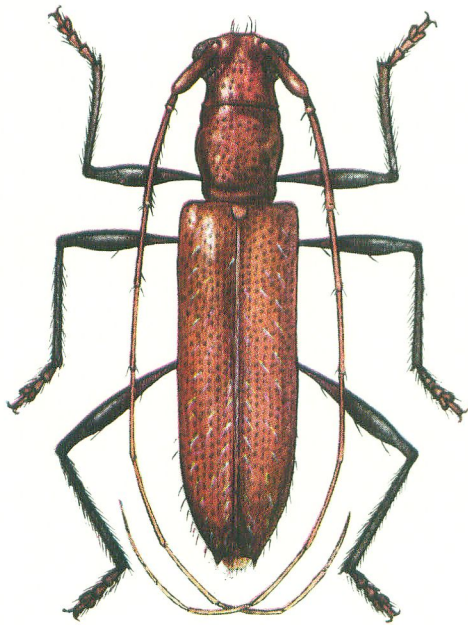
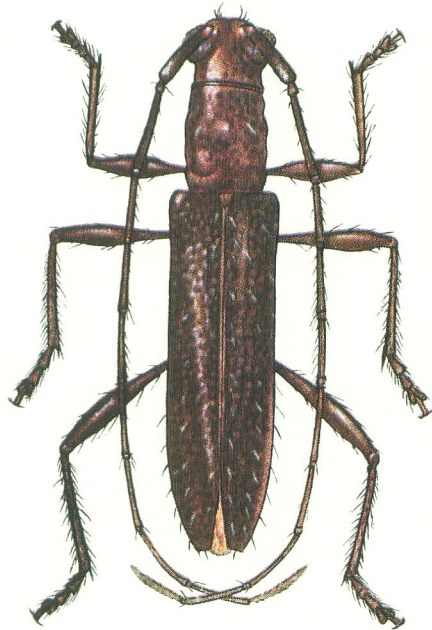
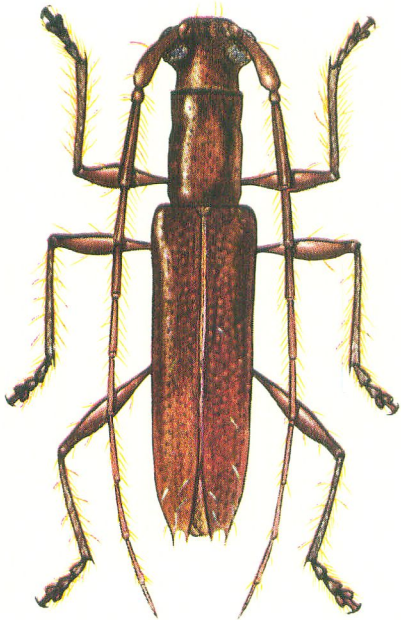
- oculatum Martins (Pseudoplon), 1418, 1419, 1420, 1479.  
 oeax Thomson (Gnomidolon), 160, 243, 269, 281, 283, 286, 1481.  
 oedicneme Bates (Ibidion), 783, 785, 1488.  
 omissum Martins (Compsibidion), 687, 701, 703, 728, 1354, 1412, 1488.  
 Opacibidion Martins, 334, 498, 499, 506, 507, 511, 516, 672, 1348, 1484.  
 opacicolle Melzer (Opacibidion), 499, 502, 503, 505, 506, 1363, 1416, 1484.  
 Ophtalmibidion Martins, 631-633, 661, 667, 673, 834, 1349, 1449, 1487.  
 Ophtalmoplon Martins, 20, 23, 24, 26, 29, 1347, 1385, 1419, 1479.  
 Opsibidion Martins, 881, 916, 917, 924, 931, 958, 1350, 1490.  
 ornaticolle Martins (Gnomidolon), 163, 271, 276, 278, 1363, 1414, 1417, 1481.  
 ornatipenne Martins (Dodecaibidion), 989, 991-993, 1102, 1416, 1491.  
 orpa White (Compsibidion), 684, 745, 746, 749, 755, 756, 1488.  
  
*pallida* Martins (Aleyopis), 622-624, 1486.  
 pallidicauda Gounelle (Gnomidolon), 168, 276, 278, 280, 826, 1356, 1411, 1481.  
 pallidipennis Thomson (Heterachthes), 1207, 1216, 1218, 1494.  
 pallidulus White (Glyptoscapus), 76, 81-85, 1479.  
*pallidus* Haldeman (Heterachthes), 1318, 1321, 1494.  
*paraguayensis* Martins (Ibidion), 468-470, 1483.  
 paulista Martins (Compsibidion), 686, 697, 699, 728, 1488.  
 pedunculatum Martins (Cycnidolon), 828, 844, 848, 854, 862, 863, 866, 1367, 1489.  
 pelonioides Thomson (Heterachthes), 1198, 1211, 1218, 1245-1247, 1249, 1250, 1257, 1494.  
 pereirai Martins (Neognomidolon), 39, 40, 42, 44, 63, 1479.  
*perelegans* Melzer (Gnomidolon), 690, 691, 693, 1487.  
 periboeoides Thomson (Tropidion), 359, 391, 394, 395, 397, 400, 401, 405, 409, 1414, 1415, 1442, 1484.  
 Perissomerus Gounelle, 332, 333, 562, 563, 574, 677, 1348, 1485.  
 persimile Martins (Tropidion), 360, 420, 421, 423, 427, 547, 1484.  
 personatum Gounelle (Tropidion), 365, 452-455, 458, 468, 471, 478, 1356, 1410, 1411, 1484.  
 peruvianum Martins (Gnomidolon), 109, 164, 245, 251, 253, 266, 1481.  
 Phocibidion Martins, 331-333, 625, 626, 1348, 1486.  
 phoracanthoides White (Heterachthes), 1210, 1233-1235, 1283, 1363, 1413, 1415, 1476, 1494.  
 phormesioides Martins (Cycnidolon), 845, 846, 860, 861, 863, 1489.  
*Phormesium* Thomson, 923, 924, 928, 1490.  
*piceicollis* Linsley (Octoplon), 245-248, 1481.  
 picipes Bates (Gnomidolon), 162, 177, 182, 186, 205, 208, 1428, 1481.  
 pictipenne Martins (Tropidion), 14, 358, 443, 455, 458, 462, 468, 471, 1414, 1444, 1483.  
 pictum Serville (Gnomidolon), 166, 213, 215, 217-219, 221, 314, 1410, 1412-1414, 1428, 1481.  
 picturatus Martins (Heterachthes), 1216, 1288, 1290, 1494.  
 pilosus Martins (Gnomidolon), 160, 269, 290, 294, 1368, 1481.  
 pinacopterum Martins (Homaloidion), 507, 509-512, 1363, 1414, 1446, 1485.  
 plagiatus Burmeister (Heterachthes), 14, 1214, 1216, 1228, 1293, 1295, 1296, 1298, 1299, 1478, 1494.  
 pleurostictum Bates (Thoracibidion), 523, 524, 559, 560, 1485.  
 plicatithorax Martins (Prothoracibidion), 642-644, 645, 1487.  
 podicale Thomson (Cycnidolon), 828, 844, 848, 872-874, 1489.  
 poecilum Martins (Neognomidolon), 40, 43, 44, 1479.  
 polingi Fall (Heterachthes), 881, 1085, 1205, 1206, 1212, 1306, 1309, 1310, 1312, 1314, 1316, 1317, 1343, 1382, 1383, 1494.  
 polizonum Bates (Compsibidion), 681, 723, 798, 800, 803, 805, 1488.  
*polychromum* Bates (Octoplon), 747-749, 1488.  
 praecipuum Martins (Tropidion), 1445, 1446, 1484.  
 praetermissum Bates (Hexoplon), 89, 115, 116, 121, 134, 137, 139, 1411, 1412, 1480.  
 primarium Martins (Gnomidolon), 164, 190, 192, 1362, 1412, 1481.  
 Pronoplon Martins, 20, 21, 23, 317, 1347, 1433, 1482.

- proseni* Martins (Gnomidolon), 159, 162, 169, 195, 286, 1481.  
*proserpina* Thomson (Ibidion), 523, 543, 545, 1485.  
*Prothoracidion* Martins, 632, 635, 640, 642, 643, 652, 1225, 1349, 1487.  
*proximum* Martins (Gnomidolon), 165, 267, 268, 270, 1425, 1481.  
*Pseudoplön* Martins 1418, 1479.  
*pubescens* Casey (Ibidion), 1068, 1069, 1071, 1492.  
*psydrum* Martins (Compsibidion), 681, 806-808, 810, 821, 1488.  
*ptoma* Martins (Neocompsa), 1041, 1104, 1115, 1117, 1370, 1492.  
*pubescens* Masey (Ibidion), 1068, 1069, 1071, 1492.  
*pulchellum* Lameere (Engyem), 925, 926, 942, 952, 1490.  
*pulchellum* Martins (Neotropidion), 604, 610, 614, 1486.  
*pulcherrimum* Martins (Phocibidion), 509, 625, 626, 630, 1486.  
*pulchrum* Martins (Gnomidolon), 167, 210, 212, 213, 218, 1363, 1368, 1481.  
*pullum* Martins (Hadroibidion), 985, 986, 988, 1491.  
*pulvinum* Martins (Tropidion), 367, 447, 449, 450, 458, 490, 1443, 1484.  
*punctatissima* Martins (Xalitla), 958, 959, 962, 964, 965, 1490.  
*punctatum* Martins (Tropidion), 363, 431, 433, 437, 438, 439, 441, 444, 1484.  
*puncticollis* LeConte (Neocompsa), 958, 1037, 1038, 1102, 1133, 1141-1143, 1370, 1371, 1376, 1492.  
*punctipenne* Martins (Minibidion), 336, 339, 346, 383, 386, 636, 637, 1411, 1436, 1483.  
*punicum* Martins (Pygmodeon), 1163, 1165, 1193-1195, 1366, 1493.  
*pusillum* Martins (Tropidion), 363, 418, 419, 1368, 1484.  
*pygmaeum* Martins (Gnomidolon), 206-208, 1481.  
*Pygmodeon* Martins, 632, 634, 635, 1163, 1164, 1168, 1196, 1206, 1243, 1244, 1350, 1493.  
*pysma* Martins (Neocompsa), 1037, 1087, 1102, 1136, 1143, 1370, 1373, 1492.
- quadrioveolatum* Chabrilac (Ibidion), 1233, 1234, 1494.  
*quadriguttata* White (Compsa), 997, 1000, 1021, 1024, 1026, 1029, 1359, 1411, 1412, 1491.  
*quadrimaculata* Fabricius (Neocompsa), 9, 12, 1043, 1076, 1077, 1370, 1374, 1378, 1410, 1470, 1492.  
*quadrimaculatus* Haldeman (Heterachthes), 13, 14, 1109, 1213, 1276, 1317, 1320, 1321, 1324, 1326, 1327, 1343, 1381, 1382, 1494.  
*quadrinotatum* Thomson (Engyem), 13, 14, 923-926, 949, 951-953, 956, 957, 1410, 1413-1417, 1490.  
*quadrisignatum* Thomson (Compsibidion), 678, 684, 696, 697, 722, 755, 777, 780-782, 785, 1415, 1416, 1456, 1488.  
*quincunx* Thomson (Glyptoceridion), 11, 56, 70, 71, 1479.
- ranthum* Martins (Asynapteron), 1152, 1155, 1156, 1160, 1161, 1163, 1493.  
*reichardti* Martins (Compsibidion), 682, 750, 1488.  
*reinhardti* Aurivillius (Hexoplön), 86, 89, 126, 129, 130, 218, 1359, 1361, 1411-1416, 1423, 1480.  
*Rhyzium* Pascoe, 633, 635, 640, 650, 651, 657, 1033, 1036, 1349, 1487.  
*rosalesi* Martins (Hexoplön), 1423, 1425, 1480.  
*rotundipenne* White (Ibidion), 1318, 1321, 1494.  
*ruatana* Bates (Neocompsa), 1042, 1087, 1123, 1124, 1370, 1492.  
*rubellum* Bates (Ibidion), 783, 785, 1488.  
*rubicundulum* Gounelle (Microibidion), 970, 972, 973, 976, 1490.  
*rubricatum* Gounelle (Tropidion), 353, 355, 359, 374, 376, 377, 379, 482, 492, 494, 496, 1354, 1411, 1439, 1484.  
*rubriceps* Gounelle (Pronoplön), 317, 318, 1356, 1411, 1482.  
*rubricolle* Melzer (Compsibidion), 685, 735, 739, 1365, 1417, 1488.  
*rubricolor* Bates (Gnomidolon), 163, 206, 208, 210, 213, 223, 238, 278, 1428, 1481.  
*rubricolor* Melzer (Heterachthes), 1208, 1243, 1245, 1494.  
*rubronigra* Gounelle (Ibidion), 377, 378, 1483.  
*rufa* Gounelle (Octoplön), 549, 1485.

- ruficaudatum* Thomson (Thoracibidion), 421, 523-525, 545, 547-549, 554, 560, 1485.  
*ruficollis* Martins (Perissomerus), 563, 566, 568, 1486.  
*rufulum* White (Aphatum), 983, 984, 1490.  
*rugicolle* Bates (Octoplion), 537, 540, 1485.  
*rugicolle* Nonfried (Gnomidolon), 499, 501, 1485.  
*rugosicollis* Martins (Heterachthes), 880, 1213, 1215, 1322, 1330, 1331, 1494.  
*rurigena* Gounelle (Minibidion), 336, 337, 346, 347, 349, 353, 354, 485, 1354, 1411, 1483.  
*rusticum* Gounelle (Tropidion), 361, 364, 388, 389, 391, 403, 411, 1411, 1441, 1484.  
*rutha* White (Compsibidion), 681, 800, 803, 805, 1488.
- sablensis* Blatchley (Heterachthes), 1206, 1224, 1475, 1475, 1494.  
*sahlbergi* Aurivillius (Tetraibidion), 213, 307, 314, 316, 317, 1363, 1414, 1482.  
*salamis* Thomson (Tropidion), 358, 360, 425, 458, 459, 462, 468, 471, 1412, 1415-1417, 1444, 1484.  
*scabrosum* Gounelle (Notosphaeridion), 45-47, 49, 51, 52, 63, 64, 1356, 1411, 1421, 1422, 1479.  
*seabrai* Martins (Gnomidolon), 245-248, 1429, 1481.  
*seabrai* Martins (Heterocompsa), 896, 901, 907, 911, 916, 1490.  
*segregatum* Bates (Heterachthes), 5, 1181-1183, 1493.  
*sejunctus* Gounelle (Heterachthes), 1208, 1235, 1238, 1241, 1243, 1494.  
*semirufum* Bates (Ibidion), 1146, 1147, 1149, 1491.  
*semirufum* Martins (Tropidion), 361, 422, 423, 427, 547, 1484.  
*sericans* Bates (Neocompsa), 1044, 1051, 1053, 1055, 1058, 1060, 1063, 1370, 1378, 1492.  
*sericeum* Martins (Cycnidolon), 844, 848, 863-866, 868, 870, 1413, 1464, 1489.  
*serrana* Martins (Neocompsa), 1042, 1124, 1129, 1130, 1132, 1370, 1379, 1380, 1492.  
*sexguttatus* Serville (Heterachthes), 5, 1211, 1230, 1250, 1254, 1257, 1258, 1260, 1415, 1417, 1478, 1494.  
*sexsignatus* Thomson (Heterachthes), 1209, 1254, 1260, 1262-1265, 1268, 1297, 1363, 1412, 1413, 1417, 1478, 1494.  
*signaticollis* Thomson (Heterachthes), 1208, 1213, 1281, 1283, 1285, 1288, 1367, 1478, 1494.  
*signatum* Serville (Tropidion), 13, 362, 425, 431-433, 436, 437, 439, 441, 444, 448, 450, 458, 471, 1411, 1414-1417, 1443, 1484.  
*silvestre* Martins (Tropidion), 366, 471-473, 475, 1484.  
*similis* Martins (Heterachthes), 1210, 1213, 1281, 1283, 1285, 1494.  
*simillimum* Martins (Compsibidion), 687, 697, 720-723, 726, 738, 744, 1413, 1488.  
*simplex* Gounelle (Hexoplion), 115, 118, 1480.  
*simplex* White (Gnomidolon), 109, 165, 248-251, 253, 1425, 1481.  
*sinaloana* Linsley (Neocompsa), 1042, 1113, 1115, 1117, 1375, 1471, 1492.  
*singulare* Gounelle (Compsibidion), 680, 728, 752, 753, 755, 1354, 1412, 1488.  
*sipolisi* Gounelle (Tropidion), 336, 353-355, 358, 359, 367, 368, 370, 371, 375, 377, 458, 1410, 1413-1416, 1436, 1484.  
*Smaragdion* Martins, 334, 605, 606, 643, 1348, 1358, 1486.  
*smithi* Bates (Hexoplion), 100, 102-106, 1480.  
*sommeri* Thomson (Compsibidion), 12, 632, 678, 681, 728, 785, 789, 793, 795, 798, 800, 805, 819, 1108, 1356, 1410, 1412-1416, 1488.  
*speciosum* Fisher (Hexoplion), 86, 91, 145, 147, 152, 156, 159, 212, 221, 1333, 1416, 1480.  
*sphaerinum* Bates (Compsibidion), 679, 697, 720, 757, 759, 761, 763, 764, 884, 929, 1456, 1459, 1488.  
*spinipenne* Thomson (Ibidion), 427, 430, 1484.  
*spinosa* Martins (Neocompsa), 1043, 1044, 1050, 1051, 1053, 1055, 1058, 1063, 1065, 1087, 1370, 1378, 1467, 1492.  
*spinosum* Martins (Opthalmoplion), 24-26, 29, 30, 32, 33, 35, 1414, 1415, 1479.  
*squalida* Ballou (Compsa), 1060, 1061.  
*squalida* Thomson (Neocompsa), 13, 14, 1045, 1047, 1056, 1058, 1060, 1063, 1065, 1087, 1088, 1091, 1094, 1097, 1119, 1370, 1371, 1373, 1378, 1410, 1492.

- staurotum Martins (Pygmodeon), 1163, 1165, 1168, 1174, 1176, 1181, 1493.  
 stellae Martins (Heterocompsa), 896, 901, 903, 905, 909, 1490.  
 Stenoidion Martins, 881, 1196, 1199, 1206, 1245, 1493.  
 striatocolle White (Thoracibidion) 523, 526, 543, 545, 547, 554, 560, 1359, 1410, 1485.  
 subcruciatum White (Tropidion), 367, 425, 427, 428, 430, 431, 437, 780, 1354, 1363, 1411, 1414, 1442, 1443, 1484.  
 subburneum White (Ibidion), 163, 273-278, 280, 826, 1358, 1366, 1430, 1481.  
 subfasciatum Martins (Gnomidolon), 168, 184, 196, 1482.  
 submaculatus Lameere (Heterachthes), 1077, 1081, 1492.  
 sulcicorne White (Opsibidion), 498, 499, 501, 505, 506, 509, 1363, 1366, 1413, 1485.  
 supernotatum Gounelle (Tropidion), 366, 367, 376, 485, 1411, 1445, 1484.  
 supremum Martins (Corimbion), 885, 889, 891, 893, 896, 1490.  
 suturale White (Gnomidolon), 169, 269, 296-298, 1482.  
 sylphis Bates (Megapedion), 574, 577, 580, 1486.  
 sylvorum Bates (Gnomidolon), 167, 245, 254, 255, 1482.  
 symbolus Martins (Heterachthes), 1210, 1211, 1228, 1257, 1258, 1413, 1494.
- tenellus Burmeister (Heterachthes), 1214, 1228, 1293-1295, 1297-1299, 1301, 1315, 1478, 1494.  
 tenuatum Bates (Ibidion), 1146, 1147, 1149, 1491.  
 tenuissima Bates (Neocompsa), 1038, 1087, 1143, 1146, 1147, 1149, 1370, 1492.  
 terminatum Martins (Corimbion), 883, 885, 895-897, 899, 1490.  
 terminatum Martins (Thoracibidion), 523, 524, 541, 552, 556, 1485.  
 tethys Thomson (Compsibidion), 685, 747, 749, 750, 1488.  
 Tetraibidion Martins, 21, 22, 302, 307, 1347, 1482.  
 tetraophtalmum Martins (Tetraopidion), 834, 835, 843, 844, 1368, 1489.  
 Tetraopidion Martins, 299, 631-633, 677, 830, 834, 835, 844, 845, 850, 852, 1349, 1489.  
 Tetroplon Aurivillius, 21, 22, 301, 302, 307, 1196, 1347, 1482.  
 tetrops Bates (Ophtalmibidion), 661, 662, 666, 669, 1412, 1449, 1451, 1487.  
 texanus Linsley (Heterachthes), 1207, 1314, 1315, 1317, 1495.  
 textilis Thomson (Neocompsa), 1037, 1045, 1046, 1047, 1049, 1053, 1055, 1060, 1063, 1087, 1091, 1094, 1119, 1120, 1370, 1371, 1374-1376, 1378, 1467, 1492.  
 thomsoni Chabrilac (Ibidion), 512, 515, 1485.  
 Thoracibidion Martins, 334, 522-524, 643, 1348, 1485.  
 thoracium White (Compsibidion), 681, 803, 805, 806, 808, 1356, 1412, 1456, 1488.  
 tomentosum Martins (Thoracibidion), 523, 525, 547-549, 552, 1367, 1485.  
 townsendi Linell (Ibidion), 1119, 1120, 1123, 1492.  
 translucidum Martins (Gnomibidion), 582, 601, 603, 605, 1486.  
 transversum Martins (Engyum), 925, 927, 944, 946-948, 951, 1490.  
 trichocerum Martins (Compsibidion), 686, 697, 718, 720, 759, 764, 907, 1413, 1416, 1488.  
 Trichoplon Martins, 21, 23, 66, 67, 70, 86, 94, 1347, 1479.  
 trichotulum Martins (Cycnidolon), 875-877, 1489.  
 tricolor Belon (Stenoidion), 1198, 1199, 1202, 1204, 1493.  
 tricolor Linsley (Octoplon), 296-298, 1482.  
 trinidadense Gilmour (Engyum), 633, 925, 927, 929, 946, 1490.  
 trituberculatum Martins (Cycnidolon), 828, 844, 846, 850, 852, 856, 1489.  
 Tropidio Lucas, 354.  
 Tropidion Thomson, 335, 336, 349, 354, 355, 375, 380, 446, 476, 484, 499, 507, 512, 516, 581, 601, 603, 609, 626, 689, 780, 1348, 1358, 1443, 1464, 1483.  
 truncaticornis Martins (Heterocompsa), 896, 899, 900, 905, 907, 1417, 1490.  
 truncatum Thomson (Compsibidion), 714, 717, 728, 815, 1032, 1033, 1410, 1413-1416, 1451, 1452, 1488.  
 tuberosa Martins (Neocompsa), 1041, 1096, 1098, 1100, 1103-1105, 1155, 1370, 1378, 1492.  
 tucumana Martins (Neocompsa), 1040, 1129, 1134, 1370, 1379, 1380, 1492.  
 tysiphonis Thomson (Heterachthes), 1209, 1221, 1226-1230, 1233, 1242, 1243, 1290, 1495.

- umbrinum* Martins (Notosphaeridion), 1421, 1479.  
*uncinatum* Gounelle (Hexoplion), 17, 88, 109, 112, 115, 119, 140, 1356, 1411, 1480.  
*unicolor* White (Xenoibidion), 322, 323-328, 1415, 1416, 1434, 1436, 1482.  
*unifasciatum* Gounelle (Compsibidion), 683, 763, 765-767, 769, 771, 1412, 1489.  
*uniforme* Berg (Ibidion), 323, 324, 327, 1482.  
*unoculum* Bates (Hexocycnidolon), 285, 299, 301, 852, 853, 1482.  
*unoculum* Gounelle (Cycnidolon), 852.  
*usingeri* Linsley (Heterachthes), 1336, 1337, 1340, 1494.
- validicorne* Bates (Pygmodeon), 12, 1163, 1164, 1176, 1178, 1180, 1183, 1189, 1193, 1474, 1493.  
*validum* Martins (Tropidion), 367, 459, 493, 494, 496, 1443, 1446, 1484.  
*vanettii* Martins (Glyptoscapus), 56, 76, 82, 84, 85, 1354, 1411, 1479.  
*vanum* Thomson (Compsibidion), 13, 681, 807, 808, 810, 813-816, 819, 821, 823, 825, 1354, 1364, 1412, 1413, 1415-1417, 1457, 1489.  
*varians* Gounelle (Gnomidolon), 13, 15, 16, 164, 167, 243, 257-261, 263-265, 267, 268, 271, 311, 1356, 1411-1414, 1417, 1430, 1482.  
*varipenne* Martins (Compsibidion), 685, 728, 742-744, 1454, 1489.  
*venezuelae* White (Ibidion), 431, 432, 436, 1484.  
*venezuelanum* Martins (Tetraopidion), 763, 834, 835, 841, 843, 1489.  
*ventricosa* Bates (Neocompsa), 881, 1046, 1063, 1065, 1068, 1087, 1370, 1467, 1492.  
*venus* Thomson (Hexoplion), 86, 90, 131, 132, 140, 1367, 1480.  
*veracruzana* Martins (Neocompsa), 1470, 1471, 1492.  
*vestitum* Martins (Notosphaeridion), 45, 47, 49, 51, 52, 1422, 1479.  
*v-flava* Melzer (Neocompsa), 1040, 1110, 1111, 1370, 1492.  
*vianai* Martins (Tropidion), 1437-1439, 1484.  
*vicinum* Gounelle (Tropidion), 363, 425, 439-441, 444, 446, 458, 1484.  
*vicinum* Hayward (Ibidion), 431, 436.  
*virgatum* Martins (Compsibidion), 685, 704, 724-726, 729, 733, 738, 744, 1359, 1489.  
*virgulatum* Bates (Engyum), 13, 14, 925, 927, 946, 949, 951, 952, 956, 1490.  
*viride* Martins (Smaragdion), 606, 608, 1486.  
*viticulus* Martins (Heterachthes), 14, 1213, 1316, 1322, 1332, 1334, 1495.  
*vitreus* Martins (Heterachthes), 1234, 1235, 1494.  
*vogti* Martins (Neocompsa), 1042, 1126, 1128, 1129, 1132, 1370, 1379, 1380, 1493.  
*vulcanoi* Martins (Hexocycnidolon), 299, 301, 852, 1482.  
*vulgare* Martins (Corimbion), 880, 883, 885, 887, 889, 891, 893, 894, 1413, 1414, 1416, 1490.
- Xalitla* Lane, 880, 881, 917, 957, 958, 970, 984, 986, 1037, 1343, 1350, 1368, 1369, 1371, 1490.  
*xanthocele* Martins (Tropidion), 356, 395, 397, 400, 402, 405, 1442, 1484.  
*xanthopterum* Martins (Prothoracibidion), 643, 645, 649, 651, 652, 1191, 1487.  
*xenocerus* Martins (Heterachthes), 1214, 1299, 1301, 1303, 1315, 1317, 1495.  
*Xenoibidion* Martins, 321-323, 1348, 1482.  
*x-littera* Thomson (Ctenoplion), 56, 61, 63, 64, 1411, 1412, 1414, 1415, 1417, 1422, 1479.  
*x-notatus* Linsley (Heterachthes), 1216, 1288, 1290-1292, 1495.
- wernerii* Martins (Neocompsa), 1042, 1043, 1083, 1086, 1088, 1303, 1370, 1375, 1493.  
*w-notatus* Linsley (Heterachthes), 1212, 1216, 1305, 1306, 1308, 1312, 1316, 1382, 1495.
- zikani* Melzer (Compsibidion), 632, 678, 680, 821, 825, 1415-1417, 1489.  
*zonapterum* Martins (Tropidion), 359, 379-381, 1439, 1484.  
*zonata* Gounelle (Ibidion), 416-418, 1483.

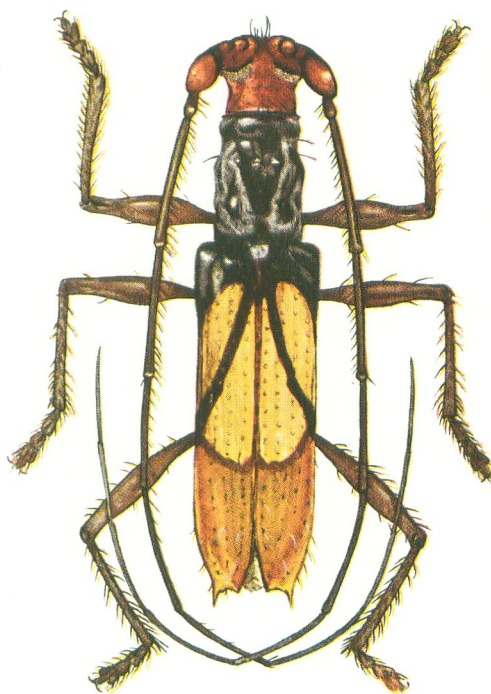
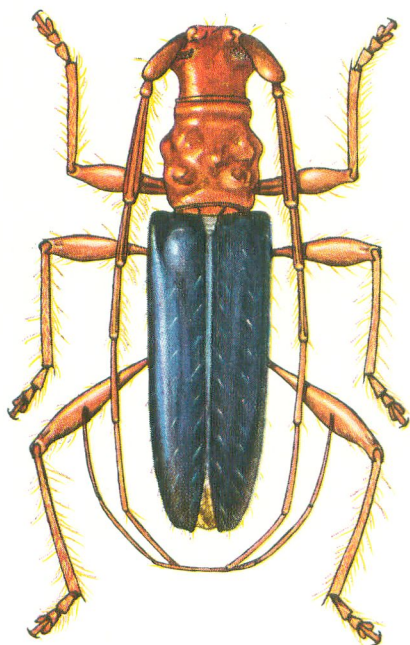
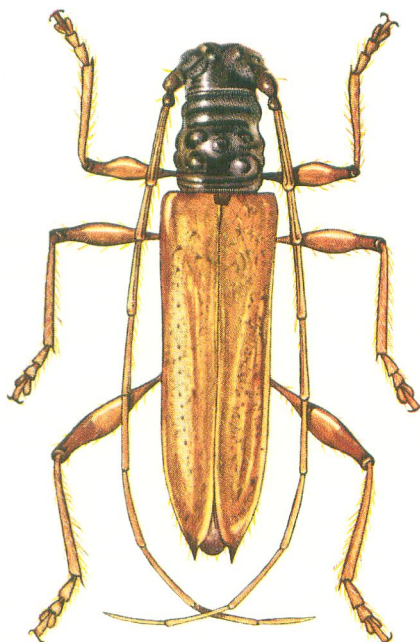
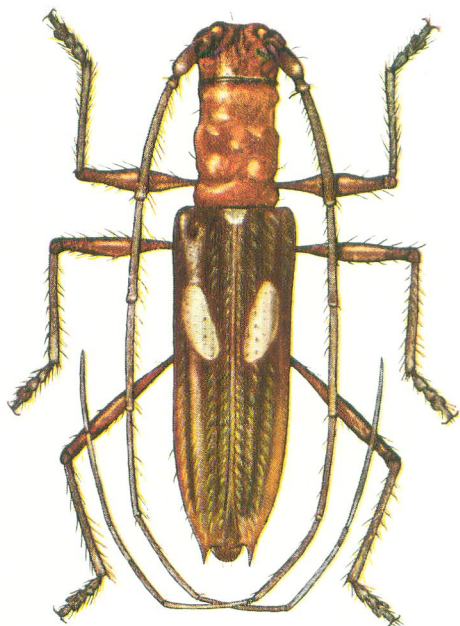


*Xenoibidion unicolor* (White)

*Minibidion bondari* (Melzer)

*Minibidion punctipenne*, sp.n.

*Tropidion brevisculum* (Thomson)



*Tropidion nodicolle* (Dalman)

*Alcyopsis cyanoptera* Pascoe

*Alcyopsis nigrovittata* Gounelle

*Phocibidion pulcherrimum* (Martins)